

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

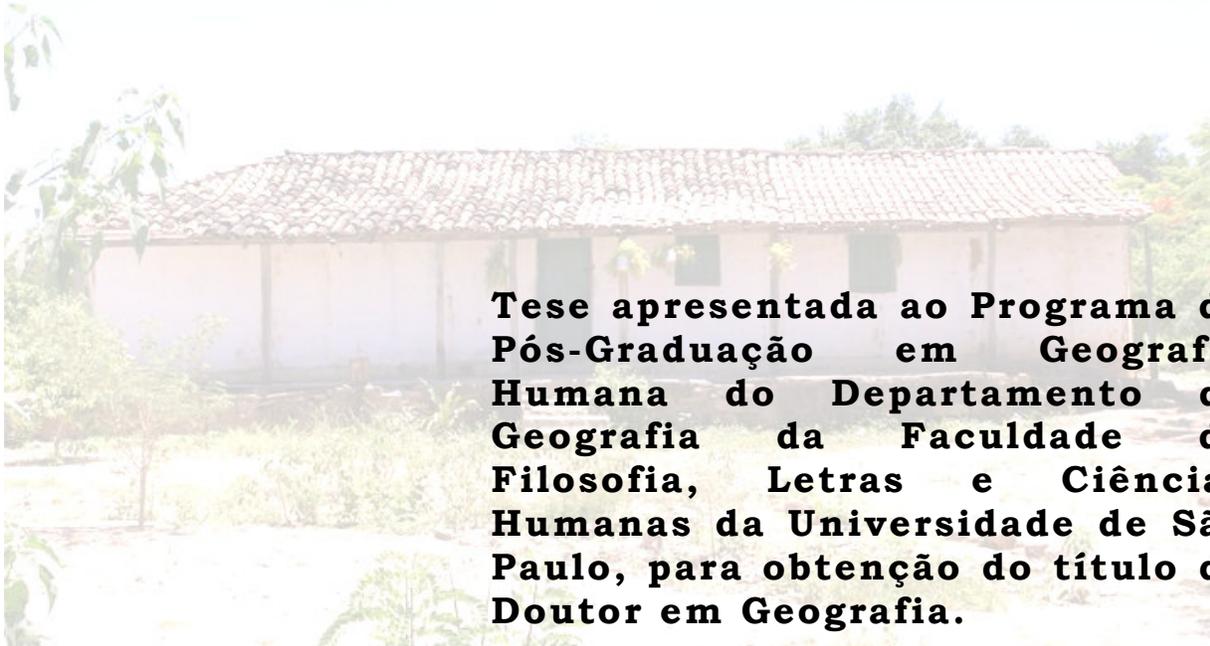
Heitor Antônio Paladim Júnior

**Etnogeografia: reflexões sobre a educação escolar,
a espacialização e a territorialização
do povo Xakriabá no Norte de Minas Gerais**

**São Paulo
2010**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**Etnogeografia: reflexões sobre a educação escolar,
a espacialização e a territorialização
do povo Xakriabá no Norte de Minas Gerais**



**Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Geografia
Humana do Departamento de
Geografia da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São
Paulo, para obtenção do título de
Doutor em Geografia.**

Orientador: Profa. Dra. Sônia Castellar

**São Paulo
2010**

Heitor Antônio Paladim Júnior

**Etnogeografia: reflexões sobre a educação escolar, a
especialização e a territorialização do povo Xakriabá no Norte
de Minas Gerais**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia Humana do Departamento de
Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de Doutor em Geografia.**

**DATA DA APROVAÇÃO
10/02/2011**

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. SÔNIA CASTELLAR
ORIENTADORA**

PROF. DR. MARCO ANTÔNIO MITIDIERO JÚNIOR

PROF. DR. NESTOR ANDRÉ KAERCHER

PROFA. DRA. VALÉRIA DE MARCOS

PROF. DR. FÁBIO BETIOLI CONTEL

**SÃO PAULO
2010**

Dedico



Ao povo Xakriabá das duas Terras Indígenas e do processo de Retomada

Pelas aprendizagens humanísticas que me proporcionaram.

Pelas lutas que acionam e a salvaguarda do Cerrado que realizam.

**"É preciso não se render a quem proclama que sonhar
é uma forma de fugir do mundo e não de recriá-lo"**

Paulo Freire



Que voltem ao Velho Chico...

As Minas são Gerais, mas muitos dos agradecimentos podemos especificar.

Agradecer no específico, primeiro a **D^a Sônia Maria Vanzella Castellar** que acreditou no trabalho e oportunizou a liberdade necessária para a temporalidade exigida nessa maneira de pesquisa. Faço uma parábola com seu sobrenome que lembra Castelo, um coração do tamanho de um castelo, portanto Castellar. Mas sabemos que essas atitudes, grandiosas, além de se ligarem a um aspecto de sensibilidade, estão bastante relacionadas aos compromissos sociais na busca de uma educação de qualidade e uma sociedade mais justa. Conviver contigo nessa década foi importante e gratificante. Sônia Castellar, geógrafa-educadora, agradeço muitíssimo.

Agradeço também a **CAPES**, e aos que nela lutam por uma ciência e tecnologia brasileira com qualidade social. Com a concessão da bolsa de estudos, na segunda metade do período de doutoramento, esta tese pode ser concluída e os trabalhos de campo aconteceram a contento.

Na pessoa da **Profa D^a Mônica Arroyo** agradeço ao Programa que me concebeu o suporte necessário para efetivar esse trabalho de pesquisa. Sempre agradecendo aos trabalhadores da Geografia, chamados de técnicos administrativos que nos atendem e entendem, a **Ana, Jurema, Cida, Fermino, Luciana e Rosângela**, e aos camaradas **Orlando e Tião**: todas e todos sempre muito atenciosos.

Agradeço aos Professores Doutores **Valéria de Marco** e **Fábio Contel**, pelas contribuições e críticas realizadas na banca de qualificação.

Pai e Mãe, Heitor e Maria Aparecida na memória. Aos meus familiares: manas e manos, cunhados/as e sobrinhos/as. **Andréia Adriana, Leila Lúcia, Sérgio, Paula, Laura** sempre bem presentes. Padrinho e Madrinha, **Célia e Toninho**. Gratidão eterna.

Gratidão com ênfase à acolhida dos **Xakriabá**, nas várias aldeias que estive e por se disporem às idéias e ao projeto que apresentei, pela participação nas oficinas e entrevistas e

me permitirem contribuir com o processo de qualidade educacional nas Terras Indígenas. Foram mais que colaboradores, verdadeiros educadores de solidariedade. Agradecimentos especiais ao Cacique Geral Domingos, aos Caciques Agenor e Santo e ao Prefeito Zé Nunes.

Agradecimentos especiais **aos amigos e amigas que fiz em São João das Missões e em Januária**, tanto os barranqueiros como os vieram de fora para contribuir a qualificar a vida no *Nortão* de Minas Gerais. Agradecimentos a Câmara de Vereadores e a Prefeitura de Missões, pela acolhida. Agradeço, **Vanise, Nailton, Rafael e ao presidente Domingos Xakriabá (Nira e toda a família)**. Gratidão recheada de amizade a **Letícia** (dos Correios), **Adailton** (Joe Caverna), **Júlio** (psicólogo) e **Lene** (serviço social). **Laísa, Kristine e João Lopo**, povo da papelaria de Missões. A cara amiga, **Anabelê**, nutricionista respeitável na luta por segurança e soberania alimentar junto ao povo Xakriabá. Aos Coordenadores, enfermeiras e motoristas da **Funasa** de Missões que me oportunizaram idas e vindas a Terra Indígena. Abraços ao **Seu Zé do Rolo**.

Agradecimentos especiais ao casal **Hilário Xakriabá e Dona Bia**, e aos seus filhos: **Edgar, Simone, Sandra e Célia**, pelo acolhimento com pouso, comida, atenção vivaz e infinita amizade. Lutadores para outro mundo, pelas nascentes, pelo Cerrado. Ao **Tio Higino Xakriabá** que me ensinou muito enquanto fazia um chiqueiro para criar leitões.

A **Suzana Escobar** por existir sempre lutadora, por ter sempre os *pés na caminhada*. Pela oportunidade em trabalhar no primeiro **Proeja Indígena do Brasil**. Pelas caronas com trocas de conhecimentos e boas canções durante as idas e vindas a TI. Gratidão ao **Jerre, João Batista, Zeza e Livia** e a todos ativistas da **Cáritas Diocesana de Januária**, pessoas que realizam um mundo melhor no sertão. **Bill e a equipe** lutadora do **CIMI** de Itacarambi. A **Terezinha** e aos amigos e amigas do **Centro de Artesanato de Januária e região**. Aos amigos e amigas do **Ceiva**, na pessoa de **Denise Alckmin**, abraços a vocês todos, funcionários e educadores, agradecendo ao grande amigo **Fredson**, e agradeço a todos os estudantes da Geografia que tive oportunidade de ensinar/aprender sobre como transformar o mundo. Abraços aos amigos **Getúlio**, educador em história e estudante da pós-graduação e ao **Lenine**: intelectuais do sertão.

Agradecendo as amizades significativas que a vida me presenteou: **Suerdes**, educadora e amiga especial, ao **Ramiro**, para sempre o nosso Secretário de Educação, **Camila e Kolbe**, pela amizade camarada, **Nilo e Renata**, grandes amigos, e **Niger**, crescendo, em fazimento. **Evandro Noro**, pela paciência e pelo companheirismo, esse é guerreiro, **Eduardo Maluche**, **Douglas Bete e Alexandre Franklin**, **Walter Aloísio** (Baloo), **Aldoir e Sônia**, irmãos. Pessoas do MST, com apreço especial ao povo da 25 de Maio e as pessoas do Assentamento Santa Rosa III. **Rovaine, Márcio, Mayka e Rosiete (fariinhaaa)**, do Pará, me fazem pensar e querer bem a Amazônia. Ao **Sidvan** e a **Iara**, amizade. **Ros'elles** da Unimontes, grato pelas oportunidades. Ao **Ronaldo** e a **Cris**, amizade. **Tatiane Rotolo, Morris, Tomás, Luisa e Cláudia**, sempre bondosa amizade. **Luciana Dias e Luciana Cabral**, hiper amigas. **Ana Bia, Rô de Poá**, amores.

Agradeço as amizades novas: a **Juliana Murad, Mônica Lemos, Denise Piccirillo, Felipe** (AGB-SP), **Anuar Abussara, Lígia** (entremundos), **Kjersti (Xé) e Fernando, Ana** (Polônia), as cantoras: **Ilana Volkov, Margareth Reali, Lígia Jacques e Cláudia Gomes**.

Gratidão aos amigos trabalhadores que embelezam o edifício onde morei durante a maior tempo do doutoramento, **Jaelson Gomes (músico), Ivanilson (Baixinho), Eldisen Pereira** e a corintiana **Maria Lúcia**, prosas para aprender mais sobre o mundo.

Aos amigos da Geografia Brasileira, das ciências irmãs e da filosofia: **Patrícia Silvestre e Caio, Jack Severina, Paty Marinho, Otávio Jota e aos Malacquias, Fernanda e Caê, Marco Mitidiero, Vicente Eudes, Rosalina Burgos, Neusa Asuen, Carlos Feliciano, Larissa Mies, Cássio de Montes Claros, Aldiva, Flavia Grimm, Paula Borin, Paulo Colella, Rosemberg, Emerson Guerra, Prof^a Sueli Furlan, Prof^a Glória e a todos/as estudantes que organizaram a SemaGeo-USP, Prof^{as} Odete Seabra, Ana Fani e Amélia Damiani, Flávia e Júnior, Prof^o Dieter** (um abridor de portas), **Anselmo, Carlão, Floripes, Ana** (Laboplan), **Iara e Hugo** (Prefeitura de SP), **Alessandra, Aline Ruiva Santos, Branca, Rinaldo e Ana, Débora e Galo, Ana Guabiraba e Carlos, Fernanda Thomas e Adriano, André Viterbo e Rosana, Diana e pequena linda Alice, Gerusa, Waldirene Carmo, Ana Guerrero, Andréia Duarte, Lucélia, Manoel Fernandes, Paulo Scarim, Charles,**

Washington, Laércio, Marcos de Couto, Giba, Billy Malacquias, Mauricio (Psol), Suellen Rosa, Nécio Turra, Lívia Fioravanti, Lisângela Kati, Bábi, Ana e Simone Resende (Nupaub) **Laís Mourão, Eguimar Chaveiro, Léa Lameirinhas** (primeira banca na USP é inesquecível), **Marcela** (corintiana da GeoUsp). **Denise, Joca e Luciana Lopes** e aos grandes amigos e amigas dos tempos de Crusp. **Sara e Evandro** companheirismo na Luta Estudantil. **Rusvênia Luiza** (encanto cantante), **Silvio Carneiro, Walter Basfond, Luís Costa e Prof. Antônio Carlos** (Toinho). As ativistas do **Encontro dos Povos do Cerrado, Daniella e Nathália**, as Mendonça, **Adriana Riquena, Vanda**, e as gêmeas, **Kelly e Karla**, abraços. **Joyce Oliveira** (amiga de Rosa e sertão).

Especiais: **Júlio Galharte** pela correção e **Rafael Beirão Honório** pelos mapas.

Gratidão plena a **Luciana Freitas**, de Uberlândia, pelas canções e poemas exuberantes.

Pessoas do **Laboratório de Agrária**, estudantes, com apreço a **Eduardo Castro e Carina Bernini, Selito** (pelos mapas e diálogos), a Prof^a **Marta Inês** (pela oportunidade de adentrar ao Doutorado) e ao Prof^o **Julio Suzuki** pela oportunidade de contribuir na construção de um **ENGA** na USP. Agradecimentos ad infinitum ao **Prof. Ariovaldo Umbelino**, que me fez gostar mais de Geografia Rebelde e a **Profa Maria Lúcia de Amorin Soares**, me mostrou a dialética do/no mundo.

Aos **Cri-Cri's e Preocupados**, amigos e amigas de duas décadas desde que fazíamos movimento estudantil na UFSC, desde o século passado. **Zoê e Gustavo**, irmãos de luta.

Paula Pimenta Gomes, sorrisos e lágrimas-alma, paixão, entrelaços e entremundos, um gesto com sabores que recriam o mundo.

Essa escrita toda é feita de gente... Várias gentes... pessoas...

Então, você, que ficou sem ser nomeado nela, cabe dentro dela. Contribuiu, agradeço.

Grato desde os que sempre pararam para escutar minhas experiências, aos que enviaram boas energias mesmo na distância. Se o Sertão é em todo lugar, meus agradecimentos ali estarão... Inté...

"O caráter humano chegou-me por essas frestas, pelas quais descobri que o 'grande homem' não é o que se impõe aos outros de cima para baixo ou através da história; é o homem que estende a mão aos semelhantes e engole a própria amargura para compartilhar a sua condição humana com os outros, dando-se a si próprio, como fariam os meus Tupinambá"

Florestan Fernandes

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Mapa 1 - Localização da área de estudo: Terra indígena Xakriabá, São João Missões e municípios circunvizinhos | 10 |
| Mapa 2 - Povos Indígenas no Estado de Minas Gerais..... | 78 |
| Mapa 3 - Povo Xacriabá: Terras Indígenas..... | 79 |
| Mapa 4 – Januária..... | 164 |
| | |
| Quadro 1 – Filmes das Oficinas de Audiovisual para o Proeja Indígena (2007-2008)..... | 171 |
| Quadro 2 – Participantes do primeiro Proeja – Indígena do Brasil, Povo Xakriabá - CEFET – Januária – MG..... | 172 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
ABRA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA REFORMA AGRÁRIA
ANCA - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA
ASA – ARTICULAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO DO BRASIL
ATES – ASSESSORIA TÉCNICA, SOCIAL E AMBIENTAL
BAP – PROGRAMA DA BOMBA D’ÁGUA POPULAR
BID – BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO
CAA-NM – CENTRO DE AGRICULTURA ALTERNATIVA DO NORTE DE MINAS
CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
CEDEFES – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA
CEFET – CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA.
CEIVA – CENTRO DE EDUCAÇÃO INTEGRADA DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CIMI – CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO
CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
CONCRAB - CONFEDERAÇÃO DAS COOPERATIVAS DE REFORMA AGRÁRIA DO BRASIL
CONEEI – CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA /
CODEVASF – COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E DO PARNAÍBA
CPI – COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO
CPT – COMISSÃO PASTORAL DA TERRA
DEM – DEMOCRATAS
EJA – EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS
EMATER – EMPRESA MINEIRA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL
ENGA – ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
FEA – FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE
FHC – FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
FMI – FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL
FSC – CONSELHO BRASILEIRO DE MANEJO FLORESTAL
FSM – FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

FUNASA – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

GEF / PNUD – FUNDO GLOBAL PARA O MEIO AMBIENTE / PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO

GPS – GLOBAL POSITIONING SYSTEM

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IEF – INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS

IFET – INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA.

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

MAB – MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS

MAGIND – MAGISTÉRIO INDIGENISTA

MDA – MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

MMC – MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS

MPA – MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

NMG – NORTE DE MINAS GERAIS

OEIX – ORGANIZAÇÃO EDUCAÇÃO INDÍGENA XAKRIABÁ

ONGs – ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS

PAS – PROGRAMA ALIMENTOS SEGUROS

PCPR-IDENE – PROGRAMA DE COMBATE A POBREZA RURAL DO INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

PEC – PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO

PFL – PARTIDO DA FRENTE LIBERAL

PMSP – PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

PNRA – PLANO NACIONAL DE REFORMA AGRÁRIA

PPP - ECOS – PROGRAMA DE PEQUENOS PROJETOS ECOSSOCIAIS

PROEJA INDÍGENA – PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

PRONAF – PROGRAMA NACIONAL DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR

PSDB - PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA

RA – REFORMA AGRÁRIA

RURALMINAS – FUNDAÇÃO RURAL MINEIRA – COLONIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

SEE – SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

SPI – SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO

TI – TERRA INDÍGENA

TIs – TERRAS INDÍGENAS

UDR – UNIÃO DEMOCRÁTICA RURALISTA

UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

UFPA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

UFSJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

UFU – UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

Esta tese relata a pesquisa em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, realizada a partir do envolvimento com educação escolar do Povo Xakriabá no norte de Minas Gerais. Esse povo vive em duas Terras Indígenas localizadas entre os municípios de Itacarambi e São João das Missões. O tema a ser pesquisado consistiu na importância da educação escolar indígena para manutenção, transformação e conquista do território. Para tanto busquei compreender as relações entre as unidades escolares e as transformações do território de convivência. De este modo entender as ações de espacialização e territorialização dessa etnia corroborou para compreender como resistem a globalização a partir da força do lugar em que vivem. Estudei através de observação participante, entrevistas e oficinas de audiovisuais e diálogos. As perguntas geradoras dessa reflexão foram: Quanto a “Questão Indígena” indicamos conceitos relacionados ao ensino de Geografia Agrária e controvérsias teóricas - metodológicas referentes ao tema. Um panorama e os limites no entendimento das ações do movimento indígena, entendido enquanto movimento socioterritorial.

Palavras Chave: Povos tradicionais; Educação escolar indígena; Territorialização e espacialização; Resistência; Força do lugar

ABSTRACT

This thesis presents the results of a research developed in the Geograph's Department of the University of São Paulo related to the Post Graduation Program of Human Geograph. It was originated by the involvement with the school's education of Xakriabá People of the North of Minas Gerais. These people live in two Indigenous Lands situated between Itacarambi and São João das Missões towns. The researched theme was the importance of Indigenous school's education to the maintenance, transformation and conquest of the territory. With this intention, I wanted to understand the relations between schools' unities and the territory's transformations where the indigenous cohabit. To this purpose, understand the acts of spatialization and territorialization of this ethnical group corroborated to understand how it resists to the globalization with the power of the place where these people live. I studied, using the active observation, interviews and workshops of videos and dialogues. Then reflection was grounded in the quest of the comprehension of the Indigenous Question related to the conceptions of the teaching of Agrarian Geograph and the theoretic and methodologic controversies linked to the theme. I indicated the possibilities and the limits of conceptions and actions of the indigenous school's movement in the social and territorial contest.

Key Words: Traditional people; Indigenous school's education; Territorialization and spatialization; Resistance; Power of the place

RESUMO INDIGENA

“Não é tudo que se vê lá escola que deve ser usado aqui dentro. Tem que aprender as duas partes, a de lá e a daqui. Tem coisa daqui que não pode ser distribuída lá e tem coisa de lá não pode ser distribuída aqui. É uma forma de segurar seus costumes e tradição, a gente sabe que se abrir à mão de tudo perde um pouco a ciência que tem. A gente orienta os professores, mas alguns têm dificuldade”.

Sr. X do Povo Xakriabá, colaborando com a pesquisa.

RESUMO
NAS LÍNGUAS NATIVAS DESSE NOSSO CONTINENTE.

?

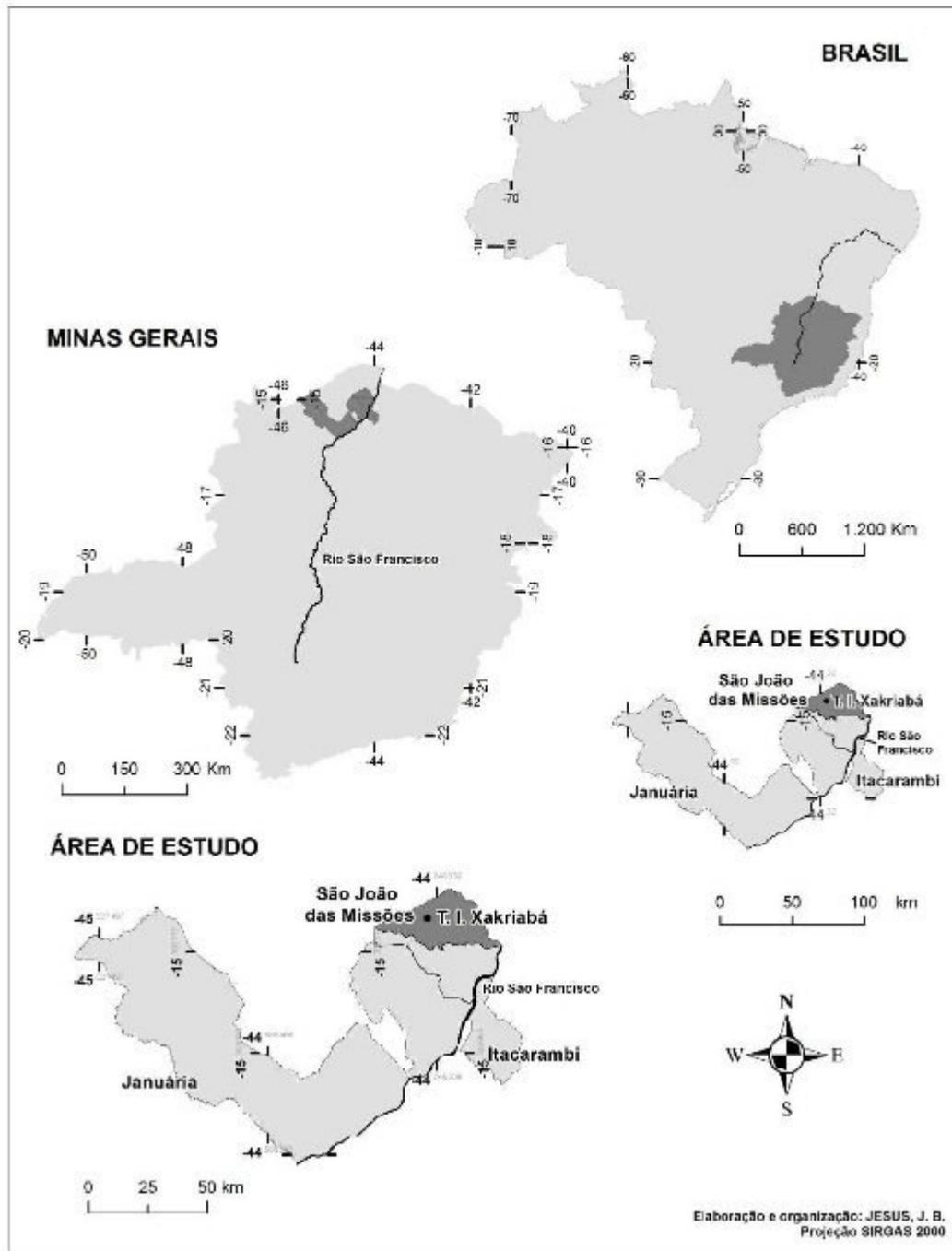
Palavras chave:
Falta gente, falta a língua.
Resistência... Fazimento

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 POVO XAKRIABÁ, A TERRITORIALIZAÇÃO E A ESPACIALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR: UM PÉ NA ALDEIA, OUTRO NO MUNDO. | 28 |
| 1.1 Os Xakriabá | 43 |
| 1.2 Questão Indígena e questão agrária: comparações e aproximações necessárias. | 48 |
| 2 TEÓRICO METODOLÓGICO, SOBRE A PESQUISA: ETNOGRAFIA DA ETNOGEOGRAFIA | 81 |
| 2.1 Observar, entrevistar, participar: teorizando sobre as três possibilidades de contato. | 86 |
| 2.2 Observar..... | 90 |
| Analisando alguns cadernos e materiais didáticos da Escolarização Xakriabá (Educação Escolar Xakriabá) | 94 |
| 2.3 Entrevistar..... | 95 |
| 2.3.1 O Lugar do conceito e o conceito de Lugar | 97 |
| 2.3.2 A escola indígena e a força do lugar: as contribuições provindas das entrevistas . | 104 |
| 2.3.3 Vozes dos colaboradores: as entrevistas..... | 108 |
| 2.3.3.1 Colaboradores da melhor idade, os mais velhos..... | 108 |
| 2.3.3.2 Colaboradores que trabalham nas Escolas | 117 |
| 2.3.3.3 Colaboradores da esfera política, os homens públicos. | 129 |
| 2.3.3.4 Refletindo sobre as colaborações e a <i>Força do Lugar</i> | 139 |
| 2.4 Participar..... | 144 |
| 2.4.1 Trabalhos de campo..... | 145 |
| 2.4.2 Auxílio em Projetos | 149 |
| 2.4.3 Desvendando acontecimentos: as oficinas. | 152 |
| 2.4.3.1 As oficinas | 154 |
| 2.4.3.2 Oficinas de audiovisual no PROEJA Indígena | 169 |
| 3 CONCLUSÃO INCONCLUSA..... | 175 |

| | |
|---|-----|
| REFERÊNCIAS | 180 |
| ANEXOS | 193 |
| ANEXO A: Convite para formatura do 3.o ano do ensino médio e oitavas séries das escolas Xakriabá..... | 194 |
| ANEXO B: Mapa 1 – Localização do território Xacriabá – 2005 | 195 |
| ANEXO C: Mapa 2: TI Xakriabá e Projetos | 196 |
| ANEXO D: Folheto de Campanha “Xacriabá de mãos dadas na recuperação da natureza – Água é Vida” | 197 |
| ANEXO E: Folheto explicativo: “Proteja as nascentes e garanta o uso da água”..... | 198 |
| ANEXO F: Escola Estadual Indígena Bukimuju – Aldeia Brejo Mata Fome – Plano Curricular – Educação Básica/Ensino Médio | 199 |
| ANEXO G: Boletim Informativo “O Candeeiro”, 2009 – 2 fls. | 200 |
| ANEXO H: Folder da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena | 202 |
| ANEXO I: Página do jornal “A Voz do Povo” de 22 de setembro de 2007 | 203 |
| ANEXO J: Página do jornal “Correio Braziliense” de 18 de setembro de 2007 – 2 fls..... | 204 |
| ANEXO K: Página do jornal “A Semana” de 29 de setembro de 2007 | 206 |
| ANEXO L: Fotografias – Terra Indígena Xacriabá – 2007 | 207 |
| ANEXO M: Fotografias das Oficinas na Aldeia Barreiro Preto – TI Xacriabá – 2009 | 208 |
| ANEXO N: Fotografias da Aldeia Vargens – TI Xacriabá – 2009 | 209 |
| ANEXO O: Fotografia: A casa do sertão | 210 |

LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ, SÃO JOÃO MISSÕES E MUNICÍPIOS CIRCUNVIZINHOS - MG



Mapa 1: Localização da área de estudo: Terra indígena Xakriabá, São João Missões e municípios circunvizinhos – MG
Fonte: Josselito B. Jesus, 2010



**“Desvendar o Território pode e deve ser
uma perspectiva científica
para a Geografia”**

Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1996b)

Introdução

Fazimento, eis uma palavra apresentada numa palestra do Professor Aziz Ab'Saber (2003) no início desse novo século. O Professor afirmou que o Brasil está envolto nos significados que o vocábulo suscita. A palestra ocorreu no auditório de Geografia da Universidade de São Paulo para encerrar a primeira Semana de Geografia da USP. Esse neologismo provocante anuncia e influencia a tendência desse artigo. Propomos uma convergência, por sua vez, que comporá o concebido e o que foi vivido para se constituir enquanto trabalho escrito, essa Tese. Proporciono assim o resultado da pesquisa que realizei junto ao povo Xakriabá, revelando facetas da sua intencionalidade: só será possível vivermos enquanto uma nação ciente de nós mesmos, no dia em que sujeitos sociais portadores de dívidas históricas possam de fato e de direito compor de modo respeitável e significativo os rumos da sociedade brasileira. Essa afirmação por sua vez revela o que significa o fazimento e que de maneira contundente objetivou a pesquisa. Retomo assim uma questão apontada na dissertação de mestrado¹ defendida em fevereiro de 2005, exposta na citação a seguir:

Optamos pelo sentido de liberdade e de resistência de uma parte do povo que, em movimento, produz conhecimentos. O povo organizado em movimento e a ciência em movimento. Lições, que, ao vivermos no mundo hodierno, convidam-nos constantemente a aprender. Sem ser inteiramente e exclusivamente nacionalista, optamos por fazer ciência envolvida com a resolução dos problemas de nosso país, vinculando assim nossa construção a um diálogo com os que não tiveram acesso à construção do conhecimento no interior das academias. Esse é o papel que levamos a cabo, nos apoiando em Oliveira apud Rocha (1993, p. 186) que sugere a realização de uma geografia “*comprometida com o homem e a sociedade, não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta, dividido em classes com conflitos e contradições. E contribua para sua transformação*”.” (PALADIM JR., 2005, p. 18)

¹ *Insurreição dos Saberes: Territorialização e espacialização do MST: Um estudo de caso da escola agrícola 25 de maio – Fraiburgo/SC. O ensino de geografia em questão.* Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 2005. Esse trabalho está no prelo pela Editora Annablume e será publicado no final de 2010.

Os sujeitos a que nos referimos, que em nosso ponto de vista contribuem para essa construção, são os indígenas, negros, afro-descendentes, quilombolas, imigrantes, migrantes, colonos, posseiros, camponeses, populações tradicionais, enfim uma gama de dominações academicamente construídas e historicamente vividas, que revelam a socioterritorialidade de nosso país e reativam as questões: o Brasil é de quem? O Brasil é para quem? Com tudo isso, se pode questionar sobre as denominações dadas a esses sujeitos socioterritoriais, estes podem ser considerados por questões étnicas (indígenas, afro-descendentes) e também em sua relação com o produzir da vida (camponeses), proporcionando toda essa *misturança* conceitual que nos revelam os estudos sobre o Brasil. Ao estudarmos a região Norte do Estado de Minas Gerais (mesorregião do Norte de Minas Gerais², e mais especificamente o município de São João das Missões), essas denominações adquirem identidades localizadas temporal e territorialmente: geraizeiros, catingueiros, vazanteiros, além dos quilombolas e indígenas, no caso de nossos estudos o povo Xakriabá, formam o patrimônio sociocultural sertanejo do norte de Minas Gerais. Todos de uma maneira ou de outra lutam por territorializarem suas vidas, ancorados no tripé identidade-território-trabalho. Esses três aspectos são resolutos, ativam as ações de conquista, ampliação e manutenção do território e da territorialidade. Estudamos essas questões a partir da colaboração dos indígenas da etnia Xakriabá, que vivem em duas terras indígenas (TIs)³ no município de São João das Missões.

Essa tese, em vez de supor, se assenta numa questão: Qual a importância da Escola para a sustentação, conquista e ampliação das TIs? O que podemos aventar é que ao sugerirmos um estudo sobre a Escola, temos o modelo já apontado na dissertação de Mestrado, que a denomina de Escola Republicana Burguesa (ALVES, 2001), construída pelos ditames da modernidade. Outra derivação importante que podemos suscitar com essas questões é relevarmos que Escola nessa discussão propõe tanto as características espaciais discutidas nas

² Essa mesorregião possui sete microrregiões (Bocaiúva, Grão Mogol, Montes Claros, Januária, Janaúba, Pirapora e Salinas) e possui 89 municípios com a população aproximada de um milhão e meio de pessoas no censo de 2006. São João das Missões e as duas TIs fazem parte da microrregião de Januária (verificar mapa na parte de anexos desta tese).

³ Tratadas a partir daqui por TI no singular e TIs quando for no plural.

aldeias⁴, como também a sua organização, seus diálogos com as instituições e planos governamentais, e o currículo discutido e implantado em toda sua gama de limites e possibilidades. Mais questionamentos derivam disso: basta modificar o arranjo espacial das escolas? Qual Geografia será ensinada? Debaterá com os cânones do cartesianismo e do positivismo impetrados em nossa ciência? Dialoga com o que denominamos chamar de Geografia Crítica em nosso país a partir de 1978? Qual a importância que será dada aos processos escolares? Quantos e quais dos indígenas Xakriabá estudam?

Pelo viés da ciência geográfica, que se denominou crítica, a partir da década de 1970 no Brasil, podemos basear nossas primeiras considerações no que revela Corrêa (1986) sobre a Região. Façamos um paralelo: afirma-nos que há a tentativa de inserir a região (conceito importante para a época) dentro de uma elaboração teórica ampla que possibilite entendermos a diversidade existente na diversidade da superfície da Terra sob a ação humana ao longo do tempo. Esta elaboração teórica consiste na lei do desenvolvimento desigual e combinado proposto por Trotsky, e reforçada e desenvolvida por Rosa Luxemburgo e adotada por vários intelectuais de nossa ciência. Essa é uma *lei* bastante cara para nossas intencionalidades teóricas, contribui em nosso intuito de compreender os processos socioterritoriais. Para essa parte (a criticidade dialética) da geografia,

[...] a região é tida como uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado, caracterizado por uma natureza já transformada, heranças culturais e materiais e determinada estrutura social e seus conflitos (CORRÊA, 1986, p. 46).

Aspectos do *particular* e não de *unicidade*, que remetem a relações e processos e não à harmonia e ao isolamento, ou seja, uma territorialidade e um território onde há a articulação entre os aspectos do geral e do particular. Os conceitos de território, territorialidade, territorialização, ao serem comparados com essa afirmação “Lobatiana”, adquirem importância para pesquisarmos e explicarmos a realidade dos Xakriabá. Une-se a eles também o caro conceito de espacialização, para entendermos a pontualidade e a extensão das várias

⁴ São 27 aldeias e 32 sub aldeias.

ações. Esse é o povo indígena que se apresenta como sujeito nesta pesquisa de doutoramento. Dialogar com o protagonismo que essa etnia exerce em seu território, e como se espacializam por diferentes ações no município em que moram e nos municípios próximos, estendendo algumas ações até São Paulo e outros Estados da Federação, justificam também as intenções dessa tese. Os conflitos e contradições, inerentes a qualquer processo de ocupação e transformação no território, e nesse caso os vivenciados pelos Xakriabá, são considerados como elementos constituintes e importantes da pesquisa que realizamos.

A região Norte de Minas Gerais (NMG) e mais especificamente o *lugar* Terra Indígena (TI) serão consagrados sob a égide desses conceitos: territorialização e espacialização do povo Xakriabá e dialogados com o conceito de lugar, apresentado em ocasião da força que exercem para manter-se e autenticar-se enquanto povo. Neste trabalho, consideramos algumas das várias ações socioterritoriais dos povos indígenas no Brasil, realizamos essa reflexão baseando-se em diálogos, observações e estudos a partir do Povo Xakriabá, que vivem no Norte de Minas Gerais, na margem esquerda do Rio São Francisco. Ao falarmos em termos étnicos e em lutas territoriais vários dos aspectos ganham bastante força argumentativa se realizados a partir de comparações. Desse modo, faz-se necessário sempre conferir as táticas e estratégias, assim como os limites e as possibilidades socioterritoriais do povo que colaborou nessa pesquisa, e também seus diálogos com as ações dos vários sujeitos socioterritoriais norte mineiros e de outras experiências que vivenciei no Brasil.

Em se tratando de *fazimento*, camponeses e indígenas, enfim, os povos tradicionais⁵, podem apontar, através de suas ações, alguns rumos e saídas para determinadas situações impetradas pela Globalização Perversa (processo globalitário ou o Globalitarismo (SANTOS, M. 2000, p. 37-40) que atravessamos em tempos hodiernos. As ações, contribuições e reflexões feitas na e a partir da vida escolar contribuem para isso?

⁵ Povos Tradicionais é uma terminologia recente no Brasil, refere-se aos povos que são tradicionalmente esquecidos no processo, ainda não existe uma concordância em relação se os indígenas brasileiros entram nessa conceituação ou não. Por povos tradicionais podemos nomear os caiçaras, quilombolas, fachinalenses e no norte de minas os geraizeiros, vazanteiros, apenas para citar alguns. A Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais foi instituída pelo decreto nº 6040 de 7 de fevereiro de 2007. Dirigida pelo Ministério do Desenvolvimento Social no ano anterior foi criada e uma comissão para coordenar e implementar essa Política Nacional.

Antes de responder a essa e outras perguntas, é necessário abriremos um parêntese, pois ao nos expressarmos sobre a modernidade e a perversidade pelas quais vários países do mundo atravessam, e também sobre a construção do Brasil, vista na sua temporalidade desde a Colônia até o Estado Nação, cabe reforçar que a idéia de *fazimento* corrobora para uma visão de que o mesmo não está pronto, no entanto, não desconsideramos as raízes que se arraigaram na formação social brasileira, esse país foi formado sobre um tripé, qual seja, a Privatização do Estado (instâncias governamentais nos três poderes sempre foram da e para a elite), escravidão dos africanos e extermínio dos indígenas (os maiores crimes já cometidos pela humanidade) e o latifúndio (que se une ao primeiro item exposto, quando lembramos da lei de terras, mas cabe lembrar, no entanto, do seu aspecto de força e de imposição a padrões socioculturais a partir de seus feitos territoriais). Tanto quem governa como quem resiste, tanto quem administra as ações de reprodução do Capital Mundial Integrado, como quem resiste, a contra hegemonia a ele, devem ser analisados tendo essas questões como pano de fundo e de frente.

O mote fundamental que instigou a elaboração dessa tese vem da práxis fundante de que a territorialização da resistência popular se realiza de maneira contundente no Brasil hodierno, e muda tanto o Brasil, como os locais onde elas ocorrem. Numa primeira intenção de trabalho, discutiríamos a importância dos territórios, que entendemos como novidades em nosso país, as Terras Indígenas. Esse quinhão do território brasileiro considerado novidade territorial⁶, assim como os Assentamentos (PAs) que surgem das ocupações dos camponeses organizados ou mesmo as Terras de Quilombos, uma vez atendidos no que diz respeito ao aspecto de educação escolar, receberá instituições escolares, que por sua vez trazem consigo aspectos e valores de outra ordem. Escola e território, duas instâncias de poder, que se entrecruzam, se relacionam. Como ocorrem essas relações? Que benesses ou limites apresentam?

⁶ Considerada novidade, pois se trata de um fenômeno recente na história do Brasil, os primeiros assentamentos são da década de 1980 e a denominação de Terra Indígena é do pós-constituição de 1988. Baseando-nos em Fernandes (1999, p. 34), se tratam de novos quinhões do território hegemônico que pertenciam a lógica do Capitalismo.

Subjacente a isso, pela perspectiva do ideário, sobre caráter mais abstrato, o experimento seria voltado para as questões exclusivamente curriculares. Partíamos do pressuposto que uma “disciplina”, ou mesmo uma “ciência” ocorria no dia a dia dos Xakriabá e que ela necessitava de sistematização. Em determinada fase do doutorado perguntávamos: a Escola indígena se apropriava desse fazer diferenciado? Eles possuem um conhecimento étnico sobre o espaço? No decorrer dos anos de pesquisa e estudos, fundamentei minha observação com as entrevistas e mesmo com as oficinas que realizei sobre essa ótica. Porém outras perspectivas foram somando ao afazeres de pesquisa e demonstrando que pensar apenas no papel da Escola seria reduzir as amplas e diversas possibilidades que ocorrem na TI Xakriabá e TI Rancharia no município de São João das Missões. Dessa feita, a luta contra hegemônica conta com a Escola e necessita da educação escolar. Ela tem papel importante como lócus e como agente do processo identitário dessa etnia. Porém considerá-la como central nessa pesquisa descaracterizaria a riqueza da realidade que se apresentou nos trabalhos de campo que efetuamos. Não descartamos tomar a Escola Indígena Xakriabá como importante, como ponto de partida de indagações e observações, porém, essa aparente centralidade tem que ser considerada enquanto processual e relacional.

Destarte, temos a Escola Indígena Xakriabá como um instrumento importante nas estratégias políticas - identitárias desse povo. O que se demonstrou durante o percurso de pesquisa foi que os conflitos e tensões entre as estruturas dominantes sobre esse povo e os aspectos criativos da ação humana são relevantes para expormos nesta tese. Etnogeografia, dessa maneira, é mais do que um diálogo de disciplinas, como a formação da palavra sugere, Etno e Geografia. Será nesse trabalho apresentado como uma possibilidade que se faz em construção, que envolve territorialidades, a percepção da mesma por sujeitos diferenciados no interior dessa etnia, construída coletivamente, no entanto, e também por isso a concepção de possibilidades em caráter didáticos e na amplitude da vida social nas TIs.

Foi a partir de 2002, quando ocorreu minha primeira vivência com os indígenas do Estado de São Paulo, no Magistério Indígena (Magind), incluindo as cinco etnias do Estado de São Paulo, ministrando aulas de Geografia, que surgiu o interesse em debater sobre o conceito de EtnoGeografia. Nas aulas vivenciadas, a preocupação da equipe de educadores e

educadoras, foi de trabalhar com o conhecimento prévio dos estudantes. Isso se altera, ganhando um perfil interessante por se tratar de educandos indígenas. Assim surge a necessidade de levar em conta a sabedoria dos Guarani, Kaingang, Terena, Tupi e Krenak. Àquela época eu estava *engatinhando* no que se refere a trabalhar com povos que vivem e estão envolvidos com outra cultura.

Essa caminhada e esses estudos concatenam as justificativas e, portanto, conclamaram esse trabalho de pesquisa. Os objetivos dessa pesquisa de doutorado conduziram ações e caminhos. Foram os pontos de partida e de chegada para todas as ações do projeto. O objetivo maior, a fim de definir explicitamente o propósito do estudo, é o de registrar, compreender e analisar alguns processos escolares e de escolarização, vinculados a saberes e práticas culturais - simbólicas e educativas que se (re) produzem no processo de construção das identidades no território / territorialidade do povo indígena Xakriabá e que de fato contribuem para a formação da Terra Indígena. Sempre advertindo sobre o triunvirato: sustentação, conquista e ampliação.

Em meio a isso, estabelecemos alguns objetivos específicos que contribuiriam para o processo de pesquisa, dividindo-os em quatro outros recortes necessários, cada um por sua vez se entrelaça tanto no campo analítico como das ações e dos olhares que uma vez realizados contribuiriam para impetrarmos o objetivo maior:

- Verificar os modos de funcionamento das duas Escolas de Ensino Médio e Fundamental, em seus relacionamentos com a pedagogia denominada por eles de “um pé na aldeia outro no mundo” e com as comunidades das aldeias. Assim, é necessário abranger a Educação Escolar Indígena nas instâncias externas, e na sua possibilidade de escolarização enquanto rede. Colaboram, assim, algumas características dos cursos de formação de educadores/as em suas peculiaridades quanto à periodicidade, ao processo de escolha a fatores como o da vivência, como vivem o tempo-escola e o tempo-comunidade. Faz-se necessário, finalmente, realizar um levantamento etnográfico da vivência escolar nas TIs, bem como lançar nosso olhar sobre as

possibilidades de um Currículo restrito e amplo, baseando-se no entendimento de currículo como campo de política cultural.

- Analisar as relações entre os vários projetos nas TIs e suas possibilidades de germinarem o currículo escolar. Outras questões, no entanto, surgiram: como esses projetos reformulam o território? No que essas práticas contribuem para a territorialização e espacialização da identidade Xakriabá? Qual a possibilidade de o manejo sustentável proporcionar proteção ao domínio morfo-climático Cerrado. Desta feita, conferir as táticas e estratégias, assim como os limites e as possibilidades socioterritoriais dos Xakriabá, e também seus diálogos com as ações dos vários sujeitos socioterritoriais do Norte de Minas, corrobora para a recuperação do Cerrado.
- Observar as diversas práticas escolares, os discursos e os materiais produzidos nas Escolas Indígenas com o intuito de contrastá-los com outros processos de educação indígena e também de compará-los com a lógica campesina do norte de Minas. Quais as possíveis inter-relações e os limites engendrados nesses diálogos.
- Enfim, ressaltar como ocorre o ensino-aprendizagem de geografia. Quais são as bases conceituais e epistemológicas que cerceiam os documentos e as vivências autenticadas em sala de aula.

Por fim, ao apontarmos esses objetivos específicos, a possibilidade que se apresenta é de refletirmos como atingi-los, enfim, como viabilizarmos esse trabalho de pesquisa e esta tese de doutoramento. Apresentamos neste trabalho escrito um retrato dos percalços e das possibilidades metodológicas.

Esta pesquisa se baseou na análise reflexiva de algumas das dinâmicas e estratégias vivenciadas pelos Indígenas Xakriabá para se manterem na terra e assim sustentarem-se (ou recriarem-se) como sujeitos sócios territoriais. Como afirmam alguns teóricos dos povos Indígenas, o grande desafio ao estudarmos esses povos é compreender o outro. Como compreendermos utilizando não os instrumentos da Antropologia e sim os de outra ciência, a

Geografia. Uma das preocupações desta tese consiste em realizar uma compreensão e contribuição por esse prisma, colaborar com os mesmos, já que se trata de uma pesquisa participante e qualitativa, mesclada com a pesquisa-ação, e talvez ao entendermos essas vivências realizadas por outros valores, outras maneiras de pensar-estar-viver, revelar nossos limites e possibilidades. Estou convicto, após os trabalhos de campo, que o Povo Xakriabá tem essa contribuição a nos ensinar. Constroem e fazem isso. Porém, como limite de suas ações para o viver, ao freqüentarmos e lermos seus manifestos e manifestações, acrescento que também existe uma forte tendência ao cultivo de ensinamentos que remetem a valores humanistas e culturais que são próprios, remetem a ditames da vida rural, negando o reducionismo economicista dos valores capitalistas, que apresentam impossibilidade ecológica, êxodos, exploração, ganância e lucro. Dessa maneira se equiparam a luta dos camponeses organizados em nosso país e na América Latina. Depois de conseguida a *Terra para viver* (podemos comparar com a *terra de trabalho* dos camponeses) se dá um movimento para permanecer na terra. Com certeza essa preocupação acontece pelo viés da conquista de renda, da criação de alternativas de produção, mas pelo viés da sustentabilidade, da criação de saídas para que os jovens permaneçam na TI e que as famílias estabeleçam uma relação vantajosa com o mercado. Porém é necessário também que levemos em conta que a Escolarização vem ganhando aspectos importantes para contribuir na construção dessa dignidade e reforçando a identidade Xakriabá. Ainda que nesses anos que freqüentei a região houve assassinatos de alguns indígenas, as experiências que lograram êxito ainda se fazem de maneira mais efetiva que qualquer impossibilidade. Portanto percebemos que enquanto hipótese, esta tese abriu-se para mobilidades exigidas pela vivência e pela força da realidade. Percebi que a Educação Escolar Indígena se articula com um contexto maior: o nacional. Outro fator: vários prédios escolares são oportunizados nas diversas aldeias, a escola Indígena ainda enfrenta alguns problemas de ordem burocrática, e muitas pressões que geram a gama tanto dos limites como dos avanços que se confrontam. A própria discussão das ações necessárias à preservação do Cerrado, uma das atividades que servem como “menina dos olhos” aos educadores, ainda encontra resistência por parte de algumas escolas. Essas divergências se apresentam desta feita como “combustível” a um debate necessário, assim como a hipótese foi mobilizada pela realidade que se apresentou; a própria realidade vivida se trata de um projeto em construção.

Mas esse e outros debates, essas divergências, esses limites e essas possibilidades pretendem ser explicitados no corpo desse trabalho, possuindo três capítulos e as considerações finais.

Dessa maneira, no primeiro capítulo desta dissertação, que tem um caráter mais teórico, apresento um breve panorama sobre três aspectos da questão indígena: a própria questão indígena, os Xakriabá e o norte de Minas Gerais e a educação indígena, especificando como essa etnia realiza a sua escolarização. Optei por escrever esse capítulo, realizando um caminho que vai do geral para o específico, ou seja, concluímos apresentando as vivências e especificidades das Escolas e seu papel para a luta desse povo. A preocupação é comentar sobre a espacialização e territorialização das escolas do movimento indígena, a partir da análise reflexiva do cotidiano de algumas delas, assim como as estratégias que envolvem a vida comunitária do povo. Discorro brevemente sobre a Formação de Professores, e alguns aspectos políticos locais, seguindo o mesmo caminho, primeiro de maneira geral, abraçando veredas teóricas, nos apoiando na discussão que leva em conta o papel cultural da Sociedade Brasileira e da importância da escolarização enquanto parte do processo civilizatório. Finalmente, cabe realçar, que uma análise dos conceitos de territorialização e espacialização, numa perspectiva epistemológica da Geografia Brasileira, comporá os artifícios desse capítulo. Estabeleço assim um diálogo entre o estado da arte tanto da Geografia, essa ciência em seu aspecto educativo, como da questão indígena brasileira pelo prisma da luta que realizam em relação a educação escolar e o envolvimento do povo Xakriabá com essas questões.

No segundo capítulo, dissertei sobre a Metodologia da Pesquisa, apresento as raízes metodológicas e conceituais com as quais trabalhei. A linha adotada foi a da pesquisa qualitativa, mesclada com o entrelaçamento possível entre a pesquisa-ação e a pesquisa participativa. Os sujeitos dessa pesquisa - pais, educadores e educandos ligados a Escola Indígena, as lideranças que cursaram o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

(Proeja)⁷ e as lideranças do Povo Xakriabá que atuam na esfera pública do município – com os quais me relacionei através de entrevistas, observações e oficinas didáticas pedagógicas ou o que denomino de *oficinas de audiovisual e diálogos*, aparecem aqui como colaboradores para que possamos entender e sugerir sobre a realidade vivida por eles. A partir dessas relações descritas e analisadas aponto critérios de avaliação dos instrumentos utilizados. Debato, à luz de alguns conceitos importantes para a ciência geográfica e para a geografia escolar, a outra Globalização, o currículo em ação. O diálogo entre Ciência (conhecimento científico), conhecimento popular (acumulado das experiências e sistematizações dos indígenas, passado de geração para geração e mesmo os criados recentemente, o que entendo por Sabedoria) e o papel da Informação no mundo contemporâneo. Este é um capítulo que une algumas discussões teóricas sobre o ensino de geografia (alfabetização em Geografia) com as oficinas que realizei na Escola Indígena e mesmo nas aulas em que trabalhei junto aos estudantes do Proeja Indígena. O que pretendi e o que foi alcançado ao realizar três estratégias de pesquisa: observar, entrevistar e participar.

Finalmente, nas derradeiras páginas denominadas de *Conclusão Inconclusa*, faço uma análise geral da experiência desenvolvida, da relação de ensino aprendizagem geral que ocorreu na Escola neste período que lá convivi, para tanto dialogo essa parte da tese com os anteriores, destacando algum de seus aspectos, gerando provocações para possíveis pesquisas a serem realizadas após a defesa do doutorado e deixando uma contribuição para que outros pesquisadores a façam. Essa análise final e geral só terá sentido se propor reflexões, caminhos e indicarmos possibilidades conceituais para *As questões indígenas* ensinadas nas escolas e intervir positivamente na Geografia Acadêmica, outra perspectiva é proporcionar uma reflexão que contribua para os sujeitos desta tese: o povo Xakriabá.

Muitas das maneiras de escrever e organizar as ações foram geradas ao estudar os Camponeses durante o primeiro percurso da pós- graduação. Estudar os povos indígenas? Mas e o Movimento Sem Terra do mestrado? Assim várias pessoas que conhecem um pouco da trajetória *pesquisante* que realizo perguntam ao saber que mudei de sujeitos socioterritoriais.

⁷ Proeja Indígena: trata-se do primeiro programa para estudantes jovens e adultos indígenas do país integrado à educação profissional, promovido pelo MEC e realizado nas dependências do IFET de Januária – MG.

Diante dessa provocação inicial, cabe outra questão: mudei profundamente a temática do que vinha pesquisando? Pois bem, posso dizer que a temática permanece, porém com algumas mudanças de cunho estratégico, apoiando-me na consideração de que ela só ganharia mais força se de fato altera-se para os povos indígenas. Há a necessidade de mais explicação! Isso foi realizado, porém antes cabe expor um pouco da trajetória de pesquisa de mestrado.

Desde os primórdios da graduação tive contato via Movimento Estudantil com o Movimento Sem Terra. Seus membros fizeram à época acampamentos no *campus* da Universidade Federal de Santa Catarina, na qual me graduei, e o contato ocorria a partir do grupo que formávamos: Movimento Graúna. Essas atividades consistiam em debates sobre a importância da Reforma Agrária com estudantes de diversos cursos, desde as engenharias passando pelas biológicas, até as humanidades. Eram tempos do presidente do Impeachment, que começava a implantar no Brasil a cartilha Neoliberal do economista considerado pai dessa escola, Milton Friedman, tendo por seguidores Reagan e Thatcher. Contra isso, lutávamos. Na última década do século XX, os vários movimentos socioterritoriais e estudantis, propunham compreender e lançar alternativas a essa nova face do Capitalismo Mundializado. Ao completar a Graduação, continuei atuando nessa luta, porém como geógrafo-educador, e em 1999 desempenhei essa função nos assentamentos de Fraiburgo, meio oeste de Santa Catarina, ser educador, porém em várias disciplinas da Escola Agrícola 25 de Maio, com seus 20 hectares entre dois assentamentos surgidos a partir de grandes ocupações e acampamentos de 1985. Essa experiência estimulou a realização alguns anos depois, na Universidade de São Paulo, o mestrado em Geografia Humana, abordando o papel da Escola do Campo para a territorialização e espacialização do Movimento Sem Terra, sob um olhar no ensino - aprendizagem em geografia numa escola do campo localizada dentro do assentamento, a Escola Agrícola 25 de Maio no município de Fraiburgo - SC. No caso, pesquisei o currículo dessa escola específica e suas relações na rede de *Educação do Campo* formada pelo Movimento. Ao terminar o trabalho de pesquisa um confronto entre ciência e ativismo político começou a vir à tona, e tive que optar. Estudar e aprofundar mais essa relação contribuiria para desvendar ainda mais algumas mazelas do Movimento, uma crise de final de dissertação resultou num desconforto muito grande. Uma crise de cunho pessoal se instalou. O primeiro mandato de um presidente eleito, dessa vez, pelas forças populares, contribui para o descenso.

As crises do Movimento afloraram durante a pesquisa. Eis que adentrei ao Doutorado com a intenção de desenvolver dois conceitos que despontaram durante a realização da pesquisa: o da *Campesinia* e o da *Etnogeografia*. Optei pelo segundo, mas sem desconsiderar o primeiro. Dois fatores contribuíram para essa escolha: opção por estudar as relações entre três possibilidades de apreender o mundo: o etnoconhecimento, o conhecimento científico e os conhecimentos escolares (através das práticas e dos currículos), que foi um dos capítulos mais gratificantes da dissertação. Observei na ocasião do mestrado que Cultura e escola estabelecem um diálogo interessante (com possibilidade e limites) que requer um envolvimento de pesquisa maior que o dedicado na elaboração da dissertação. Então, assim volto à explicação mencionada anteriormente. O fator *etno* encontra-se com mais força na questão indígena, dessa maneira encontramos a opção de discutir e possibilitar a modelagem do conceito de Etnogeografia, convivendo e observando os indígenas. Etnogeografia será entendida aqui, em sua construção conceitual/analítica enquanto obra dos encontros entre o saber popular, pelos liames do etnoconhecimento, e do conhecimento científico, que substanciam esta pesquisa.

Importante também rememorar que, ao atuar durante o período do mestrado como educador-geógrafo do Magind, muitas sementes das preocupações desta pesquisa foram plantadas. Ainda contribuo com os camponeses em luta por manutenção e conquista territorial em nosso país, pois os conhecimentos adquiridos e construídos durante o trabalho do mestrado não se apagam com tanta facilidade. Vários são os projetos que ocorrem paralelos ao que fazemos na atualidade. Porém, ao ser professor numa faculdade do sertão do Norte de Minas Gerais, tive contatos com o povo e com a luta Xacriabá. Alguns estudantes são dessa etnia, estudam em alguns dos cursos da entidade em que trabalhava, e esse foi um segundo fator para incluir no processo de doutoramento essa guinada para o campo étnico com maior ênfase. Além disso, ter atuado como professor voluntário no curso de Proeja Indígena (o primeiro do Brasil) fez com que eu fosse aceito enquanto pesquisador pela etnia.

Os indígenas proporcionam uma aproximação maior no fator étnico do que os camponeses, devido a uma gama de limites em se compreenderem pelo viés cultural, pois ainda precisam vencer visões economicistas dentro de sua própria organização. Com certeza,

depois de algumas convivências, podemos aventar que indígenas Xakriabá têm inúmeras preocupações e o econômico se faz presente sem os “ismos” que remetem a uma das especificidades culturais da sociedade hegemônica.

Para concluir a trajetória, cabe apontar alguns breves envolvimento com a questão indígena, que de certa forma surge desde os bancos escolares da formação ginásial (hoje denominado ensino fundamental) através dos contatos com uma idéia difundida de indígenas, e essa não era favorável a esses grupos. Estou convencido que uma das possibilidades que surgiram de trabalhos científicos com esses povos, contribuía de maneira significativa para a compreensão da importância que os mesmos exercem e possuem para a nação. No Brasil o juízo de valor principal em relação aos indígenas sempre foi preconceituoso e/ou de tratá-los como inferiores. Aos quatorze anos, comecei a romper alguns desses preconceitos ao ler um livro sobre indígenas norte-americanos, “*Enterrem meu coração na curva do rio*”, de Dee Brown (2003). Tanto esse livro quanto as revistas em quadrinho que lia e colecionava difundiam uma diferença no trato ao papel dos indígenas apresentado nos filmes das sessões da tarde, os “far westerns”. Nossos povos indígenas sempre foram esquecidos e poucos difundidos, a não ser numa visão extremamente depreciativa e estereotipada, apenas para citar alguns exemplos, lembro na infância que no interior do Estado de São Paulo, o morador de bairros mais distantes do centro urbano era chamado de “índio”, já um exemplo de reforço de estereótipo é quando no dia do índio algumas professoras da educação infantil fantasiavam seus alunos com cocar e saia de penas. As sociedades brasileiras, após a abertura política e a última constituição, têm alterado essas visões e as várias possibilidades dos próprios indígenas poderem atuar e de serem vistos como seres humanos e cidadãos brasileiros.

As Terras Indígenas já consolidadas e o processo de ampliação do território, bem como as *Retomadas* existentes hoje no Brasil autenticam o Movimento Indígena como um movimento sócio territorial que aponta as territorializações e espacializações da luta e resistência a modelos políticos e teóricos (ideológicos) que atingiram a sociedade brasileira no decorrer do século XX de maneira bastante intensa. Organizarmos e nos científicarmos de nosso papel enquanto pesquisadores amplia a possibilidade de desvendarmos os vetores

instituintes das tensões territoriais dessa época que vivemos, e nos permite contribuir para a construção de um país mais justo e com qualidade social (PORTO-GONÇALVES, 2002a).

Estou convencido, desta maneira, que desvendar esses vetores, a partir de uma escola indígena, de sua prática e vivência pedagógica e comunitária pode contribuir para o que espero seja a construção dos saberes. Isso se transforma, assim, para nós geógrafos, no que podemos assumir como um compromisso social. Questionando espera-se, a nossa ciência e contribuindo para a formação da mesma.

Possibilitar que uma visão de senso comum acerca dos Povos Indígenas se desvaneça na Sociedade Brasileira é uma das responsabilidades que nos cabe, para que desapareça de nosso convívio social a pergunta de uma estudante da graduação, numa feira agro-ecológica na praça central de Januária - MG, ao ver os Xakriabá realizando uma das suas manifestações artístico-culturais, que se expressou da seguinte maneira: __ Índios de roupa?

Que os projetos colonialistas, precursores destes preconceitos, sejam transformados cada vez mais em algo do passado. Despertando, com essa contribuição em maneira de tese de doutorado, para reforçar uma nova postura de sermos brasileiros, possibilitando assim que esses povos possam ter um instrumento para reforçar suas identidades. Estou convencido de que assim contribuirei também para nosso país no que tange ao *fazimento*.



“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Está é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado”.

Paulo Freire.

1 Povo Xakriabá, a territorialização e a espacialização da Educação Escolar: um pé na aldeia, outro no mundo.

"Opor à crença de que se é pequeno, diante da enormidade do processo globalitário, a certeza de que podemos produzir as idéias que permitem mudar o mundo."

Milton Santos

O Professor Milton Santos convida-nos a atentar para o discurso da grandeza: perceber que o que os Xakriabá realizam é grandioso e muda o Mundo, tanto quanto qualquer empresa transnacional. Com essas palavras, que nos estimula a reflexão, inicio este capítulo em que abordo, entre outros assuntos, a importância da Escola e da escolarização para os indígenas Xakriabá organizados em duas terras indígenas: a Terra Indígena Xakriabá e a Terra Indígena Rancharia.

Posso aventar a idéia de que a organização dos indígenas hoje atua como um Movimento Socioterritorial, conceito defendido por Fernandes (2001, p. 30) para expressar a luta dos camponeses organizados. É necessário, porém, destacar que a luta territorial indígena, de modo geral e especificamente no caso dos Xakriabá, possuem características bastante diferentes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no entanto existem aproximações, que versam pelos limites e possibilidades que apresentam na luta cotidiana. Ambas surgem como um fenômeno na história recente do país, trazem inovações territorializadas, possuem um projeto de transformação que comporta uma discussão acumulada sobre o desenvolvimento territorial, que solicita a análise dos geógrafos. E ambas as lutas podem se enquadrar na provocação que a frase do Professor Milton Santos nos apresenta, produzem idéias e as vivem, territorializam e espacializam suas acepções, contrárias ao acúmulo desenfreado e a lógica do Capital.

Proponho, assim, um diálogo entre lugares. Diálogo que impõe distanciamentos e aproximações. Apurando relações, percebendo limites e possibilidades. Vivemos no limiar de um novo milênio, quando vários agentes da mídia apontam o “Mercado” como uma entidade que “fica nervosa”. Atitude essa que reflete o que os grupos interessados autenticam: o mercado possui vida própria. Diante disso, temos que ter clara a opção de que o povo tem mais que vida, pois possui o direito de criar movimentos, e entrar por sua vez na luta pelo saber. O povo ao qual nos referimos é feito de pele, carne, músculos, nervos e ossos, tem sangue, mentalidade e coração. São seres humanos que vivem num sistema que os oprime. No caso aqui travo uma disputa pela construção intelectual que passa por entender e explicar a vida (o que é viver/ para que vivemos/quem comanda nossas vidas?), relacioná-la a lugares e temporalidades provoca e impulsiona atitudes que regem os movimentos populares e quiçá alguns trabalhos e preocupações acadêmicas. Estudamos a etnia Xakriabá que faz parte do povo brasileiro. Para tratar com os indígenas no Brasil, a palavra povo ganha requintes de especificidade e para diferenciar a gama de etnias que existem no Brasil.

Ser indígena no Brasil de hoje, além de tantas prerrogativas, requer duas lutas básicas: pela identidade e pelo território. Esse embate territorial se realiza na intencionalidade de conquistar, ampliar e/ou mesmo manter o território. Identidade e território são características da luta indígena que diríamos que está presente desde o contato com os invasores europeus.

Questões territoriais, todavia fazem parte da relação na época pré-colombiana. Mas vamos nos deter aqui nessas últimas décadas e principalmente no período pós Ditadura Militar, período em que a luta indígena adquire novos aspectos. Sempre entendendo que o novo não abole o velho como é uma das prerrogativas da modernidade com base européia. Identidade e território, sem necessariamente expor uma ordem, já que essas lutas não estão separadas, caminham introjetadas, interpostas, intercaladas. Condições que se completam e que se relacionam, enfim, se associam apesar de poderem ser analisadas em suas especificidades.

Outra questão importante que os estudos e a vida sobre os indígenas e sobre os camponeses nos trazem é a importância da diversidade. Nessa questão, a geografia enquanto

ciência pode ser aclamada com um coroamento de suas intenções que a fazem ciência: um mundo globalizante (*globalitário*, segundo Milton Santos (2000), mas que é ao mesmo tempo constituído de lugares. Aqui faz-se necessário outro parêntese, evidente que por si só, expresso assim no plural, o termo *lugares*, não pode ser irrefletidamente relacionado à sociodiversidade. Lugares e diferenças não devem ser entendidos enquanto sinônimos, uma vez que o próprio movimento denominado com o termo Globalização faz arranjos para massificar, características essa, tão importantes da Modernidade, aliás, uma das Globalizações apontadas pelo professor Milton Santos (op. cit.) (os três modos são: *enquanto fábula* e a essa nos referimos, diante do papel da mídia mundial, a *globalização enquanto perversidade* e a *outra globalização*). As lutas dos povos indígenas no Brasil corroboram com essa possibilidade, questionam o lado perverso da modernização, da globalização. Autenticam a importância da diversidade, são alguns dos sujeitos no Brasil, e talvez no mundo, segundo o próprio Milton Santos (op. cit.), que fazem o movimento da cultura territorializada para a política territorializada.

Desde a década de 70 do século passado, Martins (1991) nos aponta algumas questões importantes sobre os indígenas em nosso país; por sua vez, ele foi um dos intelectuais brasileiros que apoiou fortemente naquele momento as ações de luta pela terra, seja de camponeses, como dos indígenas. Atuou nas conferências nacionais das Pastorais e Conselhos Missionários, promovidos pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), denunciando e propondo contra a lógica instalada no Brasil governado por militares a serviço das Grandes Multinacionais. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI)⁸, desde 1972, apoiado por Martins e outros intelectuais e ativistas se coloca a favor da articulação entre aldeias e povos. Promove as grandes assembleias indígenas, em que se desenharam os primeiros contornos da luta pela garantia do direito à diversidade cultural. Desta feita aciona meios para contrapor a posição do Estado brasileiro que assumia declaradamente a integração dos povos indígenas à sociedade majoritária como possibilidade única. Em agosto de 1979,

⁸ O Conselho Indigenista Missionário, por intermédio da sua página <http://www.cimi.org.br>, aponta seu principal objetivo de atuação, que foi assim definido pela Assembleia Nacional de 1995: “Impulsionados(as) por nossa fé no Evangelho da vida, justiça e solidariedade e frente às agressões do modelo neoliberal, decidimos intensificar a presença e apoio junto às comunidades, povos e organizações indígenas e intervir na sociedade brasileira como aliados (as) dos povos indígenas, fortalecendo o processo de autonomia desses povos na construção de um projeto alternativo, pluriétnico, popular e democrático.”

Martins apontava o aspecto subversivo da busca de emancipação por parte dos indígenas no Brasil, em dois textos⁹ clássicos dessa época nos esclarece e demonstra questões que perduram de certa maneira até hoje. A *diferença* é subversiva, como nos revela Martins (1991). Os Governos da Ditadura Militar procederam de maneira a homogeneizar social, cultural e politicamente qualquer diferença, seja indígena, seja camponesa, seja operária. Os indígenas proporcionam uma aproximação maior no fator étnico do que os camponeses, devido a uma gama de limites em se compreenderem pelo viés cultural, pois estes últimos, ainda precisam vencer visões economicistas dentro de sua própria organização. Após lermos Martins (1991), tenho a impressão de que no final da década de 70 do século passado, os indígenas possuíam uma articulação maior do que os camponeses, visto que esses dois sujeitos sociais vivenciavam a Expropriação e a violência, reforçada pela Ditadura Militar, ou seja, os dois resistiam, porém os indígenas já possuíam uma articulação que unia os povos a época. O autor, no entanto demonstra claramente que ambos possuem posturas anticapitalistas.

Hoje, aproximadamente trinta anos depois, esses dois sujeitos socioterritoriais estão extremamente articulados e juntos na resistência anticapitalista. Com o encerramento do período de repressão da Ditadura Militar, várias conquistas se consolidaram, devido à organização traçada e acrescida que remontam àquela época, hoje ganharam vez e voz na socioterritorialidade brasileira.

Mas os indígenas (e o povo de maneira geral) ainda (em maior ou menor número) perpassam por repressões que ganham aspectos provindos do mercado, do Neoliberalismo. A repressão brutal encerrou-se, está mais pontual, o aparente paternalismo indicado pelo autor no texto, continua na tentativa de homogeneização que se reveste de subserviência ao mercado.

⁹ Os textos são “A emancipação do Índio e a emancipação da terra do índio” e “A terra na realidade do índio e o índio na realidade da terra”. In: MARTINS, José de Souza. *Expropriação e violência: a questão política no campo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

Portanto, é necessário explicitar que esta pesquisa circunscreve-se em uma corrente de interpretação sobre o desenvolvimento capitalista na agricultura. Os Xakriabá em meu entendimento podem ser comparados aos camponeses, uma vez que dedicam suas atividades econômicas e de auto sustento relacionadas a atividades agrícolas e pecuárias, ou como afirma Hilário Correa Franco (2004 apud ARAÚJO, 2004), líder comunitário da aldeia Barreiro Preto que resume o que realizam na seguinte frase: "Somos produtores rurais, mas faltam sementes, irrigação e apoio para a comercialização do que produzimos". Essa corrente com a qual me identifico entende que tanto o campesinato como os latifúndios aumentam na relação com esse Modo de Produção, concordando com Oliveira, Ariovaldo (1981, p. 8) que afirma:

[...] o processo contraditório de reprodução ampliada do capital além de redefinir antigas relações de produção, subordinando-as à sua reprodução, engendra relações não capitalistas igual e contraditoriamente necessárias a sua reprodução.

Neste processo contraditório do Capital mundializado, é possível entender os Povos Indígenas como integrantes da luta contra essa hegemonia, como nos atesta Martins (1991, p. 56)

O que unifica as aspirações e lutas e lutas de um colono gaúcho, de um posseiro maranhense e de um índio Tapirapé é essa resistência obstinada contra a expansão da apropriação capitalista da terra; mesmo que cada um, cada categoria social, construa a sua própria concepção de propriedade, o seu próprio regime de propriedade anticapitalista: a propriedade camponesa, a propriedade comunitária e a posse.

Esses sujeitos se reconhecendo subordinados, passam a resistir e tentar transformar tanto pelo viés econômico, entrando no mercado, como resistir com sua gama de valores, que por si só já são culturalmente diferentes dos valores burgueses. Os desafios dos Xakriabá são enormes, tomam proporções enormes quando se leva em consideração a faceta de fábula da Globalização.

Dessa forma, o que se apresenta é o que Martins (1991) aponta no que tange sobre as Terras Indígenas: terras ameaçadas, griladas e expropriadas. Isso é denunciado pelos próprios povos indígenas nas assembléias indígenas da década de 70 do século XX. Esse autor após

fazer uma localização em termos brasileiros da ocorrência dessas características, sugere o caráter progressivo das mesmas no território brasileiro. Hoje, no entanto, sabe-se que várias dessas situações perderam força devido à possibilidade concreta das demarcações. As Terras Indígenas, nem por isso deixam de ser ameaçadas de outras maneiras: o Estado não cumpre seu papel com essas populações (aqui não se trata apenas de incompetência, mas sim de um advento Neoliberal), as igrejas pentecostais que entram como fator de desagregação, alguns dos “vizinhos” da TI que usam agrotóxicos e/ou fazem queimadas e ainda insistem em tratar os indígenas como privilegiados, o que não deixa de ser uma maneira preconceituosa revisitada. No último ano, dois Xakriabá foram assassinados de maneira cruel por serem índios (vide anexo). Esses são alguns percalços identificados no decorrer da pesquisa.

Uma pergunta avulta-se: são Gerais em se tratando de indígenas no Brasil ou dizem respeito somente aos Xakriabá? O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) foi extinto na década de 60 do século passado e deu lugar a Fundação Nacional do Índio (Funai)¹⁰, enquanto a SPI prevaleceu, os territórios destinados às etnias eram denominados de Reserva Indígena, a nomenclatura de Terra Indígena (TI) é nova no Brasil, passou a ser utilizada após a Constituição de 1988. Os usos dessas denominações não são aleatórios, demonstram intencionalidades, o termo Reserva pode nos leva a pensar que os sujeitos estão ali instalados para preservar os outros do convívio com eles e ao mesmo tempo conservá-los enquanto um museu ao ar livre. Até hoje em São João das Missões, muitos das pessoas mais velhas e a parte do povo que não é indígena, moradores urbanos, chamam ainda a TI de Reserva, tratam também como Área ou dizem: você vai lá na Funai.

Os conceitos de Espacialização e Territorialização (FERNANDES, 1996), caros dentro da abordagem de Geografia que adotei, são requeridos para entender a importância da escola na vida da comunidade indígena. Estabeleço um diálogo, com as possibilidades e confrontos entre o fazer científicos e o saber popular que age localmente concatenado a um currículo em movimento, construído em vários anos de discussão pelos próprios Xakriabá. Espacializam-se

¹⁰ Em substituição ao SPI, criou-se a Fundação Nacional do Índio (Funai) através da Lei n.º 5.371, de 5 de dezembro de 1967.

e territorializam-se pelas aldeias, possuindo abrangência no âmbito das duas TIs, atingindo o território do município e extrapolando e caminhando com os jovens indígenas em seus momentos de formação na capital do Estado de Minas Gerais, além de caminhar com jovens e adultos nas aulas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Instituto Federal de Educação e Tecnologia (IFET) de Januária – MG. Formação, porém recente que proporcionou reflexões e, portanto, colaborou com a discussão do Movimento Nacional de Educação Escolar Indígena¹¹.

No tocante aos estudos sobre a Territorialização e Espacialização, é fundamental lembrar das palavras de Oliveira, Ariovaldo (1996b, apud FERNANDES, 1996, p. 12): “Desvendar o Território pode e deve ser uma perspectiva científica para a Geografia”. Estou convencido de que trabalhar cientificamente com esses conceitos corrobora para essa revelação do território.

Desvendar esses passos dados pelos Indígenas que constroem outra territorialização é de extrema importância para a Geografia Brasileira, para que ela mantenha seu papel de ciência comprometida em estudar e sugerir mudanças aos rumos de nosso país.

Os Xakriabá têm com mais de quarenta projetos sociais¹², vários deles com preocupações territoriais que coadunam com a chamada sustentabilidade, mas que, são multifacetados. Eles podem ser entendidos como exemplos de transdisciplinaridade, o Movimento por educação escolar entra em consonância com uma luta que se faz na aldeia, no município, reforçando a identidade. Ao preparar as novas gerações e as fazer a salvaguarda do Cerrado. *Um pé na Aldeia, outro no Mundo*, eis o que dizem os educadores Xakriabá e assim solicitam aos que almejam estudar essas relações, que assumam o objetivo de contribuir com o

¹¹ Em novembro de 2010 participamos da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (I CONEEI), que teve por tema geral a *Educação Escolar Indígena: Gestão Territorial e Afirmação Cultural*. Organizada pelo Ministério da Educação (MEC) e por uma comissão nacional com representantes de vários povos indígenas, a conferência ocorreu em Lusiânia, próximo ao Distrito Federal, durou uma semana. Nela educadores e educadoras, delegados por seus povos de origem entre outros, debateram sobre diversos temas relacionadas a Educação Escolar das Escolas das TIs.

¹² No Quadro 2 – página 172 desse trabalho existe uma lista com os projetos que ocorrem nas duas Terras Indígenas e os seus respectivos parceiros.

desenvolvimento socioeconômico e político dos mesmos, bem como as lutas que realizam. Na introdução relatei que fazem parte do processo civilizatório; mas o processo Civilizatório é de quem? Qual processo civilizatório? Essas são perguntas que não querem calar.

Epistemicídio. Essa é uma das faces das relações construídas nestes quinhentos e poucos anos da expansão européia na América. Essa foi uma das características fundamentais do chamado processo civilizatório. O convite que se associa a esse conceito de Santos, B. (1996, p. 17)¹³ é “[...] olharmos para o passado tornando o presente atento”. Assim, é necessário perceber o que vem ocorrendo na formação do que é hoje a vida das pessoas em nosso continente, atentar para o modo como os colonizadores europeus trataram os conhecimentos ¹⁴. Sempre lembrando que os conhecimentos são anteriores a chegada dos europeus e persistiram durante a implantação do seu projeto “civilizatório”. A partir desse assassinio de conhecimentos das culturas que aqui habitavam (algumas ainda habitam) pela modernidade hegemônica eurocêntrica resta-nos questionar como essa lógica encaminhou a educação escolar nestes quinhentos e poucos anos do contato, ou com maior intensidade nestes duzentos e poucos anos do projeto da escola republicana burguesa. Isso indica uma maneira de como o conhecimento vem sendo trabalhado e construído em boa parte do mundo contemporâneo, trata-se de uma diretriz que se sobrepôs a outras. Evidentemente posso entender que nessas relações nas quais se dizimaram modos de vida e saberes foram também dizimados povos inteiros, o que avoca o termo *etnocídio*. Isso tem relação com a hegemonia do capitalismo, o que já foi indicado no capítulo anterior. Também se relaciona com um dos pressupostos que lá desenvolvi, que não se trata só de imposição econômica e política, mas na verdade abarca toda as esferas de nosso viver social. Quem separou a realidade em várias gavetas foi justamente a mesma lógica que construiu e se constituiu dessas relações, calcada

¹³ Santos, B. (1996) ainda nesse texto trata da morte do inconformismo e da rebeldia, mas ao mesmo tempo em que é preciso criar “[...] uma outra teoria da história que devolva ao passado a sua capacidade de revelação, um passado que reanime na nossa direção pela imagem destabilizadora que nos fornece do conflito e do sofrimento humano [...] recuperar o nosso inconformismo e nossa rebeldia.” (p. 17)

¹⁴ Diferença entre os termos *conhecimento* e *saber*, qual eu escolho? A partir daqui quando colocarmos conhecimento estarei falando de todos os tipos de saberes, sejam científicos, míticos, etc. Mas quando tratar de ciência, saber sistematizado, falarei em *conhecimento científico*.

num eurocentrismo, que traz consigo uma visão de mundo, logo uma ideologia, logo uma cultura.

Trata-se, como já me referi, de uma proposta “civilizatória”. Em Soares (2003), isso fica evidente quando o mesmo aponta que:

Diversos povos levaram à constituição, a partir do século X a.C., do que chamamos hoje de cultura greco-ocidental, judaico-cristã, européia ou simplesmente ocidental. Esta é a cultura que em maior escala e por maior tempo, tem dominado o planeta, que mais destruiu outras culturas e que, para dar prosseguimento e apro(a)fundamento às suas idéias, tem infligido um sofrimento considerável a maior parte dos indivíduos. (p. 23)

Independente do nome que se dê, o importante é que seja considerada uma das principais características que constituiu essa cultura. Nessa escala espaço/temporal, deve-se levar em conta o alto grau de perversidade desumanizadora, disfarçado de desenvolvimento e progresso. Nesse contexto, observo as noções de cultura, segundo Soares (2003, p. 24):

É esta cultura que criou e instituiu a filosofia, a democracia, a ciência, o capitalismo e a ecologia. Esta é uma cultura que, embora ainda dependa da natureza, nega-a e tenta superá-la, isolá-la, controlá-la, domesticá-la. A história do ocidente tem seguido esse caminho, mas, nela, muitas pessoas tem questionado essa orientação.

Quem são esses questionadores e como questionam? Santos, B. (1996, p. 17) ao apontar as características anteriores sobre a cultura que se impõe, também aponta a saída através de um projeto educativo emancipatório, esse por sua vez tem por objetivo principal “[...] recuperar a capacidade de espanto e de indignação e orientá-la para a formação de subjetividades inconformistas e rebeldes”. Em nosso entendimento uma proposta que nos provoca enxergar a crise em que estamos envolvidos, e como toda situação que atinge esse patamar, a possibilidade do novo se faz presente.

Durante a terceira versão do Fórum Social Mundial (FSM), em Porto Alegre no mês de janeiro de 2003, um dos palestrantes, o teólogo, escritor e professor universitário Leonardo

Boff, na *Conferência Paz e Valores*, refletiu sobre as possibilidades de paz dentro da condição humana de *Homo sapiens* e *Homo demens*, e dessa exposição oral avivamos um trecho:

Temos a arte, a poesia, já fomos a Lua, já deixamos o Sistema Solar, através de uma nave que leva, escrita em mais de cem línguas, a palavra paz – nossa mensagem para o universo é de sabedoria. No entanto a demência também nos caracteriza: etnocidas, matamos povos; biocidas, destruimos ecossistemas; e estamos bem perto de nos tornar geocidas, destruindo nosso planeta vivo. (informação verbal)

Aponta essas duas possibilidades das realizações e condições humanas, mas Boff (op. cit.) continua e indica causas e conseqüências dessas escolhas, relata que “É próprio do ser humano o cuidado de um com o outro, e a perversidade do sistema econômico mundial, está em acumular privadamente, e não dividir humanamente”. E finaliza destacando que “Cooperação e cuidado mútuo são os dois valores fundamentais que distinguem o ser humano dos chimpanzés [...]”.

Os indígenas do Brasil em sua grande parte e os Xakriabá de certo modo combatem a corrente geocida, em suas atividades cotidianas. É a cooperação e o cuidado mútuo que balizam o cotidiano, a vida dos sujeitos dessa etnia. Isso é o que, vivendo quase dez meses com eles, realizando dez idas a campo, pude perceber e que explicitarei nas páginas do capítulo dois deste trabalho.

Na obra, *Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal*, o geógrafo Milton Santos (2000) ampara-se na idéia de que é importante que interpretemos o mundo contemporâneo, baseados numa análise multidisciplinar. É um dos grandes arautos e combatentes contra o pensamento único, tão difundido a partir da queda do Muro de Berlim, mas substanciado por mudanças da Era Reagan e Thatcher, e assumidos pelos intelectuais orgânicos do mundo moderno do final de século 20. Assim, desde a década de 50 do século 20, gerou-se uma teoria¹⁵ que visava criticar e acionar parâmetros divergentes do Estado de

¹⁵ O Neoliberalismo tem como seu grande idealizador Milton Friedman que recebeu o prêmio Nobel de economia em 1976. Enquanto chefes de nação, Thatcher e Reagan foram os primeiros a implantar essa política. Decorrentes disso surgiu em 1989, o Consenso de Washington como uma espécie de expressão emblemática de

Bem Estar Social, advindo do Keinisianismo. Santos nos convida a perceber os caminhos da ideologia na produção da história, mostrando os limites desse discurso frente à realidade vivida pela maioria dos países do mundo. A informação e o dinheiro acabaram por se tornar aborrecimentos à humanidade, pois além de grande parte dos seres humanos não terem acesso a esses dois instrumentos, acabam por fazerem papel de demonstrar uma única via, um único meio de sermos felizes. Divulgam e autenticam o reducionismo economicista dos valores capitalistas, que apresentam impossibilidade ecológica, êxodos, exploração, ganância e lucro como perversidade, mas ao mesmo tempo temos saída distante desses pilares. Conjuntura em que o progresso técnico é aproveitado por uma classe social, enquanto artífices da globalização, para suas benesses: privativas e excludentes na realidade, maravilhosas e ardil de consumo para a grande maioria da população no cotidiano da modernidade. Milton Santos (op. cit., p. 151) aponta que o resultado dessa maneira de gerir o mundo gera “[...] aprofundamento da competitividade, a confusão dos espíritos e o empobrecimento crescente das massas”. A despeito disso, reconhece “[...] o começo de uma evolução positiva nas pequenas reações que ocorrem na Ásia, África e América Latina”. Assim surge o que se entende por *outra globalização*.

Porém para considerar a Globalização como perversa e levantar a possibilidade da construção de uma outra, é preciso sopesar sobre as raízes que se arraigaram na formação social brasileira. Segundo os estudos apresentados por Faoro (1958) e Prado Júnior (1979), nosso país foi formado sobre um tripé, qual seja, a Privatização do Estado (instâncias governamentais nos três poderes sempre foram da e para a elite), Escravidão dos Africanos e extermínio dos indígenas (os maiores crimes já cometidos pela humanidade) e o Latifúndio (que se une ao primeiro item)¹⁶. Tanto quem governa como quem resiste, tanto quem

uma era, de uma época. Termo cunhado por John Williamson, através da qual ficaram conhecidas as conclusões do encontro convocadas pelo Institute for International Economics, entidade de caráter privado, no qual se encontraram diversos economistas latino-americanos de perfil liberal, funcionários do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do governo norte-americano. O tema do encontro *Latin Americ Adjustment: Howe Much has Happened?* Ao final resumida nas seguintes regras universal: Estado mínimo, Extinguir sindicatos, Privatizações. Foi o que vivemos no Brasil na década de 90 do século XX.

¹⁶ Quando lembramos, por exemplo, da Lei de Terras de 1850. No entanto, fica evidente o aspecto de força e de imposição a padrões socioculturais e valores a partir das configurações territoriais que provem do Latifúndio.

administra as ações de reprodução do Capital Mundial Integrado, como quem resiste a isso devem ser analisados.

Nessa questão, a Geografia enquanto ciência pode ser aclamada com um coroamento de suas intenções que a fazem ciência: um mundo globalizante (sem esquecer o caráter *globalitário*, segundo Milton Santos (2000), mas que é ao mesmo tempo constituído de lugares.

Milton Santos (op. cit.) apresenta o termo “globalitarismo” para denunciar o totalitarismo das nações hegemônicas diante das outras nações, também para que reflitamos e façamos ações a partir de uma mensagem de esperança para a construção de um novo universalismo, menos excludente. Essa relação ocorre tanto no âmbito econômico, como no social e/ou cultural, principalmente escorada nas duas tiranias: da informação e do dinheiro. Trata-se de uma nova face da mesma questão que assola a modernidade, expansão e reprodução do Capital.

Visitando algumas páginas¹⁷ do sítio da Funai na rede mundial de computadores, recolhi as seguintes informações atuais sobre os povos indígenas no Brasil: os indígenas que se encontram em TIs, perfazem cerca de 460 mil pessoas, que vivem em 225 sociedades indígenas, que totalizam cerca de 0,25% da população brasileira. Estima-se, portanto, que outros 100 a 190 mil vivem inclusive em áreas urbanas. A Funai informa que existem 63 grupos isolados e não contatados. Representam menos de 1% da população nacional e as terras já regularizadas perfazem 12% do território nacional. Dados colhidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por Bergamaschi (2008, p. 7) apontam que essa população é de 734 mil pessoas aproximadamente e 230 povos falantes de 180 línguas, distribuídos em 612 TIs no território brasileiro.

Gosto de lembrar que os povos ocupam e vivem com peculiaridade, precisam dessas e mais terras para que suas formas peculiares de sobrevivência fundamentados na caça, na

¹⁷ <http://www.funai.gov.br/indios/conteudo.htm#HOJE>

pesca, na coleta e na agricultura itinerante possam continuar existindo. Mais que isso, colaborando para a existência de nosso país.

Uma vez distribuídos nas 180 línguas reconhecidas, essas etnias são agrupadas em famílias e classificadas como pertencentes a troncos. Em relação aos troncos lingüísticos tem se a divisão feita por Tupi, Macro-Jê e Aruak. Já os Karib, Pano, Maku, Yanoama, Mura, Tukano, Katukina, Txapakura, Nambikwara e Guaikuru são denominadas de Famílias, e não se relacionam a nenhum dos três troncos. A língua dos Tükúna é um exemplo atualmente no Brasil de uma manifestação lingüística das que permanecem não classificadas ou são consideradas isoladas pelos estudiosos do assunto.

Desde a independência em relação às metrópoles européias, vários países americanos estabeleceram diferentes legislações em relação aos índios e foram criadas instituições oficiais para cuidar dos assuntos a eles relacionados. O primeiro equívoco em meio a tantos outros que surgiram no decorrer dos 500 anos de contato. Mesmo depois de descobrir que não estavam na Ásia, e sim em um continente até então desconhecido, os europeus continuaram a chamá-los de índios, ignorando propositalmente as diferenças culturais entre os dois continentes. Foi mais fácil tornar os nativos todos iguais, e assim tratá-los de forma homogênea, já que o objetivo era um só: o domínio político, econômico e religioso. Com a independência das várias nações, cada uma adotou critérios diferentes em relação aos indígenas com a criação de leis e instituições para cuidar dos assuntos referentes aos mesmos. No Brasil, o critério de auto-identificação étnica vem sendo o mais amplamente aceito pelos estudiosos da temática indígena. Darcy Ribeiro (1957, p. 5), na década de 1950, a partir do texto "Culturas e línguas indígenas do Brasil" (FRANÇA, 2009), baseando-se na definição elaborada pelos participantes do II Congresso Indigenista Interamericano, no Peru, em 1949, definiu o indígena como: "[...] aquela parcela da população brasileira que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana". Ou, ainda mais amplamente: "[...] indígena é todo o indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com quem está em contato". (RIBEIRO, op. cit., p. 5). No entanto foi a Lei nº.

6.001, de 19.12.1973, chamada de Estatuto do Índio, que estabeleceu as relações do Estado brasileiro com as populações indígenas até a promulgação da Constituição de 1988. Diferentemente do Canadá, no qual o critério de identificação é sanguíneo e por exame de DNA, em nosso país, um grupo de pessoas pode ser considerado indígena ou não se estas pessoas se considerarem indígenas, é a *Autoproclamação*, ou se assim forem consideradas pela população que. Esses critérios, autodenominação e autoproclamação, são os utilizados hoje em dia, são na verdade princípios que autenticam o que é ser indígena no Brasil. Mesmo sendo o critério mais utilizado, ele tem sido colocado em discussão, já que muitas vezes são interesses de ordem política que levam à adoção de tal definição, da mesma forma que acontecia há 500 anos.

Contudo o que vale realçar é que, antes de 1988, a relação era de tutela direta com os sujeitos; a constituição permite uma outra postura, em que o processo de tutela foi substituído pela função do Estado em assegurar direitos, como o de garantir o bilingüismo nas ações escolares, bem como o de assegurar e demarcar o território, para citar alguns.

Em meu ponto de vista, outra característica pode e deve ser acrescentada à condição do que define ser indígena no Brasil, é o caráter de contra hegemonia, que prefiro chamar de Resistência.

Como a Resistência se mostra hoje, o que a caracteriza? A Resistência, ao tratar da luta que diga respeito à vida fora do espectro urbano, ocorre nas florestas, nas Terras Indígenas e no Campo, ela se mostra em dois aspectos que agem concomitantes na vida social: o aspecto conceitual e o empírico. A resistência tanto caminha pelo aspecto da produção e geração de renda, passando necessariamente pela luta por território e também pela afirmação cultural. Com essa separação, pretendo mostrar que a concomitância na vida social ocorre no campo dos conceitos, por exemplo, com o fortalecimento ideológico da palavra Agronegócio, que vai desde sua inserção na Mídia como ações ligadas na esfera das políticas públicas, com o intuito de ganhar peso e valor na sociedade. Ou seja, é teórico e tem eficácia social. Mas também ocorre a oposição a isso que reforça palavras que já existiam antes de existir até o que entendemos por Mercado. A agricultura é a palavra que os Movimentos Socioterritoriais e contra hegemônicos utilizam para contrapor ao de Agronegócio. O termo Cultura, que precede

o *Agri*, remete a relações que atravessam séculos da história da humanidade. Essa é à força do termo, ele faz parte da ação empírica da humanidade que trabalha a terra.

É possível aventar também a oposição entre as expressões *terra de negócio* e *terra de trabalho*, que remonta ao uso do termo *agricultura*, mas que é recente, uma vez que foram sugeridos por Martins (1979) no começo dos anos oitenta, em meio a sua militância nos congressos da CNBB.

Das demandas socioterritoriais, apresento aqui o termo *Retomada*, no caso desse povo, esse processo se equipara, guardando as devidas proporções, ao termo utilizado enquanto *Ocupação* feita pelos ativistas do MST.

Retomada é o processo pelo qual os indígenas ocupam uma propriedade que tradicionalmente pertencia ao povo Xacriabá, mas que ficou sem ser contemplada no tempo da demarcação. O ato de ocupar baseia-se no tamanho indicado no antigo documento de doação de Matias Cardoso para certificarem quais áreas pertencem a Etnia. Assim como a TI Rancharia foi indexada depois da demarcação, utilizam os acampamentos, denominados de Retomadas, para pressionarem por ampliação da demarcação e esperam que assim a TI volte ao seu contorno original datado do século XVIII. Ou seja, o povo Xacriabá do norte de Minas Gerais, atualmente vivem em duas Terras Indígenas. As terras Xacriabá localizam-se no município de São João das Missões, no norte de Minas Gerais. A primeira intitula-se de Terra Indígena Xacriabá e foi homologada em 1987 com a extensão de 46.415 hectares, e posteriormente, homologada em 2003, a TI Xacriabá Rancharia, com 6.798 hectares. Em 2010, vários grupos formados por muitas famílias indígenas participam da Retomada, estão em cinco acampamentos que denominam como um único processo. (na entrevista com Hilário Xacriabá, no capítulo dois desta tese, ele especifica outras questões sobre esse processo).

1.1 Os Xakriabá

A intenção em criar uma divisão neste capítulo é de especificar mais sobre os Xakriabá, para destacar justamente o que os define enquanto povo indígena. Se no Brasil o que dá a definição aos povos indígenas em seu caráter de etnia, é justamente a autoproclamação e o reconhecimento, proponho este parêntese para que numa via de mão dupla se possa entender mais sobre a questão indígena. Na caminhada da pesquisa, para ampliar meu conhecimento sobre esse povo, tive por base a leitura de alguns textos e documentos. Assim o artigo *Xakriabá – cultura, história, demandas e planos* de Rita Heloísa de Almeida publicado na Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, p.9-39, jul./dez. 2006; ou o importantíssimo documento de Maria Hilda B. Paraíso que se intitula como *Lauda antropológico: identidade étnica dos Xakriabá*, de 1987, que serviu como base na acusação do julgamento com a condenação do primeiro massacre aos povos indígenas no país. Há ainda a dissertação de mestrado de Suzana Escobar defendida em 2004, e a de Alessandro Roberto de Oliveira de 2008. As duas dissertações têm capítulo dedicado a entender a educação escolar indígena.

Desse modo algumas características dessa etnia foram surgindo aos meus olhos, além do que observei e vivi em trabalho de campo no município e nas duas TIs. Como colabora Escobar (2004, p. 28) no trecho a seguir:

[...] vivem em contato permanente com os chamados “brancos”, desde que estes se fixaram em seu território. Em 1728 os Xakriabá receberam uma Carta de Doação de Januário Cardoso, o filho e herdeiro do bandeirante Matias Cardoso de Almeida, em troca de uma aliança contra os Kaiapó, que atacaram esporadicamente as fazendas de gado da região e, presumivelmente, também as aldeias Xacriabá. Até o início da século XX conviveram com os conflitos com a sociedade dominante, cujo objetivo era “limpar” os campos dos seus antigos ocupantes e instalar pastagens para o gado. Nesta época, camponeses pobres provenientes da Bahia ou de outras regiões de Minas Gerais eram acolhidos pelos índios e aí plantavam roças de subsistência”.

Já Almeida, Rita (2006, p. 10) apresenta as várias nomenclaturas em que podem ser reconhecidos os Xakriabá¹⁸ através da história.

De acordo com a listagem dos nomes dos povos indígenas no Brasil, organizada por Maria Elizabeth Brêa Monteiro e Maria Irene Brasil, há outras formas de grafia do nome da etnia: Chicriabá, Chikriabá, Sakriabá, Xacriabá, Xikriabá. Boletim do Museu do Índio, Ministério da Justiça/Fundação Nacional do Índio, n.8, 1998, p. 68.

Em 2010, ano em que encerro a escrita desta tese, completam 23 anos que os Xakriabá foram reconhecidos pelo Estado brasileiro como um povo indígena. Foi preciso um massacre na calada da noite para que se desse esse reconhecimento. É o que nos mostra Oliveira, Alessandro (2008, p. 11), quando relata o protagonismo indígena no cenário político municipal de São João das Missões, desde que ocorreu a emancipação de Itacarambi. Assim,

[...] a indianidade da população que reivindicava o reconhecimento étnico frente ao Estado brasileiro. De um processo de demarcação de terra que já perdurava por quase duas décadas, depois desta tragédia, em cinco meses, estava consagrado o reconhecimento étnico Xakriabá, através da homologação da Terra Indígena por Decreto Presidencial, com publicação no Diário Oficial da União em 14/07/1987.

E prossegue atestando a importância do trabalho de Paraíso,

O Laudo Antropológico: **A identidade étnica dos Xakriabá**, de Maria Hilda Paraíso (1987), serviu para avaliar a autenticidade da identidade indígena reivindicada pelo coletivo de famílias Xakriabá. No documento, a antropóloga demonstrou a distintividade cultural da população indígena frente à população regional através da descrição do universo simbólico e mítico do Toré”. (OLIVEIRA, Alessandro, 2008, p. 11)

Desta feita, o laudo antropológico foi construído sobre uma manifestação simbólica e mítica, se apóia nisso, mas não desconsidera que para esses indígenas (pode-se dizer que a todos os povos do Brasil) somente tem sentido se unido a terra, ao lugar em que viveram seus antepassados.

¹⁸ Existe uma "Convenção para a grafia dos nomes tribais" estabelecidas pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em 1953.

Para os povos indígenas, a terra é muito mais do que simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento. Não é apenas um recurso natural - e tão importante quanto este - é um recurso sócio-cultural" (RAMOS, [20--]).

A partir da análise dos termos da doação de Januário Cardoso de Almeida Brandão que a época tinha o atributo de “*deministrador do Indios da Missão do Snr S. João do Riaxo do Itacaramby*”, pode-se compreender a primeira tentativa oficial de incorporar de cima para baixo¹⁹ os Xakriabá, como já afirmamos antes, a doação de 1728, ou seja, quase trezentos anos:

[...] dei terra com sobra para não andarem para as fazenda alheia do Riaxo do Itacaramby asima até as caiceiras e vertentes e vertentes e descanso extremado na Cerra Geral para a parte do peruaçú extremado na Boa vista onde desagua para lá e para cá e por isso deilhe Terra com Ordi de nossa Magestade já assim não podem andarem pelas fazendas alheias incomodando os fazendeiros—missoes para morada o brejo para trabalharem Fora os gerais para suas cassada e meladas. Arraial de Morinhos, 10 de fevereiro de 728 digo 1728. Administrador Januário Cardoso de Almeida Brandão (Certidão Verbum-Adverbum – Uma doação – anexo 1). (OLIVEIRA, Alessandro, 2008, p. 136)

De fato esse documento e a ação que ele corrobora foi a criação das Missões do Norte de Minas, operação política territorial comum à época no Brasil, tal ato se baseava em que se agregasse todos os índios que viviam perambulando para que fossem doutrinados, fazendo-os trabalhar com a alegação de que não furtassem os grandes fazendeiros das redondezas. Ou seja, na realidade foram impedidos de andarem livremente para fora da Missão, história que perdurou até os anos 90 do século XX.

Paraíso (1987, p. 20) alega que a doação de terras feita aos índios por Januário Cardoso de Almeida provem de um acordo entre os criadores de gado e os Xakriabá, contra os índios Caiapó. Isso, no entanto, não descaracteriza o tratamento de subalternidade dos indígenas, uma vez que na década de 1930 (duzentos anos depois) foram proibidos definitivamente de

¹⁹ Esse termo *de cima para baixo* ou seu inverso será constante neste trabalho, tanto durante a pesquisa em TI como nesta tese, na frase de Florestan Fernandes que abre o segundo capítulo ou em citações de Milton Santos e Paulo Freire que se encontram no capítulo dois na parte referente às oficinas.

exercerem sua própria religião e ensinarem sua língua no advento das conseqüências que sofreram após a destruição do Curral de Varas.

Para consagrar este estudo sob a égide dos conceitos de territorialização e espacialização do povo Xakriabá na região Norte de Minas e mais especificamente o *lugar* Terra Indígena é preciso que considere o que nos sugere Martins (1991, p. 86) quem nos revela uma das características de pensamento e ação sobre o território brasileiro estimulada por boa parte da elite brasileira:

Na cabeça de um grande número de pessoas neste país, especialmente na cabeça de inúmeros tecnocratas, a Amazônia é um deserto a ser ocupado [...] Os próprios militares teriam desenvolvido uma ‘doutrina de ocupação dos espaços vazios’ para justificar medidas governamentais destinadas a promover a ocupação da Amazônia.

Apesar do exemplo tratar da Amazônia, sabe-se hoje que o Cerrado²⁰ também foi visto da mesma maneira. A geografia enquanto ciência e disciplina escolar estimulou essa doutrina ao apresentar em inúmeros livros didáticos o conceito de “vazio demográfico”. Esse conceito desconsidera o modo de vida das populações tradicionais da região. É um vazio para o Capital, para o entendimento de desenvolvimento e progresso que se instalou no Brasil. Ali, assim como na Amazônia, baseado em Martins (op. cit.) novamente, não ocorreu uma *nova* forma de ocupação do território, mas sim uma *outra* forma, a que vem de fora, sustentada na hegemonia de classe e pelo Estado Burguês. O que ocorreu de diferente nos planos e entendimentos entre a Amazônia e o Cerrado Norte Mineiro Franciscano, é de que nesse não houve um deslocamento populacional estimulado pelo Estado, mas sim grandes projetos de silvicultura de Eucalipto, que persistem até hoje, mas que agora possuem certificados do Conselho de Manejo Florestal (FSC), que viabiliza o manejo ecológico e responsabilidade social, questionado e denominado como Deserto Verde por várias Organizações Não-Governamentais

²⁰ Ao contrário dos outros domínios morfo-climático brasileiros: Mata Atlântica, Zona Costeira, Pantanal e Amazônia que está previsto desde a constituição de 1988 serem considerados Patrimônios Nacionais, o Cerrado ficou de fora. Existe, no entanto uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) tramitando há dez anos no Congresso para transformá-lo em patrimônio nacional. Os deputados da Frente Parlamentar da Agropecuária barram a proposta de ser votada.

(ONGs) que atuam na região (como o Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Cedefes) e o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM).

Geraizeiros, catingueiros, vazanteiros, além dos quilombolas e indígenas, no caso o povo Xakriabá, são os povos que formam o patrimônio sociocultural sertanejo do Norte de Minas Gerais, região do domínio morfo-climático do Cerrado em encontro com a Caatinga, ou seja, segundo Ab'Saber (1970), uma faixa de transição. Como já afirmamos na introdução, esses sujeitos socioterritoriais, cada um com sua característica própria lutam para acima de tudo territorializarem suas vidas, ancorados no tripé identidade-território-trabalho. Três itens que ativam as ações de conquista, ampliação e manutenção do território e da territorialidade.

O Trabalho no sentido que empregamos demonstra não somente o sentido produtivo *lato sensu*, mas sim a totalidade da relação sociedade/natureza e as transformações causadas a ela pelos ritmos sociais. Trabalho em saber e sabor, ou como expressa Porto-Gonçalves (2002b, p. 5): “Fala-se, agora, do direito de se comer de acordo com o gosto que caracteriza cada cultura e, assim, sabor (*saveur*) e saber (*savoir*) podem voltar a se encontrar.” Essa colocação vai de encontro ao que Martins (1991) nos aponta desde a década de 1970 sobre a oposição entre *terra de trabalho* e *terra de negócio*, e hoje os movimentos socioterritoriais de *luta pela/ na terra* intitulam de agri – cultura e agro - negócio. Esse mesmo autor chama a atenção de que mesmo que cada segmento desses sujeitos se articulem a partir de seu próprio regime de propriedade da terra (propriedade camponesa, comunitária e posse) resistem fortemente contra a lógica da expansão capitalista e conclama uma das questões importantes de nossa tese, que vai de encontro ao que apresenta-nos Porto-Gonçalves (2002b), ou seja, as “evidências de que o saber popular tem construído respostas, tanto no plano da ação quanto no plano da interpretação e do direito, à expansão capitalista da propriedade fundiária, a expropriação, a sujeição do trabalho familiar ao capital e as contradições crescentes produzidas pela expansão do capital (MARTINS, 1991, p. 56)”. Saber popular e conhecimento científico podem e devem fortalecer a luta pela e na terra, insurreição de saberes, que já acontece, como já expressei na dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2005.

Mas até que ponto? Qual o alcance dessa relação: Escola e saberes indígenas? O que se apresenta é um confronto dialógico entre matrizes de racionalidade que são muito distintas (PORTO-GONÇALVES, 2002b). Mas até que ponto os Xakriabá como cristãos assumidos²¹ encontram-se aptos a fazerem esse confronto, muito mais nítido em outras etnias brasileiras? O que já podemos perceber é que é preciso viabilizar a Terra Indígena, isso faz parte da estratégia política e de uma estratégia que é cultural²², mas também percebemos que existe uma estratégia de sobrevivência que está muito relacionada à lógica campesina, a de perceber e viver a terra com outras bases, a *terra de trabalho* já sugerida por Martins (1986), mas ao se perceberem enquanto povo, uma das estratégias é participarem das diversas redes socioterritoriais que se fazem presentes hodiernamente no Norte Mineiro. Trabalho e terra enquanto identidade se colocam como os atuais desafios sócio territoriais dessa etnia, a escolarização corrobora para discussão e resistência frente aos problemas. A Escola Xakriabá aponta saídas e prepara as novas gerações para fortalecerem-se perante esses e outros desafios que virão.

Mas muitos desafios são prementes, diários, e tanto a escolarização indígena Xakriabá, como as associações e o poder político no que tange as estratégias de conquistar/ ampliar/manter a terra fazem parte da mesma luta.

1.2 Questão Indígena e questão agrária: comparações e aproximações necessárias.

Iniciarei a seção deste capítulo com um trecho de uma poesia, que a meu ver, aponta caminhos de compreensão sobre as várias questões que permeiam as ações do povo Xakriabá e

²¹ O Cacique Geral, Domingos é batizado numa igreja pentecostal: isso origina uma certa oposição aos trabalhos e inserção do CIMI na área, uma vez que essa instituição é de base notadamente católica? Perante essa dúvida tomei como indicativo entrevistar o Cacique Domingos, que foi estudante no Proeja no IFET de Januária.

²² Mais uma vez é necessário reafirmar que Cultura é possível de ser ensinada e aprendida, recriada (e não resgatada). Para ser indígena no Brasil - diferente de outros países, como o Canadá, por exemplo, em que o reconhecimento é autenticado por questões sanguíneas - é preciso ser aceito pelo grupo e se auto declarar. Com essa discussão, quero trazer à tona a noção de que não se pode confundir Cultura com aspectos meramente biológicos e naturais.

dos camponeses. Opto, assim, por mesclar discussões gerais com questões vividas pelos sujeitos socioterritoriais do norte de Minas Gerais.

De tudo ficam três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto, devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro...

(SABINO, 1981, p. 154)

A partir das certezas e dos convites às ações sugeridas nesse poema de Sabino (op. cit.), é possível elaborar um paralelo com o que estudei e refleti durante o percurso do doutorado e até mesmo antes dele. Estudos, reflexões e ações sobre o processo da Reforma Agrária (RA) e sobre a conquista das *terras tradicionalmente ocupadas*, ou seja, de acesso ao quinhão do território brasileiro que a força do povo em movimento conquista e precisa manter enquanto aquisição. Movimentos que ocorrem em nosso país, que perpassam por formas que são reconhecidas enquanto assentamentos, reservas extrativistas, terras indígenas, terras dos remanescentes de quilombos, etc. Disponho assim de um vasto material teórico, estudado durante a disciplina do Professor Ariovaldo Umbelino e calcado num texto que escrevi e apresentei enquanto comunicação livre no Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA)²³. Disponho também da experiência vivenciada enquanto exercia o papel de *geógrafo - educador*²⁴ em Abelardo Luz – SC durante dez meses de 2005.

²³ Presidente Prudente- SP, Encontro Nacional de Geografia Agrária. Dezembro de 2005.

²⁴ Termo que adoto e que foi cunhado e sugerido por Genylton Odilon Rego da Rocha da Universidade Federal do Pará (UFPA) num texto de sua autoria na revista Terra Livre.

O desafio aqui nessa seção é intercalar a reflexão teórica sobre o tema da conquista do território, com as diferenças de entendimento sobre o problema agrário no Brasil e o acesso e manutenção de quinhões do território. Dialogar essas diferenças com o que temos pesquisado e vivenciado nas áreas de assentamentos que tivemos oportunidade de trabalhar e morar. Ao adentrarmos durante a pesquisa em Área Indígena, a comparação foi inevitável.

A - Sempre começando...

É possível pensarmos a Reforma Agrária enquanto um instrumento de transformação das relações do campo no Brasil? O povo tem direito à terra, ao trabalho e ao pão? É necessário, outrossim, atentar para as correntes teóricas que explicam o desenvolvimento da agricultura no campo, após apresentarmos uma visão das dificuldades políticas – sociais – econômicas do momento brasileiro, sob um olhar da luta de classes no campo (que também se faz nas cidades e porventura na mídia).

Vivemos nessa década, que ora se finda, uma época talvez com o maior grau de estranhamento que já pudemos sentir. Muitos jornais (impressos e televisivos), como diria Raul Seixas (1973), *dizem que a gente já era*. No decorrer desse período, vimos o Partido dos Trabalhadores envolvido numa crise descomunal, o Partido Socialista adotando “garotinhos”, os comunistas ora trocando de nomes (e assim também de intenções), ora aceitando ficar estacionado na lógica da sobrevivência e, por isso, ou se anulando, ou apenas se contentando com administrar entidades estudantis. Esvaem-se em meio a arranjos e desarranjos políticos (partidários) as possibilidades de transformação tão divulgadas nas gêneses dessas instituições, possibilidades transformativas que alimentaram ações e sonhos de várias gerações no decorrer do século recém findado. A discussão interna dos partidos é sobre qual postura deve assumir: ser e atuar como partido de massas ou partido de quadros. A direção nacional do MST adota a postura de que os movimentos de massa estão em refluxo, e com isso aposta em ações de fortalecimento da *produção* em detrimento das ações de *frente de massa*. Isso acaba por setorizar o próprio movimento, uma vez que um setor se fortalece em relação aos outros e

acabam assumindo o poder e as diretrizes das ações dentro do movimento. Em relação aos que assumiram os Governos em nosso país outra questão se impõe: desvanecer a crise moral implantada pela oposição, mas alicerçada em atitudes pouco claras de manejo com vultosas quantias de dinheiro. Surge uma questão: o sonho de construção de uma sociedade justa se vai ou já se foi? Entendo claramente que não se enterra a esperança ou o ativismo com manchetes de jornais e jogos de opiniões que se tornam públicas, para enfim se tornarem senso comum. O que podemos sentir de fato, fazendo apologia à canção cantada por Seixas (1973) é de que *a gente ainda nem começou*. Ou seja, a história não teve um fim como apregoou o norte-americano Francis Fukuyama, num artigo de 1989 intitulado "The end of history", na revista norte-americana "The national interest", posteriormente, em 1992, o mesmo autor lançou o livro *O fim da história e o último homem*. Tratou-se assim de uma emblemática tese "[...] de que o capitalismo e a democracia burguesa constituem o coroamento da história da humanidade, ou seja, de que a humanidade teria atingido, no final do século XX, o ponto culminante de sua evolução" (GOMES, 2002). Na última década do século passado, convivemos com as propostas econômicas e políticas do Neoliberalismo, a lista das dez recomendações do Consenso de Washington para os países pobres, somadas à ideologia imperialista da chamada "nova ordem mundial", que impuseram e conduziu novas idéias e ideologias aos corações e mentes da população em escala mundial. Lançando um breve olhar à América Latina, verificamos vitórias importantes de governos de esquerda em eleições para presidente. Na Bolívia, tendo a luta indígena incorporada, elegeram um líder camponês. No Chile, a vitória de uma mulher impediu que um mega empresário chegasse ao poder, mantendo os socialistas a frente do governo federal, o que porem no final dessa década recrudescer, um outro mega empresário venceu a eleição e faz uma retirada de mineiros de uma Mina virar um espetáculo de patriotismo e comoção nacional. Na Venezuela, Chaves reascende algumas esperanças com um combate interno e externo ao Imperialismo Norte Americano. Mas ainda se trata do que podemos chamar de "eleitoralcracia" o que ocorre nestes países? Todas as atenções voltadas para a eleição, que acaba sendo o "modus operandi" do fazer democrático enquanto atitude popularizada de participação. Todavia existe resistência a esse entendimento de "esquerda" e de querer mudar o mundo pela via eleitoral (e por isso há uma maneira de apostar em quadros, personalidades, pessoas que se destacam mais do que outras e por isso são eleitoráveis), no caso lembramos os Zapatistas no México com a "Outra

Campanha” que ocorreu em 2006. No Brasil também ganha força a Consulta Popular, além de manifestações que suscitam outras campanhas verificadas no Brasil, as marchas nacionais promovidas pelo próprio MST.

O recrudescimento das Massas, dos seus movimentos, tão comentado e alarmado por Stédile, acabou por gerar um movimento que se internalizou. Muitas das ações se basearam nos “anos Lula” em utilizar a melhor maneira possível dos aparatos do Estado. Os Xakriabá como já mencionei, apostaram em disputar eleições e elegeram maioria da Câmara Municipal e o Prefeito, e também consagrar as portas abertas do Estado, enquanto governo federal, para proporem e acionarem os vários projetos que contribuem para qualificar a vida do povo indígena Xakriabá. A mídia e a direita, como vimos nos últimos anos, de maneira contundente, tentaram provocar a “crise moral” para afetar a esquerda no poder, contudo, as elites brasileiras acabam por favorecer novas possibilidades de prevalecer o que poderíamos chamar de “Cultura do Movimento Popular”. Há também que se considerar o caso da Venezuela como um capítulo especial no que diz respeito ao que batizamos de “eleitoralcracia”. Esse termo que utilizo, se evidencia pelo enfraquecimento das forças populares e pelo impulso que se dá aos subterfúgios da mídia eletrônica e impressa como maneira de fazer política. Podemos entender que esse termo consiste na diminuição da importância dos núcleos de base (onde e quando eles existiram?) e ao mesmo tempo no aumento das poses e palavras de impacto para câmaras de fotografia e manchetes jornalísticas. A política se mediatizou, se transformando em espetáculo, corrobora com o que Milton Santos (2000) apresenta enquanto um dos aspectos da Globalização Perversa, o mundo enquanto fábula.

Além dos jornais dizerem que *a gente já era*, existem e atuam na sociedade brasileira, forças contrárias à organização popular, trata-se de ações orquestradas pela elite agrária – industrial – financeira, que sabemos regem essas manchetes e noticiários, mas também atuam em outras frentes: o legislativo e o judiciário, por exemplo. Os mesmos que coordenam a fábula, elaboram a perversidade. Verificamos isso com o resultado da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da terra, no qual o parecer elaborado pelo Deputado Abelardo Lupion (2005), ao classificar a ocupação de terras como ‘crime hediondo’ e ‘ato terrorista’, torna-se o primeiro documento oficial do Parlamento brasileiro que incorpora a ‘doutrina

Bush' de 'guerra contra o terror'. Quando recomenda, sem qualquer prova, o indiciamento do dirigente da Associação Nacional de Cooperação Agrícola (ANCA), Pedro Christofolli, do ex-dirigente José Trevisol e do Presidente da Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB) Francisco Dalchiavon, entidades que atuam em parceria com o MST, o relatório revela sua verdadeira face: é, em si mesmo, um manifesto do ódio dos ruralistas aos trabalhadores sem terra". (SOUZA, 2005).

Vivemos uma época em que precisamos da mesma ação de resistência literária e artística que os Beatniks deram contra a doutrina de medo e de "caça às bruxas" do Macarthismo, criada para combater os comunistas (e entendidos e acusados como comunistas, muitas vezes sem sê-los) na década de 40 e 50 do século passado nos EUA. Mas naquele país já ressurgiram alguns Beatniks, Michel Moore é um deles, roteirista e diretor cinematográfico que ganhou mais notoriedade após ganhar um Oscar da Academia de Cinema Norte Americana com um documentário que trata da questão armamentista e da política dos conservadores em seu país. Aqui enquanto ficarmos presos a questões meramente eleitoreiras a política do medo estará se impondo. Em breve poderemos amargar a posição dentro da sociedade e do senso comum de que a RA já não será mais necessária como alguns intelectuais ligados ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) já suscitam em obras acadêmicas e reportagens, inclusive eletrônicas. Hoje em dia também ganham eficácia os blogs, as *redes sociais* e as várias ações na rede internacional, conhecida como internet, para criar e rebater opiniões da mídia impressa e hegemônica.

O deputado Lupion, empresário e agropecuarista, filiado ao partido Democratas na seção do Paraná, representa a visão do Agronegócio que ganha força dentro da sociedade brasileira por intermédio de números economicamente agradáveis e de uma intensa propaganda midiática. Travam-se, assim várias querelas ideológicas dentro da sociedade brasileira e mundial; no caso da questão agrária em nosso país, temos essa que já apresentei no início deste capítulo, que entendo como uma disputa hodierna: *Agronegócio versus Agricultura camponesa*.

Só para termos um exemplo de como os envolvidos com os negócios enaltecem a si próprios, verificamos num portal da rede “internet”, que divulga o conceito e a idéia de Agronegócio, ao acionarmos um link com a pergunta “ o que é? ” , obtemos o seguinte enunciado²⁵:

O agronegócio brasileiro é responsável por cerca de 1/3 do produto interno bruto do Brasil, empregando 38% da mão de obra e sendo responsável por 36% das nossas importações. É o setor mais importante da nossa economia. Com a globalização de mercados, o sucesso de uma empresa, principalmente no agronegócio, depende cada vez mais da inter-relação entre fornecedores, produtores de matéria prima, processadores e distribuidores. A divisão tradicional entre indústria, serviço e agricultura é inadequada. O conceito de agronegócio representa portanto, o enfoque moderno que considera todas as empresas que produzem, processam, e distribuem produtos agropecuários. (PORTAL DO AGRONEGÓCIO, [20--])

O mais interessante é como a palavra “moderna”, sempre é usada para sobrepor outro “moderno”, ou seja, trata-se tão somente de mais uma armadilha ideológica que usufrui de técnicas convencionais (e por isso “modernas” no que tange a modernidade bicentenária) de marketing e propaganda. Ocupando (ou invadindo?) espaços em corações e mentes, uma vez que não propõe questionamentos, mas sempre a mesma *ladainha*: somos os melhores e os demais (ou restos) são resquícios que tendem a se extinguir.

Saindo dessa atitude agropecuarista dos que se opõem à RA, foi no curso do professor Ariovaldo Umbelino que tomei conhecimento das divergências teóricas e dos autores que a defendem. Verificar como essas divergências teóricas se transformam em ações de políticas públicas concernentes a RA é importante para que entendamos as relações entre teoria, sua gênese e seu papel social, principalmente no que tange a ser subsidio para políticas públicas. O que Oliveira (1986, p. 23) aponta como “[...] *correntes teóricas sobre o desenvolvimento do Capitalismo e suas influências na Agricultura.*” é o que apresentamos a seguir.

²⁵ <http://www.portaldoagronegocio.com.br/index.php?p=oquee>

As Correntes teóricas sobre o desenvolvimento do Capitalismo e suas influências na Agricultura podem ser divididas em três grandes eixos teórico-metodológicos que destacamos pela maneira como conceituam as pessoas que habitam e trabalham no campo brasileiro. Assim, temos os que abordam a questão agrária (e não somente dentro da Geografia Brasileira, mas em outras ciências: economia, sociologia, etc.) tratando seus envolvidos como camponeses e campesinato, outros empregam o conceito de agricultor familiar para os sujeitos do campo, e um terceiro grupo que os prefere como trabalhadores rurais ou agricultores. Não se trata tão somente de capricho e vaidade acadêmica, mas sim divergências que demonstram substancialmente tanto as fontes onde foram construídos as explicações e os caminhos teóricos, bem como os entendimentos sobre a Agricultura que sempre acabam sugerindo as políticas públicas de RA e da relação da produção alimentícia (segurança e soberania alimentar) em nosso país.

Temos diferentes visões sobre a Reforma Agrária no Brasil. Quem apresenta essa premissa em seus estudos é Alentejano (1996, p. 34). A primeira visão trata o assunto como uma política social compensatória, na qual a modernização resolveu os problemas agrícolas do Brasil, porém o caráter conservador da modernização, como a concentração fundiária e da renda, o subemprego e as conseqüências do êxodo marcam essa política. Um dos autores ligados a essa visão é Graziano da Silva, ex-ministro do governo Lula, que gerenciou o Programa Fome Zero. Esse foi um dos autores apresentados nos seminários das aulas neste semestre, que apresenta um conceito instigante de Complexos Agro-industriais. No cerne de suas colocações está a subordinação da agricultura a Indústria. Para esse autor, um agrônomo, a tese do fim do campesinato (apoiada pelos Leninistas das décadas de 1950 e 1960) está incorporada.

Uma segunda visão entende e sugere políticas a partir de práticas distributivas que criticam o modelo baseado nas grandes unidades patronais. Com isso quer-se o retorno do crescimento econômico e garantir segurança alimentar, sem a utilização do conceito de camponês e sim de agricultura familiar, tratando a Reforma agrária como uma política governamental, numa tentativa de democratizar o capitalismo brasileiro, e de criar uma

sociedade articulada. Seu principal expoente é o economista Ricardo Abramovay. O livro debatido em sala de aula desse autor foi *Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão* (1994) e mais um texto da obra *A questão Agrária Hoje* organizada por Stédile (1994).

Já uma terceira visão trata a Reforma Agrária como política voltada para a transformação do modelo de desenvolvimento vigente, questionando a fundo a Modernização da Sociedade Brasileira, que é tratada como ecologicamente insustentável, socialmente perversa e economicamente cara. Dentro dessa linha é preciso construir um novo modelo, o que para alguns autores (ALENTEJANO, 1996; STÉDILE, 1994; 2003) é a construção de uma sociedade socialista.

Portanto, se temos diferentes visões dos intelectuais envolvidos com o problema agrário em nosso país, com toda certeza esses senhores e senhoras acabarão por ativá-las via debate público e políticas públicas. O atual Plano Nacional do Governo Lula no tocante a Reforma Agrária encontra ressonância forte na segunda visão.

Fora essas três visões, na década de 90 do século passado tivemos a implementação no Brasil da chamada Reforma Agrária de Mercado, financiada pelo Banco Mundial, e aqui denominada no Governo FHC de Banco da Terra e/ou Cédula da Terra. É o que Oliveira, Alexandra (2005) chama em seu doutorado, recém defendido, de Contra-Reforma Agrária. Podemos verificar a visão do Governo *tucano* e dos intelectuais ligados ao PSDB através da entrevista²⁶ de Xico Graziano ao portal *O Fazendeiro*. Neste trecho de entrevista, Graziano (2004) expõe o motivo de apontar que a RA é um modelo inaplicável, no que autenticam a tese de implantar uma distribuição de terra a alguns poucos pobres, que se insiram ao mercado. Vejamos:

Portal: O senhor, como ex-presidente do INCRA, acredita no modelo de reforma agrária com distribuição de terras?

Graziano: O modelo baseado na distribuição de terras está completamente exaurido. Não há como avaliar a reforma agrária em diferentes governos porque, basicamente, o modelo adotado é o mesmo, que foi gestado nos anos 60, ou seja, não é mais aplicável aos dias de hoje. Na época, o Estatuto da

²⁶ Entrevista concedida em 20/08/2004, verificar em <http://www.xicograziano.com.br/Entrevista%202.htm>

Terra chegou para dar legitimidade jurídica a esse tipo de idéia: você desapropria latifúndios e divide. Hoje não há meios de ter tal controle.

Portal: Comparando a gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e o atual governo, nota-se alguma diferença em relação às reivindicações ligadas ao tema reforma agrária?

Graziano: Hoje, reclama-se que não acontece nada, que a reforma agrária não anda. Na época do Fernando Henrique, reclamavam dos números, faziam batalha política. Hoje, o governo não só não faz o que o governo anterior fez, como não apresenta opções, um modelo diferente. Então nós ficamos no pior dos mundos, porque o governo está paralisado, sem saber o que fazer. Aquilo que eles achavam que deveria ser feito eles já perceberam que não dá certo. O processo é muito tumultuado, oneroso, e o Incra não consegue achar mais terra para desapropriar. E o Incra não consegue encontrar terras para desapropriação porque, felizmente, as terras são produtivas e estão produzindo. Tirando algumas regiões do Pará e Amazônia, onde, claro, esse pessoal diz que não quer ir.

Trata-se, portanto de um defensor do Agronegócio, que termina esse trecho afirmando que não existe mais terra improdutiva no país. Em suas palavras, fica evidente que o agronegócio precisa necessariamente ser popularizado. Trata-se, portanto de um intelectual a serviço das elites, as mesmas que segundo Ribeiro, A. (2000) ganham com esses processos de contra-reforma agrária na América Latina, pois acumulam e concentram terras e as riquezas nos diversos países que compõem essa parte do continente.

Por outro lado Stédile (2003, p. 5) , um dos coordenadores nacionais do MST, declara em entrevista sua posição sobre a RA:

Evidentemente que hoje a reforma agrária que sonhamos não é mais a Clássica Capitalista [...]. Hoje, o desenvolvimento das forças produtivas na agricultura e na sociedade e o modelo agrícola que foi adotado exigem o que chamamos de reforma agrária de novo tipo [...] em que não é mais suficiente apenas dividir a terra, lotear em parcelas e botar o pobre em cima e que se vire. Cinquenta anos atrás, ele se viraria, mas hoje não consegue mais.

Nesse momento, pergunto: qual a viabilidade da Reforma Agrária? E, sendo mais específico e considerando essa política pública num quadro de luta de classes: Qual a viabilidade para o povo e para a elite? O que escrevi acima e os trechos das entrevistas que apresentei anteriormente revelam algumas respostas em relação a esses questionamentos. Faz-se necessário o porém: só é possível entender e implementar uma RA seja em qual visão for

considerando o processo de internacionalização da economia brasileira, ou seja, entendendo e considerando a lógica do desenvolvimento capitalista que ocorre na agricultura e afeta todos os outros setores da economia. A Dívida Externa exerce pressão sobre a produção agrícola brasileira, trata-se de um círculo vicioso que precisa ser considerado. Defender uma Reforma Agrária para alterar esse modelo implica pensar e planejar dentro dos moldes de soberania alimentar. Passos novos foram dados no fim do segundo mandato do atual governo federal, na intenção de fortalecer a soberania alimentar com a possibilidade de auferir renda. No período em que morei no município de Missões, realizando o trabalho de campo, participei de um Seminário sobre segurança e soberania alimentar, coordenado pela Fundação Nacional do Índio (Funasa) e pela secretaria municipal de agricultura, para entre vários assuntos em pauta, um deles foi o de propiciar uma discussão para relacionar produção agrícola local com merenda escolar, dentro dos aspectos do Programa Nacional de Alimentação Escolar e do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar. Os indígenas por intermédio das associações acessam os créditos agrícolas, tem inserção no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), mas segundo o técnico da Empresa Mineira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), 95 por cento dos que adquirem a alínea B é para produção bovina, a outra pequena parte vai para produção de alimento e de artesanato²⁷.

Outro aspecto importante a ser relevado é a mudança da estrutura fundiária, que todos sabemos é extremamente concentrada no Brasil. Poucas famílias detêm grandes quantidades de terra, enquanto uma Argentina (a quantidade de população desse país) possui um quarto aproximadamente das terras. Segundo dados do IBGE, organizados por Paladim Jr. e Mitidiero Jr. (2003), 25% do total de terras está com 6,5 milhões de estabelecimentos, enquanto 500 mil estabelecimentos ficam com 300 milhões de hectares (e no Brasil temos 400 milhões de hectares de terras agricultáveis). Esses dados sim precisam ser popularizados, trata-se de uma das mazelas da sociedade brasileira: a injustiça social territorializada.

²⁷ *O Projeto Etnodesenvolvimento e metodologias participativas nas comunidades Xakriabá* desenvolve atividades de revitalização da cerâmica desse povo, financiado pelo Pronaf e coordenado pela Professora Ana Gomes da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), conta com a participação do laboratório de materiais cerâmicos da Universidade Federal de São João de-Rei (UFSJ).

Qualquer governo popular tem por obrigação corrigir essa injustiça, o Governo do presidente Lula esteve sintonizado com essa preocupação? Segundo o pesquisador Juliano de Carvalho Filho (2006)²⁸ num artigo intitulado "A reforma agrária no governo Lula não altera a estrutura fundiária", e como o próprio título já revela, não está corrigindo, ou seja, os números divulgados não estão de acordo com a realidade e não representam um efetivo processo de Reforma Agrária. Após fazer considerações sobre as controvérsias dos números desde o fim do governo Figueiredo, passando por Sarney e depois pela Coligação PFL/PSDB (hoje em dia DEM/PSDB), sempre declarando que estava em curso a maior RA do mundo, o autor do artigo afirma que o governo Lula fracassou na reforma agrária. Ou seja, tanto na década de 1980 como na época da Megalomania *tucana* os números passam por processos de manipulação. O Governo Lula pode ter demonstrado fracassos em alguns aspectos da RA, porem apresentou um diferencial na questão da criminalização dos Movimentos do Campo (O Governo FHC empata com o de Collor nesse quesito) e também ressuscitou a Assistência Técnica (agora é Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES)) aos assentados, além de ter instalado um processo de discussão e criação do II Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA)²⁹ (mais tímido em suas metas e desconsiderando o PNRA que foi fruto da discussão dos movimentos sociais do campo). Segundo o autor, este Plano “significou o abandono da pretensão de instalar um processo de alteração da absurda estrutura agrária brasileira”. A nova frustração nasce do atual governo usar o mesmo expediente dos governos anteriores, ou seja, propagar que esse é “o melhor desempenho da reforma agrária em toda a nossa história”. Apresenta, no artigo, dados que apontam que “das 127,5 mil famílias consideradas assentadas em 2005, apenas 45,7% o foram em áreas de reforma agrária. O restante 54,3% refere-se a assentamentos ou reordenação de assentamentos em terras públicas. Os dados também mostram que grande parte dos assentamentos ocorre em áreas de fronteira agrícola, seguindo o

²⁸ Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP), que trabalhou na elaboração do Plano Nacional de Reforma Agrária e integra a Associação Brasileira da Reforma Agrária (ABRA). Este artigo foi divulgado no Boletim de janeiro de 06 da página do MST na Internet, o MST Informa que é uma publicação quinzenal do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, enviada por correio eletrônico. O artigo originalmente publicado em 20 de janeiro de 2006, no jornal O Globo.

²⁹ O Governo nesse II PRNA considera a reforma agrária como mais do que um compromisso e um programa do governo federal. “Ela é uma necessidade urgente e tem um potencial transformador da sociedade brasileira. Gera emprego e renda, garante a segurança alimentar e abre uma nova trilha para a democracia e para o desenvolvimento com justiça social. A reforma agrária é estratégica para um projeto de nação moderno e soberano”. (INCRA, 2003, p. 15)

comportamento de governos anteriores. O geógrafo Fernandes, B. Mançano, da Unesp, com as informações do Banco de Dados de Luta pela Terra, prova que nos três anos do governo Lula apenas 25% das famílias foram assentadas em terras desapropriadas”. Assim, sem atingir o monopólio do latifúndio, o governo Lula seguiu autenticando a *segunda visão* apresentada por Alentejano (1996) da qual já tratei anteriormente. Ou seja, o Governo Lula seguiu suas próprias orientações de RA, uma política compensatória, que se preocupou mais com números e propaganda para satisfazer a todos, seguindo seu lema, ainda que na maioria das vezes atenda mais ao latifúndio e ao agronegócio.

Isso fica evidente quando divulga que a Reforma agrária que implementa supera a meta em 10% e atinge recorde de assentamentos. Segundo dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) alcançaram um recorde histórico com o assentamento de 127.506 famílias, em 2005 - 10% da meta definida para o ano passado. O próprio Ministro Rossetto, afirma que o esforço do governo é pela construção de um novo modelo de reforma agrária no Brasil. "Nós superamos a meta de 2005 e, durante os três primeiros anos do governo Lula, asseguramos que 245 mil famílias tivessem acesso à terra e a um conjunto de ações que garantem melhor qualidade de vida aos assentados" (ROSSETO, 2006 apud SILVA, 2006). Fica evidente que a política do Governo não é combater o latifúndio, ou seja, não vêem possibilidade de alterar e transformar pela R.A., mas sim melhorar a qualidade de vida nos assentamentos já existentes com infra-estrutura (estradas, assistência, eletricidade, aumento do quadro de funcionários do Incra, etc.). O Governo se defendeu em seus oito anos das acusações de maquiagem dos números na declaração de Hackbart e Rosseto (2003, p. 5), presidente do Incra nos idos do meio da década:

Não há maquiagem nos números, o que existe é um conceito diferente do que é família assentada. Para nós, somente aquele cidadão que passa a ter direito à terra e a ações de infra-estrutura e crédito é considerado assentado.

Ou seja, em vez de manipular números, o governo parte para criação de novos conceitos. Mas não esqueçamos as palavras apresentadas no II PRNA, trata-se de metas que

uma vez alcançadas podem tirar a crítica sobre manipulação e propagandismo. Um trecho do referido documento atesta que:

[...] suas metas representam a realização do maior plano de reforma agrária da história do Brasil. Até o final de 2006 serão 400 mil novas famílias assentadas; 130 mil famílias terão acesso a terra por meio do crédito fundiário e outras 500 mil adquirirão estabilidade na terra com a regularização fundiária. São mais de 1 milhão de famílias beneficiadas e mais de 2 milhões de novos postos de trabalho gerados. (BRASIL, 2004, p. 5)

Será mais um processo megalomaniaco acontecendo?

De fato o que se evidencia é que o governo federal nos oito anos de Governo Lula, apenas atende em partes a própria visão que defende e incorpora de RA, dentro de aspectos compensatórios atende tão somente algumas das mazelas da modernidade para com os pobres do campo (e da cidade), segundo o que aponta o Ministro Rosseto (2004, p. 5) no texto de apresentação do PNRA: “Prevê ações para que estes homens e mulheres possam produzir, gerar renda e ter acesso aos demais direitos fundamentais, como Saúde e Educação, Energia e Saneamento”. Não ataca a outra face das mazelas, a concentração fundiária e apenas mascara a concentração de renda. A Contra-Reforma Agrária nasce justamente de ações que visam fortificar o agronegócio, ora anulando (não possibilitando participação), ora tentando incriminar via construção midiática de opinião pública os camponeses, sejam em quais das organizações que estejam. O Papel do Estado Brasileiro nesse sentido é tímido diante da força das ações da elite.

Mas a luta por RA não ocorre só na perspectiva Estado e distribuição de terras, ocorre internamente também dentro dos assentamentos, muitos problemas ainda persistiam no decorrer dos anos de 1990, como podemos constatar na citação a seguir:

Detendo-nos um pouco mais sobre as áreas de assentamentos em estudo. Lá encontramos camponeses vivendo em condições precárias, em geral em casa de taipa ou palha, ou ainda agrupados nas antigas instalações da fazenda. Enquanto isso aguardam o parcelamento das terras. São poucos os casos daqueles que já estão instalados em casas de alvenaria, organizados em agrovilas ou não. Em geral não possuem saneamento básico e a água que

consomem é proveniente de cacimbas, barreiros ou, quando mais organizados, de açudes ou poços, todas elas, porem, sem o devido tratamento. Mais de 60% desses camponeses, em alguns casos mais de 70 % deles, não sabe ler nem escrever e, entre eles, poucos sabem sequer assinar o nome. Usufruindo de poucos recursos e de uma experiência acumulada do tempo em que eram cativos [...] com poucas e rudimentares ferramentas de trabalho [...] temos a política adotada pelo Estado Neoliberal no que diz respeito às áreas de assentamentos rurais, que inicia oferecendo alguns parques recursos e uma assistência técnica insatisfatória para, em seguida, exigir-lhes que caminhem por conta própria. O resultado não poderia ser outro que não a reprodução da miséria a que estavam nos tempos de cativo, não raro em escala cada vez maior. [...] Privados de condições dignas de sobrevivência, os filhos sem terras dos camponeses assentados são empurrados para as cidades, onde a situação é ainda pior, sobretudo naquelas de maior porte. Sem a qualificação necessária para enfrentar a competição do mercado de trabalho [...] esse exercito de sem nada se vê mais uma vez provado de reproduzir-se com dignidade [...] (MARCOS, 1998, p. 234).

Essa referência foi extraída de um texto que surgiu das ponderações da autora a partir de uma pesquisa interdisciplinar intitulada “*Qualidade de vida nos assentamentos rurais paraibanos*” (1998) num convênio entre a Universidade Federal da Paraíba, o Incra/PB e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) daquele estado. Outras pesquisas, porém, confirmam que essa é uma realidade de diversos assentamentos espalhados pelo Brasil. Fica evidente que após as famílias camponesas serem assentadas a luta pela terra não acaba. Podemos afirmar que a luta “pela” terra muda de característica e passa a ser vivida como luta “na” terra. Mas essa luta que se apresenta como interna também não pode ficar na lógica do cada um por si, o cooperativismo apresenta-se como alternativa e, além disso, a necessidade de políticas de Estado (e não apenas governamentais) para fortalecer o campo brasileiro como produtor de alimentos e reprodução da vida dos sujeitos socioterritoriais que lá vivem.

Evidente que os programas de distribuição de renda atrelados à participação de jovens e crianças nas escolas, os programas que fornecem energia elétrica aos rincões, atrelar compra de produtos da agricultura camponesa a alimentação escolar e aumentar em até quatro vezes o orçamento do Pronaf proporcionaram isso nos Anos Lula, indicam mudanças na realidade apresentada na pesquisa da Pesquisadora Valéria da década de 90 do século passado. Mesmo

dentro das TIs, ainda existem a olhos nu, um diferencial entre aldeias. Essa é uma realidade que tende a mudar a partir desses programas e do *empoderamento*³⁰ do povo.

Mas em se tratando dos indígenas, e mais precisamente dos Xakriabá, quais as políticas públicas foram gestadas e acionadas no território?

É anterior, pois se trata de uma relação que vem se constituindo através dos tempos. Almeida, N. (2008) ao estudar em sua tese o norte de Minas sob a perspectiva da conservação do Cerrado aponta que se a modernidade não parte do que é comunitário e nem se apóia nas características de quem vive assim, ela pouco representará a vida ali existente, e isto por sua vez evidenciará conflitos. O modo como se entendeu o Norte de Minas, que gerou no uso do território por uma vastidão de plantações de Eucalipto³¹ não deixam de atacar diretamente os Xakriabá, pois alteraram de maneira substancial toda a região, o Prefeito José Nunes em entrevista confirma isso ao constatar a quanto tempo o riacho próximo a sua casa é perene. No entanto muitos deles de fato souberam dessas conseqüências apenas no Proeja indígena com os educadores do curso. Aprenderam e comentaram durante as oficinas que ministrei a eles. Uma árvore de eucalipto tem um consumo diário de água, quando adulta de aproximadamente 70 litros, e mais de mil arvores, apenas numa fazenda. Estamos tratando de uma monocultura e de várias fazendas, portanto de centenas de milhares de árvores. Ao ministrar as oficinas expliquei o que era monocultura? Eles desconheciam essa palavra, não fazia parte do vocabulário deles. Perguntei aos estudantes do Proeja se eles sabiam que isso os atingia. Fizeram caras de espanto e permaneceram em silêncio. Modernidade é assim uma concepção para a sociedade, ou seja, ela é em si o “de baixo para cima”. Monocultura é reprodução do

³⁰ Utilizo o conceito de empoderamento numa perspectiva emancipatória e assim o entendo próximo da noção de autonomia. Para *Horochovski e Meirelles (2007) empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido, equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas.* Apesar de ser um conceito comumente relacionado ao cabedal de uma tendência pós moderna de construção do conhecimento, este conceito pode ser entendido como processual na construção da resistência dos Xakriabá e dos camponeses organizados. O texto que nos baseamos para adotar o conceito trata-o dentro dessa perspectiva problematizando como categoria analítica e empírica.

³¹ Vide os destaques quadriculados (como se fossem manchas vermelhas) no mapa de Januária – página 164

“de baixo para cima”, é de fato um dos expoentes dessa relação, ou seja, a concretude da modernidade.

B – Precisamos continuar...

Diante desse quadro apresentado anteriormente posso entender e indagar o papel da resistência camponesa, indígena e dos povos da floresta no Brasil e dos povos tradicionais no norte de Minas Gerais, enfim dos que estabelecem lutas socioterritoriais que não sejam no lócus urbano. Para alguns autores, a verdadeira reforma agrária é realizada pelo processo de luta pela terra, com ocupações e possibilidades concretas de viabilidade de manter os assentamentos enquanto lugar de vida. Nesse aspecto, o PNRA e as ações governamentais possibilitam espaço para esse diálogo, e desta forma, para essas construções. Desta maneira, fui contratado como Geógrafo - Educador para a ATES³² no município de Abelardo Luz – SC, com a função de coordenar as ações referentes à Formação de educadores/as das Escolas dos Assentamentos, com as famílias e com educadores/as organizar a reorientação curricular, elaborar projetos e processos de autonomia das escolas, difundir educação do campo e as Diretrizes Operacionais³³. No segundo semestre, eu estava organizando coletivamente a Mostra de Saberes³⁴ (trata-se de ação devolutiva da escola para com a comunidade). Em maio o envolvimento ocorreu nas comemorações e preparativos da festa de 20 Anos. Para coletivizar preocupações e soluções estimulamos rodadas com as famílias assentadas. Trata-se de uma região que possuem 23 assentamentos e 1500 famílias assentadas. O público estudantil das quatro escolas de assentamentos da região é de aproximadamente 2000 crianças e jovens.

³² ATES - Serviço de Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária efetuado por prestadoras (cooperativas, fundações) cadastradas ao INCRA para atuarem junto às áreas de Assentamentos da Reforma Agrária.

³³ Diretrizes Operacionais de educação do campo é um documento importante que traz ponderações e encaminhamentos retirados de várias conferências e que foram aprovadas na Câmara de Educação Básica do Ministério da Educação. Podem ser lidas na página do Ministério na Internet.

³⁴ Conhecida por muitas escolas como *feira de ciência*, mas alterada de nome aqui por uma postura de considerarmos o nome feira um tanto quanto mercadológico.

Essa vivência e atuação de dez meses naquela região me revelaram que os movimentos socioterritoriais (tivemos contato com três deles: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e Movimento das Mulheres Camponesas (MMC)) demonstra que a luta por terra não é só local, mas nacional. Seja em que setor que lancem suas preocupações, a reforma agrária não se limita somente a adquirir um lote para viver dignamente. Um exemplo que aflora nesse sentido é que ao exigirem e administrarem as suas próprias escolas (e aqui elas não deixam de serem Estaduais ou Municipais) essa escala tem que estar presente. Portanto o nacional e o local em relacionamento e enquanto preocupação entra como uma questão tática na conquista e manutenção das escolas do campo. Somente um desses movimentos, o MST, conta com 1.500 escolas públicas, as escolas de assentamento³⁵. Considerar a relação intrínseca entre campesinato e liberdade; e que quando realizamos pesquisas que envolvam sujeitos camponeses, é necessário trabalhar com essa questão, possibilita que um entendimento sobre a luta por escolas autônomas nas áreas de assentamento.

Ao falar em liberdade, gosto de lembrar de José Martí quando apontava que o mundo tem dois campos: os que aborrecem a liberdade, porque só a querem para si; e um outro campo dos que amam a liberdade e a querem para todos. Um dos fatores, na questão de se libertarem, diz respeito ao preconceito e estereótipo de ser caipira, atrasado. O mesmo que apontamos na introdução sobre a visão extremamente depreciativa e estereotipada lançada sobre os indígenas por parte significativa da sociedade brasileira. Para essas pessoas, diante do preconceito que os governos assumem, restam escolas públicas como fotocópias mal feitas das escolas da cidade. Nas cidades circunvizinhas de São João das Missões os fazendeiros da região de Manga, Itacarambi, Januária e Montalvânia desde muito tempo espalham a frase “quando um índio Xakriabá sorrir para você, está na hora de começar a chorar”, disseminam assim entre a população não indígena o preconceito contra o povo Xakriabá. Enquanto morei na região trabalhando enquanto docente universitário em 2006 e 2007 e depois voltando mais dez meses para morar em Missões de agosto de 2009 a maio de 2010, presenciei vários comentários rotuladores que exacerbam esse preconceito: preguiçosos, aproveitadores, brigões, violentos.

³⁵ Uma visita à página do MST na Internet possibilita termos acesso a essa estatística escolar: <http://www.mst.org.br/>

Ou ainda comentários acerca da TI, lugar onde moram, lá tem incidência alta de leishmaniose, *indo lá você pegará*, ou ainda o já conhecido dizer: *lá tem onça*.

Desta maneira, conquistar cidadania, ativa e conjuminada com resgate de identidade seja camponesa ou indígena, vai além de luta por terra e renda, porém precisa delas. Para os camponeses passa necessariamente por luta por *escolas do campo*, administradas e trabalhadas pelo conjunto de sujeitos socioterritoriais específicos dentro da realidade brasileira, os camponeses. O que significa o mesmo caminho aos indígenas, guardando as devidas proporções. Ambos precisam a seu modo provar para a sociedade do entorno que fazem avanços em seu viver e no lugar onde convivem, seja por meio da produção, da escolarização e da *sustentabilidade* ambiental. Um dos lemas adotados durante a Revolução Cubana serve para refletirmos sobre esses avanços construídos por esses sujeitos socioterritoriais, qual seja: *Pátria Livre. Venceremos*. Conquistar esses direitos, resgatar essa identidade, serem sujeitos de suas histórias, manter a terra conquistada, exigir políticas públicas emancipatórias em vez de políticas públicas compensatórias (que simplesmente compensem as mazelas provocadas pelo projeto de modernização das elites para a sociedade brasileira) impulsiona o *venceremos*. Convém lembrar que a palavra: *venceremos*, está no plural, lembra a coletividade e o coletivismo inerente à prática de luta e a vida camponesa e principalmente a indígena, e porque não humana. Ao criticarmos os que apontam o individualismo como uma característica natural do ser humano, podemos ventilar que o que existe de mais social nas relações humanas é justamente o seu aspecto social.

No processo pela luta por uma Educação Indígena é importante pensar em um movimento que desafie a cultura hegemônica vigente e que se proponha a realizar mudanças de valores. Ainda sobre o caráter coletivo que o “venceremos” apresenta cabe recorrer ao encontro que realizaram em novembro de 2009. Como exemplo de que esse aspecto coletivo além de ser uma característica inerente aos indígenas é assumida pelos mesmos sobre uma nova égide, uma organização que agora também é nacional e também Globalizada, pois os indígenas brasileiros têm assento nas reuniões internacionais sobre Povos Tradicionais. Temos duas lutas sendo realizadas no Brasil? Os vários movimentos socioterritoriais camponeses do Brasil (MMC, MPA, MAB, MST, etc.), do continente latino americano e de outros

camponeses se unem para enfrentarem e proporem nessa escala mundo. A luta por escolas remete ao “venceremos” enquanto aspecto coletivo da luta que travam esses sujeitos e também religa o sentido de *pátria para que e pátria para quem*, interrogações que uma vez respondida enquanto provenientes da questão indígena e camponesa, despontam mais uma vez a questão da liberdade.

A luta por escolas, nas palavras desses sujeitos rompe cercas do latifúndio e da ignorância, pois querem uma Reforma Agrária também na educação. Quanto aos Indígenas, a Escola trava um diálogo entre a tradição e o que vem de fora (que não é indígena). Nesses dois casos percebo a dialogicidade e a constituição da busca e fortalecimento de identidades. Nestas preocupações, interagem na escala local (ao quererem escolas do assentamento e da terra indígena) como também na escala nacional, o movimento “Por uma Educação do Campo” (que desde 2002 alcançaram as Diretrizes Operacionais junto ao MEC) e também o movimento nacional por Educação Escolar Indígena, que realizou a conferência³⁶ nacional que foi precedida por conferências locais, regionais e estaduais, e hoje dialoga com uma proposta governamental dos Territórios Educacionais Indígenas. Um dos assentados entrevistados quando realizamos a pesquisa que resultou em nossa dissertação de mestrado pela USP, ao citar sobre a luta pela escola no assentamento em que mora, nos relatou o seguinte:

Nós fizemo, lutamo por isso ai e tudo deu certo, né? Aonde que nos temo essa escola hoje até o segundo grau, né? Não foi com brincadeira que nós conseguimos assegura ela. Porque teve muito ataque do próprio município, da autoridade do município tentano acaba com a escola, tentano fecha, que num aceitava nossa proposta, da educação que nós tinha, que nós queria aquilo que era a vontade de nossos filho que falava de nossa história e a, e as criança aprende, não sabe a velocidade dum avião, mas sabe a aquilo que era para... que ia fazê bem para eles mais tarde, sabê se defendê de certas exploração, de esse sistema que nós temo, e [...] (ASSENTADO apud PALADIM JR., 2005, p. 10)]

³⁶ Um dos aspectos interessantes do Governo Lula, principalmente no segundo mandato é que foram possibilitadas mais de 70 Conferências nacionais em distintos setores e com os mais diversos sujeitos sociais, essa política amplia a participação popular.

Recentemente uma das principais lideranças indígenas, seu X³⁷, me apresentou uma declaração sobre a importância da escola da aldeia:

Não é tudo que se vê lá escola que deve ser usado aqui dentro. Tem que aprender as duas partes, a de lá e a daqui. Tem coisa daqui que não pode ser distribuída lá e tem coisa de lá não pode ser distribuída aqui. É uma forma de segurar seus costumes e tradição, a gente sabe que se abrir à mão de tudo perde um pouco a ciência que tem. A gente orienta os professores, mas alguns têm dificuldade. (informação oral)

Uma lição que aprendi nessas falas, nessas vozes, é de que a luta por terra e o direito por escola, que também tem que surgir pelo caminho da luta direta, é de extrema complexidade. Percebe-se que se trata também de uma discussão ampla sobre o currículo. Um embate entre ciência e saberes, entre o novo e o velho, questões que perpassam pelo papel que os educadores e educadoras precisam assumir perante o projeto que é autenticar a construção do que a luta por território possibilita. Ao mesmo tempo em que é um embate é uma possibilidade dialógica de construção da escola que almejam, que está sendo construída. Essa conquista institucional é possível no diálogo com a atual governabilidade que se instala em nosso país?

C - Do sonho, uma ponte: o protagonismo indígena e a Campesinia, cidadania camponesa.

Tolstoi uma vez apontou que se queremos ser universais devemos começar a pintar nossa aldeia, e de certa maneira é isso que fazem os assentados e o que almejam os educadores indígenas. Os assentados propõem que seus filhos e netos participem da luta pelo resgate identitário camponês sobre a égide da conquista de direitos. Campesinia assim é a cidadania camponesa forjada na luta por terra de trabalho, não essa cidadania doada para fins eleitorais. Terra, trabalho e a adoção de uma luta contínua por uma Reforma Agrária

³⁷ No capítulo dois, na parte referente à fala dos colaboradores, explicamos por que alguns deles não foram identificados com seus verdadeiros nomes.

transformadora, uma política pública que emancipe corações e mentes montam esse cabedal de entendimentos e possibilidades. A cidadania do campo é algo que diz respeito aos moradores e aos que vivenciam cotidianamente o campo brasileiro. A campesinia, portanto trata de resgate de identidade e forjamento da mesma. Identidade que a luta pela terra possibilita, cabe a nós que discutimos o papel do ensino de geografia dialogar com esses sujeitos a fim de trazer um debate sobre o envolvimento do saber sistematizado pelos cânones científicos na escola do campo. Propor melhoras, refletirmos sobre o mesmo. Provocar para que a geograficidade inerente a luta por terra de trabalho e *terra de identidade* possa germinar também o saber escolar tanto na escala da disciplina geográfica, quanto das transformações cada vez mais necessárias ao currículo.

O capitalismo no campo, ou seja, o que denominamos *Questão Agrária*, é um problema também teórico, envolve os tramites da análise intelectual sobre o que se dá na realidade, primeiro na Europa e depois nos demais continentes, a disciplina a que esse texto faz juz apresenta o debate dessas correntes explicativas. Uma delas, a teoria da diferenciação, calcada em Lênin, aponta que, ao adentrar no Campo, o Capitalismo iria provocar o fim do camponês, assalariando alguns e enriquecendo outros. Mas não foi o que aconteceu na história camponesa do século XX, o que fez com que Shanin (1993) a eles se dirigisse como a classe incômoda. Esse autor é de outra corrente teórica, que nega o fim do campesinato, pois com a entrada do capitalismo no campo possibilita um caráter de desenvolvimento desigual e contraditório, o sistema reproduz várias relações camponesas, esses por sua vez resistem, se organizam, lutam por terra.

Sobre o capitalismo no campo, lembro-me do que Oliveira, Ariovaldo apresentou em sala e nos seus textos a partir de uma postura que explica as ações desse sistema no campo de maneira contraditória e combinada. No Brasil, em se tratando de *campesinidade*, convivem o tradicional e o Moderno. Dois conceitos desenvolvidos pelo professor Oliveira, Ariovaldo (2001b) explicitam o papel do Capitalismo no campo brasileiro: *Territorialização do Monopólio e Monopolização do Território*. O primeiro diz respeito às grandes empresas que possuem diretamente uma grande propriedade e ali produzem sua matéria prima, como por exemplo, a produção de cana de açúcar. Os vastos Canaviais nas mãos de um único grupo ou

dono. No segundo caso, estão os camponeses plantadores de fumo do Sul do país. Lá, as grandes empresas fumageiras (cigarros e similares) não lidam diretamente com a terra. Quem faz isso são os pequenos agricultores que recebem uma infraestrutura por parte dessas empresas. A maioria dessas grandes empresas é dos países mais ricos. No livro *A Questão Agrária*, lançado em 1899, Kaustsky demonstra essa relação e esse papel sendo comandado por parte de uma grande empresa Suíça, beneficiadora de leite, que fabrica leite em pó. Essa não possui terras e nem as vacas. O leite é produzido pelas famílias camponesas européias. Podemos afirmar que desde então já acontecia a *Monopolização do Território*. No norte de Minas a *territorialização do monopólio* ocorreu a partir das grandes plantações de eucalipto para atender aos fornos das indústrias siderúrgicas do triângulo mineiro. Quanto à monopolização do território, podemos considerar que a criação de gado diz respeito a isso, mas por uma empresa que é fluida, trata-se de um empreendimento que dura 300 anos, que diz respeito aos valores que provem da perspectiva da colonização. São aproximadamente 15.000 cabeças de gado nas duas TIs, segundo a Emater, o que dá em média quase duas por morador. No meu entendimento é assim que busco entender esses dois conceitos no território indígena Xakriabá.

Como apontei anteriormente ao tratarmos sobre os indígenas e os camponeses, os valores culturais que o Capitalismo apregoa e impõe são de extrema importância para que os mesmos se reproduzam enquanto sujeitos sociais. O Campesinato, segundo vários intelectuais, possui um ideal utópico: ter um pedaço de terra seu, onde ninguém controla seu trabalho. Já os indígenas e, no caso mais específico, os Xakriabá precisam da terra para se manter enquanto povo, ou seja, o que intitula de *terra de identidade*.

A essa altura podemos questionar: quem são os Camponeses? O que podemos perceber em seus valores que os define enquanto tais? Podemos propor para as ações camponesas no Brasil, esse conceito de Campesinato? Podemos no caso dos Xakriabá perceber esses valores ali estabelecidos? Esse ideal utópico é o que os iguala enquanto categoria de análise, mas temos outros valores que os diferencia enquanto sujeitos em nossa sociedade. Para efeito de comparação com o principal valor apregoadado pelo sistema capitalista, podemos contrapor o que envolve a produção do trabalho do camponês, uma relação de intenção e da motivação em

trabalhar e produzir mercadorias: assim temos os camponeses com o M-D-M, ou seja, parte do que produzem vendem, essa parte é mercadoria (M), adentrando ao mercado obtém dinheiro (D), que usam para comprar mercadorias (M) que não possam produzir e que almejam (M). Já a relação de produção capitalista faz um outro caminho, dotada de outra intencionalidade, é o D – M – D`, no qual o capital, com uma quantidade de dinheiro (D) oportuniza a fabricação de mercadorias (M) para assim ao vender obter mais dinheiro, uma quantia maior que a inicial (D`, o chamado “de linha”).

Em nosso país os camponeses podem ser denominados como camponeses proprietários, os camponeses-parceiros, os camponeses-rendeiros e os camponeses-posseiros. Para entender essas diferentes denominações entre os camponeses no Brasil, é necessário recorrer a Oliveira, Ariovaldo (1991, p. 63) que nos aponta que é devido ao acesso à propriedade ou à posse é que ela ocorre. Outra característica que institui esses sujeitos diz respeito a sua estrutura interna de organização sócio-cultural. Na maioria das vezes esses camponeses residem próximos uns dos outros. Formam assim uma comunidade ou um bairro rural, que se caracteriza pelos seguintes aspectos: *Relação íntima com a terra*, ou seja, o pleno conhecimento dos ciclos da natureza e das técnicas de produção, e o reconhecimento dessa terra como o lugar da morada, da produção de alimentos, da reprodução social e da herança da família; pela prática da *ajuda mútua*; pelo *trabalho acessório* (migrações temporárias); pelas *relações de parentesco, compadrio e vizinhanças travadas na comunidade*, ou seja, são familiares espalhados na mesma comunidade, são as relações de amizade geradas na vizinhança e são as relações que ultrapassam a condição amizade e vizinhança, tornando-os compadres; pelo *direito costumeiro*, no qual as relações sociais e econômicas estão baseadas na confiança da palavra e na prática do respeito mútuo entre as pessoas da comunidade, como por exemplo, a negociação da venda ou compra de produtos entre parentes, compadres e vizinhos não é registrada na lei, mas sim na confiança na palavra entre os negociadores; pelas suas *manifestações culturais*, geralmente com um forte conteúdo religioso (vários festejos: festas juninas, festa do Divino, e os momentos que se envolvem com as cavalhadas, bumba-meu-boi); pela sua extrema capacidade de mobilização política contra as ações dos grandes proprietários rurais ou dos governos que os prejudicam.

As relações capitalistas, à medida que avançaram no campo brasileiro, expulsaram famílias que iam para os centros urbanos (cidades pequenas e médias, próximas também para as capitais dos Estados), mas também criaram a possibilidade de que os camponeses fossem se em busca de outras terras para poderem trabalhar, como fizeram os posseiros. O capitalismo dessa forma cria e recria os camponeses, possibilita dessa maneira uma das características das relações sociais de produção do capital que é hegemônico no mundo de hoje. Possui um caráter de desenvolvimento desigual e contraditório. O capitalismo usufrui como dos indígenas Xakriabá? Usufrui? Seria no papel da prefeitura? Eles também tiveram que sair e ainda saem?

Se hoje notarmos como camponeses e indígenas territorializam-se pelo país, temos que recorrer ao passado para entender essas diferenças. Perceberemos o quanto o camponês é desenraizado de lugares. Martins (1986) nos chama a atenção para essa característica, quando nos diz que a história dos camponeses posseiros é de perambulação, já a história dos camponeses proprietários é feita através de migrações. Assim, a mobilidade social é um elemento importante para entendermos a territorialização e espacialização dos camponeses. Os Imigrantes europeus, asiáticos e os negros, que foram forçados a vir da África, assim como os migrantes (projetos de colonização, posseiros), fazem o caldo de relações que substanciam o entendimento de campesinato no Brasil de hoje. Sobre essa diferença, aponte anteriormente nesse texto³⁸ ao tratar do desempenho dos Governos da Ditadura Militar na tentativa de homogeneizar social, cultural e politicamente qualquer diferença dentro da sociedade brasileira, incluindo nessa intenção os indígenas, camponeses e operários. Reafirmo que os indígenas possibilitam uma justaposição favorável a entendermos sobre fatores étnicos do que os camponeses, devido a uma gama de limites em se compreenderem pelo viés cultural, pois estes últimos, ainda precisam vencer visões economicistas dentro de sua própria organização. Após lermos Martins (1991), temos claro que no final da década de 70 do século passado, os indígenas possuíam uma articulação maior do que os camponeses, visto que esses dois sujeitos sociais vivenciavam a Expropriação e a violência, reforçada pela Ditadura Militar, ou seja, os dois resistiam, porém os indígenas já possuíam uma articulação que unia os povos a época. O

³⁸ Na página 31 (vide rodapé) deste trabalho, abordamos dois textos em que Martins (1991) trata da questão das terras indígenas.

autor, no entanto demonstra claramente que ambos possuem posturas anticapitalistas. Isso possibilita que os aproximemos nessas linhas em se tratando do norte de Minas Gerais, se bem sabemos que em outros estados essas frentes e unidades de luta acontecem também. Cabe, no entanto uns parênteses para citarmos que no Norte de Minas, os Xakriabá começam a entrar na rede CAA NM, uma das posturas de resistência mais importantes dessa região, apenas recentemente. O que nos leva a certificar que a luta dos camponeses e dos indígenas ocorreu de maneira bastante separada nas décadas seguintes a ditadura militar.

Para tratarmos de Reforma Agrária devemos considerar os seguintes conceitos: Territorialização e Espacialização dos movimentos socioterritoriais. Trata-se de conceitos caros para quem quer entender geograficamente o campo. Para um entendimento facilitado recorro aos estudos e pesquisas realizadas junto ao Movimento por Fernandes, (1996, p. 136), que nos aponta que:

O MST, esse sujeito coletivo, se espacializa pela sua prática, por meio da reprodução das suas experiências de luta [...] Espacializar é registrar no espaço social um processo de luta. É o multidimensionamento do espaço de socialização política. É escrever no espaço por intermédio das ações concretas como manifestações, ocupações [...]

Considera também como territorialização:

[...] o processo de conquista da terra. Cada assentamento conquistado é uma fração do território que passa a ser trabalhado pelos Sem Terra. O assentamento é um território dos Sem Terra [...] Se cada assentamento é uma fração do território conquistado, a esse conjunto de conquistas, chamamos de territorialização (FERNANDES, 1998b, p. 33).

Os movimentos camponeses sempre tiveram como lema: “Dividir e distribuir a terra para quem nela trabalha” almejam esse objetivo em suas reivindicações junto aos Governos do Brasil. Várias revoluções agiram contra a concentração fundiária: a Revolução Francesa de 1789, a Revolução Russa de 1917. Vários países tanto da América Latina, como da Ásia, fizeram revoluções que modificaram radicalmente a estrutura fundiária: o México em 1920, a

Bolívia em 1953, a China em 1949, Cuba em 1959. Destes países ainda estão livres do retorno de um processo de concentração de propriedades, a China e Cuba. O mais recente processo de Reforma Agrária está acontecendo na Venezuela.

A França e os Estados Unidos da América têm (e tiveram) processos diferenciados de Reforma Agrária. Nesses países esse processo foi decretado por iniciativa das elites governamentais através de acordo com os camponeses. Não houve processos bruscos de mudança, isso não quer dizer que todo ele ocorreu anterior aos decretos de maneira absolutamente pacífica. Nos EUA ocorreu uma distribuição das terras do meio-oeste e da costa Oeste, e na França houve a opção pelas pequenas propriedades. Desde então, os governos desses países subsidiam a produção agrícola dos camponeses.

Para entendermos os processos de luta por terra em nosso país cabe lembrar dois conceitos muito importantes: terra de trabalho e terra de exploração. Começaram a ser usados a partir do documento *A igreja e os problemas da terra* elaborado na 18ª Assembléia da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros, em 1980, que mudou a interpretação da questão agrária brasileira. Assim, temos a terra de exploração (podemos relacionar com agro - negócio) que é a terra de que o capital se apropria para crescer continuamente, para gerar sempre novos e crescentes lucros. Por sua vez a terra de trabalho (podemos associar com agricultura) está diretamente relacionada com a propriedade familiar, tribal, comunitária e da posse. Formas que são alternativas à propriedade capitalista. Esse documento expressa a idéia de trabalho comunitário e faz uma opção radical pelos pobres da América Latina. Há 20 anos atrás, com as conseqüências causadas pela revolução verde, essa foi uma alternativa para resgate da cidadania dos camponeses.

Um pequeno artigo escrito pelo filósofo Paulo Henrique Costa Mattos (2002, p. 11), intitulado “O meio Rural e o século XXI”, apresenta questões que remetem ao que já apresentei anteriormente e acrescenta a preocupação com mais dois conceitos: desenvolvimento e progresso. Desvendá-los e perceber sua origem histórica, bem como seu uso ideológico facilitam uma mudança de postura em relação às explicações e entendimento do campo e da sociedade brasileira como um todo. O processo de urbanização é questionado

como um fenômeno global, apresentando - o como um fenômeno ligado a um tipo de desenvolvimento econômico. Acrescenta que nos países periféricos, e principalmente nos da América Latina são necessários programas específicos voltados ao que entendemos como meio rural. Sobre a população mundial cabe dizer que 2.8 bilhões de pessoas moram no campo. Distinguir o crescimento econômico de desenvolvimento é outro convite feito pelo autor nesse artigo. Ao pensarmos o Brasil, devemos levar em conta o papel de sufoco causado pela Dívida Externa. Essa deve estar sempre permeando qualquer entendimento que possa aventar sobre nosso país.

Os questionamentos que fazemos após essas colocações são as seguintes: qual o papel dos movimentos socioterritoriais para uma Reforma Agrária que traga desenvolvimento para o Brasil? Quando falam em Reforma Agrária todos os sujeitos com ela envolvidos pensam e a querem do mesmo modo? Na primeira parte levei em conta esse debate via PNRA, movimentos e as posições dos políticos ligados ao PSDB.

Quando trato da resistência camponesa, a luta por terra de trabalho temos que ter claro que o Brasil conta com mais de 40 movimentos ligados a essas preocupações. Existe uma mundialização dessa luta através da chamada Via Campesina, que é a união dos movimentos camponeses do mundo todo, mas principalmente da América Latina, Ásia e África. Os camponeses franceses também contribuem de maneira importante nessa organização.

Sobre o MST, cabe dizer que ele luta por terra através de ocupações. Existem então dois momentos da luta por terra de trabalho: a ocupação da propriedade que não cumpre a sua função social, os ativistas do movimento montam um acampamento de barracos de lona preta (depende o Estado e das condições climáticas da região, mudam o material para fazer os barracos). Após conseguirem a terra (em alguns casos podem ficar acampados até nove anos), constituem um assentamento. Nestes dois momentos trata-se da espacialização e territorialização do movimento socioterritorial. A grande maioria dos quarenta movimentos atua dessa mesma forma. O MST está organizado e atua em 22 Estados (menos no Acre, Amazonas, Roraima e Amapá). Possui uma base social que é composta de aproximadamente

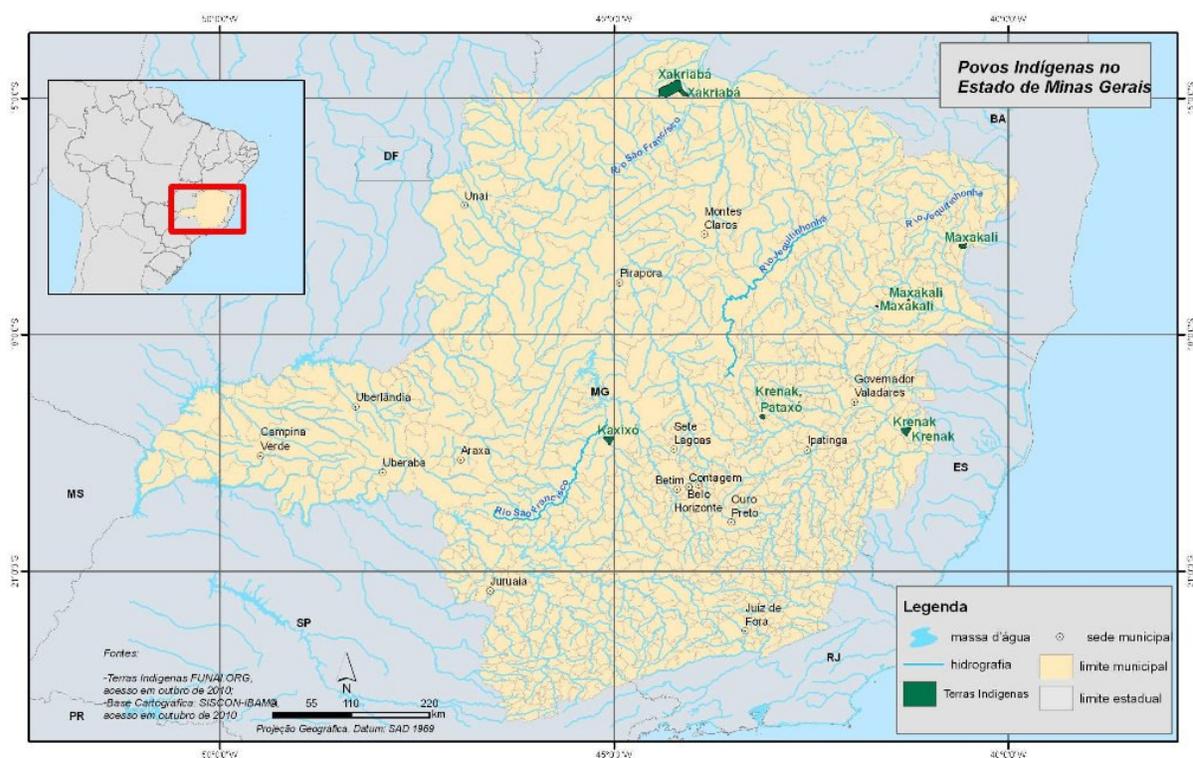
1,5 milhão de pessoas, com 350 mil famílias assentadas e 100 mil acampadas. Muitos dos educadores presentes na oficina não sabiam a diferença entre acampamento e assentamento. O dia-a-dia da cidade encobre o que acontece no campo.

Em termos de escolas nos assentamentos, os números são surpreendentes: 1.500 escolas públicas nos assentamentos e 180 mil educadores e educadoras envolvidas. Uma canção de Zé Pinto nos diz que *tem que estar fora de moda criança fora da escola* e conclama os objetivos dos Sem Terra no tocante à escolaridade das novas gerações: *ter uma escola em cada canto do país, com um novo jeito de educar para ser feliz*. O Projeto Terra instrumentalizado por um CD, com canções de Chico Buarque, um Livro de fotografias, de Sebastião Salgado, com textos de José Saramago. O projeto também encaminhou uma exposição que percorreu o Brasil todo e os países europeus, o que fez aumentar a aceitação do MST. Uma parte do dinheiro arrecadado com as vendas foi doada por Salgado para compra do terreno em Guararema, onde brigadas de acampados e assentados, ativistas do MST construíram a Escola Nacional Florestan Fernandes.

Uma carta do MST, intitulada *Compromissos com a terra e com a vida*, deixa evidente que muitos acontecimentos estão sendo negligenciados pelas informações divulgadas pelos meios de comunicação de massa. Nós educadores temos que buscar mais informações sobre essas questões polêmicas que o nosso país possui. Um dos exemplos de desinformação sobre a construção do campesinato no Brasil foram as guerras camponesas. O exército brasileiro enviou grande contingente de soldados para acabar com as iniciativas dos camponeses: Canudos e Contestado. Hoje em dia uma guerra também acontece, porém é silenciada pelas mídias, a ação dos latifundiários e suas associações no que tange à violência (e assassinatos) no campo. O caso mais conhecido foi a morte de Chico Mendes, assassinado por membros da União Democrática Ruralista (UDR), em 1988. Ainda podemos lembrar Padre Josimo e tantos outros e outras lutadoras do povo camponês. O dia Internacional da Luta pela Terra é para relembrar com pesar e luta o massacre de Eldorado do Carajás no Pará, onde 22 camponeses foram mortos pela polícia militar daquele Estado. Nessa batalha entre capital e trabalho não podemos esquecer de Guariba - SP em 1984: uma greve dos cortadores de cana do Estado de São Paulo, que trouxe novos elementos para a análise do campo brasileiro.

D - Fazer da Interrupção, qualquer que seja ela, um caminho novo...

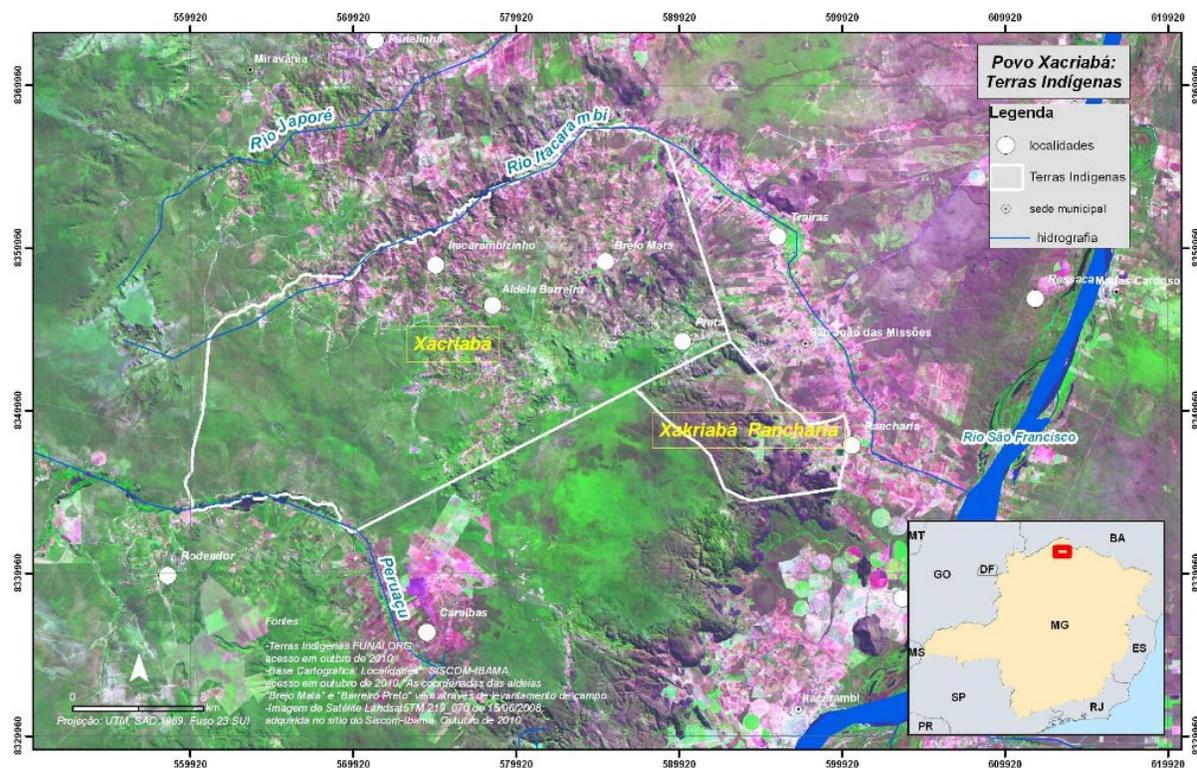
Fica evidente a importância de pensarmos e discutirmos outros espaços, geralmente os que não nos chegam com tanta facilidade, os espaços da Reforma Agrária, para melhorar a situação da vida do povo em nosso país, e de entendermos e considerarmos a questão agrária como uma das preocupações do ensino-aprendizagem de Geografia para as crianças e jovens do Brasil. Enquanto Geógrafos - educadores, temos que assumir um compromisso social. Esse só é possível se entendermos e questionarmos os discursos em torno do tema relacionado ao Brasil camponês e das populações tradicionais. Retomo a palestra final da *I Semana de Geografia da USP* (2003), na qual o geógrafo Aziz Ab'Saber apresentou um convite para estudarmos e ensinarmos Geografia do (e no) Brasil propondo que temos que levar em conta algumas situações emblemáticas: nosso país é imenso, isso obriga a considerarmos a diversidade comprometida com os Trópicos; quanto ao nível econômico (somos ainda a 8ª economia do mundo?) visto que somos extremamente desiguais no que tange à sociabilidade nacional, temos um nível alto de injustiça social, somos ainda um dos países mais injusto em distribuição de renda; vivemos em meio a uma cultura multiétnica e temos que relevar o nosso Sincretismo: estamos em fazimento (Ab'Saber, em 18 de outubro de 2003). Como afirmei em nossa introdução, retomo aqui essa palavra sugerida pelo professor Aziz, pois cabe levar em conta os gestos e dizeres que vem do campo, dos camponeses organizados e dos indígenas organizados no caso dessa tese, que no norte de Minas Gerais se unem em busca de um Brasil melhor. Esse é o convite e a contribuição que as vivências *aulísticas e pesquisantes* proporcionaram e proporcionam. Esse talvez seja o caminho novo...



Mapa 2: Povos Indígenas no Estado de Minas Gerais

Autor: Rafael Fernando Honório

Data: 2010



Mapa 3: Povo Xacriabá: Terras Indígenas

Autor: Rafael Fernando Honório

Data: 2010



“A escola tem que ser local, como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural, como ponto de chegada”.

Paulo Freire

2 Teórico metodológico, sobre a pesquisa: etnografia da Etnogeografia

"Temos o direito a sermos iguais quando a diferença nos inferioriza.
Temos o direito a sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza."
(SANTOS, B., 2003, p. 458)

Para me referir e explicitar sobre percalços e possibilidades da pesquisa e das idas a campo, essas frases de Santos, B. (op. cit.), apresentadas assim, de maneira solta, revelam a extrema profundidade abordada pelo autor, que nos faz pensar sobre questões que surgem com este trabalho de pesquisa. Elas servem para pensarmos as possibilidades das situações vivenciadas e percebidas com os indígenas que despontaram durante o processo de pesquisa de campo. Escola, Saúde, Território, Igualdade, Diferença, Identidade, enfim, viver com qualidade social, são algumas das ações que se vistas pelo campo do direito, propagam a luta que ocorre hoje no Norte de Minas Gerais e em todo o Brasil. Não são exclusividades dos Xakriabá, nem dos geraizeiros, quilombolas, vazanteiros. Todos possuem o direito de buscar seus direitos. Um outro "outro" é possível. Na luta por acionar as palavras acima, se territorializam, espacializam, crescem enquanto se fazem humanos e moldam territórios. Esse processo e vivenciar essas relações por sua vez são o que impulsionaram nossas ações pesquisadoras.

Mas como captar nesse movimento, ou nesses movimentos, os objetivos que elegemos? Eis a questão metodológica. Em se tratando dos caminhos escolhidos, a metodologia propriamente dita, o primeiro passo foi o da aproximação. Podemos afirmar que essa foi uma das questões mais importantes do aspecto metodológico. Como adquirir a confiança desses sujeitos socioterritoriais? Por mais que no momento de compor o projeto definamos esses aspectos, coroados por meio de numa teia de procedimentos que possibilitem o diálogo entre a interioridade e a exterioridade das questões dos índios Xakriabá, é certo que enfrentamos

alguns obstáculos. Essa etnografia encontrou os seguintes percalços, que definimos em dois aspectos:

- a questão da confiança propriamente dita, haja vista que não é possível adentrar as TIs sem a permissão dos próprios sujeitos socioterritoriais, os indígenas³⁹.
- a surpresa em descobrir uma vivência socioterritorial muito diferenciada, o que gerou um aspecto de precaução. Foi preciso aprender *antes e junto* para dedicarmos a alguns caros aspectos metodológicos que pretendíamos realizar com eles.

Diante disso, tomei um caminho que foi mais longo, demandando mais tempo, que perpassou por dez incursões nas duas Terras Indígenas. Dez incursões que tiveram caráter diferenciado em suas intenções de obter dados para análise referentes ao trabalho. Pelo contato e pela aproximação com pesquisadores da região que estudam essa etnia, consegui realizar três *oficinas de audiovisual* com lideranças Xakriabá no primeiro PROEJA⁴⁰ Indígena do Brasil.

Sobre as incursões para as TIs⁴¹, convém apresentá-las na ordem em que ocorreram cronologicamente. A primeira excursão à área ocorreu numa atividade referente ao *II*

³⁹ Alguns pesquisadores em algumas Terras Indígenas só entram com autorização da Funai. Esse órgão, recentemente, restringiu o acesso de não índios, especificamente repórteres e integrantes de igrejas em 38 aldeias da etnia Guarani e Kaiowá que abrigam mais de 40 mil índios, na região sul de Mato Grosso do Sul. Só será permitida a entrada com autorização expedida pelo órgão após apresentação de carta de intenções e documentos. Já nos Xakriabá essa situação aconteceu algumas vezes por motivo de assassinatos de Xakriabá em época de disputa eleitoral.

⁴⁰ Trabalhei no Proeja Indígena como voluntário na primeira fase em 2007 e 2008 (trabalhei com as oficinas de audiovisual) e depois voltei para ministrar aulas de geografia em abril e junho de 2009, quando já estavam quase próximo ao fim do curso. O curso demorou mais que o esperado, pois a cada incidente em TI ou que acontecia com os indígenas: haviam paralisações, principalmente por luto devido a mortes em acidentes ou por motivos de assassinato.

⁴¹ Cabe aqui uma lembrança de que nesta pesquisa visitei duas Terras Indígenas. As terras Xakriabá localizam-se no município de São João das Missões, no norte de Minas Gerais. A mais visitada, na qual fica a sede principal, em que mora o Cacique Geral e onde está a escola Bukimujú (uma das maiores) se localiza na primeira terra indígena homologada, a Terra Indígena Xakriabá (homologada em 1987 com a extensão de 46.415 hectares) é lá que a maioria das reuniões e congraçamentos ocorrem. Optamos por adotar o termo institucionalmente e

*Encontro Norte Mineiro da Agrobiodiversidade*⁴², posteriormente realizamos dois trabalhos de campo com turmas da faculdade em que atuávamos como geógrafo-educador, no entremeio a esses trabalhos, fomos ao local para participar da Romaria da Terra e a celebração promovida pelos indígenas e CIMI sobre os 20 anos da morte de Rosalino Gomes de Oliveira⁴³. Um outro momento que lá estivemos foi acompanhando um trabalho de campo do curso de história do Centro de Educação Integrada do Vale do São Francisco (Ceiva), e numa outra oportunidade a uma Audiência promovida junto a Assembléia Legislativa de Minas Gerais, com alguns deputados falando *in loco* aos indígenas. Em Dezembro de 2007 fui para participar da primeira formatura do ensino médio, as primeiras turmas das duas escolas dessa modalidade que eles possuem nas TIs. Enquanto morei na região em 2006 (o primeiro contato) até voltar a São Paulo em dezembro de 2007 estive na TI Xakriabá por sete vezes. Após a mudança iria a região para fazer trabalho de campo propriamente dito.

Ao especificarmos sobre essas três possibilidades de contato (incursões a TI e aldeias, contato e aproximação com pesquisadores que estudam os indígenas e as oficinas de audiovisual no Proeja), que até aquele momento tiveram um caráter diagnóstico, cabe especificarmos algumas pretensões de cunho metodológico que foram realizadas no ano de 2008. A primeira delas foi prosseguir com as oficinas de audiovisual do Proeja e também realizar algumas visitas de campo no segundo semestre. Por ser um ano eleitoral em que os embates se acirraram na região, ocorrendo um assassinato em praça pública e a permissão de entrada nas duas Terras Indígenas apenas de moradores, esse plano de visitação teve que ficar

governamentalmente reconhecido, Terra Indígena, e não Área ou Reserva Indígena, muito embora muitos deles ou da população externa e não índia se utilize desses termos.

⁴² O II Encontro Norte Mineiro da Agrobiodiversidade foi coordenado pela Cáritas Diocesana e promovido em conjunto por associações populares ligadas as várias organizações comunitárias do norte de Minas Gerais. Ocorreu na primeira semana de setembro de 2006 em Januária – MG. Já o III Encontro Norte Mineiro da Agrobiodiversidade aconteceu com a mesma participação popular em Riacho dos Machados de 18 à 20 de outubro de 2007. Em 2010 acontecerá a sexta versão.

⁴³ Rosalino, vice-cacique que foi morto por volta das duas da madrugada em sua casa por um grupo de grileiros comandados por Francisco de Assis Amaro em 12 de fevereiro de 1987. O assassinato ocorreu na aldeia sapé, a TI não havia sido homologada, estava em litígio. Naquela noite três indígenas foram assassinados. José Nunes, filho de Rosalino, nesta noite tinha dez anos e teve duas pistolas apontadas para sua cabeça para arrastar seu pai para fora da casa. Alguns meses depois a TI foi homologada. Os assassinos foram condenados e enquadrados numa lei de 1952 sobre pena de genocídio.

para o ano posterior. Em dezembro desse ano encontrei com uma comitiva dos Xakriabá no SESC Pompéia, participamos da entrega do *II Prêmio Culturas Indígenas promovido pelo Ministério da Cultura*.

Já em 2009 consegui ter um contato com as aldeias, realizaremos entrevistas orais, suprimindo com as análises de documentos escritos como forma de inquirir a influência das ações dos não-índios (Ministério, formadores, Secretarias). Para adentrarmos ao campo do Etnoconhecimento, só é possível estudar os conhecimentos inerentes a esse povo se levarmos em conta a vida no que ela possui de mais corriqueiro, aqui expresso no intuito de autenticar a importância da pesquisa participante, a força da observação-participante, ativa. A partir de agosto de 2009, fui morar em São João das Missões, para realizar uma visita mais demorada com cunho de pesquisa, uma vez que sentimos que a confiança foi estabelecida. Pude ficar na Terra Indígena por mais tempo, fazendo diversas incursões internas as aldeias. As oficinas, que a seguir discorreremos, foram realizadas em novembro do mesmo ano junto aos educadores em uma das aldeias.

No mestrado, desenvolvi um capítulo de considerações sobre os aspectos metodológicos e segundo colocações da banca de avaliação, contribuem bastante para o ato de pesquisar cientificamente com sujeitos socioterritoriais. Assim as ações “*observar, entrevistar, participar*” lá apresentadas persistem nessa pesquisa também, porém cientes de que aqui ganham aspectos particulares devido a ser um trabalho que envolve sujeitos socioterritoriais específicos, uma especificidade que abrange os usos territoriais a partir de uma ênfase aos aspectos da etnicidade.

Como abarco que indígenas e camponeses organizados no Brasil, realizam um *fazimento* que demonstra uma resistência contra o Capital e que essas lutas assumem nesses nossos tempos características que apontam por *outra globalização*, recorro a Vendramini (2002) que ao tecer comentários sobre documento final do Seminário “Pesquisa e Movimentos Populares” realizado pela Fundação para o Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep-UFMG) em 1993, elucida uma questão importante para a atuação:

A pesquisa que interessa às classes populares, a seus Movimentos e organizações é aquela que produz conhecimento científico sobre a realidade na perspectiva de revolucioná-la. Tem rigor e objetividade, sem deixar de tomar posição; é uma posição que tem recorte de classe. Ou seja, a intencionalidade desta pesquisa se volta à construção da hegemonia do projeto social popular. E, por isso mesmo, seu objeto de estudo privilegiado são os problemas e desafios enfrentados pelas classes populares. (p. 232)

Essa colocação da Professora Célia, a qual é bastante reveladora, me faz pensar sobre nosso papel enquanto pesquisadores de uma maneira geral e especificamente com relação a este trabalho. Nos sustentamos na acepção de Karl Marx, feita no século 19, de que aos filósofos cabe além de explicar, mudar e transformar o mundo. Ou seja,

A ciência, diferente da filosofia e da arte, padece da necessidade de delimitar seus objetos. Não é possível pesquisar tudo ao mesmo tempo e nem todos os campos do conhecimento. Mas delimitar não é fragmentar e atomizar. A vigilância crítica ao delimitar um objeto e as mediações que o constituem numa totalidade concreta são os elementos básicos que caracterizam o caráter dialético e, portanto, histórico do método. Vale dizer, o método que nos conduz a apreender o movimento da realidade, ou das determinações, que o constituem, e não simplesmente nossas representações, ou pseudo-representações, sobre o mesmo. Por isso, a concepção de conhecimento histórico (científico) e de método de apropriação crítica do movimento e constituição dos fatos e fenômenos sociais elaborados por Marx em vários textos (1977, 1986 e 1969), não só guardam total atualidade como revelam-se, hoje, mais do que nunca, imprescindíveis na apreensão das mudanças da sociabilidade do capital.” (FRIGOTTO, 2001, p. 42)

Estamos convencidos de que a dialogicidade inerente a nossa pesquisa possibilita a relação entre saber popular e conhecimento científico, portanto urge que reflitamos sobre essa sugestão e a adotemos como base para um possível e necessário diálogo⁴⁴. Mas é evidente que

⁴⁴ Para expressar as características desse diálogo, cabe apontar uma citação da dissertação que defendi em 2005: “Sobre as imbricações desse diálogo muito já foi escrito, sobre as impossibilidades também, porém cabe que expressemos uma postura: compactuamos com os que pensam o saber popular e saber científico como diferentes, mas que não enaltecem um sobre o outro. Seja num populismo que vangloria o saber popular ou num cientificismo positivista que acredita que a única forma de saber é o científico. Em ambos os casos, existem limites e possibilidades. Cada um deles possui uma maneira diferente quanto à gênese e quanto ao repasse, muito embora saiba que uma parcela significativa do saber científico acaba por anular sobremaneira qualquer outro tipo de expressão de conhecimento”. Na ocasião da utilização dessas palavras no texto da dissertação, recorri ao exemplo apontado por Boaventura Souza Santos sobre o conceito de epistemicídio (assassínio dos conhecimentos), que ocasionou do contato ocorrido nas Américas com a chegada dos europeus, e que de certa forma os envolvidos com o conhecimento científico impulsionaram nos séculos seguintes. (PALADIM JR., 2005, p. 6)

essa relação já ocorre na vida desses sujeitos. Nesse caminho entre o observar, o entrevistar e o participar, surgiram as oficinas de diálogos e audiovisuais. Essas articularam o observado e o que captaremos nas vozes desses sujeitos, a proposta foi interligar a constatação/análise e a contestação/ação.

2.1 Observar, entrevistar, participar: teorizando sobre as três possibilidades de contato.

“Hoje a gente apresenta lá fora o povo que tem orgulho de ser Xakriabá, de ser índio e a gente hoje apresenta lá fora de uma forma que a gente não apresentava antes porque a gente não podia apresentar antes. Estar mostrando nossa cultura e assim garantindo a nossa identidade não é? Mostrando para população não índia que a gente realmente conseguiu segurar. Guardar nossa identidade, mostrar os nossos costumes e nossas tradições para eles. A gente apresenta dessa forma, hoje estamos apresentando de uma forma mais direta não é? da gente ter caminho livre para apresentar aquilo que nós somos lá fora, o que antes a gente não tinha, a gente não podia”.

Domingos Nunes de Oliveira. Cacique Geral do povo indígena Xakriabá.
(in: OLIVEIRA, Alessandro, 2008, p. 12)

Como esse texto apontou até aqui, a adoção que realizei é de um caminho pela pesquisa qualitativa, porém miscigenada. Adoto alguns elementos da pesquisa-ação e a pesquisa participativa. Sobre essa última modalidade de pesquisa é Martins (1989) no texto *O Trabalho intelectual com as classes subalternas*, no qual após discorrer sobre pressupostos iluministas, que desligam a cultura popular da prática popular⁴⁵, que indica um novo desafio aos intelectuais no plano da produção do conhecimento. Martins realiza nesse texto uma crítica à

⁴⁵ Martins (1989) nos aponta que o procedimento iluminista explica a cultura popular apenas como funcional, instrumental, no entanto dentro da prática existe uma temporalidade própria, que não deve ser reduzida a uma visão cronológica (passado, presente, futuro).

pesquisa participativa, entendendo-a como insuficiente enquanto modalidade investigativa. O que aponto na dissertação de mestrado defendida em 2005 revela o que expressa essa insuficiência, pois para ele “as ações metodológicas dessa modalidade de estudo não contribuem para produzir uma teoria da nova prática, que apresentam mais o conhecimento do visível e não do que está oculto, favorecendo a um “nós” carregado de reconhecimento, porém não decifrado”. (PALADIM JR., 2005, p. 92). Reitero que mesmo entendendo esses limites adotei a pesquisa participante dialogando com os pressupostos da pesquisa-ação. Essa é uma possibilidade e oportunidade de ouvir e dizer aos sujeitos, como já realizamos no mestrado com os camponeses organizados de Santa Catarina, sobre o que pensam e sobre o que pensamos, e o que alguns autores vêm pensando. Ou melhor, estou convencido de que essas duas possibilidades de pesquisa proporcionam esse diálogo. Essa relação dialógica se realiza através de oficinas, vivências com as/os educadoras/es.

Ainda sobre as preocupações apontadas por Martins (1989, p. 98), destaco sua experiência e essa inquietação de ouvir os camponeses, no mesmo sentido o autor sugere um caminho e que se agrega aos pressupostos que gostaríamos de destacar:

É preciso captar o sentido dessa fala, ao invés de imputar-lhe sentido, ao invés de desdenhá-la. E isso somente será possível se entendermos que a resistência do camponês não expressa o seu sentido num universo particular e isolado, camponês; que a resistência do camponês à expropriação do capital, vem do próprio capitalismo.

Ou ainda,

[...] a criticidade equivale a protagonismo e este, por sua vez, é construtor a partir do que se oculta, daquilo que ainda não se mostra, esperando o olhar e a vontade do homem; isto é, um protagonismo construtor a partir da potencialidade que se encontra em todos os espaços em que o homem possa ser sujeito. (ZEMELMAN, 1996, p. 87, tradução nossa)

A idéia adotada a partir dessas duas provocações anteriores é de que não podemos nos submeter tão somente a esquemas e interpretações teóricas. Cabe, a nós, enquanto

pesquisadores e educadores, ponderar criticamente aos planos e ações do Estado secularmente atrelado à elite brasileira, mas que também analisemos a partir de um ponto de vista da Resistência. Essa é a totalidade. Ou como pondera Zemelman (1996, p. 9), ao afirmar que é necessário “Um modo de pensar que nos permita mais colocar-nos diante do mundo, do que convertê-lo em conteúdo de um sistema de pensamento.” Essa frase, eu diria, é bastante cara e se articula com os nossos propósitos de pesquisa, ilumina-os.

Ou ainda como nos indica Alves (2001, p. 18),

A totalidade para efeito de ilustração, por se identificar com a própria sociedade capitalista, impõe previamente ao esforço de análise da educação e da escola, o entendimento das leis que regem o funcionamento dessa forma histórico de organização social dos homens. (...) Logo, a compreensão do social, pelo acesso à totalidade em pensamento, é a condição para que o homem compreenda não só a si mesmo, mas todas as atividades humanas e os seus resultados, inclusive a educação.

Como ouvir? Como permitir que essas vozes sejam ouvidas? Qual o protagonismo científico necessário? Esses são desafios apresentados a toda nossa geração de pesquisadores, há pelo menos quarenta anos⁴⁶ que se articulam ao papel que as ciências sociais desempenham junto à sociedade. O nosso fazer educativo/científico, ao captar/analisar o “fazimento”, corroborará para além de pensarmos algumas facetas da nossa prática, o ato de escrever e os momentos vividos nos trabalhos de campo, sustentarão com maior ou menor possibilidade a construção da tese. Assim estudar a Escola Indígena é também pesquisar tanto a questão indígena, quanto o Norte de Minas e o Brasil, enfim, tudo isso é a totalidade que se expressa num movimento de ida e vinda, que podemos intitular de globalização. Movimento-processo, no entanto, analisado pelas perspectivas socioterritoriais que imbrica, seja nas possibilidades e impossibilidades que desvanecem, que surgem, que desaparecem, que são projetadas, que se concretizam. Relações espaço-temporais.

⁴⁶ Mas posso adiantar bem mais nessa questão temporal e das gerações, com os noventa anos do Professor Antônio Cândido, cabe refletirmos sobre a sua geração de amigos, integrantes da revista *Clima* (Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Florestan Fernandes, Lourival Gomes Machado, Alfredo Mesquita, Ruy Coelho e *Gilda de Moraes Rocha*), que contribuíram para entendermos (interpretarmos) o Brasil. Contribuições que despontam também em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, os *Parceiros do Rio Bonito* de Candido, o *Formação do Brasil Contemporâneo - Colônia* de Caio Prado Jr., entre outros.

Ao nos revermos cientificamente precisamos nos dispor a rever-nos humanamente e contribuir para que as pessoas se revejam. Esse é em nosso entendimento o viés didático-pedagógico, isso é o ativismo científico, é o protagonismo, tanto o nosso quanto o dos sujeitos que compõe e colaboram com essa pesquisa. Nela, encontrar-se-ão aspectos importantes da resistência indígena-popular.

Pesquisa qualitativa, protagonismo, categoria da totalidade, autores e conceitos adotados, essas são as palavras importantes apresentadas até então, antes que eu discorra sobre os trabalhos de campo realizados e as demandas que surgem, encerramos essa parte com uma diferença importante que precisa ser arrazoada: Dialética e Fenomenologia.

A Escola de Chicago, fenomenológica em suas acepções, entre outras situações nos revela a importância da pesquisa em seu papel de desvelamento do sentido social que os indivíduos constroem em suas interações cotidianas. A etnometodologia investiga as atividades práticas e triviais dos atores e se predispõe a compreender o sentido que esses dão aos fatos e acontecimentos da vida diária. Relaciona-se, assim, com o momento de observação e os objetivos que propus, porém não a adotamos, pretendíamos ir além dessa relação.

Adotei as significações apresentadas pela dialética, que possibilita, como já apresentamos anteriormente, trabalhar com alguns contrários em constante relação: Globalização e a importância do lugar. Porém a crítica e a autenticação é dada por Chizzotti (2000, p. 80) como aponta a seguir:

Dialética também insiste na relação dinâmica entre o sujeito e objeto, no processo de conhecimento. Não se detém como os interacionistas e etnometodólogos, no vivido e nas significações subjetivas dos atores sociais. Valoriza a contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa, as oposições contraditórias entre o todo e a parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens. O pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais.

Será que o olhar sobre a realidade vai de sujeitos para o todo? É um caminho que vai do específico para o geral? Essas foram algumas das questões que estimularam as minhas idas

a campo. Que me regeram. Acompanharam-me e que ainda me acompanham para além desse momento importante da escrita.

Antes de entrarmos nas especificidades sobre cada um dos momentos que nomeei e apresento a seguir, quero esclarecer que os três se entrecruzam no ato de estar em campo, assim o Observar, o Entrevistar e o Participar foram se tornando possíveis após um longo trajeto de contato e reafirmo, após a conquista de um alto grau de confiabilidade.

2.2 Observar

Esse aspecto ocorreu desde a primeira ida a TI, e foi acionado a partir do momento em que decidi junto com a orientadora que os sujeitos dessa tese seriam os Xakriabá. Precisava comunicá-los das minhas pretensões e criar a possibilidade de ser aceito para realizar esse intento. Foram outros pesquisadores que já conheciam os Xakriabá há mais tempo, Professora Suzana⁴⁷ por exemplo, que me abriu os caminhos, pois me convidou para trabalhar no PROEJA que seria dado nas dependências do CEFET⁴⁸ de Januária.

Observar implica em ficar atento ao que acontece enquanto estive em campo, lançar um olhar atento às vivências passadas no decorrer das convivências que estabeleci na estadia em Terra Indígena. Narro nesta seção algumas das situações que passei tanto no que diz respeito aos momentos que frequentei as duas Terras Indígenas, como também a participação que os Xakriabá tiveram em alguns eventos em outras localidades.

Quero começar o *Observar* destacando três momentos importantes que são bastante significativos, de um lado para causar reflexão e de outro, estimular questionamentos a partir

⁴⁷ Suzana Escobar, professora do CEFET e que fez mestrado em educação na UFU sobre os Xakriabá. Trabalhando com essa etnia desde o fim da década de 90 do século passado.

⁴⁸ Após janeiro de 2009 essa unidade se uniu a outras e formaram o IFET Norte de Minas.

das situações, buscas e reflexões que resultam em ponderações para entendermos alguns aspectos da situação dos Xakriabá no Norte de Minas Gerais.

O primeiro já narrei na introdução, no qual uma estudante da graduação de turismo, durante o Encontro de Agrobiodiversidade do Norte de Minas, na praça central de Januária-MG, ao assistir aos jovens Xakriabá realizando uma dança de Toré, tenha dito com ar interrogativo: __ Índios de roupa?

Outra ocasião importante é a manifestação de um jovem Xakriabá, estudante que recém entrou no curso de Licenciatura Indígena em Belo Horizonte, na UFMG, que me corrigiu sobre a confusão que cometi sobre aspectos de organização territorial da TI. Após uma cerimônia de casamento, relatava a um grupo que fui realizar uma entrevista e caminhei até a casa da colaboradora a pé, um caminho de quase cinco quilômetros. Como havia esquecido o nome da localidade me dirigi a esse jovem para ele me auxiliar, perguntado como era o nome do Bairro que a colaboradora morava. Ele me disse que não era Bairro, era uma subaldeia, chamada Veredinha. Entendi essa postura do jovem, como uma defesa do território, pois se trata de um ativista que estuda muito as questões relacionadas ao seu povo e também pretende dominar a língua Xakriabá. Essa “bronca” que levei do jovem me fez lembrar das aulas de Etnogeografia que ministrei aos Guarani no Centro de Formação Faxinal do Céu, em Pinhal no Paraná, pela Secretaria de Educação daquele estado, e quando fui exemplificar sobre município e bairro fazendo um paralelo entre TI e aldeia, simplesmente não entenderam, pois os Guarani não trabalham sub divisões em seu território. Nem sequer o dividem. Já os indígenas dos troncos Jê, pelo qual os Xakriabá são identificados, fazem essa divisão e sub divisões. Admirei essa situação de ter sido corrigido, e aprendi que não se intitula de bairro, sim aldeias e subaldeias, nomenclaturas que garantem a maneira identitária de organização territorial.

Numa audiência pública realizada em junho de 2009, promovida pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais, a pedido dos indígenas, na cidade de São João das Missões com o intuito de revolver o processo de Retomada das terras originais e tradicionais do povo Xakriabá, motivada também para denunciar as ameaças no acampamento do Morro Vermelho,

o advogado, filho do fazendeiro que se arroga como dono da terra ocupada e que entrou com pedido de retirada dos indígenas que estão lá, deu uma declaração: começa dizendo que o pai dele foi reconhecido como índio, depois alega que nasceram e foram criados no município “todo mundo sabe, somos índios também”, e termina dizendo que entrará com uma petição solicitando indenização em dinheiro para a indenização da terra e pedindo que em 60 dias não tire ninguém das terras de seu pai (uma vez que eles entraram na justiça reclamando a propriedade). Ele o tempo todo alega que seu avô foi índio, seu pai é índio, logo ele é índio também. Terminando sua exposição, uma jovem Xakriabá, que participa do acampamento do Morro Vermelho, pediu a palavra e se dirigiu ao microfone e disse o seguinte:

Todo índio que se preza ele não faz o que foi feito com a terra no Morro Vermelho. Ele se diz ser índio e tem a terra toda destruída para fazer carvão. Destruir a mata para fazer carvão e poder vender. Isso é ser índio?

Após essa fala a jovem foi aclamada e aplaudida pelos mais de 300 participantes, afirmo que foi corajosa, visto que a família que está em litígio com os indígenas é bastante influente na região.

Observar, deste modo, é fruto desse permanecer atento a questão indígena em nossa sociedade, mas encontrando-me no norte de Minas Gerais, vigilante para como ela ocorre ali. Desta feita é perceber como acontece essa questão indígena, para e com os Xakriabá, durante o processo verificado no trabalho de campo que ocorreu em várias etapas.

O primeiro evento narrado indica como é forte a visão preconceituosa e estigmatizada sobre os indígenas, como já apontei, essa questão de ensinar sobre indígenas apenas no dia do índio, ou termos uma visão dos indígenas apenas pela ótica amazônica. Na entrevista com o secretário de educação do município, Chiquinho, abordará o tema e ele revelará ações que estão sendo realizadas para romper com essas posturas dos não índios na sociedade brasileira. Oliveira Filho (1999, p. 149) nos evidencia que:

O desafio de hoje, para os estudiosos da questão indígena, é evitar que as representações dominantes sobre o índio – geradas ainda no quadro colonial e, após a Independência, ressemantizadas no plano e no discurso cotidiano – funcionem como uma camisa de força para as novas realidades criadas pelas demandas e mobilizações indígenas e por um quadro institucional bastante ampliado e diversificado.

Tanto no segundo como no terceiro episódio narrados anteriormente, indicam que os jovens do Povo Xakriabá são ativistas e reafirmam a identidade em vários momentos. A moça, que se dirigiu a deputados e à platéia na Audiência Pública, afirma o que é ser indígena e posso associar ao que indica a constituição federal, ser indígena é realizar a auto declaração e ser aceito pelo povo indígena ao que está se declarando. Ao refutar o que o Advogado havia dito, mas fazer isso através de questionamentos sobre como utilizavam a propriedade, ela em poucas palavras indicou a posição dos Xakriabá em respeito ao fazendeiro ser indígena ou não sê-lo.

Portanto Observar para a pesquisa participante e ao pesquisador que se pretende em ação é estar atento, ser atencioso aos vários comentários e narrativas vivenciadas em momentos diversos: assistir a Audiências públicas, participar de reuniões das mais distintas, organizar uma passeata com os indígenas e várias instituições em Januária para protestar sobre o assassinato de Avelino, pegar carona com funcionários do governo federal da área de saúde, parar para conversar na cidade e prestar atenção no que as pessoas a favor e contra os indígenas dizem, etc. Essas atenções da vida acontecendo, unidas aos aspectos teóricos servem de elementos a compreensão do quadro que se forma sobre os Xakriabá. Vamos ouvindo, olhando, tasteando a realidade, sentindo aromas e sabores. Decorando a paisagem da estrada que nos leva de Missões a Terra Indígena Xakriabá, viajar na carroceria de um automóvel pequeno e ficar de pé para sentir o vento. Ser bem recebido na aldeia e perceber que isso faz parte de uma construção de amizade. Estar atento as falas de pessoas nos diversos momentos e lugares, desde Missões, terras indígenas até em São Paulo. Escutar e refletir sobre diversas falas: por exemplo, um colega de faculdade dizer o que pensa sobre o quarto capítulo do livro do Milton Santos, *essa parte utópica*. Notar a revolta dos indígenas numa denuncia feita por integrantes do CIMI na audiência pública sobre um artigo de jornal da região e me admirar com o encaminhamento do Secretario de educação, Chiquinho, ao convidar o jornalista que

escreveu para conhecer as escolas Xakriabá (o artigo está na parte de anexos deste trabalho). Prestar atenção em como as pessoas se apresentam oralmente em eventos públicos dentro da aldeia, para ir percebendo quem poderia ser colaborador nas entrevistas. Anotar as diversas falas dos estudantes do Proeja. Enfim, são muitos momentos, diversas pessoas interessantes que surgem durante o percurso da pesquisa, possibilitando situações que vão constituindo o que entendo por essa seção intitulada Observar.

Analisando alguns cadernos e materiais didáticos da Escolarização Xakriabá (Educação Escolar Xakriabá)

Esse trabalho que analiso a seguir acessei na biblioteca escolar da Aldeia Barreiro Preto. Nos anexos dessa tese apresento a capa desse documento. Ao final apresento uma lista de mais alguns trabalhos que analisamos e servem de referência aos capítulos desta tese.

A obra chama-se: LIVRO XAKRIABÁ DE PLANTAS MEDICINAIS (FONTE DE ESPERANÇA E MAIS SAÚDE), publicado em um convênio entre MEC – UNESCO – SEE – MG, em 1997. Ela advém do Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais – convênio SEE – MG, UFMG, IEF, FUNAI com coordenação da Márcia Spyer Resende. A pesquisa, o texto e as ilustrações foram realizadas por 26 professores Indígenas Xakriabá em formação no Parque Estadual do Rio Doce.

Começa com uma oração bem cristã, intitulada Oração pedindo saúde.

Prossegue com uma poesia feita por um dos estudantes/professor: Rosenir Gonçalves que expõe a necessidade de conhecer os valores das plantas medicinais e sua utilização pelos antepassados, expondo que servem de alternativa aos gastos feitos em farmácias.

Um índice em ordem alfabética com os nomes das frutas e plantas e na frente à indicação do que curam. São 47 plantas e frutas e colocaram o ovo também.

O ovo é interessante, pois batendo a clara em neve, mistura-se com meio copo de aguardente e é indicado para combater a cólica com diarreia.

Cada um dos itens indicados é destacado o modo de preparo. É instruído qual parte das plantas será utilizado na receita, se é a casca, a entrecasca, a semente, o fruto, as folhas, a flor. Em cada recomendação deixam ao lado uma parte para anotar algo, uma outra utilização ou sugestões de receitas. Em algumas receitas também indicam outras maneiras de uso para as plantas, por exemplo, o alho e o cará, ambas com várias serventias.

Os modos de manuseio são interessantes, pois podem consistir em machucar a semente, deixando de molho três dias, usar folhas como emplasto, ingerir macerado ou após infusão, etc.

Realizo após essa descrição, uma breve análise:

Dialogicamente se propaga nessa pesquisa uma relação entre os saberes e uma técnica que vem da universidade, acadêmica, mas percebam que não é fechada, tem espaço para outras manifestações. Estimula também a escrever, interagir... Ou seja, não é estanque, é em movimento. Valoriza a tradição, mas dialoga com o presente. Ou seja, demonstra que tradição não é algo ligado tão somente ao passado. Como já afirmamos, o passado para os povos tradicionais é na frente e não lá atrás conforme nossa idéia europeizada de temporalidade. Além disso, o livreto sai do oral, passa pelo escrito e quer propagar e estimular o escrito, um dos objetivos principais da Educação Escolar indígena para os Xakriabá.

2.3 Entrevistar

Mais do que realizar entrevistas com perguntas fechadas e objetivas realizei uma conversa com os colaboradores. Elaborei um roteiro, mas o interessante é deixar que a conversa seja fluente. Sobre as entrevistas: todas foram interessantes, porem a última corou o

processo, foi coletiva, aconteceu na escola da TI Rancharia. Entrevista boa é aquela que dá gosto de quero mais. Infelizmente não houve tempo hábil para sistematizá-la. Mas muito da conversa que tive está espalhado nas linhas e entrelinhas do corpo deste trabalho.

Opto pelo termo colaboradores ao me dirigir aos entrevistados, pois me baseio em processos metodológicos sugeridos pela prática da história oral, baseado em palestras e leituras de textos de Suzana Ribeiro. Os procedimentos adotados se baseiam nas prerrogativas apontadas por ela no que tange a como conduzir, sistematizar e dar retorno em relação ao ato de entrevistar. O motivo de ocultar os nomes de alguns colaboradores e manifestar o de outros se apóiam nos encaminhamentos apontados pelas considerações metodológicas lidas e dialogadas a partir das ponderações de Suzana. Ou, como ela aponta:

Assim, defende-se a importância de uma autoria que admita negociações e que nos momentos de encontro, em especial o da entrevista, o pesquisador aja como mediador, sem perder a noção da necessidade de sua condução, mas, por outro lado, sem torná-la uma imposição. Essa autoria precisa aparecer nos trabalhos de pesquisa. O autor/mediador se faz presente em todos os momentos da pesquisa, iniciando na organização do projeto, passando pela realização e transcrição das entrevistas, finalizando com uma interpretação do material produzido (RIBEIRO, S., 2002, p. 26)

Tendo por base essas e outras ponderações, parti para realizar o papel de mediador na conversação que teríamos com os colaboradores. Foram treze pessoas que ao longo do tempo que morei em São João das Missões se dispuseram a colaborar, mas optei nessa seção a apresentar as vozes de sete para referenciar a *transcrição*. Apresento duas entrevistas de colaboradores relacionados à história da luta indígena e da conquista da TI, os mais velhos. Da educação, duas pessoas que atualmente trabalham diretamente na escola indígena e três homens públicos, um porém é estudante de uma das escolas na aldeia onde mora. Quanto aos homens públicos tive que apresentar os nomes, pois é muito manifesto o que fazem nos cargos que ocupam, aos outros quatro criei codinomes, tanto pelo motivo de não conseguir voltar e ler os depoimentos transcritos da gravação a ele e elas, como também por optar por usar algumas frases que disseram na linguagem original, da maneira simples que falam, o que em meio a norma culta poderia expô-los a uma situação constrangedora..

De qualquer maneira, quero deixar registrado que o que mais fez as entrevistas demorarem foi o caminho para conquistar a confiança e fazer com que de fato fossem colaboradores da pesquisa. Ao final, fui tão bem aceito que ao subir um morro para conseguir um ângulo melhor para uma fotografia da Escola, um senhor, octogenário, veio me procurar para querer dar uma entrevista. Fui aceito pela comunidade⁴⁹.

2.3.1 O Lugar do conceito e o conceito de Lugar

Ao apresentar alguns destaques das vozes dos Xakriabá nas entrevistas realizadas cabe uma discussão preliminar: sobre o conceito de lugar. Mas antes de inserir aqui o conceito de lugar, quero apresentar uma breve reflexão sobre o papel dos conceitos, via ciência, na sociedade. Apoiado no que expressa Bombardi (2004) no artigo “Geografia agrária e responsabilidade social da ciência”, fundamental para entendermos a trajetória e a vinculação dos conceitos frente às políticas públicas, e, portanto sua eficácia social, ou seja, a influência dos conceitos na vida social brasileira. Visto que sugere fazer uma reflexão a respeito da importância dos conceitos com os quais trabalho em meu envolvimento com a ciência geográfica, sugiro que pensemos acerca do conceito de lugar. Bombardi (op. cit.), que discorre sobre o papel e uso dos conceitos em nossa ciência influenciando com maior ou menor intensidade na vida social, nos apresenta um trecho de um artigo de Carlos Walter Porto-Gonçalves, do seu trabalho *De Geografia às Geografias: Um mundo em busca de novas territorialidades*, que destaca as estratégias utilizadas para explicação e anulação da diferença entre Europa e os lugares a serem colonizados:

O pensamento moderno europeu pouco a pouco vai construir uma geografia imaginária onde as diferentes qualidades dos diferentes povos e culturas, que 1492 pôs em assimétrica relação, serão dispostas num continuum linear que

⁴⁹ É sempre bom lembrar que muitos pesquisadores traem a confiança dos colaboradores após morarem algum tempo com os mesmos, em nome da ciência e da objetividade podem apresentar segredos ou rituais que são caros ao povo pesquisado. A professora na palestra em 2003 sobre metodologia da pesquisa nos revelou do caso de um pesquisador que morou nove anos e se casou com uma mulher do povo pesquisado, tudo com a intenção de descobrir sobre um segredo desse povo, após conseguir, abandonou a família e voltou para sua atividade na universidade, nunca mais regressando a comunidade onde roubou o saber.

vai da natureza à cultura, ou melhor, da América e da África, onde estão os povos primitivos mais próximos da natureza, à Europa, onde está a cultura, a civilização. E dominar a natureza, sabemos, é o fundamento da civilização moderna construída pelos europeus à sua imagem e semelhança e, para isso, os povos a serem dominados foram assimilados à natureza começando por considerá-los selvagens que significa, rigorosamente, os que são da selva, logo, aqueles que devem ser dominados pela cultura, pelo homem (europeu, burguês, branco e masculino). Vê-se, logo, que a invenção do europeu civilizado é, ao mesmo tempo, a invenção do selvagem e, assim, a invenção da modernidade é inseparável da invenção da colonialidade.” (PORTO-GONÇALVES, 2001 apud BOMBARDI, 2004, p. 41)

Prosseguindo o diálogo com esse artigo, aponto que a autora nos convida a perceber a gênese dos conceitos e sua aplicabilidade social, e que por isso revelam uma postura de quem os cria, de quem os usa, perante a ciência e também as pessoas que se relacionarão com a mesma. Ela critica o conceito de *novo rural*, que em meu ponto de vista, corroborando com a posição de Bombardi (op. cit.), é uma revisitação à tese de fim do campesinato. Como aponta a autora,

Entre estas idéias tem tomado força a “de novo rural”, segundo a qual o campo brasileiro tem se tornado mais moderno e cada vez menos agrícola e mais “plural”. Os camponeses, nesta concepção, vão deixando de sê-lo para tornarem-se agricultores familiares (uma espécie de pequenos empresários do campo) ou simplesmente assalariados. (p. 43)

Esse *deixar de sê-lo* pode ser associado ao estudo e à reflexão sobre os indígenas em nosso país seja no âmbito das políticas do passado até recente, como os aldeamentos, que geram conseqüências cruciais até hoje em dia e das políticas recentes, mas que já contam com o protagonismo indígena.

Diante disso a autora aponta em seu texto, os três grandes perigos na concepção do *novo rural*:

[...] o primeiro é o de não enxergar a peculiaridade do campesinato enquanto classe social e, portanto, negligenciar a especificidade de sua ação e trajetória. O segundo é que neste caminho de entendimento não há possibilidade de compreender a ação dos movimentos sociais no campo que têm como bandeira a execução de uma reforma agrária ampla. O terceiro, particularmente do ponto de vista da geografia, é que não se consegue

abarcam a transformação do território em toda a sua contraditoriedade, determinada pelo modo de produção capitalista. (BOMBARDI, 2004, p. 43)

A partir desses apontamentos, percebo o papel perverso que a adoção e a invenção de determinados conceitos podem originar a uma causa. Conceitos que pela via da política pública que, por angariar mentes e corações no Estado, servem como destituidores do contraditório. Atropelam as diferenças, calam as divergências e, antes de tudo, confundem os que estão na outra ponta e estão envolvidos com as prerrogativas da política pública. Ao proporem não abarcarem a transformação do território, anula-as, visto que impede sua força. Outros canais, no entanto, precisarão ser utilizados pelos movimentos socioterritoriais, sejam camponeses ou indígenas para serem enxergados socialmente. Aqui aparece um dos problemas sérios dos Povos Tradicionais no Brasil: a luta para entrar no cenário, ganhar visibilidade. Fazerem-se visíveis e serem visibilizados sobre outra ótica. É importante, porém, notar que a estratégia de política/conceitos não se vincula apenas a uma prática que fica no meio acadêmico ou até mesmo nas propagandas do governo, elas avançam ao se transformarem em Pronafs, com suas linhas de créditos trazem em seu bojo essas idéias, mais uma vez se repete a denúncia que Paulo Freire realizou em sua obra “Comunicação ou Extensão”, pois mais uma vez esses conceitos, pelos caminhos do Estado, acabam fazendo o movimento do alto para baixo, e pelas ações e vozes de agentes das instituições que administram os créditos e a relação com o meio ambiente. Ou como aponta Freire ao afirmar que o conceito de extensão engloba ações que transformam os sujeitos do campo em coisas, em objetos dos planos de desenvolvimento, que os negam como sujeitos dotados de saberes e, portanto, agentes de transformação do mundo. Sabe-se que isso se encaixou no Brasil, pois é teoria externa a nós, devido ao pensamento fundante que a Burguesia Brasileira sempre teve dos pobres em nosso país. Outro problema sério sobre o uso do conceito é o seu não uso, ou a busca por esvaziamento do mesmo, cito o exemplo da proposta defendida por Francisco Graziano Neto (1989) em seu doutorado, e através da Fundação Getúlio Vargas de que não existe mais Latifúndio, ou seja, uma proposta de banir o conceito da história, da realidade.

No entanto, sobre o conceito de lugar, podemos aventar as mesmas reflexões? Ele é adotado pelas políticas públicas? Deixemos essas respostas para mais adiante. Nas oficinas, trabalhei com o conceito de vazio demográfico e na seção deste capítulo que se intitula como *Participação* trato disso.

Posso afirmar que contrariando o discernimento mais usual, o conceito de lugar recebeu nova estatura quando visualizado por duas correntes da geografia: a humanística e a marxista, que viabilizaram um redimensionamento sobre esse e outros conceitos.

Em sua nova visão, o lugar ganha em abrangência de significado deixando de ser compreendido apenas como um espaço produzido, ao longo de um determinado tempo, pela natureza e pelo homem, para ser visto como uma construção única, singular, carregada de simbolismo e que agrega idéias e sentidos produzidos por aqueles que o habitam.” (LEITE, 1998, p. 11)

Nessa visão humanista, o lugar expressaria o espaço vivido, percebido e o concebido. A tendência humanista, no entanto pode pender para visões apenas perceptíveis (da Geografia da percepção) e possibilitar no entendimento de muitos uma divergência aos fundamentos marxistas. Existe uma certa tendência a se apoiar em questões de cunho culturais. E o cultural visto como algo isolado, separado das demais dimensões. Essa unicidade, enquanto entendimento e explicação, no entanto não pode ser acionada como uma *camisa de força*. Seria como que uma revisitação ao Positivismo lógico. Destarte

O lugar, na visão humanística, constitui-se como uma paisagem cultural, campo da materialização das experiências vividas que ligam o homem ao mundo e às pessoas, e que despertam os sentimentos de identidade e de pertencimento no indivíduo. É, portanto, fruto da construção de um elo afetivo entre o sujeito e o ambiente em que vive”. (LEITE, 1998, p. 10)

Sem descartar, no entanto, as contribuições dessa corrente, dialogar com suas possibilidades nos traz muitas questões que possivelmente a dialética marxista não relevou. São complementares e, portanto, dialógicas. Ao identificar na apropriação capitalista do espaço a reconstrução da singularidade dos lugares, a sua personalização, trata-se de simultaneidades que proclamam a trajetória da mundialização à globalização dos dois últimos

séculos, a posição marxista precisa também considerar os aspectos culturais⁵⁰, não apenas como ideológicos, mas em seus aspectos de resistência. A resistência caminha, por sua vez, cada vez mais reforçando singularidades, e, portanto, personificando os lugares, mas adotando aspectos que dizem respeito à estratégia capitalista, à formação de redes. A interação é ainda nova na contemporaneidade, em se tratando de estratégias populares, visto que existe a interação realizada pela hegemonia capitalista que vem pelo viés da industrialização da vida social. Um próximo passo ainda é o de romper com as hierarquias, que existem e são fortes, ou seja, incluir o povo nos rumos do país significa incluir os seus lugares. Para isso, uma política pública ainda não foi pensada a contento. Portanto há modelos do preconceito que autenticam hierarquizações; mais uma vez recorro ao exemplo do conceito de vazio demográfico. A ciência nunca foi tão feliz em possibilitar uma junção entre lugar e povo, mas nesse caso para favorecer aos projetos da Burguesia. Porém, ao juntar lugar e povo, o pensamento desconsiderava lugar e povo, pois a idéia se calcou em lugar enquanto utilidade, um objeto e povo enquanto população, quantidade, portanto objeto também.

Como afirmei, as duas correntes dentro do pensamento geográfico ampliaram o conceito de lugar, tiraram o do senso comum, de uma visão milenar que se baseia em prerrogativas aristotélicas, de lugar enquanto o espaço que circunda o corpo, para propor entendermos lugar enquanto significado, pertencimento, rede, conexão, singular e global e para os indígenas podemos autenticar o aspecto identitário, tão caro quando associado à discussão étnica no mundo contemporâneo.

Bombardi (2004) aponta os perigos de adotarmos determinadas perspectivas teóricas conceituais que tanto expressam como escondem concepções. Ao serem apresentados conceitos com novas roupagens, não se abandonam as teses originais que os originaram, que

⁵⁰ Segundo Baptista da Silva (2008), o termo *cultura* para o estruturalismo funcional, no Brasil das décadas de 40 a 60 foi tratado enquanto um produto acabado, um estoque de traços. Nos estudos feitos à época sobre fricção interétnica e “aculturação”, essa visão foi preponderante e se apoiou com ênfase na perspectiva sociológica, tendendo a captar o processo social de contato com a vida rural, considerando mais aspectos desses sujeitos do que dos indígenas em si. Dessa maneira, podemos dizer que uma perspectiva antropológica, num movimento de crítica a essa postura científica, deu vivacidade ao conceito de cultura principalmente no que diz respeito ao entendimento dos indígenas em nosso país.

por sua vez baseiam-se num entendimento político do mundo. Para os ditames da corrente humanística, no qual o lugar é principalmente um produto da experiência humana, ou seja,

[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979). Ou ainda, ‘lugar é um centro de significados construído pela experiência’ (TUAN, 1975). Trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos (MELLO, 1990); ele tanto nos transmite boas lembranças quanto a sensação de lar (TUAN, 1975) (BUTTNER, 1985a, p. 166).

Propormos um diálogo entre as várias vertentes da corrente humanística. Faz-se necessário, no entanto, considerar as palavras de Buttimer (1985b, p. 228), que revela que “[...] lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”. Portanto, para entendermos a resistência popular, seja de camponeses como dos indígenas, não vale apenas somar, mas sim multiplicar e, saindo de metáforas matemáticas, compartilhar, que evidentemente é muito mais que dividir. A força do Lugar, um termo de Milton Santos, está notoriamente em compreendermos essas sensibilidades e os lugares enquanto singularidades e redes, um pé na aldeia e outro no mundo, singular e global, construído a partir de solidariedade e fortalecimento das identidades, seja dos ribeirinhos, geraizeiros e no caso de minha pesquisa, dos Xakriabá.

Esses artifícios estão acontecendo, são o que dão a amálgama das ações que essa etnia efetiva nas duas TIs e no norte de Minas Gerais.

A Globalização é um fato. Os lugares encontram-se em conexão. No decorrer dos últimos cinco séculos houve uma incorporação crescente dos vários pontos da superfície do planeta, até mesmo os analisados como os mais longínquos. As grandes navegações ampliaram o conhecimento acerca do Globo; as “novidades” territoriais que surgiram aos olhos dos europeus se apresentaram como importantes na acumulação e ampliação do Capital. Harvey (1992, p. 221) aponta que

[...] a acumulação de riqueza, de poder e de capital passou a ter um vínculo com o conhecimento personalizado do espaço e o domínio individual dele. Do mesmo modo, todos os lugares ficaram vulneráveis a influência direta do mundo mais amplo graças ao comércio, á competição intraterritorial, a ação militar, ao influxo de novas mercadorias, ao ouro e a prata etc.

A grande questão é quem coordena esse acoplamento, que no processo de expansão do modo capitalista de produção se fez a partir de uma ampla rede de fluxos (de transportes, de informação e de mercadorias), Para a visão marxista, o lugar se apresenta como um elo de articulação entre a Mundialização e a singularidade ali apresentada, ou seja, “[...] o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento.” (CARLOS, 1996, p. 16).

Hoje, por conta disso, seguindo os pensamentos de Harvey (1992), vivemos num espaço finito, e vivemos um tempo também reduzido, limitado por nosso cotidiano. No entanto os ritmos da urbanização atrelada aos ditames e pensamentos administrativos da industrialização nos imputam a pressa, a aceleração, a velocidade.

Nas próximas linhas, tento desvendar o território como sugere Oliveira, Ariovaldo (1996b) unir homens lentos, força do lugar e redes. Uso como estratégia às entrevistas, ou seja, as vozes dos sujeitos desta pesquisa, os próprios Xakriabá.

Nessas vivências, fiquei atento, ao que promulga Porto-Gonçalves (2002b) no que diz respeito a Saberes e Sabores, essa é uma das chaves em nosso ponto de vista para entender o Sertão e especificamente esse grupo que nos acolheu. Paladares e consciência, conhecimentos acerca do Cerrado onde vivem, construções de projetos que visem auferir renda, manter o povo e assim evitar a evasão de jovens, em meio a tudo isso a Escola. Como já afirmei e volto a repetir: o Saber popular e o conhecimento científico podem e devem fortalecer a luta pela e na terra, insurreição de saberes, que foi a busca que realizei ao ser aceito em cada casa para fazer as entrevistas.

2.3.2 A escola indígena e a força do lugar: as contribuições provindas das entrevistas

As vivências e as reflexões que surgem nas falas dos colaboradores, após a realização e a audição pormenorizada das entrevistas seguida de sua transcrição. O que se concluiu quase no fim do prazo do doutoramento, nos revela algumas questões que são fundantes para a apresentação escrita desta tese. Apoiando-me nas reflexões do Professor Emerson Guerra em uma de suas várias oficinas⁵¹, pretendo apresentar algumas vozes que os Xakriabá entrevistados nos colocam. Estabeleço também um diálogo a partir das ponderações de Milton Santos no capítulo quatro, denominado *A Força do Lugar*, da obra *A Natureza do Espaço* (2008). Guerra (2008) nos apresenta que a partir da Constituição de 1988 os povos indígenas começam a caminhar não mais no sentido da completa assimilação pela sociedade nacional como por muito tempo se acreditou, mas, passaram a buscar uma forma de desenvolvimento social com base no respeito e na preservação de suas tradições, essa operação realizada pelos indígenas denomina-se de etnodesenvolvimento. Algumas das demandas atuais dos povos indígenas no país, baseados em levantamentos realizados no ano de 2003, é com relação à gestão e proteção territorial e segurança alimentar. E, finalmente, segundo Guerra (op. cit.), outros entraves perante a sociedade nacional dizem respeito ao atendimento adequado de saúde, educação diferenciada, regularização fundiária, fortalecimento das economias indígenas, assessoria técnica às associações indígenas e projetos em desenvolvimento, fortalecimento político e a preservação e manutenção das culturas tradicionais incluindo festas, línguas, subsistência, produção material.

Desta feita, as entrevistas revelam essas questões de maneiras localizadas, ou poderíamos dizer, “lugarizadas”, mas perante uma perspectiva territorializada na luta travada pelos Xakriabá. Evidente que nos parâmetros objetivos desta tese, optei por recortar no que se apresenta enquanto questão relacionada à escolaridade, luta por escolas, escolarização, enfim assuntos relacionados à luta por escolas e por sua manutenção na perspectiva que apresentam perante o território indígena e em nosso ponto de vista nos apresentando a “força do lugar”.

⁵¹ O professor Emerson Guerra e eu compartilhamos alguns trabalhos de campo nas Terras Indígenas durante o período em que trabalhamos na Faculdade Ceiva em Januária.

Para Bachelard (1978, p. 183), “[...] é a semente que faz a maçã, e ainda assim a miniatura da semente é maior do que a grandeza da maçã”. Baseado nisso e nas várias experiências ligadas à Terra Indígena e ao município de São João das Missões e da região norte de Minas Gerais, se essas vivências e lugares fossem representados cartograficamente, seriam menores que sementes, porém germinariam benevolências. As vozes visam uma cartografia do povo Xakriabá, do norte de Minas, do sertão mineiro e do semi-árido, enfim do Cerrado e a faixa de transição na qual habitam, esse é um dos nossos objetivos ao apresentá-las. Indígenas como novos interlocutores na discussão sobre biodiversidade, assim como geraizeiros, vazanteiros e catingueiros: os camponeses do sertão.

Durante minhas idas a campo, tanto em Januária como nas Terras Indígena em São João das Missões, adotei alguns conceitos e os entendimentos do Professor Milton Santos, principalmente no capítulo *A força do Lugar* do seu livro *A Natureza do Espaço, Técnica e tempo, razão e emoção* editado pela Edusp em 2008. Ao dar aula num curso de Pós-Graduação/especialização em Educação Ambiental e gestão territorial da Faculdade Ceiva esse capítulo foi utilizado. Já descrevi também a utilização do filme sobre esse autor importante para a Geografia Brasileira, um dos grandes críticos ao processo de globalização recente e que o mesmo intitula de globalitarismo.

Esta obra demonstra a ampla interação de objetos e ações, que conformam o que Milton Santos (2008) intitula de meio “técnico-científico-informacional”, no qual a técnica mostra sua força modificadora do espaço. Santos, no entanto, destaca a importância do humano, ainda que aponte uma crise que a Globalização propaga entre duas esferas⁵². Santos (op. cit., p. 325) é um entusiasta do humano, principalmente dos pobres, como fica claro a seguir:

Os pobres nunca tiveram poder político. Hoje, eles têm uma cultura sua, e essa cultura é produzida em relação com o território e com a vida. E é por isso que essa cultura é matriz de uma nova política. Você tem explosões, manifestações de diversos tipos, 'desordens', mas uma busca de sentido. Não é a Lyonnaise des Aux que busca sentido, quem busca sentido são as populações dos lugares. O resultado imediato é a fratura dentro dos aparelhos

⁵² A tecnosfera (mundo dos objetos) e a psicofera (reino das idéias, crenças e paixões).

dos partidos: todos os partidos são fraturados, uma parcela que busca soluções 'corretas' e outras parcelas que são da política tradicional.

No filme *Por Uma Outra Globalização* que utilizei nas *oficinas de diálogo* em Terra Indígena, na aldeia Barreiro Preto, e que analisei meticulosamente junto aos estudantes do PROEJA, essa importância dos pobres, dos homens lentos, a resistência que nasce dos de baixo, a outra globalização, portanto, ficaram bem explicitadas. Esse Livro intitulado a Natureza do Espaço coaduna com o que o filme de Silvio Tendler nos mostra, apresentando a possibilidade de entendermos esses outros sentidos.

Ou seja, mesmo destacando a técnica, os avanços que temos no mundo hodierno, o aspecto humano não se declina. Milton Santos (2008) fala que hoje cada lugar é resultado de uma dialética entre uma razão global e outra local. Vai além quando explicita seu entendimento através de alguns conceitos que na verdade corroboram com um corpo teórico que é sua grande contribuição à ciência geográfica, principalmente no entendimento de lugar:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, M., 2008, p. 322)

São bastante interessantes os aspectos relacionais que o autor aponta, pois “assim cada lugar, cada subespaço, tanto se define por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional.”. O lugar é o lugar, mas também a relação que recebe e que aciona. É ponto de partida e de chegada. Milton Santos, (op. cit.) nos convida à análise do lugar por seus contituidores, a técnica, o tempo, a razão e a emoção. Por isso nos apresenta a tecnosfera (mundo dos objetos) e a psicofera (reino das idéias, crenças e paixões). Não são dois mundos separados, apenas respondem a ordens diferentes, esferas diferentes. Ao propor a separação não exclui a relação, porém há os que podem, ao adotar Santos, cometerem esse equívoco, No entanto essa não é a intenção do autor. Ao encontrar um estudioso de Milton Santos, que o adota como o autor mais importante em sua pesquisa, relatei que estava pesquisando os Xakriabá e me baseava no quarto capítulo desse livro para refletir sobre as entrevistas, ele me

disse que não gostava muito dessa parte mais utópica do Milton Santos. Essa talvez seja a maior utopia de Milton Santos, que sua ontologia do espaço seja vista como uma relação entre a totalidade nas partes e as partes em relação com a totalidade, uma maneira de trabalhar com a dialética que tem grande relevância. Contudo proponho um caminho contrário: quero, ao adotar o quarto capítulo, entender a força que vem do lugar, em vez de um apego meramente teórico, almejo uma ordem relacional entre teoria e mundo, sem desconsiderar que a teoria fornece elementos para essa análise.

Para entender ainda mais os Xakriabá e as suas atitudes transformadoras do lugar onde vivem, procurando expandir suas razões e emoções identitárias, Milton Santos (2008) incita a reflexão a partir dos seguintes dizeres:

O agir técnico leva a interações formalmente requeridas pela técnica. O agir formal supõe obediência aos formalismos jurídicos, econômicos e científicos. E existe um agir simbólico, que não é regulado por cálculo e compreende formas afetivas, emotivas, rituais [...] (p. 82)

Milton Santos revela que os objetos técnicos promovem conexão, aproximação, vizinhança, apropriações. Os usos distintos desses objetos geram uma mudança no cotidiano dos indígenas, uma nova *indianidade*, porém existe a força em ser indígena. Por mais que a Escola seja republicana burguesa, devemos sempre perguntar se sua tecnicidade aprisiona ou liberta?

O fator preponderante é que “[...] a realidade a ser atingida por meio de análise e reconstruída através de exposição (sintética) é sempre uma realidade *em movimento*”. (LEFEBVRE, 2009, p. 36).

Captar esses simbolismos, os sentidos do povo organizado, dos indígenas Xakriabá, essas maneiras afetivas e emotivas é o que eu esperava ao realizar as entrevistas. Apresento a seguir algumas das vozes que vem do sertão do norte mineiro, o norte relacionado ao médio São Francisco.

O lugar hoje é o lugar propriamente dito, mas também é o mundo. Como já apontei os indígenas têm um lema que difundem como seu na Luta por Escola: Um pé na aldeia, outro no mundo.

2.3.3 Vozes dos colaboradores: as entrevistas

2.3.3.1 Colaboradores da melhor idade, os mais velhos.

Nesta seção conto com as entrevistas de dois colaboradores, Seu X e Dona Y, duas pessoas que pertencem ao grupo dos sabedores da história dos últimos cinquenta a sessenta anos, pois a viveram. Como os entrevisto na própria TI, optei por não revelar seus nomes devido a dois fatores: o principal por não poder voltar e fazer uma leitura da colaboração deles, e uma vez que isso não foi possível, tive que fazer uma *transcrição*, deixando algumas falas do jeito que eles se comunicam. Como também não tive oportunidade de pedir a autorização a eles sobre esse uso das falas, optei por uma questão ética em deixar sem identificá-los. Desta feita, nomes de aldeias, subaldeias, localidades e escolas foram suprimidos.

A colaboração de Seu X. Entrevista realizada em outubro de 2009.

Seu X tem 65 anos de idade. Recebeu-me às 19h30m em sua casa no dia 19 de outubro de 2009. Conhece a história e o lugar há mais tempo que os jovens que dão aulas nas escolas, viveu a história. Nascido no território que hoje é a Terra Indígena Xakriabá nasceu e foi criada sempre nessa mesma comunidade, hoje aldeia Z. Ele é um dos que não saiu para viver fora da região.

Lidera a comunidade há mais de 20 anos. Como veremos em uma de suas falas, ele foi o precursor em defender e implantar uma Associação para o povo Xakriabá, foi o primeiro presidente também. Foi um dos primeiros vereadores indígenas quando São João das Missões se tornou município se emancipando de Itacarambi.

Explicou, antes que ligasse o gravador e iniciássemos a entrevista, sobre os diversos tipos de espigas de milho. Como trocam entre si e não precisam comprar. Vivem relações de troca. Saberes tradicionais e sementes crioulas numa fusão vivida por mim naquele momento.

Expliquei a ele o motivo da entrevista, pois na verdade fiz isso a todos os entrevistados posteriores. De uma maneira didática esclareci o que significa territorialização e espacialização. Estudar os Xakriabá significa contribuir na espacialização dos mesmos na USP.

Conheci seu X na primeira vez que fui à Terra Indígena, numa atividade de ida a campo do Encontro Norte Mineiro de Agrobiodiversidade, setembro de 2007, discursou para receber-nos, dando as boas vindas. Esse senhor de fala simples e jeito sereno têm uma experiência grandiosa na defesa do povo Xakriabá.

Ele utiliza palavras diferentes servindo-se de sua simplicidade: *dificuldade* em vez de dificuldade, e *triba* no lugar de aldeia.

Durante a entrevista, expressou como vê os não índios e a relação com eles, na verdade toda sua colaboração nos fornece uma compreensão de como se constrói a identidade indígena Xakriabá:

Nossos direitos estão sendo administrados por eles, mas caminhamos juntos, depositamos confiança, mas não em todos. Povo branco que valoriza o Índio, defende o direito que o índio tem, mostra o conhecimento.
A vida nossa aqui do povo Xakriabá sempre foi muito sofrida, gente tinha medo de falar que era índio. Damos graças a Deus o ponto que estamos, mas temos que conquistar mais.

Para falar dos jovens, aborda pontos cruciais para entendermos a importância da escola e alguns dos motivos da mobilidade populacional, visto que uma boa parte dos jovens ainda saem constantemente da TI para vários pontos da região sudeste e centro oeste.

Eles tem oportunidade muito boa, diferente do que a gente tinha, na época da gente nem existia escola. Hoje possuem escola, computador, telefone e que eles cresçam. A juventude tem dificuldade aqui na forma de sobreviver, os pais não tem como comprar roupas, sapatos, então tem que sair para trabalhar nas usinas. A renda aqui para sobreviver é muito pouca. Quem pode aproveitar ta tendo algumas oportunidades. Aqui não existia escola publica. O que existia é reunir um grupo e pagar alguém que sabia ler para ensinar

Como abordou o assunto da Escola e da escolarização, percebemos que era momento de perguntar sobre o histórico do processo escolar naquelas paragens. Quanto a isso ele nos narra o seguinte:

Até 80 aqui nessa comunidade não tinha escola. Dona Zelina ensinava até primeira até terceira serie, a quarta já não tinha condições de ensinar mais. Em 1981 para 82 foi que a gente providenciou para acontecesse uma escola aqui na aldeia barreiro, e que funcionou de sete a oito anos aqui nessa casa. A diretora vinha de vez em quando de Itacarambi. A cantineira era a minha esposa.

O Chiquinho, atual Secretário de Educação do município estudou nessa casa, onde realizei a conversa com seu X. Uma residência não muito grande, típica enquanto edificação de zona rural.

Seu X prossegue nos revelando um ponto chave de como os indígenas Xakriabá pensam a questão curricular, de fato, qual o papel da escola na vida dos indígenas.

Não é tudo que se vê lá escola que deve ser usado aqui dentro. Tem que aprender as duas partes, a de lá e a daqui. Tem coisa daqui que não pode ser distribuída lá e tem coisa de lá não pode ser distribuída aqui. É uma forma de segurar seus costumes e tradição, a gente sabe que se abrir à mão de tudo perde um pouco a ciência que tem. A gente orienta os professores, mas alguns têm dificuldade.

Para autenticar essa fala ele discorre sobre o caso da avó dele, que morreu com 100 anos e nem conheceu dentista e médico. Emenda então com as mudanças que foram ocorrendo e o surgimento de novas necessidades.

Antes a gente relacionava com gente que parecia uma coisa, mas era outra. Hoje temos mais parceiros, mais gente para dividir as lideranças, no começo era só a gente. Não tinha professor, agente de saúde, não tinha presidente de associação. Quando eu não posso ir, já vai outra pessoa.
Agradecemos ao Cacique Rodrigo.

Argumenta que aumentou a participação, a tomada de consciência, *já temos um pouco de noção*.

O cacique Rodrigo foi uma liderança política das mais recentes para o povo indígena Xakriabá, falecido em 2003, chegou a ser vereador e vice-prefeito no município, é um dos responsáveis, junto com seu X e outras lideranças pelo surgimento das associações:

Um grande parente, companheiro, pessoa que lutou e dava sua vida pelo povo Xakriabá. Não foi o primeiro cacique, antes chamava de chefe. Teve Pedro Geromo, que facilitou para Rural Minas, começou a tirar picada de nossa terra, houve invasão de fazendeiros, que compravam 3 alqueires, grilava 5 a 10, 15, 20. Tinha 75 fazendeiro aqui dentro e a gente tava sendo pressionado a sair daqui por eles. Ai ele (Cacique Rodrigo) começou a tomar providência, reunia o pessoal e davam dinheiro para passagem. Saia 10 a 15 dias e voltava. Falavam que ele gastava o dinheiro em farra e no fim a resposta ele deu.

Seu X narra sobre Cacique Rodrigo com bastante emoção, jeito comum que percebi com vários indígenas que conviveram na época da contestação e luta mais acirrada pela demarcação do território.

Profere então a frase: *“Enquanto eu tiver vida vou lutando, nem que o sangue dá no joelho”*, que Rodrigo sempre dizia.

Explica-me que essa é a frase que cacique Rodrigo usava como mote de incentivo e prioridade de suas ações. Seu X prossegue narrando como ocorreu a disputa entre a esfera do

poder público Federal e do Estadual, representados pela FUNAI e pela Rural Minas. Muitos dos Indígenas mais velhos e inclusive seu X, chama a Funai de “*Funaia*”, o que cria um aspecto de relação interessante na expressão oral. Mas voltemos ao assunto:

Funai entrou depois de 18 anos de luta. Houve saída dos posseiros. O prefeito de Itacarambi era um dos grileiros aqui, era muito forte. Ai pesou mais para nós, parente contra parente é ruim. Alguns parentes se aliaram a ele. Zé de Paula, o prefeito, na verdade nos ajudou: “se ninguém vai mexer no tronco talvez tava enrolado até hoje” graças a isso que ficamos sabendo dos nossos direitos.

Infelizmente algumas mortes ocorreram e seu X as comenta consternado, apesar de tanto tempo ter se passado, os assassinatos ocorreram em 1987, do que a Justiça intitulou como chacina de indígenas com a primeira condenação por esse crime na história do nosso país.

Quando mataram Rosalino os posseiros já tavam tudo no barraco na aldeia Sumaré, esperando para sair. A lei segurou um pouco. Estavam uns três a quatro meses, iam na casa olhar criação. Mas depois da morte, tiveram 24 horas para sair.

Somente para recordarmos um fato importante sobre o processo de demarcação e que resultou na saída ou permanência na Terra Indígena que estava surgindo, foi dada a oportunidade aos moradores daquelas paragens de escolherem se queriam ser posseiros ou serem indígenas, era feito para isso um cadastro na Rural Minas ou na Funai. A morte de Rosalino é bastante presente e contribui para o fortalecimento da identidade Xakriabá. Haja vista que dos filhos de Rosalino, um é o prefeito atual e outro é o cacique geral do povo Xakriabá, Zé Nunes e Domingos.

Alterando o assunto, Seu X, numa longa exposição, nos revela mais sobre a história e a importância das Associações:

Associação foi importante para buscar semente, ferramentas, sexta básica, para ajudar o povo, energia elétrica (PAP I), tivemos apoio de um deputado de Pirapora.

Reunimos e me escolheram para ser o presidente dela. Associação era coisa de branco e queria tomar terra, pediam para eu mudar daqui ou largar a

presidência. O Cimi ajudou também. Perguntei ao pessoal do Cimi no que atrapalhava uma associação, o moço fez um círculo e riscou no meio, esse era um problema, criar uma divisão, um presidente querer mandar tanto quanto o cacique. Ai falei para ele apagar o risco do meio que ia ser uma coisa só, aqui não tem divisão. O Professor Carneiro, comparou uma associação a um formigueiro, cheio de carreiro, cada formiga pega um, mas no fim todos trazem para um caldeirão só.

Criei uma associação aqui. A Funai impediu. Dois anos depois criamos a do Barreiro. Principalmente esse projeto de reflorestamento, meio ambiente, é muito bom.

Mesmo impedindo a princípio, as associações prosseguem seu caminho.

Aos poucos foi se criando um vínculo entre a Associação e escola. Hoje já desenvolvem vários trabalhos juntos. É uma das funções, está lá no estatuto. A saúde tem também que ajudar. É importante.

Para nós Xakriabá a panela é uma só. O que é ruim para uma aldeia é ruim para todas. A associação tem que pensar na Terra Indígena toda. Nem que não leve um benefício, leva esclarecimento, incentivo. Quem ajudou a segurar mais a associação é a pessoa mais simples, os mais espertos demoraram a valorizar. O trabalho é voluntário, e ela tem ajudado a esclarecer. Hoje tem caminhão, tem uma moto, tem melhoramento de habitação, inclusive tem união. Serviu de exemplo para outras associações. A primeira ajudou a formar essa do barreiro. Lá deixamos trator, farinha. Em 97 quando virou prefeitura entrou mais onze projetos de energia e a associação ajudou, foi importante.

Como ficou manifesto, eles precisaram travar uma luta constante, através de ações e diálogos para convencer da importância das associações. Os mais espertos citados por seu X são os criadores de Gado que persistem ainda na TI. Perguntei a ele se achava importante ter muitas associações, uma em cada aldeia, no que me respondeu o seguinte:

Um dia a Funai deixou fazer quantas quiséssemos, mas sempre achei que deveria ter pouca. Três a quatro, mais que isso vira bagunça.

Associação é difícil de criar e fácil de acabar.

Pensam que é só criar e já vem tudo. Não é assim. Rodrigão quis fazer uma mais participativa, com 25 membros e alguns de fora queriam que fizéssemos com 12 como é na maioria das outras associações. Mas em homenagem a Rodrigão, deixamos.

Tem projetos que dependem da associação e não depende da prefeitura, porem para contrapartida é sempre a Funai e a prefeitura.

Rodrigo foi vereador em Itacarambi. Depois que emancipou, foi eleito com Rodrigues. Rodrigão foi vice-prefeito. Conhecemos o legislativo. Empenhou conhecer mais nosso direito.

Naquela época vivia tudo recanteado, tudo escondido, não tinha estrada para nada, tudo complicado, tudo no escuro. Cuidar da estrada central e uma estradinha em cada casa da pessoa para precisar de carro chegar na casa deles. O meu papel foi fazer estrada.

Fazer o serviço público chegar a vida dos indígenas, saírem da invisibilidade, esses são processos que desde a década de 90 do século passado começaram a ficar mais nítidos nas mentes e corações dos Xakriabá.

A Luta não é só para nos Xakriabá, tem que cuidar dos outros, a gente tem a entidade que nos ajuda. Nos não quer dizer ao prefeito para cuidar de nós mais que os outros, nos não queremos isso.

Para finalizar após uma hora e meia de entrevista perguntei a ele o que é ser Xakriabá?

Ser humano filho de Deus, nascido e criado dentro de uma área indígena. Usamos os costumes e tradição dos outros, mas temos as nossas. De nossos antepassados. Nossa religião.

Fomos criados comendo Fava, biju de milho, angu, pilão. Cuzcuz, torrar pipoca. Caçar. Tinha esse costume. Abelha. Essa forma é nossa, essa trilha, não podemos perder. Não podemos esquecer. A gente sempre vive mais nessa direção. Vou buscar isso lá fora, ai pensamos, como era a gente mais os avôs?

Tudo que tínhamos, passamos aos mais novos.

Para os povos tradicionais e os indígenas se encontram nessa denominação, o passado está na frente e não atrás. Essa é uma diferença grandiosa em relação a como a modernidade e o cartesianismo ensinou os não índios, não quilombolas, enfim os não povos tradicionais, a enxergamos e vivermos nesse mundo.

Dona Y, a primeira professora.

Entrevista concedida em fevereiro de 2010.

Dona Y tem 59 anos, e nos relata que atuou como educadora desde 1979 e ainda trabalha na escola porem como auxiliar de cantina e que foi removida da sala de aula por não

possuir escolarização adequada. Possui uma trajetória como testemunha viva das mudanças que a escolarização Xakriabá atravessou nos últimos 30 anos, com uma trajetória longa com a educação na TI.

Relata ao começar a contar sua história que aqui era terra de caboclos. Morava a 10 km do trabalho, trabalhou seis anos, fazendo esse caminho de ida e volta. Quando iniciou como educadora dava conta tudo, ganhavam meio salário e iam as cidades de cavalo. Era funcionária contrata por Itacarambi e é lá que tinha que ir receber. Trabalhava um período e chegava em sua casa e fazia os afazeres do lar e *depois ia ao segundo turno da roça. Plantavam: algodão, mamona, milho, feijão, depois que vinha da escola.* Tem um filho que é boiadeiro, não quis estudar, os outros fizeram toda a escola, e tem um (marido de P) que fez o curso do Proeja e vai fazer o ensino médio pelo mesmo processo.

Em 1990, surgiu uma lei ⁵³ que os leigos não podiam mais trabalhar nas escolas, ai virei serviçal. *“Foi ai que começaram a mandar professores que eram da cidade, uns trabalhavam direito, outro não.”* (DONA Y, 2010, grifo nosso) Com essa declaração de Dona Y, começa a ficar claro como os indígenas foram tomando consciência de que precisavam tomar as escolas para si.

Declara orgulhosa que vários dos educadores e educadoras que atuam na escola foram todos alunos dela, foi ela quem os alfabetizou. Foram estudar em 1996, ela cita todos os nomes de quem foi fazer magistério pela Universidade. *“Foi no mesmo ano que Missões emancipou. Ficamos em torno de seis anos com professores de fora, que vinham da cidade.”* (DONA Y, 2010) Após essas duas declarações e se juntando a algumas falas do Senhor X, formamos um entendimento da importância da *retomada da escola*. No mesmo ano em São João das Missões emancipou, 1996, um grupo de jovens Xakriabá foi estudar e fazer o Magistério Indígena num convênio entre a Secretária Estadual de Educação, a UFMG e a Funai. Assim que começaram a estudar num regime de alternância (tempo escola e tempo

⁵³ Por não ser tão relevante a data precisa e o número da lei fica aqui apenas com a veracidade da experiência vivida por Dona Y, que para os propósitos de entender a caminhada de transformações da escola pela voz dos próprios indígenas é mais importante. Quanto a data é importante que relevemos que já era TI reconhecida e demarcada pelo Governo.

comunidade), assumiram funções nas Escolas que iam desde direção até o de educadores e educadoras, sendo contratados pelo município. Numa entrevista mais adiante um dos envolvidos nesse curso relata como foi difícil convencer o primeiro prefeito a aceitar que esses jovens fossem contratados e pagos enquanto educadores na escola.

Ela me conta que ela deu a dica sobre a escolha na época de quem iria para fazer o curso, pois foi professora deles. Assim que foram escolhidos *estudavam e davam aula*.

Sobre uma comparação entre os tempos em que ela foi professora e como ela percebe a escolarização agora.

Hoje a Escola está caminhando com as nossas próprias pernas. Hoje em dia a escola mudou muito da época que eu dava aula, hoje ela trabalha com o próprio território, trabalha com as dificuldades do lugar, com a história do lugar, em vez de contar a história lá do Japão, de Brasília. Aprendemos a ler e escrever em cima da história do lugar. Antes aprendia só a ler e escrever, mas hoje é importante que aprendem a ler e escrever com o que passa aqui dentro.

Na fala dela deixa claro que São João das Missões ter emancipado foi um passo importante. Sentia muita dificuldade por parte da prefeitura Itacarambi.

Tinha muito preconceito, a gente era muita humilhada, a gente nem podia falar que a gente era Índio (na cidade), num podia usar um colar. Se a gente saísse lá fora e falasse que era índio sentia era uma grande humilhação, às vezes queriam bater e prender. Algumas mulheres falavam, mas os homens não. Tinha que ir lá fora e ficar caladinho, em Itacarambi e em outras cidades também.

Um depoimento parecido com esse que relata esse preconceito e as dificuldades de ir até Itacarambi, principalmente depois da chacina, foi dado por uma senhora que foi estudante do Proeja e que teve oportunidade de conhecer durante as oficinas em Januária.

O que relata sobre Prefeitura e Escola é bastante promissor, pois afirma os que estão na Prefeitura hoje, *nasceram a partir da Escola*.

A escola foi mais importante. Primeiro foi melhor foi a escola, A escola que trouxe a sabedoria deles para ser prefeito, se não fossem professor indígena, é o que deu capacidade de procurar uma lei, criar uma lei... isso que deu capacidade para eles.

Questiono como eles retornam tudo isso agora para escola? Ela responde que a Prefeitura ajuda na estrada, no transporte e um pouco na merenda. Pois é parceira pois a Escola é Estadual.

Para finalizar a entrevista com Dona Y, questiona a ela sobre qual a importância da casa de medicina e se isso tem alguma relação com o trabalho ambiental.

Eu acho importante o trabalho ambiental, pois antes estava sendo só devoração no ambiente e agora com trabalhos de reflorestamento de nascente envolvendo a Escola e a crianças comunidade já faz todo mundo *ficar* sabendo que tem que plantar e não pode destruir. Muitos ainda faz alguma bagunça nas nascentes, mas a maioria melhorou muito, a gente vê que ta crescendo as beiras de nascentes, ta melhorando muito, antes estavam destruindo e é a escola que educa, para zelar.

Sobre a Relação entre Casa de Medicina Tradicional Xakriabá e a Escola, questiono como enxerga a importância dessa relação. *Estava acabando a cultura. Ajuda a reforçar a cultura, renovar. Aumentou muito o conhecimento de remédios naturais. A grande contribuição é essa e também que muito remédio nem precisamos comprar.*

Depois que aposentar ela irá trabalhar como voluntária na casa de cultura. “*Não consigo ficar parada [...]*”.

2.3.3.2 Colaboradores que trabalham nas Escolas

Diretora da Escola de uma aldeia, escola sede para várias outras das subaldeias. Entrevista concedida em fevereiro de 2010.

Ela é diretora da Escola de uma das Aldeias, essa unidade atende desde o ensino fundamental até o médio, já ocorrendo três formaturas. Recebeu-me num fim de tarde, mora

num subaldeia, que fica a quase quatro quilômetros da Escola, fiz o caminho de ida a pé e retornei, por volta das nove da noite, através do marido dela que me trouxe de motocicleta.

É conhecida por P, é diretora desde 2005, fez o magistério promovido pela UFMG aos povos indígenas de Minas Gerais e atualmente está concluindo a licenciatura indígena, curso regido pela mesma universidade.

Começa narrando um pouco de sua vida:

Morei 8 anos fora, em Osasco, Carapicuíba, cinco anos em SP – trabalhei com o cuidar de crianças em casa de família e morei mais três anos em Itacaramb, fazendo isso também. Faz 15 anos que voltei. Avó paterna era professora e não era daqui. A avó materna era indígena.

Na época do reconhecimento da TI Xakriabá, P morava em São Paulo, foi tentar a vida, segundo ela era muito difícil para os jovens aqui na época, e estava muito violento viver na localidade, um clima de insegurança pairava na região. Parte de sua família optou por ser indígena, no processo instalado desde a década de 1980 entre a Funai e a Rural Minas⁵⁴, mas ela só mora na sub aldeia hoje, pois se casou com um jovem que não foi trabalhar fora. Se percebermos, ela morou fora da região justamente na época do massacre em que assassinaram Rosalino.

Explica que esse movimento de saída ainda persiste, estancou um pouco com as escolas, ou seja, impede com que saiam muito novos, mas após terminarem o ensino médio estai deixando a TI. A grande maioria vai trabalhar com cana no interior de São Paulo.

Muitos jovens em dezembro voltam a TI, mas regressam em fevereiro ao trabalho, nesse período recebem seguro para ficarem parados.

⁵⁴ Consta no Caderno Didático: *O tempo passa e a História fica* (textos e ilustrações dos professores indígenas) da SEE/MEC de 1997 (elaborado pela primeira turma de magistério) que a RURALMINAS a partir de 1969 começou a cobrar dos indígenas uma taxa de ocupação e avisar que quem não pagasse seria expulso. Essa atitude foi confirmada em prosas com os colaboradores da pesquisa nos meses subsequentes. Ou como atesta Oliveira, J. (1997, p. 15): “A partir da década de 1960, através de um projeto de regularização fundiária implementado pela Fundação Rural Mineira – Colonização e Desenvolvimento Agrário – (RURALMINAS), o governo do Estado de Minas Gerais passou a ser um vetor interveniente sobre a área”.

Prossegue narrando sobre o processo de formação das escolas na TI:

Era uma só escola no Brejo, depois outra aqui no Barreiro e no Brejo. Escola Sede. Uma responde por todas. As pequeninas.

Agora temos sete sedes pelas 33 escolas, Escola Estadual Indígena Kuinam de Rancharia, Oiato Morim da Aldeia Plata, Bukimuju do Brejo, Manbuka do Morro Falhado, Uikitu kuinam do riacho dos Buriti, Bukinuki do Sumaré e a Xukurang da Aldeia Berreiro Preto.

O que faz a sede? Cuida das outras escolas menores, das sub aldeias, antes era 10, esse ano temos apenas cinco escolas que cuidamos.

Organizam as unidades escolares por relação de proximidade para cuidar. A palavra e a ação são essas: cuidado.

Ela assumiu a Coordenação pedagógica contratada como professora, atuou de 2001 a 2003 nesse cargo de Coordenação pedagógica. Não sabiam muito bem o que fazer em relação a determinadas funções. Aos poucos foram construindo juntas as atividades para cada uma das funções. O que achava que precisava faziam, exemplo, montar um material. Reuniam-se fora do horário escolar e construía materiais juntos. Relata que essa é uma prática comum na escola ainda, visto que os educadores agem sempre em duplas em relação às disciplinas. Explica também as reuniões que acontecem na sede repetem em cada escola e revezam quem vai acompanhar.

Está há cinco anos como diretora, mas já colocou a disposição: *Diretora é eleita, age mais como articuladora que como diretora. O Estado quer apenas dois anos, mas a comunidade vota para quatro anos.*

Quanto a Proposta pedagógica relata que tem que conter algumas prerrogativas do Estado, que são direitos dos alunos. Discussão constante, ou seja, é uma proposta viva. Alega que mesmo que seja uma escola indígena, não foge da questão burocrática. De fato quando apliquei as oficinas em novembro de 2010, alguns professores foram participar mas ao mesmo tempo preenchiam as cadernetas.

Questionei se a escola se organiza por Ciclo ou série. Optaram por série, foi uma escolha dos pais e mães, mas a parte burocrática é ciclo. Atuam com dois professores por turma. Não tem parecer do conselho estadual. Na constituição federal ou no pareceres do conselho federal permite organização própria ou funcionamento próprio, porem o estadual nem reconhece a categoria da escola indígena.

Um aspecto curioso do relato de P, diz respeito ao que consideram dia letivo, ao planejarem e vivenciarem o Calendário das Escolas:

Tem que ter 200 dias letivos, a gente encontra em contradição com o Estado no que seja dia letivo. Se falecer alguém, reunião é dia letivo. Frutas nos gerais com mutirão é dia letivo, reza... Cai no domingo, mas queremos que seja dia letivo.

Aqui se percebe uma visão própria de escola e escolarização, uma construção que se baseia numa visão lúcida de autonomia. Na verdade uma visão do que seja aprender e ensinar. Propõe uma mistura entre educação formal e educação informal, uma visão ampla do que é educação. Porem P me explica que essa relação precisa ser constantemente negociada com as inspetoras que assumem a região pela Coordenadoria da Secretaria Estadual de Educação, existe um rodízio muito grande e quando conseguem se entender e convencer a inspetora das prerrogativas da escola, dos pontos de vista e práticas que construíram no coletivo da aldeia, essa profissional é substituída por outra e uma nova relação recomeça, não existe um acúmulo.

Explica-me que se o entendimento por parte da inspetora estiver muito complicado, há uma reunião maior em Belo Horizonte, *algumas coisas que não conseguimos discutir aqui, levamos para lá*. Chamam de Reunião de Coordenação de Etnia, com SEE, a Funai, com representantes das etnias de Minas.

Quanto a escolha dos candidatos a serem novos educadores e educadoras ela informa que irá começar a quarta turma de magistério, diretores e professores das escolas fizeram um levantamento de demanda e apontaram 65 xakriabá para exercerem a função, mas há disponibilizadas apenas 50 vagas. Como não divulgam essa lista de possíveis educadores e

educadoras, evitam expectativas. Na aldeia e sub aldeias que a escola atente indicaram a principio 8 pessoas, mas caiu para 4 numa segunda discussão. Relata que a construção da lista é muito participativa e bem discutida, pois os critérios para quem serão indicados são construídos numa assembléia grande, dentro da TI toda. Houve uma dessas em janeiro com cacique e com todas as lideranças. Feito isso vem a lista de critérios para a comunidade, que pode alterar: tirar algum ou acrescentar conforme alguma questão mais local, por exemplo nem todas possuem educação infantil, está no inicio essa discussão e implantação.

Ela me apresenta alguns critérios que foram apresentados nas ultimas reuniões: ser xakriabá, morar na TI, ter bom relacionamento, saber dialogar, gostar de lidar com criança, paciência, escolarização: ter ensino médio ou já ter cursado (esse é conforme a comunidade, não vale para todos, na aldeia Zeta alguém tiver apenas até a sétima, já entra no magistério). Segundo P, quem tem ensino médio pode concorrer ao superior indígena, quem não tem, continuará estudando e neste ano acrescentaram um critério novo: ser comprometido e ter envolvimento com a comunidade

Outro critério novo é ter um teste, saiu na assembléia geral: ler para comunidade, escrever sobre o papel da comunidade, o que acha que deve ser uma escola indígena, contar da história xakriabá. Escreve e lê depois publicamente. Avalia o compromisso.

Questiono a ela se o teste uma coisa de fora? São Critérios de fora, visto que é para a universidade e os próprios estudantes querem que tenham critérios para valorizar os estudos e não ficar por conta de quem não estudou. Terão que escrever algo. No anterior houve duas vagas para 42 inscritos. Dos escritos passaram apenas seis. A comunidade elaborou uma lista classificatória. Mas acabaram chamando os seis.

Ela reconhece que a escola gera renda. Com o salário tem mudanças. A escola trás um diferencial de renda. Mas isso gera por sua vez mais compromissos. E muito do dinheiro ganho gira dentro da própria região e da Terra Indígena. Ainda é cedo para avaliar se quem recebe mensalmente ficará mais rico sobre quem não recebe. até porque o salário dos professores nem é tanto. São poucos das escolas que possuem o nível superior.

Numa das escolas dentro da TI, se o professor começa a faltar muitos pais já procuram a coordenação da unidade. Se tiver problema muito grande nem esperam, os pais mesmo marcam a reunião.

Sobre a alimentação escolar das crianças e jovens, relata que foi feita uma comissão para pensar e proceder sobre o projeto federal que estimula a Escola a comprar dos agricultores locais, das comunidades próximas, e que deve ter 30 por cento do seu cardápio com esses produtos. A comunidade participa em tudo. Quem criou o que vai ser o cardápio é a comunidade. A comissão vai estudar todas as possibilidades e depois apresentar um plano à comunidade.

Eu costumo falar assim, a gente só articula, pq quem decide mesmo é a comunidade. Se vai mexer na cerca, chama um mutirão e vem a comunidade. Há também o Mutirão no Cerrado, para ir buscar remédio, o Mutirão é para colher frutos, pequi, mas em alguns casos apenas os jovens podem participar. Conforme se for longe, o transporte não é adequado, os pequenos não vão, a não ser se algumas mães vão junto. Já em torno da escola existem uns canteiros, para plantio de mudas, nessa atividade todos podem participar, independentes da idade. Não fazemos bilhetes para convites que sejam fechados, mas abertos, para que muitos possam participar.

Essa atividade de coleta no cerrado acontece um sábado por mês, na casa de medicina há um espaço para beneficiamento do pequi. Os frutos são congelados. Ela explica o processo: Poe na água quente. Passa no frio. Poe na seladora e separa e vai ao congelador.

Sobre o uso do pequi embalado e armazenado ela alerta que *no ano passado usou para reuniões, foi o primeiro ano. Esse ano o município já colocou no cardápio da escola.*

Essa é uma das grandes importâncias da relação que a Escola estabelece com a *Casa de Medicina Tradicional Xakriabá*. A Escola ajuda a manter a importância da Casa. A coleta de frutos e plantas faz parte do currículo escolar, é de certa maneira o que Dona Y colocava como importante na diferença entre a escola do tempo dela e a atual. A diretora prossegue seu relato informando aspectos relacionados ao funcionamento da Casa de Medicina: Frutos de Cerrado: [...] *começamos agora, menos de um ano. Plantas medicinais fazemos a catalogação,*

estudamos legislação e direitos e coordeno a ponte entre Casa de Medicina Tradicional e escola.”

Ao visitar a Escola pela primeira vez em setembro de 2006 (encontro de agrobiodiversidade) e com uma segunda visita em 2007, através de um trabalho de campo com os estudantes da faculdade em que trabalhei, sempre conversando com os educadores e educadoras, relatei a ela que percebi uma mudança para melhor na postura dos mesmos. Ela responde que foi a pesquisa, o percurso (pesquisa). Eles avançarem mais na Faculdade e se envolverem mais com o jeito de ser da Escola, esse jeito diferenciado da escola, contudo ela afirma que esses dois fatores contribuíram: *“Faculdade aperfeiçoou, com o percurso, mas é a soma dos dois.”*

Conversei com ela sobre a questão do Boi, do gado. Como a Escola depara com essa questão uma vez que na escola os temas relacionados a sustentabilidade, a preservação ambiental, seja na especificidade de cada disciplina, como nos envolvimento de projetos que a Escola abarca. Essa é a questão de contradição dentro da terra indígena. Ou seja, como que quando chegam em casa e o pai tem a lida com o boi, esses estudantes dialogam com isso. Qual a posição da Escola frente a isso?

A gente não manda parar de criar. Para muitos é a renda. É uma espécie de poupança, se aperta com doença, vai lá e vende e o boi salva. Tem duas vacas, se uma parir vende e compra comida. O caminho é apresentar alternativas, mostrar para pessoas que a maneira de conseguir renda (a poupança do boi) não é só essa.

Cabe aqui uma curiosidade, pois quando conheci os Xakriabá, em 2006, o nortão de Minas Gerais passava por uma seca que se prolongou pelo outro ano de maneira mais intensa ainda. Nessa parte do Cerrado o período chuvoso se estende de dezembro a março e na passagem desse ano não choveu o suficiente, em 2007 enfrentamos uma seca de nove meses. Intempérie pode colocar tudo a perder, pois os bois morriam de sede e fome pois as gramíneas nem nasceram, não houve pasto para alimentar a quantidade de cabeças da TI.

Sobre essa questão do boi, do gado, cabe lembrar que ele tem uns aspectos que se apresentam aparentemente como mercadológico, mas também não é só aparência, o mercado do boi é forte, mas o boi é histórico. Esse fator precede qualquer análise que se faça apenas como gerador de renda. No documento de Maria Hilda B. Paraíso o *Laudo antropológico: identidade étnica dos Xakriabá*, de 1987, essa antropóloga já apresenta um detalhamento sobre a importância da criação de gado desde o século 18 pelos Xakriabá. Mas sabemos também por Porto-Gonçalves (2000) que desde essa época essa região ficou destinada a abastecer com carne de boi e porco as Minas da Vila Rica, eram os Gerais, o *lugar dos sabores*. P conclui dizendo sobre o assunto: “*É preciso pensarmos um jeito de permitir e ao mesmo tempo limitar um número de bois por família, vai ter que ter uma, é preciso uma gestão do território.*”

Ao continuar no assunto sobre o desempenho da escola na preservação e estímulo a querer melhorar o ambiente, ela me afirma que os filhos levam esses ensinamentos para casa e pedem pros pais não cortarem, aqui ouvem muitas as crianças. Em Fraiburgo, quando estudei no mestrado a Escola Agrícola 25 de maio essa relação era conflituosa, lá a palavra do trabalho na roça era sempre do pai, o chefe de família, os filhos dificilmente tinham voz. Lá em Fraiburgo a agroecologia não vingava entre os pais, sendo que a proposta da escola era agroecológica.

Aqui tem muito o escutar as crianças, faz parte da nossa cultura. Crianças levam para casa: Mãe e pai vocês não vão cortar nenhum pé de pau [...] Ouvimos muito as crianças.

Isso me faz lembrar de leituras que fiz da importância e da maneira que várias etnias tratam suas crianças, com muito respeito e extrema liberdade, cito os Guarani como um exemplo dessa relação.

Sobre participação dos pais, P nos afirma que: “*Os pais vêm e conversam em qualquer lugar: reza, festas. Na escola independente da idade dos alunos, se for grande, que aqui nem precisa, eles são muitos tranquilos, mas conversam com pais e alunos.*”

Volto a questionar sobre a escola e a importância dela para comunidade, ela nos aponta algumas características dos projetos que a unidade em que ela coordena atua e desenvolve:

Os Projetos são de cunho ambiental, de segurança alimentar, e também identitário. E cita alguns: Projeto preservação das nascentes, criação de galinhas, criação de peixes, Casa de Medicina Tradicional Xakriabá. É preciso se afirmar para se valorizar enquanto escola indígena.

E prossegue dizendo sobre como vê a diferença entre a escola indígena e as de fora da TI, e com isso mais uma vez repete que é necessário afirmar para se valorizar enquanto escola indígena:

Trabalhamos com os dois conhecimentos (com as coisas nossas e com o acadêmico). Lá fora o que é considerado é o conhecimento acadêmico. A gente procura trabalhar com os dois.

Como podemos afirmar essa escola é xakriabá, é só porque está na terra indígena?

Quando e como ela é Xakriabá?

No jeito ela é Xakriabá.No jeito de ensinar.Valorizando a cultura nossa, valorizando o conhecimento das pessoas mais velhas.Ta tão dominando que procuramos não deixar isso acontecer.A globalização está dominando tanto e a gente luta para não deixar isso acontecer. Decidindo, caminhando, solucionando os problemas juntos.

Ainda dentro do mesmo assunto, questiono como a escola ajuda a fazer com que o povo Xakriabá seja mais Xakriabá.

A Escola contribui para fortalecer nossa identidade, ao mesmo tempo ser mais autônomo. Porque é importante aprender o acadêmico, para o jovem sair da terra.

Hoje temos Professores Xakriabá, mas precisamos ter Médicos Xakriabá. A gente pensa no território, o que precisaria no território: Médico, enfermeiros, agentes florestais, técnicos.

Não que sejam ruins essas pessoas, mas precisamos de autonomia, mais fácil um xakriabá conversar sobre problemas que outra pessoa. A dedicação é por fora da escola.

Questiono a ela sobre duas especificidades que abordam o tema enquanto justificaco cultural da Escola, a saber:

- *Professores de cultura*
- Língua (visto que a Escola indígena deva ser bilíngüe)

Ela me explica que num acordo com o Estado, o professor de cultura⁵⁵  contratado como se fosse um professor de 1a a 4a série, sempre buscam uma pessoa mais velha, deixam outros educadores sem sobrecarga. O educador de Cultura é como se fosse um professor transversal, ele ou ela, só tem o dia de trabalhar e aparecem na escola, podendo misturar turmas, pegar mais aulas que o combinado anteriormente. Para esclarecer mais sobre a origem desse educador nas escolas Xakriabá, ela relata que:

Vimos experiência de outras etnias que já possam esse tipo de professor. Não possui formao específica. É indicado pela comunidade. Tem uma reunio entre eles a cada comeo de ano ou semestre. Mas eles trocam entre eles, pelo menos das aldeias mais próximas. Na formatura passada reuniram todos os professores de cultura para cuidarem da formatura. Cuidando das apresentaes. Foram 250 alunos que formaram de oitava ao ensino médio. Tem época de trabalhar com barro, agosto, por conta de alguma chuva.

E finalmente P termina sua colaborao comentando sobre um dos maiores problemas que aflige a TI Xakriabá, a saída dos jovens para trabalharem fora.

São muitos alunos que saem para trabalhar fora na cana. Então também estamos preocupados de criar Projetos, e ai o professor de cultura contribui nisso, sobretudo com as crianas para que possam ver que existe alternativa para ficarem aqui. Um projeto de extrao de Mel e criao de abelhas na mata pode ser uma saída. Sábados fazem reunio e envolvimento com as crianas.

A Escola tenta se qualificar e proporcionar uma possibilidade a partir da relao com projetos de pensar e interferir no território, tendo um alcance de gerao de renda, um forte fator identitário e ampliando a busca de qualidade social e ambiental.

⁵⁵ Prefiro tratar invés de professor com o termo educador, mas eles chamam esse profissional da escola por essa nomenclatura: professor de cultura.

**Coordenadora Pedagógica da Escola Sede de uma aldeia e várias sub aldeias.
Entrevista concedida em abril de 2010.**

Chamarei essa colaboradora de CP, pois ela é Coordenadora Pedagógica da Escola Sede de uma aldeia e várias sub aldeias, mas que acaba atendendo em várias escolas sedes, pois faltam profissionais com essa formação no Povo Xakriabá. A Escola onde está lotada, pois é contratada pelo Estado, atende tanto ensino fundamental quanto o médio. Formou-se por faculdade de Pedagogia particular em Januária. Recebeu-me numa manhã de domingo, dia em que realizei duas entrevistas.

O que é novo hoje em dia é trazer a oralidade para a escrita, Os mais novos já nascem com o contato com a escrita, não existe educação para nós se esquecermos da nossa história e da cultura. A busca ao diferenciado é constante.

Pergunto a ela se o fato dela ter falado sobre não existir escola indígena sem o conhecimento dos mais velhos, se isso entra no currículo. Ela me responde que:

Isso diz respeito por um todo. Para a Escola indígena não existe uma coisa separada, a escola está envolvida com um todo meio, com todo acontecimento, são as reuniões, as organizações internas, é a história, é a formação, se uma pessoa conquistar algo, passar no vestibular, é para todos, traz um retorno para a comunidade. Temos um olhar no futuro, mas também é através da história. Se esquecermos da história não tem como fazer um futuro diferente. Nossas raízes estão fincadas diante de nossos mais velhos, e eles tem a sabedoria que até mesmo na escola a gente aprende, então não se faz um currículo próprio sem o apoio, sem o incentivo dos mais velhos.

Peço a ela que me conte sobre a trajetória escolar dela:

Não dá para envolver uma coisa sem estar ligando a outra, então é história de vida também. Tenho 24 anos e morei os meus primeiros dez anos na grande São Paulo, sou nascida lá.

Os meus pais tiveram que sair por aqui faltar oportunidade. Minha mãe foi grávida de mim. Estudei na pré-escolar com cinco anos, uma hora para ir e uma para voltar. Até a terceira série, nesse trajeto enfrentava muita lama e perigos, minha irmã ia comigo. Faz 15 anos que voltamos, ai aqui nessa época, vinham professores de Itacarambi e eram tempos difíceis, não tinha água encanada, não tinha energia elétrica. Esses professores ensinavam como se a gente não fosse indígena, se falavam de indígenas falavam de um

indígena distante de nós. Aqui tinha até a quarta série, se quisesse dar continuidade aos estudos, tínhamos que estudar fora da TI, aí fui morar com minha tia em Itacarambi. Nunca tinha morado longe do pai e mãe, tive que amadurecer com onze anos. Morei dois anos lá, estudei em duas escolas diferentes. Enfrentei muito preconceito pois o pessoal de Itacarambi considerava a gente caboclo, mas desde esse tempo já assumia minha identidade. Eram muitas piadinhas. Com Missões emancipada, eu e minha prima fomos conversar para pedir ao menos um ônibus, acabei tendo que ir morar lá e trabalhar em casa de família. Em missões também tinha muito tabu com o povo da Funai, mas com a gente convivendo lá, ajudamos a quebrar muitos tabus. Sempre morei fora, mas sempre vim visitar meus pais e irmãos, às vezes andava até quatro horas e chegava com pés inchados. Terminei o ensino médio, fiquei um ano parada aqui na aldeia e estudei para fazer um vestibular para pedagogia numa cidade próxima e em outra fui chamado num curso técnico de higiene dental em Brasília de Minas, esse curso era de uma semana ao mês. Fiz os dois cursos juntos durante um ano e meio. Fiz monografia sobre os livros que produzimos nas escolas e colhi depoimentos dos mais velhos. Foi um momento desafiador e um momento de falar com meu povo.

Questiono a CP se a função de Supervisora contribui na construção do currículo? O currículo enquanto elemento de colonização? O que, pq, quando vai ser ensinado. Possuem uma visão ampla do currículo.

O currículo é sempre uma busca, tem um referencial, mas isso não é o currículo. Currículo é a própria luta. Ter um calendário próprio é currículo. Currículo é valorização de ideais, de costumes e a análise do que vai ser bom, é uma discussão ampla. Não é um grupinho que vai definir. As provas para os estudantes têm que respeitar nossos ensinamentos. No currículo temos que cumprir porque é lei, mas na questão dos direitos é diferenciado. Igualdade e equidade são um fator questionável. Uniformizar também é criticável, quilombolas tem uma especificidade. Qual é a situação real mesmo? Tem que usar prioridades e não igualdades. Pois mandam vacinas para todos da população tradicional, mas lá precisam e aqui não.

E prossegue:

São subordinados ainda ao Estado, a secretaria. Mas um avanço é o calendário próprio (quando professores vão estudar em BH, as aulas param). Nos queremos o de baixo para cima e não de cima para baixo (como fiz a entrevista depois das oficinas, contato na fala dela que incorporou o que vivenciamos no ensino aprendizagem que estabeleci com eles e elas)

Solicito que me especifique três momentos importantes dos Xakriabá?

Tem que falar três, todos são.
 A luta dos mais velhos, pelo território, tiveram as mortes, é algo que não podemos esquecer de jeito nenhum.
 O resgate da cultura e a língua.
 A conquista da escola. Aqueles jovens terem ir estudar no magistério foi um marco pela luta por escolas, foi o começo para a liberdade. Um passado refletindo no presente.

Sobre a disciplina de Uso do Território, peço a ela que me esclareça a importância:

É um momento de trazer ao presente a própria história, nem que faça comparação com a história de um outro lugar, um outro povo, mas é algo que traz o envolvimento do real que vivemos agora. Dá para falar dos projetos, da nascente, da recuperação, de cultura e das percas que tivemos também. Dá para considerar o conhecimento que os estudantes trarão de casa, fazer ligação e conversar com os mais velhos. Qual a nossa luta e a luta de outros povos, pois não somos egoístas para pensar só em nossa casa. Focamos a língua dialeto e padrão, para não ensinar que o jeito que falamos é errado, que a criança não chegue em casa e corrija os mais velhos. Que nossos alunos cresçam com isso. Está indo contra a nossa cultura, então temos que ensinar os dois jeitos. É importante a gente escrever das outras formas, mas é importante também o jeito que a gente fala. Isso é nossa história e esse é o nosso território.

Dentro da escola somos todos iguais, e procuramos trabalhar ouvindo os outros, sempre o que vai ser melhor, o que está acontecendo para fazermos em conjunto e não individual.

A história de CP e seus pais são recorrentes, o movimento de migração faz parte da vida de vários colaboradores. Ela encerra fazendo uma declaração em tom de desabafo: *“Nas conferências, finge ter aceitação das nossas diferenças, para cumprir a burocracia somos todos iguais, mas para conseguir considerar faculdade no salário, ai somos diferentes.”*

2.3.3.3 Colaboradores da esfera política, os homens públicos.

Hilário Xakriabá – Vereador

Conversa que aconteceu em 29 de março de 2010.

Hilário foi aluno no PROEJA, durante um filme sobre Escolas ele me narrou no intervalo que morou um tempo grande em São Paulo, capital. Surpreendi-me com o breve

depoimento que me deu a época, assunto novo para mim, aos poucos fui descobrindo que vários dos Xakriabá da geração dele haviam migrado. Hilário tem quase 47 anos.

Ser vereador é uma experiência nova, primeiro mandato, é um grande desafio. Para ser vereador xakriabá, tem que buscar junto, não dá para ser só eu. As soluções tem que buscar junto com a comunidade.

Fui segundo Presidente da associação do Brejo Mata Fome e depois que criamos a nossa aqui na aldeia, presidi essa daqui. Estou aprendendo muitas leis, mas o peso dobrou. Aprendi muito trabalhando na associação.

A primeira vez que fui a São Paulo ainda era de menor, foi em 1978, voltei para a aldeia, casei e voltei para lá, fiquei dez anos, voltei em 1995.

Pergunto a ele o motivo de São Paulo em vez de Belo Horizonte? O que te impulsionou a sair?

Mutirão para roça, participei dos grupos de roça. Era nossa terra e ocupávamos dos fazendeiros. Vinham 50 a 60 policiais da região por conta dos fazendeiros. Aqui a gente vivia só do que plantava e colhia e no tempo seco tínhamos que fazer trabalho nas fazendas próximas, mas como estávamos em conflito, os fazendeiros não davam trabalho. Então o jeito foi ir a SP, já tinha uma firma que o patrão já sabia que os Xakriabá era trabalhador e mandava recado dizendo que tinha vaga. Era uma recauchutadora de pneus, era um trabalho pesado e os Xakriabá agüentavam o tranco.

A gente sempre quis voltar, visitamos aqui umas três vezes, a gente não se afastou de tudo.

Lá a gente está no meio da correria, do sufoco. Voltar é como se tivesse decretado a paz, lá aparecia uma guerra. O que valeu de SP é a experiência, ajudou a gente a lidar com questões burocráticas.

Comento com ele sobre algo que elaborei: o mutirão é da cultura, mas esse que eles faziam era para evitar que nossa terra fosse para os fazendeiros. Mas mudamos de assunto: Porque voltar a estudar, isso ajudou a ser vereador?

Até 1996 o problema maior aqui era depender de um professor de fora, um professor vinha, mas se arrumasse algo melhor na cidade, ficava por lá, nem se importava com a comunidade. Eu estudei os anos iniciais, mas continuar não deu. Às vezes ficava quase um ano faltando professor em disciplina. Sempre tive vontade, mas faltou oportunidade. Como fiz PROEJA recentemente, me matriculei aqui no ensino médio. Eu pensei assim, se eu gostei de voltar a estudar, se tenho vontade de continuar, vou me matricular e experimentar aqui na escola que a gente lutou para ter, tem a oportunidade aqui perto de casa. Entrei no médio, vem de encontro ao ser vereador, tenho

que aprender mais. Mas estou arrastando para acompanhar a juventude, é muito diferente, pesado, muitas provas e trabalhos, com o trabalho de vereador o tempo é curto. Pensei em parar e esperar o PROEJA do ensino médio. Mas já parei outras vezes e quero continuar. Como estou quase no meio do segundo ano do colégio, quase metade, não sei se vou fazer o PROEJA. Já estou desenrolando um pouco mais, estudar já me deu coragem para assumir o papel de secretário na câmara.

Para a segunda turma de PROEJA é o Hilário que cuida das inscrições, centraliza tudo nele. Pergunto a ele qual o motivo de ter tantos inscritos para a segunda etapa. Se não é para atender ao mercado porque querem estudar?

Os Xakriabá estão bem atentos na evolução do ensino. Eles viram que foi sucesso o primeiro Proeja, então deu 75 inscritos. Xakriabá não pensa em ficar rico com os estudos, mas para conseguir viver sem pedir ajuda, querem aprender a ler e escrever. É o mínimo que o ser humano poderia ter. Mas os jovens querem estudar para servir a comunidade. A orientação que damos a juventude é para aproveitar a oportunidade que nós não tivemos, é preciso valorizar isso. Os invasores de nossa terra aproveitaram muito da inocência, então hoje estudamos para não sermos mais feitos de bobo.

Comento com ele no caso de um professor não quiser aderir ao modo que a escola atua, como é o procedimento da comunidade. Existe essa possibilidade? Pode existir o fato de ter um professor que não serve para o cargo?

Se o professor apega muito a modelo tradicional. Estamos numa fase delicada, resgatar o que perdemos, danças e língua. Tem professor que dedica mais e tem outros que estão sendo observados, por alunos pelas lideranças, se estão dedicando. Está sendo quebrada aos poucos essa questão, tem professores que valorizam nossa cultura e exercem essa historia do pé na aldeia e outro no mundo. Não é fácil tocar as duas coisas. A escola chega a ser muito autoritária, a Supervisora sempre fica determinando coisas, então a direção da escola tem que ser muito jogo de cintura e caso precise chama as lideranças da TI. A gente dá o exemplo do prefeito, é fácil? Ser indígena, atender a TI e atender a parte não índia. A escola vive a mesma situação.

Um pé na aldeia e outro no mundo para ser prefeito também?

Fazer concurso público, a constituição garante que a gente tem que ser respeitado. Queremos cota nos concursos para pessoas daqui da TI, quem é daqui que deve fazer os concursos para atender aqui. A Escola também é

assim. O pessoal da secretaria devia respeitar nosso jeito de organizar e de querer as coisas, nossa luta.

Entendo sua fala como um tesouro e percebo que demonstra um orgulho nessa próxima fala, alguém que assistiu a tudo e vê uma nova geração surgindo, não indo embora para trabalhar fora e mudando questões da localidade onde vivem, a escola surgindo como oportunidade para permanecer e criar qualidade de vida.

Cheguei em 1995 e Fiquei surpreso. Quebrou um tabu de achar que só quem era de fora tem capacidade e poderia dar aula aqui. Quando sai daqui a primeira vez para ir a SP, pessoas desse grupo que foram fazer magistério nem tinha nascido ainda. É um sinal de avanço. E hoje inquestionavelmente a escola aqui para nos na comunidade indígena fez a diferença.

Comento sobre as diferenças entre escola do campo e escola indígena, no tocante a saída dos jovens para morar em outro lugar mais distante. Pergunto se a Escola pode expulsar jovens como é a preocupação que as pessoas envolvidas com a luta por escola do campo possuem? Uma vez que as pessoas estudem, podem sair para disputar com outros lá fora?

Ainda não, pois tem uma demanda grande e muita carência para várias profissionais. Saúde e educação, ligações. Saúde não é diferente de educação, temos que ficar atento para formar pessoas da própria comunidade. Missões têm um salário excelente para médico, o melhor da região, mas mesmo isso não segura o profissional. A Escola vai ajudar a gente a ter os nossos próprios médicos e profissionais da saúde.

Quando estava deixando a TI para voltar à São Paulo, nesse último trabalho de campo, cinco jovens haviam passado no vestibular e começariam em agosto a fazer curso superior na UFMG.

Peço que me aponte quais os projetos que se destacam para atender a demanda da TI e que entende como importante para a escola? Cita a preservação das nascentes. O projeto P1mais2 com um milhão de cisternas em placas e de acumular e não furar o solo, alega que são projetos inteligentes. Comenta que a lagoa está precisando de uma intervenção maior. Peço a ele então que me fale das retomadas, no que me corrigi durante a fala:

Não são retomadas, é uma retomada só, com vários acampamentos. Coloca uma rocinha para produzir alimentos. Dizimeiro, Licui, Poção, Custódio, Morro vermelho, São Bernardo até Remanso, parece que fica fragmentado, olhando no mapa estão distantes, separados, mas é uma ação conjunta, quando se reúne trata de forma geral. A grande esperança de conquistar esse espaço é para não esquecermos que precisamos do São Francisco, é um direito nosso termos acesso ao São Francisco.

Comento quem não está na luta entende como separadas. Para encerrar nossa prosa nessa manhã de domingo, pergunto se os Xakriabá podem oferecer algo ao mundo.

No mínimo a boa vontade de melhorar, de conquistar dias melhores, mas não pensar nessa questão pelo capital, pelo capitalista. Mas pela sobrevivência de que a gente vai e vem outros e de que esses outros a gente tem que querer bem deles como se fosse para nós mesmos. A sociedade geral tem que valorizar mais isso.

Como estou hospedado em sua casa, peço licença para ir na casa de um outro colaborador, ali mesmo na cozinha onde realizamos a conversa algumas horas depois foi servido um almoço muito bom, feito por Dona Bia.

**Colaborador Francisco Xakriabá, conhecido por Chiquinho.
Secretário da Educação do Município de São João das Missões.**

Recebeu-me num domingo pela manhã em sua casa na aldeia Barreiro Preto. Chiquinho fez parte do grupo⁵⁶ de 1995, um dos mais novos dentre os que foram fazer magistério pela Secretaria de Educação/ UFMG, foi diretor da escola da aldeia durante dois mandatos antes de assumir o cargo de Secretário Municipal de Educação, já está como secretário a dois mandatos

⁵⁶ Vinte e seis pessoas das aldeias, entre 13 e 20 anos foram estudar para ser professores Indígenas Xakriabá, o local da formação foi no Parque Estadual do Rio Doce. A SEE-MG em parceria com a Funai e com a UFMG organizou e realizou essa primeira etapa a partir de 1995. Hoje quinze anos, já acontece a quarta turma desse curso de magistério indígena, que prossegue com a Licenciatura. A maioria dessa turma está terminando a primeiro curso de Licenciatura Indígena do estado de Minas Gerais. Já no ano seguinte a entrada no curso de magistério, assumiram postos nas escolas que já existiam dentro da Terra Indígena.

dessa gestão na prefeitura. Chiquinho ainda não tem 30 anos de idade. Fui bem recebido, mas o jeito dele em algumas perguntas foram com respostas bem objetivas e curtas.

Estudei aqui até quarta série, quem queria continuar tinha que ir morar fora. Fiz a quarta de novo. Fui estudante daqueles professores que vinham de fora. Na primeira vez quem selecionou foi às lideranças, daí fizemos dois módulos. Já mandaram recado para o prefeito novo que assim que voltássemos iríamos assumir as escolas, mas o prefeito relutou e não quis, alegava que iria por gente formada para dar aulas. Ficou muita dúvida se iríamos dar conta, a própria comunidade ficou em dúvida. O pessoal da UFMG ainda não participava muito ainda. Assumimos as escolas e junto já começamos a discutir a questão política. A saúde pegou exemplos das escolas, Quem se organizou primeiro foram as escolas, o movimento por educação serviu de referência.

A negação do prefeito em negar que eles assumissem as escolas nas aldeias serviu como uma faca de dois gumes. Pergunto a ele quais os principais desafios que você enxerga para o povo Xakriabá. Responde que é a *“luta pela garantia dos direitos, ser reconhecido como sujeito de direitos. E a Autonomia”*.

Pergunto a ele qual a importância em assumir a administração pública.

Insatisfeito com o modelo que estava colocado e imposto para nós. Não respeitava o povo apesar de sermos maioria.

Como é ser um secretário da educação indígena?

Existe um diferencial, quando fui diretor aqui, trabalhávamos com o apoio do povo, se luta pelo coletivo. Ao trabalharmos na administração pública, ter trabalhado aqui ajuda. Do primeiro para o segundo mandato já mudou.

Alega algumas ações que já realizou como Secretário:

Fizemos um plano de carreira e agora faremos uma discussão sobre o plano municipal de educação, para incluir a história dos indígenas e principalmente dos Xakriabá. Foi feita uma lei, mas queremos discutir pois não adianta nada falar de indígenas e falar só dos povos da Amazônia, não adianta falar em indígenas e ter apenas eles como referência.

Pergunto a ele se já pensaram em transformar o laudo antropológico em material didático? Discorre que é uma boa idéia, mas nunca pensaram nisso.

Qual a importância do movimento nacional de educação escolar indígena para vocês aqui, para os Xakriabá?

Minas Gerais estava muito isolada dessa discussão, as informações não chegavam muito. Sempre o Espírito Santo ficava com a titularidade e nós de Minas com a suplência. Então não participávamos muito. Frequentar *Brasília* possibilitou conhecer novas experiências e também abrir caminhos por frequentar Brasília, ser reconhecido.

Vão vingar os Territórios Etno educacionais e sobre a Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena?

Em algumas regiões vão funcionar. Fizemos sete conferências regionais e as várias propostas servem de referencia para nossas ações aqui.

Questiono como é sua relação e da prefeitura com os municípios vizinhos?

As relações com os municípios vizinhos estão muito boas, só Itacarambi que era irmã do antigo prefeito daqui, ai a gente se encontrava, se respeitava, mas num tinha uma grande afinidade, só falava o necessário.

Porque a comunidade valoriza bastante a escola.

Hoje não discute só a educação, as pessoas discutem o próprio movimento indígena, Um professor indígena tem que ser uma liderança. Alguns ainda nem acham que deve ser isso. A educação se organizou muito primeiro que todo o resto. Escola de 1995, 1996, se fizer uma linha do tempo você vai perceber o avanço. Quem chega se admira. Xakriabá é referência, tem comunidade indígena de Minas que as coisas não avançaram bem assim não. Tem comunidades de Minas que desarticulou toda a organização interna. Formou pessoas com cabeça de querer sair. Tem que formar pessoas com valores que seja para querer ajudar. Formar com visão voltada pro seu povo, esse é o pé na aldeia e o pé no mundo. Tem gente nossa que quer se formar, mas não para se formar para o povo. Tem que servir para o povo e ajudar lá fora. A questão do coletivo é o fundamental.

Se há povos que desarticularam a partir de ter escolas, qual o diferencial do povo Xakriabá?

Hoje estamos na quarta turma de magistério. Tem professores que não buscam um resgate com os mais velhos, alguns só ficam às quatro horas e vão para casa. A própria formação mudou, já não é mais a mesma coisa.

Como a educação contribui na questão territorial?

A escola trabalha com a questão de buscar nossos direitos, pois tem gente que ainda fica passando a idéia de que pode ter mais massacre. Tenho ensino médio e não tem nada aqui, vou caçar alguma coisa lá fora. Por isso estamos querendo ensino médio profissionalizante, pois não tem vaga para todo mundo ser professor. Técnico agrícola. A demanda é grande. São duzentos formandos ano.

Peço a ele que me indique três momentos significativos para o Povo Xakriabá:

[...] o dia que expulsaram todo mundo e que homologou a terra, a conquista da educação, assumir escola indígena com professores indígenas e com coordenação indígena, e um que foi importante que é a política (ter conquistado a prefeitura).

Enquanto conversa com um Secretário de educação, não posso deixar de perguntar quais os principais problemas da educação indígena? *“São três: Legislação própria e específica, para educação indígena; a merenda, contratação, plano de carreira, um grande impasse a ser resolvido e a questão do transporte escolar.”*

A fala final de Chiquinho também veio em tom de desabafo, apresento alguns trechos:

Formar um médico no modelo que forma um professor não dá [...]
Precisa pensar em um projeto planejamento territorial e populacional [...]
Tem povos indígenas de Minas que as escolas desarticularam o movimento interno.

**Zé Nunes de Oliveira, Prefeito de São João das Missões.
A conversa ocorreu em 08 de abril de 2010, próximo a hora do almoço.**

Essa prosa ocorreu de maneira interessante, ela combinou a entrevista em seu gabinete as dez da manhã e lá fui, fiquei esperando, uma hora de espera. Daí um assessor veio me buscar para levar a outro escritório, alegando que no gabinete a entrevista seria muitas vezes interrompida. De fato, proseamos sem interrupção nenhuma por uma hora e meia. Ao contar isso a algumas pessoas de Missões, eles falaram que era quase um milagre. De fato, Zé Nunes é muito ocupado. Zé Nunes tem perto de seus trinta e três anos de idade, era um dos mais velhos dos estudantes da primeira turma de 1995/1996.

Sou Xakriabá e sou professor. Formei-me com a primeira turma de 1995/96 e depois fui diretor de escola. Hoje estou como prefeito no segundo mandato. A nova constituição que deu a abertura para os processos de educação e também saúde para os povos indígenas. Um modelo que tinha antes que não respeitava a própria cultura e história desses povos. Quando deu oportunidade aos próprios índios serem professores na sua aldeia, isso muda, apesar de que o processo de educação é muito difícil. Começamos a pensar uma escola que não ensina só a ler e escrever, mas uma escola voltada para toda a realidade da comunidade. A gente sempre fala que o professor indígena não tem horário para trabalhar, não tem horário para estar na escola, tem que estar envolvido com toda a organização da comunidade. Desde a hora da aula, da festa, das reuniões de comunidade, um envolvimento por completo. Um contribuidor.

E a escola pode servir para pessoas saírem da aldeia? Deixarem de ser indígenas?

Essa é uma das preocupações dessa escola que a gente está buscando construir, é a questão da sobrevivência enquanto povo, conseguimos um território depois de tanta luta, os indígenas e os aliados que lutaram conosco, faz com que tenhamos um território, ainda pequeno em relação a quantidade de povo que temos hoje, que tem crescido. Uma das preocupações é essa, sobreviver sobre o território, uma das principais, a autosustentação. De estudar e pensar as possibilidades e potencialidades do nosso território, isso está em discussão. Nosso povo sai muito daqui, vai para São Paulo, Mato Grosso, aqui é uma região sofrida. Sei que não vai ser fácil a gente segurar todo mundo aqui dentro do território, mas o bacana seria se amanhã a gente pudesse chegar nisso.

Que na escola seja trabalhado um processo de educação que envolva a comunidade e que a gente consiga buscar as formas de sobrevivência no seu próprio território.

Pensar no retorno para comunidade? Escola para fortalecer a identidade indígena.

Outros povos têm acontecido de pessoas que foram estudar fora e separaram da família, isso serve de exemplo para nós.

Pergunto a ele sobre a contribuição dos projetos.

Queremos montar uma escola envolvida. Sempre que fomos discutir escolas, quando era diretor, quando ia à reunião da coordenação da educação indígena, que envolvia a representação dos povos indígenas de MG, a coordenação da Secretaria Estadual, as entidades como a Funai, a UFMG, etc. Quando a gente ia para essas reuniões, colocávamos a demanda de falta de água, de estradas, de novas escolas, a comunidade pedia. Aí falavam, porquê trazer isso aqui, isso é com o prefeito. Aqui é para discutir educação.

Mas comenta também sobre a importância do Governo Federal e dos projetos que conseguiram junto a essa esfera para melhorar a vida do povo, desde o mutirão dos documentos que muitos nem tinham, a esses que as secretarias tocam. Faz um paralelo entre prefeitura e escolas, as secretarias parecem as disciplinas, uma separada da outra, mas alega que precisam juntar. Mas é mais fácil ser interdisciplinar na administração pública.

E prossegue, demonstrando que entende muito sobre educação, aprendizagem dos tempos em que foi educador e diretor de escola.

Precisamos construir uma ponte entre Aldeia e o Mundo. Temos coisas que precisamos do outro lado. Os aposentados não sabiam fazer a conta. Para que estudar, ninguém vai comer papel e caneta. Tudo tem que ter sentido.

Currículo: é importante ter uma disciplina de Uso do território ou isso estar em todas as disciplinas?

Sobre o educador, qual o papel dele numa escola indígena?

A gente sempre fala que o professor indígena não tem horário para trabalhar, não tem horário para estar na escola, tem que estar envolvido com toda a organização da comunidade.

Para terminar ele comenta sobre o papel dos indígenas na questão ambiental.

Se não tiver esse rio aqui, não tem sentido a gente viver aqui. Lá perto de casa, na aldeia faz dez anos que o rio é perene. O maior desafio é hoje envolver as pessoas. Mas precisamos de recurso. É muito desafiante.

E finalmente quais os grandes desafios até o final do seu mandato?

Criar uma secretaria de assuntos indígenas e criar uma cultura de participação, dar toda força as comunidades, tipo fazer mais e mais esse tipo de assembléias que a gente faz em cada comunidade ou aldeia. Pensar demandas e juntos pensar soluções, definir prioridades. Essa questão das estradas também é um grande desafio, a comunidade apontam, tanto fazer novas como a manutenção. Estamos começando a discutir as estradas ecológicas.

E sobre o Lixo? Como pensam o lixo? *“Diz que estudam a possibilidade de colocar uma usina de reciclagem mas para gerar renda e administrada pela prefeitura.”*

Zé Nunes termina sua colaboração a pesquisa dizendo que depois que deixar de ser prefeito, quer continuar ajudando, alguma coisa ele fará, voltará para a escola, vai dar aulas, se o povo quiser será diretor novamente, mas que o sonho dele mesmo é estudar antropologia. Terminada a entrevista, tinha algumas pessoas na sala ao lado esperando-o para mais uma reunião.

2.3.3.4 Refletindo sobre as colaborações e a *Força do Lugar*

Esta conclusão desta seção do capítulo é um encontro entre as vozes e os conceitos escolhidos da geografia, porém dialoga também com a preocupação de alguns fundamentos da metodologia escolhida. Para tanto fui beber na fonte da história oral, adotei alguns elementos dessa perspectiva, principalmente no processo de trabalhar com entrevistas. Trata-se assim de um encontro entre as falas e os temas que elas sugerem, os

conceitos escolhidos e a reflexão acerca dos caminhos escolhidos para fazer e construir sobre a pesquisa. O que Ribeiro, S. (2002, p. 26) nos chama a atenção como transcrição.

O depoimento de Seu X autentica a importância de Rodrigão e de Rosalino Nunes, pai do atual cacique e do prefeito de Missões, para a luta Xakriabá, lideranças que sempre estão presentes, pois são conclamados enquanto mártires da luta do povo. Também demonstra a importância das Associações para fortalecer a luta por manter e qualificar a vida na TI. Um das feições da cultura Xakriabá que impulsiona várias perspectivas da luta que travam tem relação aos aspectos de vida comunitária: é difícil de criar e fácil de acabar. “*Pensam que é só criar e já vem tudo*”, diz seu X sobre as associações.

Lembramos sempre do Pacote da Revolução Verde, e suas práticas extensionistas e, portanto, de ensino-aprendizagem, que foi analisada e questionada por Paulo Freire (1983) em seu livro *Extensão ou Comunicação*. Mas depois de estudar sobre Educação Indígena que eu use esse processo como um exemplo desse movimento que denunciei, o povo brasileiro calado (ou sem ser escutado ou considerado) frente às ações das instituições de poder no Brasil. Organizam as unidades escolares por relação de proximidade para cuidar delas, em todos os seus aspectos. A palavra e a ação são estas: cuidado. Essa é umas características fundamentais que a Escola exerce.

Questionei se a escola se organiza por Ciclo ou série. Considero essa escolha por parte deles, uma dubialidade. Optaram por série, foi uma escolha dos pais e mães, mas a parte burocrática é ciclo, ou seja, atuam de um jeito e lançam notas de outro. Atuam com dois professores por turma, e não possuem parecer do conselho estadual para isso. Trata-se da construção da autonomia. Na constituição federal ou no pareceres do conselho federal permite que escolas do campo e escolas indígenas cuidem de algumas especificidades no tocante a organização. Ela pode em termos ser própria ou ter funcionamento próprio, porém o estadual nem reconhece a categoria da escola indígena. Questiono que um dos Estados mais avançados em termos de formação ainda não reconhece escolas indígenas, pois ainda não se trata de lei apenas regulamentação.

Dona Y me conta que ela deu a “dica” sobre a escolha na época de quem iria para fazer o curso em 1995; ela mais que ninguém conhecia os estudantes na relação direta com a escolarização, pois foi professora deles. Ela fez o seguinte paralelo:

Hoje a Escola está caminhando com as nossas próprias pernas. Hoje em dia a escola mudou muito da época que eu dava aula, hoje ela trabalha ela com o próprio território, trabalha com as dificuldades do lugar, com a história do lugar, em vez de contar a história lá do Japão. Aprendemos a ler e escrever em cima da história do lugar. Antes aprendia só a ler e escrever, mas hoje é importante que aprendem a ler e escrever com o que passa aqui dentro.

A força do Lugar no que tange à escolarização indígena Xakriabá está em fazer com que o lugar seja utilizado e assumido enquanto componente curricular (basta lembrar: pé na aldeia e outro no mundo). Um dos grandes exemplos disso são as idas dos jovens fazer coletas de frutos e plantas no Cerrado, se trata de uma atividade coordenada pela escola e pela Casa de medicina tradicional.

A Escola tenta se qualificar e proporcionar uma possibilidade a partir da relação com projetos de pensar e interferir no território, tendo um alcance de geração de renda, um forte fator identitário e ampliando a busca de qualidade social e ambiental.

Seis anos como que fingindo de fazer escola e conquistar o direito de fazerem a escola com o protagonismo necessário para manter o povo e fortalecer a identidade, com isso assegurando o território.

Porém temporalidade e currículo sempre esbarram num ardiloso problema: quando uma Supervisora da secretaria de educação do Estado conseguiu estabelecer um acordo com os indígenas, há um rodízio de quem cuida, as inspetoras.

A força do lugar também está na comparação que dona Y nos apresenta:

Tinha muito preconceito, a gente era muita humilhada, a gente nem podia falar que a gente era Índio, num podia usar um colar... Se a gente saísse lá fora e falasse que era índio sentia era uma grande humilhação, as vezes

queriam bater e prender. Algumas mulheres falavam, mas os homens não. Tinha que ir lá fora e ficar caladinho, em Itacarambi e em outras cidades também. A escola ajudou a mudar essa situação, contribuiu para a gente a criar coragem de falar, ser índio, ensinou a viver, a sair lá fora e falar firme que é índio, é índio, é índio mesmo.

Se assumir como índio faz com que São João das Missões possa até recuperar seu nome antigo, São João das Missões dos Índios. Hoje é imprescindível que os projetos que realizam pelo viés das associações, estabeleçam uma nova maneira de compreender os indígenas. Que eles possam mostrar outras possibilidades e se imporem na vida social da região.

A paisagem pode ser desvendada com uma interessada e bem preparada descrição, já a espaço será necessário nos depararmos com critérios de análise. “A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente.” (SANTOS, 2003. p. 67)

As entrevistas auxiliam nas oficinas? Em conversa com Valdinho, disse sobre a importância de servir de elo de ligação entre o que ele conhece e o que os professores sabem ou não sabem. Ele me explicou sobre o milho. *“Estou usando ele? Respeita o uso ou costumes dos outros, sem esquece da nossa. Dos nossos mais velhos, dos nossos antepassados. A gente vive sempre mais nessa direção [...] Aquele passado como foi criado.”*

O passado na frente, mas também se preparar para as mudanças. Fazem comidas para lembrar e ganhar força frente às novidades, a modernização... pilão para fazer cuzcuz, torrar pipoca no burrinho... *“A vida nossa aqui do povo Xakriabá sempre foi muito sofrida, gente tinha medo de falar que era índio. Damos graças a Deus o ponto que estamos, mas temos que conquistar mais.”*

Não ter escola está associado com o jeito que os não indígenas tratavam vocês? Ele se atrapalhou e respondeu outra coisa. Infelizmente algumas mortes ocorreram e seu X as comenta consternado, apesar de tanto tempo ter se passado. Os assassinatos ocorreram em

1987, o que a Justiça intitulou como chacina de indígenas, com a primeira condenação por esse crime na história do nosso país.

Quando mataram Rosalino os posseiros já tavam tudo no barraco na aldeia Sumaré, esperando para sair. A lei segurou um pouco. Estavam uns três a quatro meses, iam na casa olhar criação. Mas depois da morte, tiveram 24 horas para sair.

Somente para lembrar: aos moradores da região foi dada a oportunidade de escolherem se queriam ser posseiros ou serem indígenas, era feito para isso um cadastro na Rural Minas ou na Funai.

Concluindo, ao caminhar por São João das Missões e Itacarambi, ao ter morado lá durante sete meses ininterruptos no decorrer da pesquisa e ter convivido durante dois anos e meio com os Indígenas, notei que muitos parentes dos indígenas moravam na área urbana. Esses são os posseiros, que escolheram não serem indígenas. Mas que se julgam indígenas mesmo sem serem reconhecidos, pois uma grande maioria vota nos candidatos Indígenas.

Criei uma associação aqui. A Funai impediu. Dois anos depois criamos a do Barreiro. Principalmente esse projeto de reflorestamento, meio ambiente, é muito bom.

Tanto a Funai como o Cimi se colocaram contrários à idéia de associação no início. A associação é um exemplo de como a unicidade comunitária ao ser atrelada a uma experiência institucional resulta numa potência. A Associação do Barreiro Preto é uma associação que tem por coordenador geral o Sr Nicolau que é de outra Aldeia mais distante.

Dentro da escola somos todos iguais, e procuramos trabalhar ouvindo os outros. O diálogo não é somente ter direito a fala, mas sim ouvir, a oralidade indígena e a relação entre os duplos. É importante a gente escrever das outras formas, mas é importante também o jeito que a gente fala. Isso é nossa história e esse é o nosso território.

Isso lembra um aluno do Proeja: *“Aprendemos o nosso e aprendemos o do não índio, isso é oportunismo?”*

Protagonismo significa ter vontades, querer e se servir da melhor maneira possível das oportunidades. Pobre não pode ter interesses? Essa é a força do Lugar. A Força do lugar está em serem protagonistas de uma ordem local, o território, em si mesmo, constitui como norma para várias ações, como nos lembra Milton Santos. Ou seja, a razão local e global de maneira dialógica sendo protagonizada pelo Papel da Escola, das associações, do empoderamento via poder público, mas principalmente pela força que vem da construção em conjunto das soluções de problemas.

2.4 Participar

Participar é o desenvolver de oficinas, projetos e trabalhos de campo para estudantes conhecerem a terra indígena e o processo de retomada e também o auxílio em projetos que os indígenas necessitam que sejam feitos.

As oficinas com os educadores e educadoras aconteceram no final de 2010. Mas antes de chegar a efetivar essas vivências, outras atividades ocorreram. As lideranças das aldeias e pessoas ligadas a condução dos projetos desenvolvidos na terra indígena precisavam adquirir a confiança necessária para que esse aspecto da pesquisa pudesse acontecer. Assim Trabalhos de Campo e a contribuição em projetos que visam qualificar a vida dos indígenas, favoreceram e abriram espaços para que as oficinas acontecessem.

A seguir descrevo primeiramente um Trabalho de campo realizado com estudantes e depois um dos projetos que ajudei a construir no sentido de traduzir para a linguagem adequada.

2.4.1 Trabalhos de campo

Por trabalho de campo denomino nesta seção as visitas que realizei enquanto professor de faculdade ou participante de alguma atividade outra que não fosse a pesquisa do doutoramento em si. Ao todo foram sete trabalhos de campo as duas TIs e ao processo de Retomada. O primeiro foi como participante em setembro de 2006 enquanto uma das atividades do *II Encontro norte mineiro de Agrobiodiversidade*, foi quando descobri a terra indígena Xakriabá. Organizei com outros professores duas idas a campo enquanto parte integrante das disciplinas de graduação que trabalhávamos na faculdade. Fui de acompanhante em dois trabalhos de campo dos professores e estudantes de História da mesma faculdade. Assisti a duas audiências públicas, uma na aldeia e outra na área urbana de Missões. Nas duas fui de carona com a Professora Suzana que também realiza pesquisa de doutoramento com o povo Xakriabá. Participei também de uma formatura, um evento único que reuniu os estudantes que terminaram as oitavas séries e de formandos do ensino médio de todas as aldeias Xakriabá.

Descrevo um trabalho de campo que realizei com a turma da Especialização em Gestão e Educação Ambiental da Faculdade Ceiva de Januária, a saída consistiu em visitarmos as duas TIs e o Morro Vermelho, um acampamento do processo de Retomada. Numa conversa a beira da rua de entrada da Terra Indígena Rancharia, paramos na praça com os estudantes e seu Agenor, o cacique dessa TI que veio nos buscar de motocicleta. O estudante da Pós, Fredson, nos apresenta duas cartas de 1967, Japoré e Januária, nos explica sobre a realização delas por aerofotogrametria e nos chamou a atenção de se fazer paralelo, visto ao tempo em que foram feitas, entre os riachos e córregos que antes existiam e hoje são intermitentes, que somam aproximadamente noventa por cento do total de corpos de água que antes existiam. O assunto girou em torno de mensurarmos a doação do Januário Cardoso, que iria desde na nascente do Rio Peruaçu, a Fazenda Buriti, hoje essa área é ocupada em apenas uns cinquenta por cento do território original. O sítio Urbano do Itacarambi hoje seria terra indígena se o povo fosse reivindicar a doação original.

Baseando-me no caderno de orientações curriculares da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), posso ter claro o objetivo principal de se realizar um Trabalho de Campo (TC), ou seja, uma ação estratégica e planejada para conhecermos e deciframos aquilo que nem sempre é visível. Essa possibilidade, no entanto se faz através de uma série de procedimentos que planejamos para que os estudantes executassem: levantar informações, registros das observações, questionar em loco, e fazer novos questionamentos durante a feitura do relatório, estarem atentos aos diálogos com diferentes interlocutores locais.

Nesse trabalho recorri ao problema da água, enquanto uso e seus aspectos políticos. Fomos a campo imbuídos de observar entre outras situações como os indígenas lidam com a água, pois em sala de aula lemos e discutimos o texto de Carlos Walter Porto Gonçalves sobre esse tema. A região norte mineira é classificada como fazendo parte da região semi-árida do Brasil e, portanto, a questão da água ganha importância adequada a essa característica. Tive oportunidade de visitar a TI Xakriabá no final de 2009 com um dos ativistas da Cáritas que coordena a partir da Articulação do Semi-Árido do Brasil (ASA) e junto aos indígenas os programas *Uma Terra duas Águas (P1+2)* e o *PIMC*⁵⁷, entre a construção de uma cisterna e outra, fomos dialogando sobre a importância desses projetos e uma revelação que despontou na conversa é de que eles entram na contabilidade do processo de revitalização relacionado ao *Projeto de Transposição das Águas do Rio São Francisco*, polêmico desde antes de ser implantado pelo governo federal. Ao ficar hospedado em Terra Indígena percebi os quanto esses projetos têm importância para qualificar a vida na região. Em 2007 quando enfrentamos a grande seca de nove meses, ainda não existiam cisternas naquelas localidades, começaram a implantar em 2008. Sabe-se que a água é essencial a vida, segundo Gonçalves nos chama a atenção, que a vida surgiu da água e não existe vida sem água. Desde então os depoimentos são insistentes em afirmar o quanto a vida mudou para melhor com as cisternas. Só para termos uma idéia a água de Missões, no núcleo urbano, é ruim de beber devido a quantidade

⁵⁷ Articulação do Semi-Árido do Brasil é um fórum de organizações da sociedade civil que desde 1999 que congrega mais de 700 entidades (Ongs, associações, sindicatos, igrejas católicas e evangélicas, etc.) e gere três programas: Programa Uma Terra Duas Águas, Programa Um Milhão de Cisternas e o Programa da Bomba D'Água Popular (BAP). Os dois primeiros consistem em propiciar a convivência com o semi-árido mobilizando e formando para a perspectiva coletiva e participativa as comunidades inseridas aos programas.

de calcário, e muitas vezes as a água de cisternas após fervidas são levadas para serem consumidas na cidade, quando necessitam ficar algum tempo na cidade.

Mas politizando mais a questão da água, o texto de Porto-Gonçalves (2008, p. 195) nos apresenta que

Hoje podemos dizer que estamos diante de uma questão da água do mesmo modo que se fala de questão agrária ou urbana. Indaguemos, pois, as razões que levam a água a ser posta em questão e, ao mesmo tempo, identificando os diferentes protagonistas que o fazem.

Descobrimos informações interessantes que Porto-Gonçalves (2008, p. 198) apresenta em seu texto, como por exemplo, de que um cidadão alemão consome nove vezes mais água que um indiano e que a agricultura demanda 70% da água consumida no mundo (a maior parte para irrigação), apenas 10% é para consumo humano direto e ainda que segundo dados da ONU, 1 bilhão e 200 milhões de habitantes não tem acesso a água potável e 2,4 bilhões não tem acesso ao saneamento básico.

Mas o mais importante dado é como a população urbana vem num crescente desde a década de 70, a água passou a ser um problema geopolítico, devido a esse aumento de água ocasionado por um estilo de vida urbana que demanda mais produção do campo para abastecer as cidades, forçando o uso da água, do solo e do subsolo. Desta situação para o discurso da escassez fica fácil. Convencem-nos, segundo Porto-Gonçalves (2008), que apenas 1% da água total do planeta é potável. Entre os Xakriabá essa situação da água a ser consumida para saciar as necessidades de consumo, estão resolvidas. Para eles resta chegar a margem do São Francisco e dar certo as cisternas de placa que vai abastecer a produção agrícola. Um próximo passo é fazer vingar o projeto de piscicultura no corpo d'água que foi criado pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) no início dos anos de 1990, com a construção da hidrelétrica próxima as nascentes, no alto do Rio Itacarambi. A grande questão que o texto lido em sala de aula e utilizado como referência para nossa atividade de campo deixa é a seguinte: *Água: bem da humanidade ou mercadoria?*

Discorrendo mais sobre as atividades do Trabalho de campo: Seu Agenor, o cacique nos recebeu e conduziu para dentro da TI. Rancharia é um distrito de Missões, a estrada que vem de Itacarambi atravessa a localidade e serve como divisor de um alado ficando a TI e do outro os moradores não indígenas.

Ao sermos recebidos por uma das lideranças, explico o porque viemos a Rancharia, primeiro pelo fato de os Xakriabá terem duas terras indígenas, e também por causa de Rancharia ser muito importante para entender a história dos indígenas e da região. Lembro aos participantes que alguns naturalistas viajantes chamavam os Xakriabá de povo remador. Após uma sessão de apresentação fomos conhecer a lagoa, que origina o nome da localidade, pois na beira dela os viajantes paravam para fazer rancho, se alimentar e encher os cantis e galões de água para seguir a frente.

Depoimento de Adailton, o *coordenador do meio ambiente* do município nos revela que houve um período muito grande de escassez há seis anos em relação a água. Perceberam que as nascentes vinham secando. Apresentaram via associação Barreiro Preto, o projeto em que deram as mãos entra as duas TIs. Algumas ações específicas na lagoa em Rancharia buscam dar orientação a população e fazer convite a participação, os próximos passos serão o de limpeza para lagoa e cercamento das nascentes na Terra Indígena Rancharia.. Nas duas as ações são conjuntas no sentido de fortalecerem as ações mitigadoras: cercamento, educação ambiental, cartilhas, folder. Nos aponta que é muito difícil romper com a cultura do boi e para retirar animais tem que criar alternativas ao todo nas duas Terras, existem 15 nascentes que já passaram por cercamentos. Relacionam-se com o Projeto Mosaico pelo Ministério do Meio Ambiente que busca uma integração entre unidades de conservação da margem esquerda do São Francisco com o intuito de incentivar o extrativismo de frutos das árvores frutíferas e nativas e plantas nativas do cerrado e o ecoturismo.

2.4.2 Auxílio em Projetos

Antes de ir morar em São João das Missões e fazer a parte referente às entrevistas e as oficinas, um dos vereadores de São João, Hilário Xakriabá me pediu ajuda num projeto que as Associações e a comunidade de algumas aldeias estavam apresentando a um Deputado Estadual para obter recursos a fim de implantá-lo. Isso foi em maio/junho de 2009 e eu fui à região para dar aulas no Proeja, participar de uma audiência pública referente à Retomada e para conversar sobre aluguel de casa ou apartamento a partir do mês de agosto do mesmo ano.

O nome do projeto foi criado durante a escrita do mesmo, Hilário na verdade só tinha a idéia e queria que eu a passasse no papel. Levamos os três períodos do dia para fazê-lo, terminamos por volta da meia noite. Tratou-se de um projeto para apoiar outro já existente. O projeto foi intitulado de *Construção das Estruturas de apoio ao Projeto Piscicultura Xakriabá*. Conhecido por projeto dos peixes, essa atividade anterior, é feita a partir de tanques redes dispostos no lago da represa da Hidrelétrica que a Codevasf instalou no início dos anos 90 do século passado dentro da Terra Indígena Xakriabá, represando o Rio Itacarambi. A Idéia da comunidade era dispor de local adequado para as familiares permanecerem enquanto realizavam a alimentação dos peixes, que é feita de três em três horas. As famílias se revezam nessa tarefa e depois os peixes quando prontos para o abatimento servem de alimento as mesmas ou repartem o que for fruto da comercialização. Para mim foi uma experiência diferente, apesar de ter conhecimento em redigir projetos, pois se tratou de aprender e dialogar com a concepção de vida dos indígenas Xakriabá. Era uma tradução de linguagem, pois Hilário me passava as idéias sem dividi-las na formalidade da escrita, o trabalho foi em passar do oral para o escrito, mas com essa oralidade recoberta de valores e especificidades do entendimento dos indígenas sobre o mundo. O que percebi é que a maneira de resolverem seus problemas é sempre atingindo-os de maneira complexa, eles não resolvem de maneira pontual. Nesse projeto eles resolvem por exemplo os problemas dos jovens, resgatam o artesanato, possibilitam mais renda, cuidam mais da criação de peixes, sentem conforto na espera entre um momento e outro de alimentar ao alevinos. Uso a palavra transdisciplinar, pois sou da

cultura das disciplinas, eles fazem outra coisa. De qualquer maneira consigo notar o que os preocupa no momento, e o ocaso dos jovens é uma dessas grandes preocupações.

Os proponentes oficiais do projeto foram a Secretaria Municipal de Agricultura de São João das Missões e as quatro Associações Indígenas Xakriabá. Hilário ao conversar comigo e me solicitar o que queria que eu transformasse em projeto estava representando ao menos o resultado de seis reuniões e centenas de pessoas. Em movimentos socioterritoriais não existe uma vontade que seja particular para essas questões. Todas passam pela prática do coletivo, os Xakriabá já possuem essa prática bem antes de existirem associações e terem a conquista do poder público municipal.

Para especificar ao que visa o projeto convém entender que a piscicultura na lagoa da Barragem serve de alternativas para o auto sustento das famílias. Surgiu em 2005, na parceria entre a Prefeitura Municipal de São João das Missões, Instituto Estadual de Florestas (IEF), Emater-MG e Codevasf. Entre os recursos hídricos das Terras Indígenas, o que possui maior potencial é o rio Itacarambi, no qual já existe uma represa da Codevasf. Essa Companhia a fim de reparar alguns erros que cometeu ao criar a barragem, inclusive o sumiço dos peixes, proporciona a doação de tanques, alevinos e ração no decorrer de um ano. Esse período, no entanto foi renovado até esses grupos conquistarem definitivamente a autonomia em relação à criação de peixes. Pergunto se esse é um caminho difícil? Responde-me que essa é a finalidade de melhorar mais, propor que outros projetos caminhem juntos. Além disso, no Projeto atuam 18 famílias e será ampliado para mais dois grupos com 49 famílias, serão sessenta e sete famílias ao todo.

Esse novo projeto que se atrelará ao já existente, propõe a construção de uma Casa de Cultura e Artesanato, que servirá de acomodação as famílias que vão tratar e desenvolver as atividades com os peixes, com lugar para armazenamento e depósito dos alimentos. Proporcionará também a atividade de se envolverem com artesanato realizado a partir de frutos e plantas do cerrado e com o couro dos peixes abatidos. De forma direta o projeto atenderá as famílias que pertencem às aldeias Itapicurú, Barra de Sumaré, Sapé e Barreiro Preto, porém de maneira indireta atingirá todas as aldeias e possivelmente o município através

de feiras e da merenda escolar. Trata-se de uma dinâmica que proporcionará segurança alimentar e renda a essas famílias. Criando também alternativas ao gado nas duas TIs. Por ser piloto na TI, se prosseguir nos rumos que está, a tendência é se ampliar, com a possibilidade de construção de barragens específicas para criação de peixes. Em duas atividades que precisamos almoçar coletivamente na TI foi nos servido peixes provindos desse projeto.

O Projeto de Piscicultura, em sua dinâmica interna de trabalho incide em que cada grupo esteja sempre atento aos processos de crescimento das Tilápias. O cuidado nesse tipo de criação é muito mais intenso que a criação de galinhas ou porcos e outros animais. É cotidiano e diariamente cronometrado. A alimentação dos peixes é o que mais dispensa trabalho. Além disso, as atividades consistem em separação dos peixes por peso e tamanho, banhos de sal para combater bactérias e bastante atenção a quantidade de ração a ser dada diariamente. Desde a chegada dos alevinos até o abate serão necessários seis meses de tarefas que requerem atenção e meticulosidade, contanto com um revezamento entre os membros das famílias.

A temporalidade envolvida na criação nas redes-tanques pode ser apontada em dois aspectos: um deles tem relação com as atividades que são realizadas mensalmente ou bimestralmente e outro relacionado às atividades a serem efetivadas cotidianamente. O abate, por exemplo, que ocorre através do banho de gelo, está planejado para acontecer de dois em dois meses. Cada grupo familiar fica por vinte e quatro horas cuidando dos peixes, aumentando o número de famílias, o trabalho para cada uma será de uma vez ao mês, ocorrendo a possibilidade de ficar 48 dias sem precisar desenvolver a atividade.

Além de propiciar uma alternativa a criação de gado, que por si só já considero interessante, o que me chamou a atenção e que remete ao processo de escolarização é a outra característica importante a ser ressaltada que é a de proporcionar oportunidades e alternativas aos jovens envolvidos no sentido de permanecerem nas Terras Indígenas, visto que muitos deles têm migrado para o corte de cana em outros Estados Brasileiros.

No outro dia cedo, peguei a estrada para levar o documento pronto e impresso a Januária para ser encaminhado ao Deputado na Assembléia. Hoje, alguns meses depois, fico

contente em saber que o projeto foi aceito, recebeu verba e a Casa de Cultura e Artesanato está sendo construída.

2.4.3 Desvendando acontecimentos: as oficinas.

Estas linhas provém da descrição e de algumas reflexões que surgem da aplicação da oficina *A Geografia, a Questão Indígena e a Globalização: diálogos e práticas sobre ciência, informação e sabedoria popular*, dirigida a educadores/as de diversas áreas de conhecimento que atuam na educação escolar indígena e ocorrida em dois encontros na escola *Xukurang da Aldeia Barreiro Preto (TI Xakriabá)*.

Trabalhei em conjunto com educadores/as dessa aldeia, num dia todo por dois períodos e num outro dia apenas o período da manhã. O intervalo entre um encontro e outro foi de quase de um mês. O primeiro encontro ocorreu durante a manhã e a tarde de uma terça feira, dia 20 de outubro de 2009. O segundo encontro ocorreu na manhã de 12 de novembro de 2009. Essa oficina aconteceu totalizando doze horas. Para chegar a esse acontecimento, com possibilidade de calendário e disposição por parte dos educadores, é necessário recordar a construção da confiança e obviamente da compreensão da importância de realizarem esses encontros. Cito como exemplos dessa construção o fato de ter sido “professor” das lideranças no Proeja, estar presente na formatura deles em agosto de 2009 na aldeia Sumaré, ter participado de vários seminários na aldeia Barreiro Preto, como por exemplo, o Seminário de Soberania Alimentar promovido pela Funasa e Prefeitura, mas fundamental, em meu ponto de vista, foi ter me mudado para São João das Missões em agosto de 2009.

O que me impulsionou a apresentar essas discussões é o fato de à época já ter realizado algumas etapas da observação e ter um acúmulo de conhecimentos sobre as questões socioterritoriais dos indígenas. Tinha lido algumas dissertações, participado de banca de

monografia de duas estudantes Xakriabá da Faculdade Ceiva⁵⁸. Eu concluí as oficinas de audiovisual e realizei três encontros para ministrar geografia com estudantes do Proeja Indígena. Portanto muitas das ponderações e temas desenvolvidos nesses dois encontros se baseiam nas experiências anteriores. As entrevistas, no entanto ainda não haviam sido realizadas; essas deveriam ter sido desempenhadas antes da oficina com educadores e educadoras, pois serviriam como também como diagnóstico para a mesma. Mas, mesmo assim, tive que realizar a oficina com educadores e educadoras pelo motivo do tempo: o fim do prazo do doutoramento e da disposição de datas no calendário escolar. A fé para realizar uma boa entrevista ainda estavam sendo construídas, e de certa maneira, as relações desenvolvidas a partir dessa oficina contribuíram para que fosse mais aceito junto à comunidade.

Se formos buscar o significado de uma oficina, temos que levar em consideração seu aspecto de *espaço de trabalho*. Além disso, podemos propor a idéia de conserto; ainda junto com ela a de criação. O trabalho de consertar criativamente algo compreende uma relação de formação. Como desenvolvemos uma atividade intelectual, é necessário dizer que podemos escolher em qual escala queremos agir, ou seja, se desejamos consertar criativamente o mundo, ou o Brasil ou o viver local ou ainda quem sabe a nós mesmos. Essas possibilidades não estão tão desarticuladas assim uma das outras, cabe aqui realizá-la para efeito analítico e de propor ações concretas na atividade educacional ao qual estamos envolvidos. Podemos nos ancorar nos dizeres de Sousa Neto (2001, p. 120), que para o termo oficina, aponta o seguinte:

A palavra ofício deriva de officiu que no latim significa dever, naquele sentido de cumprir com dada obrigação e a partir de um ritual determinado (Ferreira, 1986). Entre nós, o dever da palavra ofício representa ainda um certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais. O exercício de qualquer ofício, nesse sentido, pressupõe que o seu realizador domine os processos que lhe são inerentes e seja capaz de executá-los de maneira a observar como cada

⁵⁸ Banca de Fernanda de Oliveira e Sandra Nunes, estudantes Xakriabá, que fizeram em conjunto com Andréa Narciso Meira, colega de turma delas. O título do trabalho foi *Entrelaçando olhares sobre a Educação Indígena: a concepção sobre educação diferenciada, formação de professores e a experiência do povo Xakriabá*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - CEIVA Centro Educação Integrada do Vale do São Francisco - SOEBRAS.

momento, cada detalhe por diminuto que seja, cada gesto ainda que automático, resulta de uma unidade em que os fragmentos só justificam sua existência por fazerem parte do todo.

Algumas das forças que os Xakriabá detêm constam no lema que adotam para demonstrar o que sugerem enquanto currículo amplo nas ações da educação escolar: *Um pé na aldeia e outro no mundo*. Cada escola é um fragmento que se justifica na luta maior por qualificar a vida, fortalecer a identidade, ampliar e salvaguardar as TIs. Dominar o processo, como convida Manoel Fernandes, passa por perceber em que mundos estão envolvidos. Se formos fragmentos, como fazemos parte do todo?

2.4.3.1 As oficinas

Como ensinar geografia aos educadores e às educadoras Xakriabá da escola da Aldeia Barreiro Preto? Quais temas escolher? O que ensinar a eles e elas?

Nossa intenção foi realizar uma discussão sobre a educação escolar e Terra Indígena, visto que esse é o tema em torno do qual minha hipótese gravita. O problema agrário como comparação, as três globalizações sugeridas por Milton Santos (2000), e uma visão sobre a importância dos *homens lentos* do nosso país, puderam corroborar para ampliar possibilidades de entenderem o seu próprio território e luta a partir de alguns conceitos e temas que apresentava. A minha preocupação enquanto geógrafo-educador foi a de manter um caráter de construção do conhecimento numa postura dialógica, entre saberes e conhecimento científico provindo da Geografia. Coloquei-me ali como promotor e intermediador dessa situação.

Podemos constatar que esses objetivos foram alcançados e até suplantados: tive a grata surpresa de contar com a participação atenta de vários educadores e educadoras de todas as séries, de alguns funcionários da escola e do vereador Hilário. Duas ex-estudantes da escola que fazem universidade na UFMG de licenciatura indígena também participaram das duas etapas.

Quanto aos pressupostos teóricos e metodológicos que compuseram minha estratégia de envolvimento e caminhada dessa oficina, procurei mesclar preocupações da Geografia, como, por exemplo, a globalização, a educação e algumas explicações sobre o norte de Minas Gerais. Uma das preocupações que me motivou foi a de dialogar sobre o atual estado de arte da geografia enquanto ciência, mas também enquanto vivência e suas interfaces com a TI Xakriabá, Obviamente que a questão indígena e a questão agrária terão fazer parte dessa conversa. Se a Geografia está em nosso dia a dia, ela surge como ciência bem como enquanto sabedoria e, com certeza, utilizada pelas pessoas, grupos que coordenam a esfera da informação. Necessariamente nesse diálogo teríamos que descaracterizar mitos e sentidos comuns construídos pelas mídias e por explicações assumidas no movimento interno da construção científica. Assim, adotamos para servir enquanto recurso, dois filmes, um sobre Milton Santos e um sobre Paulo Freire, um texto e dois mapas também auxiliaram nas vivências.

Como nossa oficina aconteceu em três períodos, dividimos o tema em dois eixos: “A Etnogeografia e a importância da escola” e no segundo encontro optamos pelo título “A outra globalização: Territorialização e Espacialização da Luta Xakriabá”. Teríamos antes de tudo que discutir brevemente sobre nossa condição de educadores: sempre em formação.

2.4.3.1.1 A Etnogeografia e a importância da escola

No primeiro encontro, que teve dois períodos, comecei o trabalho com uma dinâmica de apresentação que visou por um lado trazer à tona palavras relacionadas ao conhecimento prévio dos participantes sobre a geografia e por outro também proporcionar uma primeira vivência de reflexão sobre o *sermos educadores*. Os participantes anotaram num pedaço de papel seus nomes, local de procedência e uma palavra chave relacionada a viver na Terra Indígena, depositando numa pequena caixa de papelão. Após essa etapa, começaram a retirar da caixa, um por vez, apresentando a pessoa que havia redigido o papel sorteado. (Falar sobre o outro). Uma vez concluída essa fala sobre o outro, o participante escolhia uma das três

palavras escritas relacionando e comentando o quão importante em sua vida foi ou é aquele nome (ou lugar ou ainda a referência a viver na Terra Indígena). Tratava-se assim de um resgate da memória pessoal e da trajetória de cada um a partir de algo escrito pelo outro (Falar sobre si).

Chamamos a atenção para a possibilidade de esse exercício pode causar constrangimento, sendo realizado dessa maneira com os jovens e as crianças. Faz-se necessário pensar em outra forma de realizar a dinâmica (temos que levar em conta a faixa etária e as oportunidades ligadas à classe social que estamos educando), podemos dinamizar de maneira mais lúdica com jovens e crianças, como por exemplo: comentar algum aspecto interessante sobre a pessoa que tem o nome escrito no papel, tentando fazer mistério sobre ela para que os demais adivinhem (esta possibilidade fica melhor com uma turma que já convive e estuda junto há algum tempo, no caso deles todos se conhecem, então ocorreu a contento). Na verdade esse adendo mostra uma das preocupações dessa oficina, muito do que realizávamos tinha que servir para a reflexão de como estaríamos agindo se a situação fosse outra, se estivéssemos em sala de aula com crianças e jovens.

Essa primeira parte foi muito interessante, pois cada um dos participantes pôde apresentar oralmente alguma experiência significativa, resgatando o que consideraram importante em suas trajetórias de educadores ou de educandos. Para eu conhecê-los também foi bastante importante. Tivemos um bom momento inicial de comentários sobre lugares, pessoas, relações que contribuíram para toda a oficina. Finalmente, tive oportunidade de comentar sobre a importância da memória seja para atuarmos com o processo de ensino/aprendizagem ou para entender como se constituem as relações dos Xakriabá no Brasil hodierno. A memória é igual para a cultura de base oral e para a de base escrita?

Realizei os dois encontros no salão da comunidade, que utilizam como salão paroquial (já acompanhei casamentos nele) e como lugar de reunião da comunidade e para seminários e também de recepção dos visitantes. A Escola utiliza esse salão para suas reuniões mais coletivas e quando realizei trabalhos de campo com a turma da faculdade foi nele que pousamos.

Para prosseguir com a oficina, utilizei a *tempestade mental*, anotei numa lousa improvisada as diferentes palavras ou frases relacionadas à Terra Indígena que surgiram: Casa de medicina Tradicional; justiça; ajuda; união; coleta de frutos do cerrado; comunidade; cultura; produção; escutar os mais velhos; massacre; associações; cercamento das nascentes; cisternas; lixo; saúde; família; mudança; sobrevivência; luta; participação, hidrelétrica; solidariedade; plantação; escolas; canteiros de mudas. Após uma breve reflexão sobre se essas palavras tinham relação ou não com o que nos propúnhamos a apresentar nas horas seguintes, partimos para discutir sobre três questões importantes para nosso agir enquanto educadores: o que pensamos do conhecimento? Qual a definição que temos em relação à ciência geográfica em nossas atividades de educadores? Como enxergamos que os estudantes aprendem o que ensinamos? Evidente que somente cada uma dessas três questões já daria uma manhã ou até mesmo uma outra oficina, mas pincelá-las se fez importante para o andamento das discussões que queríamos travar nesse nosso curto percurso.

Trouxemos citações para gerar uma discussão sobre cada uma das perguntas: O que pensamos do conhecimento? Qual o seu papel para o nosso viver em sociedade atualmente? Que contradições são travadas nessa sociedade de classes em que vivemos? Após um breve diálogo, lançamos a reflexão contida numa citação do educador Thomas Tadeu da Silva (1998, p. 9) que nos revela o seguinte:

O conhecimento deixa de ser um campo sujeito à interpretação e à controvérsia para ser simplesmente um campo de transmissão de habilidades e técnicas que sejam relevantes para o funcionamento do capital. O conhecimento deixa de ser uma questão cultural, ética e política para se transformar numa questão simplesmente técnica.

Mas o que é esse conhecimento que ele apresenta nesse trecho? Chegamos a conclusão que ele estava falando de escola. Das disciplinas, matérias escolares. Onde é produzido o que ensinamos na escola? Propus a fazer uma questão ligada ao conhecimento que trabalho e estudo, a Geografia.

Realizei a seguinte pergunta: O que sabem sobre a Geografia? Ela acontece em nosso dia a dia? As várias ciências acontecem em nosso dia a dia? Solicito a eles e elas para

cochicharem as respostas a essas questões, provocando-os para olharem ali na sala, pela janela. Cadê a geografia? Onde vemos essa ciência acontecendo? A tendência é que ao provocarmos, respondam que as matérias da escola de certa maneira são as ciências. Mas é preciso ver as ciências como promotoras de arranjos espaciais, embutidas nas mercadorias que consumimos.

É necessário também perceber como pensamos e agimos em relação à ciência com que estamos envolvidos, no caso deles e delas com os cursos que realizam ou realizaram. . Como criamos uma oficina de pessoas que não conheciam a discussão mais recente dessa ciência, tivemos que sugerir aos presentes que pensassem sobre o que conheciam de Geografia. Assim, após debatermos a questão geradora (qual a definição que temos em relação à ciência que estamos envolvidos enquanto disciplina escolar em nossas atividades de educadores?), sugeri uma definição de geografia:

Ciência que pesquisa / analisa o espaço construído pelo trabalho de seres humanos que vivem nas diferentes sociedades (diferentes culturas), seja no tempo recente ou através dos tempos, considerando o espaço ocupado como resultado / reflexo do movimento destas sociedades em suas contradições e nas relações que estabelecem com a natureza e com o mundo (abertura para o mundo) nos diversos tempos históricos. (PALADIM JR., 2003)

Essa é apenas uma tentativa de definição, calcada no relacionamento de cinco palavras-chave que considero importante para ensinar/aprender Geografia: Trabalho, Sociedade, Natureza, Tempo, Espaço. Provoco-os para elencarem quais as palavras importantes das disciplinas /ciências que estão envolvidos. Uma primeira crítica que posso fazer sobre a tentativa de definição que expus acima foi à falta de preocupação com a questão da escala, dei mais ênfase ao tempo que ao próprio espaço. Mas voltaria e ela mais adiante, uma vez que a questão *do pé na escola e pé no mundo* trabalharemos mais a frente. Como já disse anteriormente, não é minha intenção esgotar assuntos, apenas abrir portas e sugerir novos questionamentos geradores de mais e mais buscas. Essa é uma definição que revela uma face da Geografia, ou uma das várias geografias. A geografia pode ser o nosso dia a dia como sugere Kaercher (2003, p. 11): “[...] o homem faz a geografia a medida que se faz humano, ser social, nessa luta o homem usa, destrói/constrói/modifica a si e a natureza”. Mais uma vez

repete-se, surgindo mais dúvidas e assim o conhecimento prossegue. Ocupa terrenos visando transformações, uma vez que se vê a geografia como ciência.

O terceiro e o último tema dessa manhã: *Informação, Ciência e Sabedoria de Emilio Lamo de Espinosa* (2006), eis um texto que entreguei, retirado da agenda latino americana. Entreguei uma cópia a cada participante e li em voz alta. O texto se inicia a partir de um poema, disse aos participantes, que só isso já me deixa gostando dele, mas outra questão que me faz adotá-lo é justamente por essas linhas terem relação com muitas questões que discuto acerca do conhecimento desde os tempos de estudante da graduação. Naquela época, questionava sobre a redoma em que a Universidade se encontrava, por não fazer extensão da maneira que gostaríamos e pela qual lutávamos. Ou seja, o texto vem de encontro as críticas que construímos, eu e os amigos do Movimento Estudantil, depois os do campo profissional em educação. Ele é como se fosse um *encontro das águas*. Feita essa explicação, começamos a ler:

Em 1934, em seu poema A rocha, o poeta T. S. Eliot escreve: «invenções sem fim, experimentos sem fim, nos faz conhecer o movimento, mas não a quietude, conhecimento da palavra, mas não do silêncio, das palavras, mas não da Palavra». E continua: «Onde está a sabedoria que perdemos com o conhecimento? >> Onde está o conhecimento que perdemos com a informação?» Quando certamente vivemos banhados de informações, com conhecimentos crescentes, mas com a mesma sabedoria de três mil anos, sem acaso, não sobra comentar esta profunda intuição. (LAMO DE ESPINOSA, 2006, p. 36)

O autor argumenta que informação, conhecimento e sabedoria são três modos de conhecimento, mas de alcance e desenvolvimento muito distintos. Ou seja, três maneiras diferentes de apreender e comunicar sobre o mundo. Sobre o alcance da ciência, discuti ao fazer o exercício anterior, que respondemos onde encontramos a ciência. Mas e a informação e a sabedoria, onde encontramos em nosso viver aqui e no Brasil como um todo, ou até no Mundo? Eles também têm gêneses diferenciadas. Perguntei: qual a temporalidade de cada um desses modos. Estabeleço um paralelo tanto de tempo como de aspectos da cultura humana no decorrer da história dos diversos povos. É possível associar, informação, ciência e sabedoria

pelo viés cultural da oralidade, do advento da escrita e, portanto da sistematização hoje em dia, desde os meados do século 20, com o advento do rádio, do cinema e depois da televisão, do vídeo, ou seja, os recursos audiovisuais?

O próprio texto promove esse paralelo ao apontar que a informação pode ser digitalizada, arquivada e transmitida. Informação relaciona a web, as agências de notícias de jornais escritos e televisivos. Na ciência o autor assinala que

Segundo Lamo de Espinosa (op. cit.), a informação diz *o que é e como é o que é*. Já a Ciência nos aponta *não o que é, mas o que posso fazer*: ela não entende nada, em seus aspectos *objetivistas*, do que é amar ou odiar, o que é agradável ou repugnante. A sabedoria mostra o que devo fazer, trata de ensinar a viver e me mostra, de entre tudo o muito que posso fazer, o que merece ser feito. *Respondem assim, a três perguntas muito distintas: O que há? O que posso fazer? O que devo fazer?*

Ao dialogar sobre o texto surgiu uma questão importante: como os três se entrecruzam? Essa é uma questão que já tinha de antemão, mas mesmo assim deixei despontar durante a discussão. Ela sempre aparece quando começamos a separar demasiadamente cada uma. Nossa vida em sociedade hoje é deveras misturada; essas três esferas estão presentes.

Depois do almoço retomei as palavras que surgiram na dinâmica do início da manhã, apontei as que se relacionam com a resposta a essas perguntas: todas cabem dentro da escola indígena. É possível fazermos um paralelo entre as palavras e essas três maneiras de conhecimento?

E a escola lida com qual desses três modos? Como entender essas três maneiras dentro da Escola, das práticas escolares? Como vem ocorrendo isso no Brasil? E no mundo?

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim uma escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não

importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem e da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura da direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser testemunho que deve ser do lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. (FREIRE, 1996, p. 115)

A Escola pode e deve mesclar essas três esferas, mas qual nosso papel enquanto educadores de promover essa relação enquanto diálogo e não enquanto imposição? A maneira utilizada para responder a essa questão foi um trabalho com mapas. Utilizei vários Mapas do município de Januária feito pelo estudante Fredson Cabral do curso de Geografia da Faculdade Ceiva, enquanto estava no sétimo período, contratado pela secretaria de educação para pontuar todas as escolas municipais.

Entrego o mapa aos participantes e solicito que o investiguem. São folhas que precisam de quatro carteiras para que ele possa ser aberto, em nosso caso abrimos no chão. Trabalhei com cinco folhas, com quatro pessoas manuseando e fazendo observações. Esse mapa está inserido no fim dessa seção. Observam por aproximadamente dez minutos. Esse é um mapa que nenhum deles conhecia. Além de ser extremamente recente, é pouco difundido, apenas a diretora já havia visto e o vereador Hilário, já que o apresentei na Câmara Municipal e doei um para a escola⁵⁹. Utilizo esse mapa, pois ele traz algumas informações relevantes para as questões que queremos desenvolver. A primeira delas é perguntar como eles acham que esse mapa foi feito? Após traçarmos o caminho tanto de Fredson, as motivações da Secretaria de Educação, o uso do GPS, as imagens de satélite, pergunto: esse mapa está relacionado a qual

⁵⁹ Esse mapa foi utilizado como exemplo para difundir a idéia de que precisariam realizar um similar para o município de São João das Missões, essa foi uma das propostas que tive quando morei lá. Um exemplar do Mapa foi doado a cada estudante do PROEJA durante as oficinas que trabalhei com eles, para ser fixado nas escolas sedes das aldeias Xakriabá.

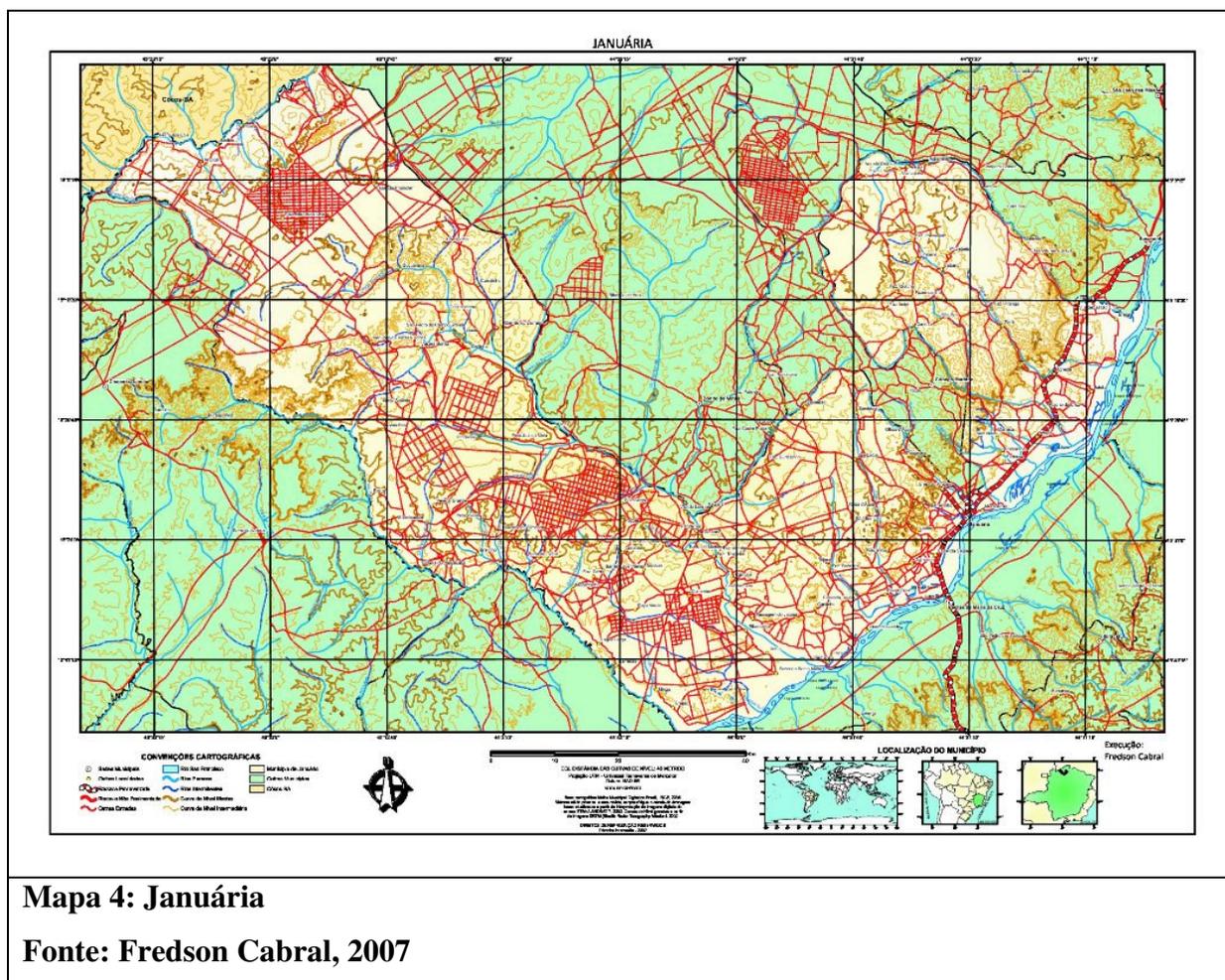
das três esferas com que trabalhamos no texto do Espinosa? Revela-se que o peso maior é da ciência. Mas será que o mapa informa? Será que tem sabedoria popular contida no mapa?

Ao constatar que o mapa é de Januária, começam a procurar lugares que conhecem. Todos da sala já foram a Januária que fica a 84 km de São João das Missões. A grande surpresa é que não sabiam que Januária faz divisa com a Bahia. Apresento um Mapa do Brasil para que possam perceber a disposição dos Estados da Federação. Começo a fazer questões: Onde está o Rio São Francisco? Encontram S.J. Missões ao Norte e Itacarambi também.

Após esse trabalho de localização, vem uma questão importante: O que são essas manchas vermelhas, todas quadriculadas que aparecem em Januária ou em outros lugares que o mapa representa? Cidades, alguns respondem. Seriam aeroportos? Mas aí seriam muitos para um município só? Por falar em município, comento que fiz esse mesmo exercício com os Guarani e os Kaingang no Paraná⁶⁰. Com os Guarani, aprendi que não dividem a TI em aldeias, pesquisando em outras fontes, descobri que essa divisão é muito presente nos indígenas do grupo Jê (Xavante e Kaingang por exemplo). Ou seja, se formos dar um exemplo aos Guarani de aldeia e subaldeia para que façam um paralelo sobre município e cidade com bairros e o campo, não cabe comparar com o local onde vivem. Mas voltando ao trabalho com o Mapa de Januária, numa leitura mais atenta, eles constatarem que se trata de fazendas. Pergunto o que se produz nessas fazendas? Por que são tão grandes? Convido-os a colocarem o dedo sobre a localidade onde fica a cidade de Januária e percebem a proporção que a mesma ocupa em relação ao mapa. Feito isso peço que contem quantas pontas de dedo cabem numa área avermelhada dessa. Em umas chega-se quase a 40 pontas de dedos. Por essa escala a área ocupada pelo núcleo urbano de Januária, que eles conhecem e tem noção do tamanho, visto que todos sabemos onde começa e onde termina tanto de norte a sul, como de leste a oeste, comparada a área ocupada pelas fazendas eles conseguem imaginar mais aproximadamente o tamanho dessas propriedades. A quem pertencem? O que se produz nelas? No caso de Januária não é o que se produz, mas sim o que se produzia já que muitas delas estão

⁶⁰ Fui contratado para ministrar uma disciplina intitulada Etnogeografia junto a essas etnias no curso de Magistério Indígena organizado pela Secretaria de Educação do Paraná. Ministrei aulas aos estudantes indígenas, que já são educadores em suas aldeias num centro de formação denominado por Faxinal do Céu, oeste do Paraná.

abandonadas. Eram fazendas de Eucalipto para abastecer os fornos das metalurgias, para fazer aço e promover a produção de automóveis entre outras mercadorias. Conversamos então sobre a quantidade de água que uma planta de eucalipto precisa, sobre se ainda plantam eucalipto no Brasil. O que essas monoculturas geraram na região? Perguntam o que é o quadriculado e respondo dizendo que são os arruamentos, as estradas entre as quadras da plantação. Era tudo tão igual dentro delas que foi possível pessoas se perderem na época (ainda não existia GPS) conforme relata Ramiro, ex-secretário de Educação de Januária (que inclusive encomendou esse mapa) que trabalho quando jovem numa dessas fazendas, contando que pessoas ficaram até três dias acampados esperando passar alguém para levá-las a sede do empreendimento.



Uma vez que houve diálogo sobre esses assuntos com o grau de importância devido, perguntei quem planejou tudo isso? Quem decide? Voltei a Paulo Freire, Revolução verde, comunicação ou extensão. Mas antes de tudo no conceito de *Vazio demográfico* para ilustrar como a conceituação pode ser mais uma ação perversa da ciência, além das situações que já foram apontadas por Freire. As decisões acerca dessa região foram decisões de gabinete que desconsideraram o povo que ali vivia e organizava sua vida. Esse é o movimento, que aleguei que acontece de *cima para baixo* que verifico numa das citações de Paulo Freire:

Ação extensiva do conhecimento: um sujeito leva o conhecimento a outro. A tendência do extensionismo é cair facilmente no uso de técnicas de propaganda, de persuasão, no vasto setor que se vem chamando “meios de comunicação em massa. [...] Através das técnicas desses meios de comunicação, as massas são conduzidas e manipuladas. Não se encontram comprometidas num processo educativo-libertador (1983, p. 49)

Apresento essa frase retirada do livro denominado “Extensão ou comunicação” e contextualizei que o livro foi escrito por Freire no Chile, quando exilado, que fora desterrado por ter criado uma metodologia de alfabetização que conseguia resultados surpreendentes, especifiquei como era o Brasil em termos de analfabetismo naquela época e como é hoje. Lembrei do Proeja Indígena. Prosseguindo com o assunto do livro, afirmo que ao questionar os trâmites do pacote da revolução verde e de como isso apagou os saberes populares dos camponeses, Freire denuncia a prática dos extensionistas que faziam parte de um empreendimento que passavam por faculdades e cursos técnicos, desta maneira envolvidos com ciência e que assim estendiam outros valores na atividade agrícola. Chamo a atenção para essa frase de Freire, seus significados, com o mapa trabalhado. Logo após essas ponderações e diálogos, assistimos a um filme que narra a vida e os caminhos com a construção do conhecimento pela *via freiriana*. É um documentário feito para divulgar as idéias de Freire e sua biografia. A maioria deles, com exceção de Hilário, o vereador, não conhecia a vida de Paulo Freire. Houve um pouco de debate sobre o filme e para encerrar nosso encontro deste dia, deixei a frase de Milton Santos, com a intenção de prepará-los para o próximo encontro no qual trabalharíamos a partir do filme de Silvio Tendler sobre o geógrafo Milton Santos e sobre a Globalização vista pelo lado de cá.

Estamos convencidos de que a mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não os países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado, participe das novas massas, e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único. Os pobres não se entregam e descobrem a cada dia formas inéditas de trabalho e de luta; a semente do entendimento já está plantada e o passo seguinte é o seu florescimento em atitudes de inconformidade e, talvez, rebeldia. (SANTOS, M., 2000, p. 14)

Essa frase eles levaram para casa com o intuito de relacionarem ao que viram no primeiro encontro e promover expectativas para o que veriam. Ao sairmos não havia uma data tão definitiva ainda; a única certeza é que não seria no mesmo dia de semana em que ocorreu esse encontro, para que não perdessem determinadas aulas. Seria num outro dia da semana para que os estudantes não fossem prejudicados em relação à carga horária das disciplinas. A direção da escola levantaria algumas datas prováveis e numa próxima reunião com todos da escola definiriam a continuidade.

2.4.3.1.2 A outra globalização: Territorialização e Espacialização da Luta Xakriabá

No segundo dia da oficina, promovi uma relação dialógica entre duas perspectivas de conceituação acerca da realidade, mas que remetem a entender a ação no território a partir do empoderamento dos sujeitos socioterritoriais. Não se trata de escolas diferentes, mas de perspectivas diferentes em relação a ponto de partida para explicar e entender a realidade. De um lado, uma perspectiva que entende o território como foco, logo assume conceitos que corroboram para esse entendimento: espacialização e territorialização; de outro, uma perspectiva que trabalha a esfera da Globalização pelo viés do Espaço. Duas perspectivas que por não serem água e vinho, mas sim fazerem parte do ponto de vista da Geografia Crítica, podem dialogar numa construção didática pedagógica.

O segundo encontro, aconteceu quase um mês depois. Precisei retomar o que foi visto na vivência anterior: aponte num tom de expectativa a propósito do vídeo o que assistiríamos sobre

Milton Santos e conta um pouco da importância dele para a Geografia Brasileira. Para isso relembramos a frase da aula anterior.

Mas havia a necessidade de entender primeiro o que é outra Globalização. Assistimos ao filme do Silvio Tendler sobre Milton Santos inteiro. Metade da vivência foi com essa atividade, uma vez que com as paradas, o diálogo se alongou. Parei o filme em algumas partes para destacar e relacionar com as questões que já havíamos visto no encontro anterior. Pedi para que relacionassem ao que vimos das três esferas de conhecimento: saber, ciência e informação. Destaco as cenas que paramos para dialogar:

- Luzes no hemisfério norte (a imagem de satélite durante a noite, em que revela a quantidade de luzes dos centros urbanos no hemisfério norte, comparado ao hemisfério sul).
- Internet nas aldeias e o discurso de Krenak acerca da liberdade sobre o poder local (esse ponto foi importante para não acharmos que a Informação é algo perverso)
- Filas de desemprego (o que demarca nossas vidas, a relação Capital X Trabalho)
- As três globalizações - as quais fizemos uma associação entre Fábula (a Globalização que nos fazem ver) e Informação, a Globalização tal qual ela é, o tom perverso das relações (o que nos aflige? Como o indígena é tratado na região? E no Brasil? Lembramos do caso do Galdino Pataxó? Lembramos do caso dos jovens das aldeias irem trabalhar na Cana de açúcar em São Paulo) e a Outra Globalização, ou seja, a resistência popular.

Após o filme, com essas associações, questionei aos participantes: A Globalização os atinge? os Xakriabá, realizam uma Outra Globalização? Essas questões, trabalhadas com distanciamento de envolvimento uma da outra permitem avaliar se conseguiram entender o que Milton Santos aponta em torno do assunto. Quem estuda em outra área que não as humanas, sempre tem um pouco mais de dificuldade, daí a necessidade de dar exemplos sempre muito concretos. Após o diálogo, distribuí um pequeno mapa a cada um em folha A4, com fotocópia de uma representação da Terra Indígena Xakriabá. Solicitei que eles colocassem as ações que os indígenas Xakriabá fazem para construir a Outra Globalização. O mais difícil é se perceberem no processo. Tímidos no começo, o resultado foi além do esperado, em Grupos os educadores e

as educadoras destacaram os inúmeros projetos que realizam. Saímos da oficina com “um gosto de quero mais”.

Faltando 30 minutos, escrevi os dois conceitos num quadro: Espacialização e Territorialização. Para abordá-los refleti sobre a propriedade da terra ou a posse. Quem tem, quem não tem terra? (Como e por que tem ou não?), podemos definir quais são os sujeitos sociais do Campo Brasileiro? De um lado temos os Posseiros, Quilombolas, Parceiros, Assalariados Temporários (Estatuto do Trabalhador Rural em 1963 – mais uma das causas do êxodo rural), Moradores da Floresta (Florestania – os cidadãos da floresta), Sem Terras (aqui com letras maiúsculas, pois se tratam dos integrantes do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Não se pode esquecer da *Questão Indígena*, quando se fala de territorialização e de luta por terra. De um outro lado, já os que defendem e detêm os latifúndios (grandes empresas, coronéis, grileiros, jagunços). Para tratar de Reforma Agrária ou da luta que os Xakriabá travaram para conquista do território, é preciso considerar esse dois conceitos: Territorialização e Espacialização dos movimentos socioterritoriais. Um diálogo sobre os conceitos de Espacialização e Territorialização da luta pela reprodução da vida, pela sobrevivência. Trata-se de conceitos caros para quem quer entender geograficamente o mundo, a sociedade. Para um entendimento facilitado, citei os estudos e pesquisas realizadas junto ao Movimento Sem Terra por Fernandes, (1996, p. 136), que nos aponta que:

O MST, esse sujeito coletivo, se espacializa pela sua prática, por meio da reprodução das suas experiências de luta [...] Espacializar é registrar no espaço social um processo de luta. É o multidimensionamento do espaço de socialização política. É escrever no espaço por intermédio das ações concretas como manifestações, ocupações [...]

Ainda segundo Fernandes, (1998a, p. 16) Territorialização é

[...] o processo de conquista da terra. Cada assentamento conquistado é uma fração do território que passa a ser trabalhado pelos Sem Terra. O assentamento é um território dos Sem Terra [...] Se cada assentamento é uma fração do território conquistado, a esse conjunto de conquistas, chamamos de territorialização.

O território é conquistado de alguém? De quem? O Território Xakriabá foi conquistado de quem para ter a forma que tem hoje? Como os Xakriabá se espacializam?

Deixei ao final um questionamento que suscita outras oficinas e o prosseguir no trabalho que a pesquisa não concluirá: é possível que os Xakriabá façam um mapa parecido com o de Januária para São João das missões? Ou ainda, o povo cabe no mapa? Para finalizar, lembrei de um dos vários apontamentos que Yves Lacoste faz no seu livro *A Geografia serve antes de mais nada para fazer a Guerra*, sobre a guerra do Vietnã e sobre o Estado Maior possuir mapas e tecnologia de alta precisão

A escolha dos locais que era preciso bombardear resulta de um raciocínio geográfico, comportando vários níveis de análise espacial. Em agosto de 1972, foi pela elaboração de um conjunto de raciocínios e de análises que são especificamente geográficas que eu pude demonstrar, sem ter sido contraditado, a estratégia e a tática que o Estado-maior americano executava contra os diques. Se foi um procedimento geográfico que permitiu desmascarar o Pentágono, isso se deu exatamente porque sua estratégia e sua tática se alicerçavam essencialmente sobre uma análise geográfica. (LACOSTE, 1988, p.12)

Esta foi a minha contribuição aos educadores e às educadoras Xakriabá daquela aldeia: dialogar sobre como sistematizamos a ciência, que posturas assumir em relação a ela, na perspectiva do diálogo, a partir e dentro dela. Entender que a contribuição da Geografia diz respeito aos raciocínios que o Estado Maior possui, os cientistas possuem e o povo deve adquirir. Como avaliação, fica o fato de que vários educadores da Escola ao encontrarem comigo em dias posteriores, perguntaram se faríamos outros encontros; o interessante é que eram professores de outras áreas. A Direção da Escola fez um agradecimento específico ao final. A sensação que tive foi de que aqueles educadores e aquelas educadoras tinham sede de conhecimentos. Realizei um agradecimento que incluía o fato de apontar a trajetória vivida para ter aquela oportunidade com eles e elas. Também comentei sobre a imensa satisfação em poder contribuir para a Escola Xakriabá, por fazer parte do “pé no mundo” em relação a frase que eles adotam.

2.4.3.2 Oficinas de audiovisual no PROEJA Indígena

No segundo semestre de 2007, fui convidado por Suzana Escobar, que trabalha no antigo CEFET de Januária, uma das organizadoras e principais incentivadoras desse curso. Quando me

mudei para São Paulo em 2008, fui convidado a voltar em julho e depois em maio, junho e julho de 2009. Nessas três etapas finais fui ministrar aulas de geografia. Quanto as oficinas de audiovisual elas consistiam em assistir com os estudantes Xakriabá a um filme e depois debater sobre o mesmo. Tínhamos três horas e meia para realizar as atividades. É necessário lembrar que os estudantes desse curso foram escolhidos por terem importância em suas comunidades e aldeias, ou seja, uma condição básica foi coordenar um projeto dentro da aldeia ou TI. Desta forma os debates foram sempre relacionados a qualidade e alcance social dos projetos e da luta que travam no momento.

Durante o Proeja Indígena, aplicamos essas oficinas com o objetivo de dialogicidade tanto no que diz respeito a proporcionar uma relação entre Saberes (a disposição dos Xakriabá de conviver, proteger e reconstruir o domínio morfo-climático Cerrado), conhecimento científico (conceitos e noções das ciências humanas e educacionais, que surgem ou estão ocultas na organização das oficinas) e Informação (o produto audiovisual) na construção do conhecimento necessário, buscado por eles.

Narradores de Javé, Pro dia Nascer Feliz e Milton Santos ou o mundo Global visto do lado de cá, foram os Filmes apresentados e discutidos, que geraram algumas das vivências que foram possíveis de serem realizadas devido ao apertado horário que possuem em cada uma das etapas. A seguir apresento um quadro com alguns dos conceitos que foram discutidos, muito embora as oficinas dependessem uma da outra e por sua vez produziram um corpo sólido ao final de todas as etapas.

| Datas | Filmes | Perspectivas e conceitos a destacar |
|------------------|---|---|
| Outubro de 2007 | Narradores de Javé Direção de Eliane Caffé, 2004, Brasil. | As narrativas. O papel da oralidade, da escrita e também do audiovisual. Um dos indígenas destacou e comparou a necessidade de memória com a construção que eles realizam em suas vidas e aldeias. A luta indígena atual por acesso a terra foi percebida enquanto mensagem do filme. |
| Dezembro de 2007 | Pro dia nascer feliz Documentário dirigido por João Jardim 2005 - Brasil | A melhor escola para os ricos e a pior para os pobres. Essa foi uma das impressões do filme. Outra questão foi levantada por eles que recordaram os muito anos que moraram na periferia das grandes cidades, um deles, Hilário, relatou que algumas das situações foi vivenciada por seus filhos nos nove anos que passou na periferia de São Paulo |
| Julho de 2008 | “Encontro com Milton Santos Ou o Mundo Global Visto do Lado de Cá” de Silvio Tendler – Brasil, 2006. | Lógica financeira contra a lógica da solidariedade. As Globalizações apresentadas por Milton Santos, o mundo como fábula, perversidade e como ele pode ser. Humanismo versus Consumismo. De certa maneira o filme possibilitou perceberem, a partir de uma explicação posterior, o dialogo entre o saber, o conhecimento científico e a informação. |

Quadro 1: Filmes das Oficinas de Audiovisual para o Projeja Indígena (2007-2008)

Passeamos desde a pequena cidade de Javé que foi submersa pelas águas de uma represa, moradores mas sem serem donos. Descubrem que poderiam ficar se conseguissem escrever sua história, suas memórias. Eis o patrimônio da modernidade, ela, a escrita, ele o documento, científico, jurídico. Antônio Biá, o narrador pela escrita. Depois num começo de noite vimos o Pro dia nascer Feliz. Um documentário sobre as diversas situações da Escola, na Escola, pela Escola. Um retrato 3x4 do Brasil realizado a partir de adolescentes ricos e pobres, poetas e sem inspiração, sonhadores e consumistas: a precariedade, o preconceito, a violência e a esperança.

| Nome* | Aldeia | Projetos |
|------------------------|--------------------|--|
| 1- Adonias | Barreiro Preto | Despolpadeira de frutas. |
| 2- Adão | idem | Cisternas – P1MC |
| 3- Domingos | Brejo Mata-fome | Alternativas ao Lixo, Casa da Cultura, Culturas Irrigadas (Feijão, milho e mandioca) |
| 4- Adailton | Riacho Comprido | Casa da Farinha (Segurança Alimentar) |
| 5- Vicente | Sumaré II | Casa da Farinha |
| 6- Lourivaldo | idem | Culturas Irrigadas |
| 7- Agenor | Rancharia | Horta Comunitária |
| 8- Alípio | Barreiro Preto | Casa da Medicina |
| 9- Antônio | Prata | Galinhas semi-caipiras |
| 10- Antônio de A. | Brejo Mata Fome | Casa da Farinha |
| 11- Dete | Barreiro Preto | Cantigas de Roda |
| 12- Domingos F. | Olhos D'água | Piscicultura |
| 13- Hilário | Barreiro Preto | Horta Comunitária, Recuperação de Nascentes, P1MC, Viveiro de Mudas, Casa de Medicina. |
| 14- Jesuíno | Veredinha-Barreiro | Culturas Irrigadas |
| 15- João B. | Barreiro | Horta Comunitária |
| 16- João B M. | Barreiro Preto | Escolas |
| 17- João F. | Morro Falhado | P1MC, Reflorestamento e uso Sustentável de Frutíferas do Cerrado. |
| 18- José P.S. | Barreiro Preto | Piscicultura |
| 19- João F. | Vargens | Casa da Cultura, Caprinos |
| 20- José L. | Vargens | Combate a discriminação Etno-racial |
| 21- Maria da Conceição | Brejo Mata Fome | Caprinos |
| 22- Gonçalves | Vargens | P1MC |
| 23- Osvaldo | Prata | P1MC |
| 24- O. Oliveira | Brejo Mata Fome | Despolpadeira de frutas |
| 25- Rudi Ribeiro | Barreiro Preto | Piscicultura |
| 26- S. Nunes | Rancharia | Casa de Farinha |
| 27- Tereza G. | Vargens | Roça comunitária de Mandioca |
| 28- Valdivino | Barreiro Preto | Galinhas semi-caipiras |

Quadro 2: Participantes do primeiro Proeja – Indígena do Brasil, Povo Xakriabá - CEFET – Januária – MG
 *Os nomes foram modificados, pois apesar de serem matriculados não pedi a autorização a cada um deles para colocar na tese.

Nesses dois primeiros filmes muitos se identificaram com as causas, diagnóstico e possibilidades de relação. O terceiro, Milton Santos, pretensamente vai à direção de propor. As vivências, assim como o mundo, como elas podem ser: outra globalização. Criação. Criar a partir das Escolas e dos projetos, narrar, as terras indígenas vistas pelo lado deles, para o território ser mais conhecedor de si, para território ser mais feliz.

Quanto aos estudantes do Proeja – que acompanhei desde que entraram até o dia da formatura em 20 de agosto de 2009, ao fazerem dez etapas do curso, ficavam sempre uma semana em Januária desde setembro de 2007, nas dependências do CEFET (hoje em dia IFET) identificados nessa tabela anterior, que revela seus nomes e as aldeias que moram e também os projetos que desenvolvem. Sempre lembrando que são os projetos que condicionam que possam ser estudantes desse Programa, muitos desses projetos sociais fazem parte do Programa de Combate a Pobreza Rural do Instituto de Desenvolvimento do Nordeste (PCPR – IDENE). Outros porém se dividem em iniciativas que perpassam pela Articulação do Semi-Árido (ASA) (P1MC), Organização Educação Indígena Xakriabá (OEIX), Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas Gerais (CAA–NM), Província e Universidade de Modena - Itália (Casa de Cultura), UFMG, Programa de Pequenos Projetos Ecosociais – (PPP_ECOS) – GEF/ PNUD (recuperação de nascentes). Esses convênios e colaborações em muitos dos casos aumentaram a partir da contribuição da Prefeitura de São João das Missões.



**“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem”**

Guimarães Rosa

3 Conclusão Inconclusa

Os Conceitos e as categorias que desenvolvi nesta tese, quais sejam: dialogicidade, Resistência Socioterritorial, territorialização e espacialização, a Força do Lugar se unem a preocupação de conviver com os Xakriabá, ser aceito por eles enquanto pesquisador. Vivenciar lugares e considerar temporalidades, me apoiando no que nos remete a pensar os dizeres de Oliveira, Ariovaldo, no prefácio de Fernandes, (1996b), é também uma perspectiva científica para quem adota a mescla entre pesquisa participante e pesquisa ação que propus enquanto realização deste trabalho. Vivenciar e considerar são duas ações interligadas que indicam aspectos importantes da realização a que me propus. Observar, entrevistar e participar promove a dialogicidade perante o aspecto metodológico e contribuem no desvendamento do território, através da importância da Escolarização para os Xakriabá.

Ao preparar os escritos finais deste trabalho, algumas questões importantes em termos eleitorais ocorreram no Brasil, mas pretendo citar uma que é significativa e estabelece relação direta com os pressupostos das linhas aqui redigidas. Maria Rita Kehl foi dispensada enquanto colunista de um jornal de grande circulação de São Paulo por ter escrito um artigo que finda desse jeito:

Agora que os mais pobres conseguiram levantar a cabeça acima da linha da mendicância e da dependência das relações de favor que sempre caracterizaram as políticas locais pelo interior do País, dizem que votar em causa própria não vale. Quando, pela primeira vez, os sem-cidadania conquistaram direitos mínimos que desejam preservar pela via democrática, parte dos cidadãos que se consideram classe A vem a público desqualificar a seriedade de seus votos (KEHL, 2010)⁶¹

Estou convencido de que esse episódio e os escritos de Kehl se relacionam tanto com o que discutimos nas oficinas sobre a função da *Informação*, como também pelo assunto que contempla, direitos mínimos conquistados e o uso do voto para mantê-los. Em seu artigo questiona a postura preconceituosa, arcaica e, portanto, centenária de que os pobres não sabem votar. O que afeta a Elite imperiosa que dispensou a psicanalista? Essas posturas são históricas e

⁶¹ “Dois Pesos” pode ser encontrado em www.viomundo.com.br/voce-escreve/maria-rita-kehl-dois-pesos.html

assassinadas, os Xakriabá que o digam. Sofreram durante anos os ditames da Elite local e Mineira, mas que sempre representou um certo pensamento brasileiro para com os indígenas em nosso país. Sempre haverá vozes a dizer que elegeram o prefeito e a maioria da câmara por puro interesse, que querem ter qualidade de vida, por puro interesse, que estudam por puro interesse. Decerto ao dizerem que tem o jeito deles e agora querem aprender o que os não indígenas aprendem, isso demonstra interesse, é uma atitude pragmática. Mas segundo todos os grandes educadores que nos precederam, é a vontade que distingue o ser humano e que o impulsiona, mas apenas devemos olvidar que para quem sempre coordenou esse país, que fez e desfez da ocupação territorial, entre outras ações, consideram que alguns são mais seres humanos que outros.

Esses pressupostos se realizam enquanto ponto de partida e de chegada nesta tese e pertencem acima e antes de tudo a um projeto coletivo, de nação e de ciência. Ciência aberta para o povo brasileiro, não apenas interessada em explicá-los, mas em contribuir de fato, ter responsabilidade social. Ciência que deva ser colocada nas mãos e mentes do povo brasileiro, mas não enquanto consequência ou mercadoria, sim como um corpo sistematizado de possibilidades, não de cima para baixo como sempre o fez, mas enquanto atitude humana, para todos os seres humanos. Nessa questão, repito o que disse no corpo desta tese, de que a Geografia enquanto ciência pode ser aclamada com um coroamento de suas intenções que a fazem ciência: um mundo globalizante, mas que é ao mesmo tempo constituído de lugares. Numa relação dialógica. Essa pesquisa se originou com essa intenção, se propôs a isso e executou isso.

No entanto sempre é bom lembrar que pressupostos não ficam apenas na base, ou estão lá atrás, acionando o que está na frente, usá-lo e pensá-lo dessa maneira é o mesmo que entender o termo *Conhecimento Prévio*, apenas para ser usado no início da atividade em sala de aula. Pressupostos caminham juntos. Não devem se estagnar.

Desta feita, posso afirmar que os indígenas Xakriabá, ao estabelecerem suas ações a partir de uma frase importante para a práxis escolar, *o pé na aldeia e o pé no mundo*, possuem um pressuposto importante, mas que de fato precisa avançar. Após as provocações das oficinas pude

perceber que deixamos a semente para um pé no saber e outro na ciência. A meu ver promovem com as Escolas Indígenas a insurreição dos saberes que já aclamei na dissertação de mestrado.

Este é o entendimento que proponho e que intitulo de Etnogeografia, a dialogicidade entre o saber popular e a ciência, por se tratar de esfera em que o diálogo seja levado em sua essência, discorre daí que não exista relação de um suplantar o outro, desta feita, sabedoria e conhecimento popular caminham juntos. Esse caminhar, no entanto, deve ser entendido como solidário, porém sem ser destituído de divergências. Quando a ciência for impositiva e demonstrar ser um núcleo duro, deve ser amolecida e convertida à objetividade que não se constituía de isolamento e congelamento do movimento da realidade, quando a sabedoria beirar ou se encharcar de senso comum, o envolvimento com a ciência pode demonstrar que existem saídas ou novas buscas.

Durante o período de observação, percebi que as Escolas frequentadas servem como centro para várias atividades, diferentemente das experiências que já conhecia desde o começo do século com os Maxakali, que fizeram edificações completamente fora da realidade vivida pela cultura, com os Xakriabá, as construções só aconteceram após um debate com a comunidade. Portanto existe a preocupação de tornar os períodos e os locais em que as aulas acontecem agradáveis a educadores e educandos. Existe um vão enorme próximo ao teto, para entrada e saída de ar das salas devido ao calor excessivo da região. Como afirmei durante a pesquisa com assentamentos, a escola serve como um ponto de encontro; é como se fosse um centro onde circulam as atividades que não dizem respeito a ela, mas que serve como lugar de reuniões e lazer, além do espaço para estudar.

A educação escolar ainda precisa avançar para resolver grandes problemas, que são de ordem ambientais, administrativas, de geração de renda e de saúde. A questão ambiental tem relação com a questão do Cerrado enquanto domínio morfo-climático. As atividades que realizam possibilitam que eu entenda como um dos aspectos que mais desenvolvem a partir das práticas escolares, assim a coleta coletiva de frutos e plantas, o beneficiamento dessa coleta, portanto a vinculação as práticas da Casa de Medicina Tradicional, podemos afirmar que são imprescindíveis e germinam no currículo. Porém existem problemas no que tange à qualidade de

ensino nas questões matemáticas, precisam avançar bastante nesse quesito, existe um problema imediato por parte das associações em prestar conta.

Os Xakriabá envolvidos com os projetos conseguem efetivar as ações necessárias para fazer com que esses projetos aconteçam, porém no momento de prestação de conta ainda falta avançar. Quanto à geração de renda, não é a escola que vai resolver isso diretamente, mas ela pode atuar como um agente de expulsão dos jovens. Nas palavras e desejos do Secretário e de outras pessoas da comunidade um curso técnico em área indígena poderia alterar essa possibilidade. No entanto sabemos que um curso precisa ser considerado em aspectos de número de pessoas, tempo que durará, o melhor ainda seria os agirem no aspecto da espacialização que já efetivam via proeja, ou seja, fazerem o curso pela via do IFET. A questão da saúde relaciona-se com a da alimentação escolar, que só será efetivada quando ocorrer a compra de produtos diretos da produção local. Isso faria uma mudança grande no quesito saúde das crianças e jovens e também aumentaria a renda de várias famílias nas aldeias. Ainda sobre saúde podemos citar todo o trabalho de valorização dos saberes acerca das plantas e frutos medicinais do sertão, dominado por várias pessoas mais velhas. Pude constatar que isso já floresceu no currículo das escolas.

Meus estudos me convencem de que os Xakriabá realizam a Salvaguarda do Cerrado e que precisam avançar em muitas questões. Castro (2002) apresenta o conceito de perspectivismo amazônico, e diante dele posso pensar em perspectivismo cerradoeiro. Os Xakriabá detêm essa sabedoria sobre o Cerrado; inserir isso na formação dos educadores e educadoras e no fazer escola acaba por respaldar a importância da escola e da educação indígena. Foi nítido e notório o avanço dos educadores quando os conheci em 2007 e quando me envolvi com os mesmos por intermédio de oficinas no final de 2009. Questionei essa mudança com eles e elas e de fato confirmaram que a realização de um curso superior altera bastante o entendimento de escola bem como de busca e afirmação de direitos.

Para Oliveira, Ariovaldo (2001a), no Brasil do século XX temos uma especificidade no que tange a movimentação dos camponeses. O autor nos afirma que:

[...] a luta pela terra desenvolvida pelos camponeses no Brasil é uma luta específica, moderna, característica particular do século XX. Entendo que o

século passado foi, por excelência, uma época de formação e consolidação do campesinato brasileiro enquanto classe social. (p. 189)

Seguindo este raciocínio, se o campesinato está em formação no Brasil, o mesmo poderia dizer dos indígenas? Para responder essa pergunta, poderíamos nos basear no processo de Retomada realizado pelos Xakriabá para ampliar o território. Isso significa que eles também estão em formação. Ampliando o território, avançam no que diz respeito ao que vimos discorrendo sobre territorialização e também a espacialização.

Desta maneira a Educação Escolar Indígena que tem alcance nacional enquanto uma das possibilidades de organização dos povos indígenas realiza-se como uma das possibilidades de triunfo sobre o território, reforça. A educação Escolar possibilita a compreensão, aprender e ensinar sobre o território numa relação dialógica com o conhecimento científico, a medida que permite o currículo ser trabalhado com nuances do discurso ambiental concreto, o vivenciado a partir dos projetos que suas associações coordenam. Mas ainda a muito que avançar, romper com a aventura retirante, uma das características apontadas por D. Pedro Casaldaglia sobre o povo brasileiro, os Xakriabá tem a migração como uma de suas características marcantes. Como aponta Oliveira, Ariovaldo (2001a, p. 188), essa é uma das características do povo brasileiro. Ficar e morar em Terra Indígena é um dos grandes desafios a partir de alternativas concretas de geração de renda, principalmente para o contingente da juventude dessa etnia. A Educação Escolar seja por ensino fundamental e médio tem possibilitado alternativas de permanência dos jovens, mas para o ensino Superior as vagas ainda são restritas. Um longo caminho há por ser feito.

Os nativos de nossa América colaboram com várias sabedorias junto aos camponeses; a história se encarregou disso, todos sabemos que estavam aqui bem antes, o que não implica que queiram retomar o país. No caso dos Xakriabá nem sequer querem retomar o município de Itacarambi, que por um levantamento das terras originais, pertenceriam a eles. Querem terra, território, para viverem, território para continuar enquanto povo. Quanto ao Estado Nação que pertencemos, eles contribuem e reforçam ao que entendemos por Fazimento.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz N. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia**, IGEO/USP, São Paulo, n. 15, 1970, 15p.

_____. **Palestra de encerramento**. In: I Semana de Geografia da FFLCH/USP. São Paulo, 2003.

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo: Hucitec, 1994.

ALENTEJANO, Paulo Roberto R.. O sentido da reforma agrária no Brasil dos anos 90. **Cadernos do CEAL**, Salvador, n. 166, nov./dez., 1996.

ALMEIDA, Nilo Américo Rodrigues Lima de. **Conservação no cerrado, território, política pública**: mosaico Sertão Veredas-Peruaçu. 2008. 248 p. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ALMEIDA, Rita Heloísa de Almeida. Xakriabá: cultura, história, demandas e planos. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, p. 9-39, jul./dez. 2006.

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

ARAÚJO, Ana Rita. Xacriabás participam de curso de economia e educação. **Notícias UFMG**, 9 jun. 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/000411.shtml>> . Acesso em: 3 maio 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354. (Coleção Os Pensadores)

BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Contato interétnico e dinâmica sociocultural: os casos guarani e kaingang no Rio Grande do Sul. In: BERGAMASCHI, M. A. (Org.) **Povos indígenas & educação**. Porto Alegre: Mediação. 2008. p. 29 a 43.

BERGAMASCHI, M. A. (Org.) **Povos indígenas & educação**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

BOFF, Leonardo. Palestra. In: **Conferência Paz e Valores**. Fórum Social Mundial, Porto Alegre, jan. 2003.

BOMBARDI, Larissa Mies. Geografia agrária e responsabilidade social da ciência. **Terra Livre**, São Paulo, v. 21, p. 41-53, 2004.

BRASIL. Lei nº 6.001 de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm>. Acesso em: 12 jun. 2008.

_____. Decreto nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm>. 13 jun. 2008.

_____. Ministério do Desenvolvimento Agrário. II Plano Nacional de Reforma Agrária: paz, produção e qualidade de vida no meio rural. Brasília: MDA/Inra, 2004. Disponível em: < http://sistemas.mda.gov.br/arquivos/PNRA_2004.pdf>. 15 jan. 2006.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985a. p. 165-193.

_____. Hogar, campo de movimiento y sentido del lugar. In: GARCIA RAMÓN, Dolores (Org.). **Teoria y método em la geografia anglosajona**. Barcelona: Ariel, 1985b. p. 227-241.

CAFFÉ, Eliane. (Direção). **Narradores de Javé**. Brasil, 2004. 85 min. (Documentário).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO FILHO, Juliano José. A reforma agrária no governo Lula não altera a estrutura fundiária. **O Globo**, 20 jan. 2006. Disponível em: < <http://www.mst.org.br/node/2949>>. 13 jun. 2008.

CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

BROWN, Dee. **Enterrem meu coração na curva do rio**. São Paulo: L&PM Ed., 2003.

ESCOBAR, Suzana Alves. **Educação indígena no universo Xakriabá: saberes e lutas na vida e na voz do seu povo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2004.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder**. Porto Alegre: O Globo, 1958.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: formação e territorialização em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Gênese de desenvolvimento do MST. **Cadernos de Formação do MST**, São Paulo, n. 30, 1998a.

_____. **Gênese e desenvolvimento do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. São Paulo: Peres, 1998b.

_____. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro: formação e territorialização do MST - 1979 a 1999**. 1999. 368 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época, v. 92)

FRANÇA, Lecco. **O que é ser índio**. Blogspot Lecco França, [s.l.], 29 abr. 2009. Disponível em: <<http://leccofranca.blogspot.com/2009/04/o-que-e-ser-indio.html>>. Acesso em: 1 maio 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G. A nova e a velha face da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 23-50.

GOMES, Luis Marcos. O "fim da história" ou a ideologia imperialista da "nova ordem mundial". **Cultura Brasileira**, 2002. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/fukuyama.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2005.

GRAZIANO NETO, Francisco. **A verdade da terra: crítica a reforma agrária distributivista**. 1989. Tese (Doutorado em Economia Aplicada à Administração) – Escola de Administração de Empresas – Fundação Getúlio Vargas (FGV), São Paulo, 1989.

GRAZIANO, Xico. Entrevista. **Portal do Fazendeiro**, [s.l], 20 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.xicograziano.com.br/Entrevista%202.htm>>. 15 jan. 2006.

GUERRA. Emerson Ferreira. **Organização política e segurança alimentar na sociedade Krahô**. Uberlândia: Editora da UFU, 2008. 182 p.

HACKBART, Holf; ROSSETTO Apresentação. In: INCRA. **II Plano Nacional de Reforma Agrária: paz, produção e qualidade de vida no meio rural**. Brasília: INCRA, 2003.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 2., 2007, Florianópolis. **Anais...** São Paulo: UFSC, 2007, p. 485-506. Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2010.

INCRA. **II Plano Nacional de Reforma Agrária: paz, produção e qualidade de vida no meio rural**. Brasília: INCRA, 2003.

JARDIM, João. (Direção). **Pro dia nascer feliz**. Brasil, 2005. (Documentário).

KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos et al (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2003. p.11-23

KAUSTSKY, Karl. **A questão Agrária**. São Paulo: Nova Cultural, (1899).

KEHL, Maria Rita. Dois pesos... **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2 out. 2010. Cultura. Disponível em: < www.viomundo.com.br/voce-escreve/maria-rita-kehl-dois-pesos.html>. Acesso em: 15 out. 2010.

LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 1988. 263 p.

LAMO DE ESPINOSA, Emilio. Informação, ciência e sabedoria. **El País**, Madrid, p. 36-37, 2006. Disponível em: < <http://servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/listanyos.php?select=2006&opcion=n&Submit=Consultar>>. 15 ago. 2006.

LEITE, Adriana Filgueira. **O lugar: duas acepções geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências: UFRJ, v. 21, 1998. p. 9-20

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Tradução de Willian Lagos. Porto Alegre-RS, L&PM Pocket, 2009.

LUPION, Abelardo. **Voto em separado – CPMI da terra** (substitutivo aprovado). Brasília: Congresso Nacional, nov. 2005.

MARCOS, Valéria de. A (U)topia da produção comunitária camponesa na atualidade. In: SANTOS, Milton. **Cidadania e Globalização**. São Paulo: AGB-Bauru; Editora Saraiva, 1998. p. 233- 239.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo. Hucitec, 1979.

_____. **Expropriação e violência: A questão política no campo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

_____. **Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1989.

MATTOS, Paulo Henrique Costa. O meio Rural e o século XXI. **Jornal Mundo Jovem**, n. 328, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/mj/jornais-07-2002.php>>. 15 ago. 2006.

OLIVEIRA, Alessandro Roberto de. 2008. 141 p. **Política e políticos indígenas: a experiência Xakriabá**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais – Departamento de Antropologia – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Alexandra Maria de. **A contra-reforma agrária do Banco Mundial e os camponeses no Ceará-Brasil**. 2005. 378 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. Agricultura e indústria no Brasil. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 58, p. 5-64, 1981.

_____. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e reforma agrária. **Caderno de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, set./dez. 2001a.

_____. Agricultura brasileira: transformações recentes. In: ROSS, Jurandyr L. Sanches (Org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp. 1996a.

_____. Prefácio. In: FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: formação e territorialização em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1996b.

_____. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001b.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (Org.). **A viagem da volta: etnicidade política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Muita terra para pouco índio? Uma introdução (crítica) ao indigenismo e à atualização do preconceito. In: SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. B. (Orgs.) **A**

temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 61-81.

OLIVEIRA, José Nunes. **Índios Xakriabá:** o tempo passa e a história fica. Belo Horizonte: MEC/UNESCO/SEE-MG, 1997.

PALADIM JR., Heitor Antônio; MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio. **A questão agrária no Brasil.** São Paulo: Editora Escolas Associadas, 2003.

PALADIM JR. Heitor Antonio. **Geografia e a Questão Agrária:** diálogos sobre o ensinar e o aprender. In: I Semana de Geografia da FFLCH/USP. São Paulo, 2003. (Oficina)

_____. **Insurreição dos saberes territorialização e espacialização do MST um estudo de caso da escola agrícola 25 de maio Fraiburgo/SC - ensino de geografia em questão.** 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Lauda antropológico:** identidade étnica dos Xakriabá. Brasília: FUNAI, 1987.

PORTAL DO AGRONEGÓCIO. **O que é.** Disponível em: <<http://www.portaldoagronegocio.com.br/texto.php?p=oquee>>. 15 jan. 2006.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A luta pela apropriação e reapropriação social da água na América Latina. In: FERNANDES, Bernardo. M. (Org.). **Campesinato e agronegócio na América Latina:** a questão agrária atual. São Paulo: Expressão Popular/CLACSO Livros, 2008.

_____. **Os (des) caminhos do meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 2002a.

_____. O latifúndio genético e a r-existência indígena campesina. GEOgraphia, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 30-44, 2002b. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/86/84>>. Acesso em: 15 jun. 2008.

_____. As Minas e os Gerais: breve ensaio sobre desenvolvimento e sustentabilidade a partir da Geografia do Norte de Minas. In: LUZ, Cláudia; DAYRELL, Carlos (Orgs.). **Cerrado e**

desenvolvimento: tradição e atualidade. Montes Claros: Centro de Agricultura Alternativa REDE CERRADO, 2000. p. 19-45.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A questão agrária**. São Paulo, Brasiliense, 1979.

RAMOS, Alcida Rita. **Demarcações do Brasil**. [20--]. Disponível em: <<http://www.areaindigena.hpg.ig.com.br/demarca.htm>>. Acesso em: 12 set. 2009.

RIBEIRO, Ana Maria Motta. Sociologia do narcotráfico na América Latina e a questão camponesa. In: RIBEIRO, Ana Maria Motta; IULIANELLI, Jorge Atílio S. (Orgs.). **Narcotráfico e Violência no Campo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 23.

RIBEIRO, Darcy. **Culturas e línguas indígenas do Brasil**. Separata de *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, ano II, v. 2, n. 6, p. 4-102, 1957.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Processo de mudanças no MST: história de vida de uma família cooperada**. 2002. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de História – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SABINO, Fernando Tavares. *O encontro marcado*. 32. ed.. Rio de Janeiro: Record, 1981.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Luis Heron da et al (Org.). **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1996. p. 15-33.

_____. Por uma concepção multicultural de direitos humanos [I]. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Ed. Record, 2000.

_____. A força do lugar. _____. **A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SEIXAS, Raul; COELHO, Paulo. Cachorro Urubu. In: Krig-há, bandolo! [S.l.]: Philips, 1973.

SHANIN, Teodor. **La classe incomoda**. Madrid, Alianza Editorial, 1993.

SILVA, Thomas Tadeu da. A escola cidadã no contexto da globalização: uma introdução. In: SILVA, L. H. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVA, Renato. 2005 registra recorde, com assentamento de 127 mil famílias. **PTSUL Notícias**, 24 jan. 2006. Disponível em: <http://www.ptsul.com.br/t.php?id_txt=11608>. Acesso em: 30 jan. 2006.

SOARES, André Geraldo. **A natureza, a cultura e eu**: ambientalismo e transformação Social. Blumenau: Edifurb; Itajaí: Ed. da Univali, 2003. 163 p.

SOUZA, Marcos Rogério de. Hediondos são o latifúndio e seus defensores. **Correio Caros Amigos**, São Paulo, n. 230, 6 de dez. 2005. Disponível em: <www.carosamigos.com.br>. Acesso em 16 dez. 2005.

SOUSA NETO, M. F.. O ofício, a oficina e a profissão: o lugar social do professor. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 17, p. 119-138, 2001.

STÉDILE, João Pedro (Org.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; ANCA Associação Nacional de Cooperação Agrícola, 1994.

_____. Entrevista. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, n.18, p.5, set. 2003.

TENDLER, Sílvio. (direção). **Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá**. Brasil, 2006. 89 min. (Documentário)

VENDRAMINI, Célia Regina (Org.). **Educação em movimento na luta pela terra**. Florianópolis, Santa Catarina: NUP / CED, 2002. 276 p.

ZEMELMAN, H. **Problemas antropológicos y utópicos del conocimiento**. México, D. F.: El Colegio de México: Centro de Estudios Sociológicos, 1996.

Sites Consultados:

<http://www.socioambiental.org.br>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, M. C. de. Trajetória e Compromissos da Geografia Brasileira. In: CARLOS, Ana Fani A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

ARAÚJO, A. V.; LEITÃO, S. Direitos indígenas: avanços e impasses pós-1988 In: LIMA, A. C. S.; HOFFMANN, M. B. (Org.). **Além da tutela: bases para uma nova política indigenista III**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. p. 23-34.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOMBARDI, Larissa M. **O Bairro Reforma e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004. 396 p.

CALDAS, Waldenyr. **Cultura**. São Paulo: Global, 1943.

CASTELLAR, Sônia M. Vanzella. A construção do conceito de Espaço e o Ensino de Geografia. Caderno Prudentino de Geografia. **Geografia e Ensino – AGB**, Presidente Prudente, n. 17, p. 94-114, 1995.

CASTRO, Edna. Território, biodiversidade, e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A. C. (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: HUCITEC, 2000. p. 165-180

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

DENNING, Michael. **A cultura na era dos três mundos**. São Paulo: Francis, 2005.

DUTRA, Mara Vanessa et al. Krenak, Maxacali, Pataxó e Xakriabá: a formação de professores indígenas em Minas Gerais. **Em Aberto**, Brasília, Inep/MEC, v. 20, n. 76, p. 74-88, fev. 2003.

FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. **Mundo rural e geografia: geografia agrária no Brasil. 1930-1990**. São Paulo: Editora UNESP, 2002 - (PRO.PP)

FELICIANO, Carlos Alberto. **O movimento camponês rebelde e a geografia da Reforma Agrária**. Dissertação (Mestrado) Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2003.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Reforma agrária e a modernização no campo. **Terra Livre**. AGB. Geografia, Política e Cidadania, São Paulo, n. 11/12, p. 153-175, 1996.

FERNANDES, Evandro Noro. **Reprodução de pequenos agricultores no espaço metropolizado paulistano: uma análise da porção sul do município de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio e Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. **A pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. & FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1986.

FREITAS, Maria Ester. **Viva a tese! Um guia de sobrevivência**. Rio Janeiro: Ed. FGV, 2001.

GOMES, Mércio Pereira. **Os índios e o Brasil**. Petrópolis- RJ: Vozes, 1988.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O que é a questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos, 18).

_____. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. São Paulo: UNICAMP, 1996.

HILL, Telenia. **Homem, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

MARCATO, Sônia de A. Remanescentes Xakriabá em Minas Gerais. **Revista do Arquivo do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, UFMG, v. III, 1978.

MARTINS, Elvio Rodrigues; GUERRERO, Ana Lúcia de Araújo; PALADIM JUNIOR, Heitor Antônio; MORAES, Jerusa Vilhena de; CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella (Orgs.). **Geografia: questão agrária e população**. São Paulo: Dreampix Comunicação, 2004. 54 p.

_____. **Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995

MATTOS, Izabel Missagia de et al. **Povos Indígenas de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa de Minas Gerais, 2000.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. São Paulo/Brasília: UNB HUCITEC, 1986.

MITIDIERO JR., Marco Antônio. **O movimento de libertação dos Sem-Terra e as contradições da luta pela terra no Brasil**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da Luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOURA, Antonio de Paiva. A poesia das mãos do norte-mineiro. **As Minas Gerais**, [s.l], 2005. Disponível em: <
<http://www.asminasgerais.com.br/?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=91>>. Acesso em: 27 jun. 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **A geografia das lutas no campo**. São Paulo. Contexto. 1991.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. (Org.). **Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado; FERREIRA, Ricardo Vicente. **A geografia fora da sala de aula**. São Paulo: Neópolis, 2008.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. Ensino de Geografia e a Formação do Geógrafo – Educador. **Terra Livre** – AGB. Geografia, Política e Cidadania. São Paulo, n. 11 /12, p. 177-188, ago. 92 – ago. 93.

SANTOS, Ana Flávia Moreira. **Do terreno dos caboclos do Sr. João à Terra Indígena Xakriabá: as circunstâncias da formação de um povo, um estudo sobre a construção social de fronteiras**. Brasília: UNB, 1997. 304 p. (Dissertação de Mestrado).

_____. **Xakriabá: identidade e história**: relatório de pesquisa. Brasília: UNB, 1994. 32 p. (Série Antropologia, 167).

SEIXAS, José Coelho S. Povo Xakriabá. **Revista Informativa da Qualificação Profissional**. Belo Horizonte: SETASCAD, nov. 2001.

SUZUKI, Júlio César. **De Povoador a Cidade**: A transição do rural ao urbano em Rondonópolis. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

XAKRIABÁ, Professores indígenas. **Valorizando o patrimônio cultural Xakriabá: documentar para preservar**. Belo Horizonte: Governo do Estado de Minas Gerais, 2005.

ANEXOS

ANEXO A: Convite para formatura do 3.º ano do ensino médio e oitavas séries das escolas Xakriabá.

***Convite Formatura do 3º ano do Ensino Médio
e 8ª séries.***

Guiados pelas forças dos nossos antepassados chegamos aqui com muita insistência que serve de espelho para nós pela coragem e resistência...Somos o Futuro do nosso povo, uma semente a germinar.Somos o adubo dessa terra.Somos Jovens Xakriabá.

Nós alunos do 3º ano e 8ª série convidamos a todos para participarem da 1ª formatura do Ensino Médio e 5ª Formatura das 8ª série Indígena de M.G que será realizado dia 28/12/2007 na Reserva Indígena Xakriabá,Aldeia Barreiro Preto,na F.E Indígena Xukurank.

Programações

14:00 horas Santa Missa

15:00 horas-Entrega dos certificados da 8ª

Série e logo após os do 3º ano.

17:00 horas: Homenagem e apresentação Cultural

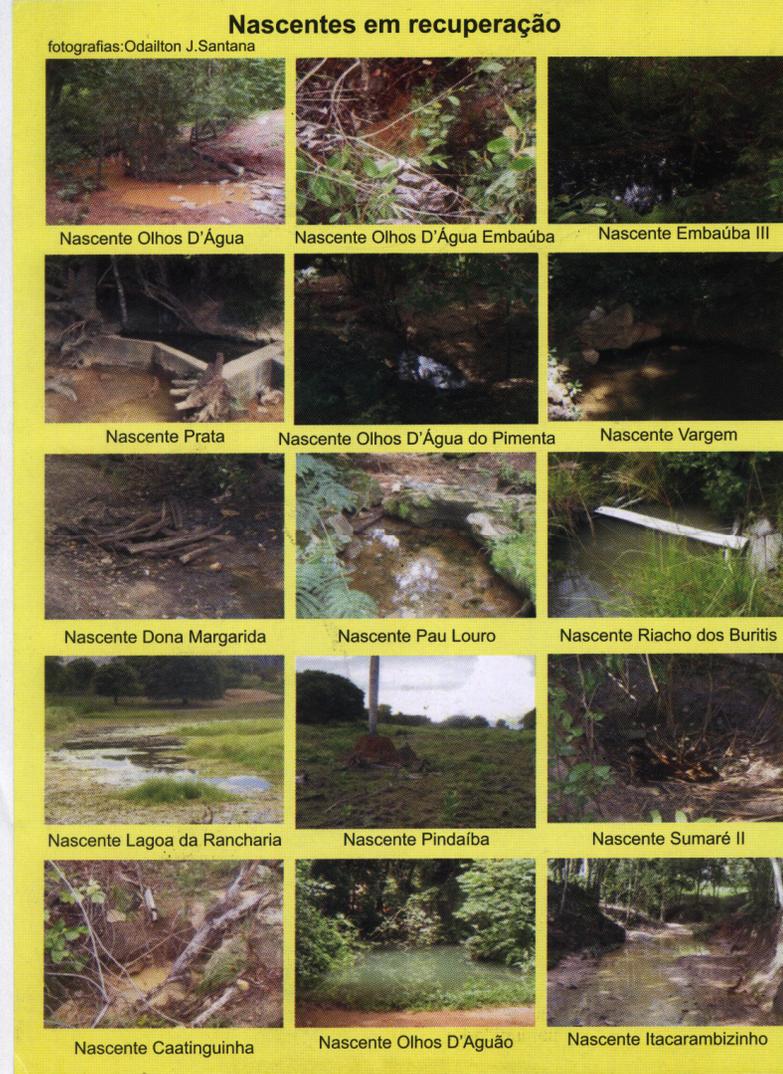
19:00 Jantar para os formandos, padrinhos, professores e convidados

22:00 horas- Grandioso show com Donizete Fernandes e Edmilson Batista.

ANEXO B: Mapa1 – Localização do território Xacriabá – 2005



ANEXO D: Folheto de Campanha “Xacriabá de mãos dadas na recuperação da natureza – Água é Vida”



XACRIABÁ DE MÃOS DADAS
NA RECUPERAÇÃO DA NATUREZA:

“ÁGUA É VIDA”

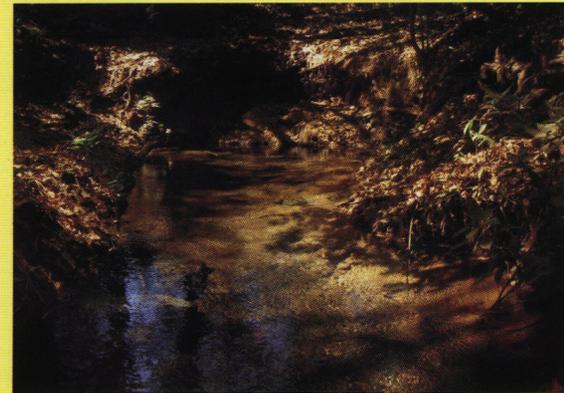


Foto: Edgar N. Corrêa



Ministério do
Meio Ambiente



ANEXO E: Folheto explicativo: “Proteja as nascentes e garanta o uso da água”

PROTEJA AS NASCENTES E GARANTA O USO DA ÁGUA

Além de compreender a importância das nascentes para a vida das comunidades, é fundamental reconhecer a sua fragilidade diante das agressões às quais estão sujeitas, principalmente em decorrência das atividades humanas. As queimadas, o desmatamento, a erosão do solo e o pisoteio de animais são alguns exemplos dessas agressões. Nesse sentido as nascentes precisam ser adotadas, protegidas e, se for o caso, recuperadas.

O SISTEMA NASCENTES

Nascentes não são apenas os conhecidos “olhos d’água” ou “minas” distribuídos nas grotas das áreas rurais, mas sim todo um sistema constituído pela vegetação, pelo solo, pelas rochas, pelo relevo, etc., das áreas adjacentes e a montante.



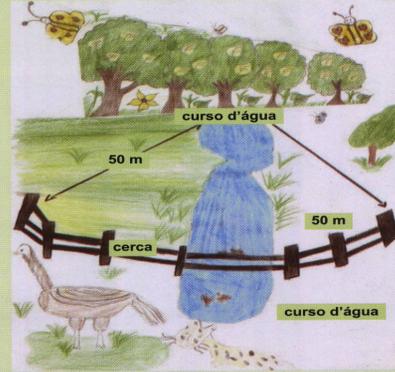
As águas das chuvas que infiltram na terra e abastecem o lençol d’água subterrâneo são responsáveis pelo surgimento das nascentes. Portanto, é preciso ter uma boa cobertura vegetal nas partes mais altas do terreno, para que a água da chuva não escorra na forma de enxurradas, mas infiltre, emergindo nas minas ou nos olhos d’água, nas partes mais baixas do terreno

VANTAGENS DA PROTEÇÃO DE NASCENTES

- Manter ou melhorar a qualidade das águas das nascentes e dos cursos d’água
- Regularizar as vazões (do período de estiagem e das chuvas) dos cursos d’água
- Manter ou melhorar as condições vida em todas as aldeias.

COMO PROTEGER UMA NASCENTE

Para a proteção de nascentes são recomendadas medidas simples, práticas e de baixo custo. A primeira e principal medida é cercar a nascente numa distância mínima de 50 metros do olho d’água. Neste caso, a própria natureza irá promover a regeneração natural do local, fazendo ressurgir plantas e árvores típicas deste ambiente que contribuirão para a sua preservação.



Além dessa medida, é fundamental a conservação das áreas de captação de chuvas acima das nascentes, mantendo-as com boa cobertura vegetal para a recarga do lençol d’água. Caso a nascente já esteja bastante degradada, além dessas práticas é necessário fazer curvas de nível e micro-bacias para captação de água de chuvas e contenção de erosão e assoreamento e também o reflorestamento com mudas de plantas nativas daquele ambiente

LEGISLAÇÃO FLORESTAL

De acordo com a Lei Federal nº 4.771, de 15/09/1965, e a Lei Florestal do Estado de Minas Gerais nº 10.561 de 27/12/1991, as nascentes ou os chamados olhos d’água, ainda que intermitentes, qualquer que seja sua localização e suas áreas adjacentes, num raio mínimo de 50 metros, são consideradas “áreas de preservação permanente”.

A partir da Constituição Federal de 1988, ficou estabelecido que todos os corpos d’água são de domínio público.

PARCEIROS NO TRABALHO

FNMA, PPP, ISPN, Prefeitura de São João das Missões, IEF, EMATER, CARITAS, CAA, CEFET, FUNAI, FUNASA, CIMI, Associações Indígenas Xacriabá, comunidades e escolas Xacriabá.

ANEXO F: Escola Estadual Indígena Bukimuju – Aldeia Brejo Mata Fome – Plano Curricular – Educação Básica/Ensino Médio

**ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA "BUKIMUJU"
ALDEIA BREJO MATA FOME**

Obra reivindicada pela comunidade e planejada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, com participação direta dos índios Xacriabá na concepção e elaboração do projeto arquitetônico.

São João das Missões, 27 de dezembro de 2002.

GOVERNADOR
SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETÁRIO DA CULTURA

ITAMAR FRANCO
MURÍLIO HINGEL
ÂNGELO OSWALDO



PLANO CURRICULAR - EDUCAÇÃO BÁSICA - ENSINO MÉDIO
ESTABELECIMENTO: EE Indígena Bukimuju - 2005/2006/2007
LOCALIDADE: Aldeia Brejo Mata Fome - São João das Missões/MG

| ÁREAS DE CONHECIMENTO | COMPONENTES CURRICULARES | 1º ANO | | | | 2º ANO | | | | 3º ANO | | | |
|-----------------------|---|------------|------------------|----------------|-----------------|------------|------------------|----------------|-----------------|------------|------------------|----------------|-----------------|
| | | Presencial | | Não Presencial | | Presencial | | Não Presencial | | Presencial | | Não Presencial | |
| | | AS | CHA | AS | CHA | AS | CHA | AS | CHA | AS | CHA | AS | CHA |
| BASE NACIONAL COMUM | Língua Portuguesa | 3 | 87:30:00 | 2 | 8:20:00 | 3 | 87:30:00 | 2 | 8:20:00 | 3 | 87:30:00 | 2 | 8:20:00 |
| | Códigos e suas Tecnologias | 1 | 29:10:00 | 2 | 8:20:00 | 1 | 29:10:00 | 2 | 8:20:00 | 1 | 29:10:00 | 2 | 8:20:00 |
| | Arte | 1 | 29:10:00 | 0 | | 1 | 29:10:00 | 0 | | 1 | 29:10:00 | 0 | |
| | Educação Física | 1 | 29:10:00 | 0 | | 1 | 29:10:00 | 0 | | 1 | 29:10:00 | 0 | |
| | Matemática | 3 | 87:30:00 | 2 | 8:20:00 | 3 | 87:30:00 | 2 | 8:20:00 | 3 | 87:30:00 | 2 | 8:20:00 |
| | Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 |
| | Química | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 |
| | Biologia | 1 | 29:10:00 | 2 | 8:20:00 | 1 | 29:10:00 | 2 | 8:20:00 | 1 | 29:10:00 | 2 | 8:20:00 |
| | Ciências Humanas e suas Tecnologias | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 |
| | História | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 |
| Geografia | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | |
| SUBTOTAL | | 17 | 495:50:00 | 12 | 50:00:00 | 17 | 495:50:00 | 12 | 50:00:00 | 17 | 495:50:00 | 12 | 50:00:00 |
| PARTE DIVERSIFICADA | Literatura | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 |
| | Língua Estrangeira Moderna | 0 | | | | 0 | | 0 | | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 |
| | Organização dos Direitos dos Povos Indígenas | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 |
| | Uso do Território | 1 | 29:10:00 | 1 | 4:10:00 | 1 | 29:10:00 | 1 | 4:10:00 | 1 | 29:10:00 | 1 | 4:10:00 |
| | Educação e Saúde | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 2 | 58:20:00 | 1 | 4:10:00 | 0 | | 0 | |
| | Práticas Culturais | 1 | 29:10:00 | 1 | 4:10:00 | 1 | 29:10:00 | 1 | 4:10:00 | 1 | 29:10:00 | 1 | 4:10:00 |
| SUBTOTAL | | 8 | 233:20:00 | 5 | 20:50:00 | 8 | 233:20:00 | 5 | 20:50:00 | 8 | 233:20:00 | 5 | 20:50:00 |
| TOTAL | | 25 | 729:10:00 | 17 | 70:50:00 | 25 | 729:10:00 | 17 | 70:50:00 | 25 | 729:10:00 | 17 | 70:50:00 |
| | | | 800:00:00 | | | | 800:00:00 | | | | 800:00:00 | | |

ANEXO G: Boletim Informativo “O Candeeiro”, 2009 – 2 fls.

Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas

O Candeeiro

Projeto Piloto

Programa Uma Terra e Duas Águas

Ano 2 | n° 10 | mar | 2009
São João das Missões - MG

Resgate e preservação da medicina tradicional Xakriabá

O povo indígena Xakriabá vive em seu território no município de São João das Missões, no Norte de Minas Gerais. Na Aldeia Barreiro Preto foi construída a CAMETXA - Casa de Medicina Tradicional Xakriabá. Professores e alunos do ensino médio da Escola Indígena Xukurank, localizada na mesma aldeia, falam das experiências adquiridas com a CAMETXA.

Eles contam que o projeto da Casa da Medicina Tradicional Xakriabá foi elaborado em 1998 pela comunidade com apoio do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), que buscou recurso para a construção. O terreno foi doado pelo representante da aldeia local, na época Valdemar Xavier dos Santos. Porém o recurso não era suficiente para bancar a mão de obra do servente, isso fez com que a comunidade se mobilizasse. Como eles não tinham condições para contribuir financeiramente, optaram por um rodízio em que cada dia uma família prestava serviço na construção da casa. Finalmente em 2000 a Casa de Medicina havia sido construída.

O objetivo da Casa é melhorar a vida e a saúde do povo, valorizando os remédios tradicionais ao invés de consumir medicamentos químicos, que são para combater uma doença mas acabam causando outra.



Grupo de trabalho embala e rotula os remédios na Casa de Medicina Tradicional Xakriabá



Comunidade unida no multirão de limpeza da Casa

Para iniciar o trabalho na Casa da Medicina Tradicional Xakriabá, as pessoas mais velhas e experientes com remédios tradicionais, como os benzedeiros, benzedeiras, raizeiros e raizeiras se reuniram pra ver quais plantas medicinais seriam mais indicadas para a preparação de cada remédio. Assim, essas pessoas que já tinham prática em fazer remédios caseiros, juntas trocavam experiências enquanto produziam.

A comunidade participou ativamente das atividades, desde a higienização da Casa até a produção de remédio. Para melhor andamento do trabalho, foi formado um grupo de aproximadamente 30 pessoas de várias aldeias, entre homens, mulheres, jovens e também idosos que se comprometeram a trabalhar na Casa de Medicina todos os primeiros sábados do mês. O grupo conta com uma coordenadora e a cada mês uma pessoa fica responsável pela alimentação.

Minas Gerais

Os remédios são produzidos a partir dos conhecimentos tradicionais. Porém antes e no decorrer do trabalho, houve diversos cursos de capacitação com plantas medicinais, realizados pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), em que o grupo aprendeu a produzir remédios estudando formas de conservação e dosagem.

Uma das maiores dificuldades enfrentada era a falta de transporte. Eles iam a pé ou a cavalo quando reuniam pra coletar plantas no cerrado para a produção dos remédios. Com isso não dava para trazer plantas suficientes para a produção. Outro desafio é a falta de recurso, porque muitas vezes faltam materiais para armazenar os remédios, entre outras necessidades. Apesar disso o trabalho continua andando, com a ajuda da comunidade que sempre devolve embalagens reutilizáveis e uma taxa paga pelos remédios por quem não é voluntário, destinada à manutenção.



Caminhão da Casa de Medicina na coleta do pequi



Grupo trabalha no beneficiamento do pequi

Assim, após muitas discussões com a comunidade e lideranças, foi elaborado um projeto de ampliação da Casa da Medicina. O projeto recebeu o nome de Cozinha Experimental e busca o aproveitamento de frutos do cerrado. Para isso, foi construída uma casa de sabão e solicitado um caminhão para atender a demanda.

Hoje muita coisa mudou. O projeto foi aprovado e concluído com a ampliação da Casa de Medicina e a compra do caminhão. O consumo de remédios naturais aumentou, pois ao invés de procurar remédios em farmácias e postos para não ter o trabalho de preparar, a comunidade vai até a Casa da Medicina Tradicional Xakriabá que oferece essa facilidade. Além da participação do grupo na Casa, os trabalhos desenvolvidos contam com a participação dos alunos da escola da Aldeia, buscando passar conhecimentos para a nova geração, resgatando a cultura e mantendo as tradições indígenas.

Hoje são produzidos diversas variedades de xaropes como de eucalipto, para resfriado, gripe e tosse, o xarope milagroso, para gripe, tosse e bronquite. Também são produzidas pomadas, como a pomada de pacari, indicada para inflamação, queimaduras e cicatrizante, e a pomada de arnica, para dores musculares e dor em geral. Além de óleos e tinturas, como o óleo de eucalipto, para resfriado, dores muscular, dor de cabeça, sinusite e micose, e a tintura de jatobá, para dor no estômago, anemia, inflamação e fortificante, entre outros. Todas as pessoas tem acesso aos remédios, sendo que o grupo de voluntários da Casa não paga nada e os outros pagam um preço acessível.

ANEXO H: Folder da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena



ANEXO I: Página do jornal "A Voz do Povo" de 22 de setembro de 2007

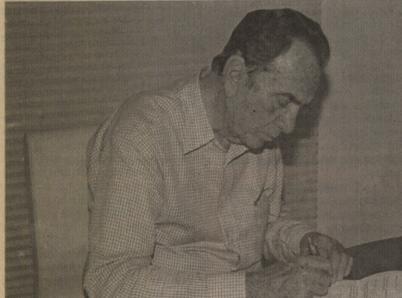
www.minasnorte.com.br

A Voz do Povo

Ano III - Nº 116 - R\$1,00 22 de setembro de 2007

Circula em Januária, Chapada Gaúcha, São João das Missões, Manga, São João da Ponte, Cônego Marinho, Pedras de Maria da Cruz, Bonito de Minas, Matias Cardoso e Miravânia

Dia 27 tudo pode mudar



João Lima poderá ser cassado pela Câmara de Vereadores

A Câmara Municipal de Januária vive um verdadeiro inferno astral, após anunciar a data para a possível cassação do prefeito afastado João Ferreira Lima, os amantes da política já fazem apostas sobre a cassação no dia 27 de setembro de 2007, momento em que será feito o julgamento do prefeito afastado. Este dia promete casa cheia para assistir à reunião onde vai estar presente a maioria da imprensa do norte de Minas, para registrar este fato, que será inédito, pelo fato da história política do prefeito João Lima, que administrou o nosso município por várias vezes e era considerado como uma das grandes lideran-

ças políticas de nossa região.

Muitos vereadores já estão definidos e falam em alto bom tom que a vitória da cassação é certa, outros ainda estão em cima do muro, pois devem favores ao prefeito afastado e estão na corda bamba. Resta agora também saber se judicialmente é legal a cassação da matéria em pauta.

O quadro político da sucessão municipal de 2008 depende exclusivamente desta decisão, que será tomada pela atual Câmara de Vereadores, que terá uma grande responsabilidade nesta decisão do dia 27. Se caso a cassação de João Lima for confirmada, o atual prefeito em exercício

Silvio Aguiar terá uma grande chance de se eleger prefeito em 2008, e se João Lima não for cassado, o quadro político pode mudar assustadoramente, pois a sua volta à prefeitura, dois dias antes do prazo final para filiações partidárias muda tudo: o PSDB que hoje está vazio de candidatos a vereadores poderá ficar cheio e esvaziará outras legendas.

O prefeito Silvio Aguiar aposta que a base de sustentação na Câmara Municipal está unida e todas as articulações políticas estão sendo feitas para alcançar a vitória, pois só assim sua equipe vai trabalhar com mais tranquilidade, sabendo que ele é o verdadeiro dono da caneta. **Leia na Página 06.**

Adolescentes espancam índio até a morte



Avelino foi brutalmente assassinado por jovens de Manga

Um índio da tribo Xacriabá foi espancado até a morte por três jovens, entre eles dois menores de idade, na madrugada de domingo, na cidade de Miravânia, Norte de Minas Gerais. Conforme a Polícia Civil, o índio Avelino Nunes Macedo, 25 anos, foi seguido pelos jovens depois de sair de uma festa realizada em um ginásio. As agressões foram motivadas por um esbarrão durante a festa. Edson Gonçalves Costa, de 18 anos, e outros dois de 16 e 15 anos confessaram as

agressões. Mas, alegaram que não tinham a intenção de matar a vítima. Disseram que queriam apenas dar um susto no índio e deixá-lo nu. Eles também confessaram que tinham ingerido bebida alcoólica. De acordo com o delegado da cidade de Manga, Ailton Alves Almeida, os três foram autuados por homicídio qualificado, por motivo fútil. "O índio deu um esbarrão natural em um dos menores, o Gilvando. Então na saída resolveram tirar a roupa dele, que estava com uma calça

comprida e uma blusa", contou ontem o delegado.

O xacriabá tentou reagir, mas foi derrubado e agredido a pauladas, socos e pontapés. "Esse assassinato por motivo fútil talvez tenha sido gerado por um preconceito étnico", observou Almeida. Segundo o delegado, o índio não portava faca ou qualquer objeto que pudesse ameaçar os agressores. Edson Gonçalves permaneceu ontem preso à disposição da Justiça. Os dois menores foram encaminhados para o Ministério Público e tiveram a apreensão provisória solicitada. Um quarto jovem foi inocentado pelos colegas e liberado pelos policiais.

O coordenador da regional leste (MG, ES e Sul da Bahia) do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Wilson Mário Santana, disse que a entidade iria solicitar que a Fundação Nacional do Índio (Funai) acionasse sua assessoria jurídica para acompanhar o caso. "A comunidade Xacriabá é formada por uma população grande", afirmou.

Território

O Cimi informou que cerca de oito mil xacriabás vivem no Norte do Estado, numa área

estimada em 54 mil hectares. Com base em uma documentação de doação datada da primeira metade do século XVIII, eles reivindicam a ampliação do território, o que costuma gerar atritos com fazendeiros da região. A maior parte da reserva está localizada no município de São João das Missões, a 663 quilômetros de Belo Horizonte), cujo prefeito, João Nunes de Oliveira (PT), pertence à etnia. No final dos anos 1980, três líderes xacriabás foram assassinados durante um conflito fundiário.

De acordo com Nilton Seixas, do Cimi em São João das Missões, o assassinato ocorreu em uma área reivindi-

ca. Em junho último, agentes da Polícia Federal realizaram uma operação em São João das Missões para apreender armas em poder dos xacriabás. As próprias lideranças indígenas solicitaram a ação ao Ministério Público Federal (MPF).

Manoel Rocha, administrador substituto da Executiva Regional da Funai em Governador Valadares (MG), tratou o assassinato como uma "moleçagem" e um "caso isolado". Segundo ele, a Procuradoria do órgão irá agora "tomar as providências cabíveis".

Eduardo Kattah, da Agência Estado.

Leia mais na Página 09.

Nêgo Viana: Voz de Resposta



O vereador Nego Viana vem esclarecer a matéria publicada no dia 15/09/2007 no jornal "A Voz do Povo", denuncia a qual foi feita pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Januária, o Sr. Afonso José dos Santos com a cumplicidade dos advogados Dr. Maurílio Arruda e Dr. Rita Moreira.

Leia na Página 04.

Suplente do PT põe Servir na justiça cobrando 178 mil



Luis Carlos, suplente do PT

O suplente de Vereador do PT Luis Carlos de Souza Matos ajuizou ação trabalhista contra o SERVIR pleiteando 178 mil reais (cento e setenta e oito mil reais), conforme Processo n. 00299-2007-083-03-00-8, em tramite na Vara da Justiça do Trabalho em Januária.

Leia na Página 04.

Malu Castilho no pódio político



Ela observa, irritada, os homens decidindo os destinos de Januária e, inteligente como é, literalmente bate pesado: com foices pelas costas. Mostrou em praça pública o

Campanha Selo UNICEF 2008 começa por Januária



Os 71 municípios mineiros inscritos na edição 2008 do Selo UNICEF aprovados foram convidados a participarem das primeiras capacitações do projeto. Os encontros começaram na cidade de Januária nos dias 17 e 18 de setembro de 2007 onde contou com a participação de 22 cidades da nossa região.

A coordenadora do escritório de São Paulo do UNICEF, Anna Penido, destaca que a proposta do Selo é articular equipes locais para que cada município encontre uma forma própria de trabalhar. "Esse processo procura empoderar o município para que tenha autonomia e capacidade de melhorar a qualidade de vida de crianças e adolescentes."

ANEXO J: Página do jornal "Correio Braziliense" de 18 de setembro de 2007 – 2 fls.

| | | | |
|--------------------------------|-------------------------------|-------------------|---|
| CLIPPING | Assessoria de Imprensa | | |
| CORREIO BRAZILIENSE | Editoria: BRASIL | Pág. 10 | Dia / Mês / Ano: 18/SETEMBRO/07 |

VIOLÊNCIA Adolescentes matam índio a socos em MG

O índio Avelino Nunes Macedo, 35 anos, foi espancado até a morte por três jovens no município de Miravânia, interior de Minas Gerais. Antes de assassinar a vítima, os agressores de 18, 16 e 15 anos tentaram tirar-lhe a roupa. Conselho Indigenista Missionário teme reação da tribo xacriabá, que ocupa a maior reserva indígena do estado.

PÁGINA 10

**FOI UM CRIME BÁRBARO, COM AS
MARCAS DO PRECONCEITO ÉTNICO**

Airton Alves de Miranda, delegado de polícia de Manga

**CASOS COMO ESSE CAUSAM INDIGNAÇÃO, POIS SÃO
DEMONSTRAÇÕES DO PROCESSO DE DISCRIMINAÇÃO**

Aloysio Guapindaia, presidente interino da Funai

DIREITOS HUMANOS

No interior de Minas, três jovens espancam até a morte o índio xacriabá Avelino Nunes Macedo, 35 anos. Queriam dar um susto nele, deixando-o nu no meio da rua. Entre os agressores, dois menores de 18 anos

Barbárie dos brancos

LUÍZ RIBEIRO
DO ESTADO DE MINAS

Quatro dias depois de a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovar a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas, que garante proteção aos mais de 370 milhões de aborígenes em todo o mundo, um crime no interior de Minas Gerais pode comprometer a imagem do país aos olhos do mundo. Três jovens — incluindo dois menores de 18 anos — mataram a socos, na madrugada de domingo, um índio xacriabá. O homicídio, aparentemente por motivo fútil, ocorreu em Virgínio, no município mineiro de Miravânia, próximo à reserva indígena dos xacriabás. O crime chocou a comunidade e levou a Fundação Nacional do Índio (Funai) a pedir ao Ministério Público Federal rigor para levar os criminosos à condenação.

Avelino Nunes Macedo, 35 anos, será enterrado hoje de manhã na reserva xacriabá, onde morava, no município de São João das Missões. O índio foi espancado até a morte, sofrendo uma sequência de socos e pontapés depois que os três jovens tentaram tirar a sua roupa no meio da rua. Os delinquentes foram detidos. O mais velho está na cadeia pública de Manga — de 23,7 mil habitantes, a 711 km de Belo Horizonte, no norte de Minas. Edson Gonçalves Costa, 18 anos, e os menores G.P., de 16 anos, e V.S., de 15, confessaram o assassinato.

Ontem à tarde, o presidente interino da Funai, Aloysio Guapindaia, divulgou nota, anunciando que o órgão, por intermédio da sua procuradoria jurídica, vai acompanhar o inquérito. "Casos como esse causam indignação, pois são demonstrações do processo de discriminação acentuada sofrida pelos índios", disse Guapindaia. "A Fu-

nai tem trabalhado para que crimes dessa ou de outra natureza não aconteçam".

O delegado da Polícia Civil de Manga, Airton Alves de Almeida, comparou a morte do xacriabá ao caso do índio pataxó Galdino de Jesus Santos, morto depois de ter seu corpo coberto de gasolina e queimado com fogo ateadado por quatro jovens de classe média de Brasília, em 20 de abril de 1997. O caso alcançou repercussão internacional. "Foi um crime bárbaro, com as marcas do preconceito étnico", disse o delegado, lembrando que Avelino Nunes foi vítima da violência simplesmente porque os "jovens pretendiam tirar sua roupa e deixá-lo nu no meio da rua, submetendo-o ao ridículo". Ele considerou que o crime ocorreu por motivo fútil, o que é um agravante. Avelino Nunes Macedo não portava faca ou

| | | | |
|----------------------------|-------------------------------|-------------------|---|
| CLIPPING | Assessoria de Imprensa | | |
| CORREIO BRAZILIENSE | Editoria: BRASIL | Pág. 10 | Dia / Mês / Ano: 18/SETEMBRO/07 |

qualquer objeto que pudesse ameaçar os agressores.

Revolta

O assassinato causou revolta na área xacriabá, a maior reserva indígena de Minas Gerais, com cerca de 7,8 mil pessoas, mais de 60% da população de São João das Missões — de 12,5 mil habitantes, distante 663km de Belo Horizonte. "Foi muita covardia. A gente nunca esperava uma coisa dessas. Esperamos que seja feita justiça e os marginais fiquem na cadeia", afirmou Domingos Gonçalves, índio xacriabá da aldeia Sumaré. Avelino Nunes morava perto dali, na aldeia Buriiti.

Na noite de sábado, montado num cavalo, ele foi a uma festa de casamento na localidade de Virgínio, que faz divisa com a área indígena demarcada. De acordo com testemunhas, por volta das 5h, após ingerir bebida alcoólica, Avelino caminhava no meio da rua, quando foi abordado pelo por Edson Gonçalves (trabalhador rural) e os dois menores. Duas horas antes, eles tinham saído de uma outra festa, na quadra poliesportiva do lugar. Ontem, em depoimento à polícia, os três contaram que tentaram tirar a roupa do índio, mas ele resistiu. Um dos menores o derrubou com uma "rasteira". Em seguida, passaram a agredi-lo com socos e pontapés. Até a morte.

Tensão na aldeia

Um dos coordenadores do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Wilson Mário Santana, disse ontem que teme pelo agravamento dos ânimos nas aldeias dos índios xacriabás, diante da morte de Avelino Nunes Macedo, espancado até a morte por três jovens, no interior de Minas Gerais, na madrugada de domingo. A entidade ligada à Conferência Nacional dos

Bispos do Brasil (CNBB) vai solicitar à Fundação Nacional do Índio (Funai) que acompanhe o caso com atenção para evitar reações. "A comunidade xacriabá é formada por uma população grande", disse Santana. "Temos preocupação de a situação ficar tensa."

O Cimi informou que cerca de 8 mil índios xacriabás vivem no norte do estado de Minas Gerais, numa área estimada em 54 mil hectares. Com base em uma documentação de doação datada da primeira metade do século 18, eles reivindicam a ampliação do território, o que costuma gerar atritos com fazendeiros da região. A maior parte da reserva está localizada no

município de São João das Missões. O prefeito da cidade, João Nunes de Oliveira (PT), é um índio xacriabá. No final dos anos 80, três líderes indígenas foram assassinados em um conflito fundiário.

De acordo com Nilton Seixas, representante do Cimi em São João das Missões, o assassinato ocorreu em uma área alvo de litígio. "Acho que é preciso investigar melhor essa situação. A gente aqui avalia com uma preocupação muito grande. Um crime que aparenta ser banal, sem nenhuma razão, mas ao mesmo tempo, o povo (xacriabá) passa por um processo de muita ameaça. Esse povo vive hoje em apenas um terço do seu território", ressaltou.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

Flagrantes recorrentes

OLÍMPIO CRUZ NETO
DA EQUIPE DO CORREIO

A cidadania sempre perde com os flagrantes exemplos de preconceito racial. O atentado contra a vida do índio xacriabá Avelino Nunes Macedo, morto covardemente ao ser espancado por três jovens no interior de Minas Gerais, escancarou a tensa relação racial no país que é consagrado pela miscigenação de sua gente. O problema vem sendo apontado, reiteradamente, por ONGs ligadas à questão indígena e à defesa dos direitos humanos.

No ano passado, relatórios divulgados pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Anistia Internacional e outras organizações

sociais mostraram ao mundo que a carga do preconceito e do desrespeito aos direitos indígenas são comuns no Brasil. Ainda que estejamos no século 21. Quando não é a omissão do Estado que mata — como no caso da desnutrição que atinge fatalmente as crianças nas aldeias no Mato Grosso do Sul e na administração desastrosa dos conflitos por causa da terra — a vergonha vem manchada de sangue pela agressão sistemática ao índio. Como nesses ataques ao pataxó Galdino, em 1997, e ao xacriabá Avelino, anteontem.

Os números de assassinatos de índios no Brasil são preocupantes. Em 2005, teriam sido 38 pessoas. No ano passado, 80. O governo federal contesta. Fala em números mais modestos. Pouco importa. Enquanto a Funai permanece desestruturada, as verbas para as demarcações continuam minguantes e a disposição do governo Lula para enfrentar o problema é pequena, as maiores vítimas são mesmo os povos indígenas.

ANEXO K: Página do jornal "A Semana" de 29 de setembro de 2007

A Semana

Circulação Regional

O Seu Jornal de Notícias e Variedades

Norte de Minas 29 de setembro 2007

nº 107 Ano V R\$ 1,00

Liminar suspende Sessão da Câmara que cassaria João Lima

O Horário de Verão começa dia 14 de outubro

O Horário de Verão 2007/2008 começa à zero hora do próximo dia 14 de outubro e termina à zero hora do dia 17 de fevereiro do ano que vem, abrangendo os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal.

Ao todo, serão 126 dias de duração, sendo 14 a mais que na versão passada. Os Estados do Nordeste ficam de fora, juntamente com a região Norte, porque o Ministério de Minas e Energia - MME avaliou que os benefícios seriam muito pequenos para essas regiões.

"Como o maior consumo de energia elétrica do País registra-se na área de abrangência do Horário de Verão, a economia é mais representativa, além de facilitar a operacionalização da medida no setor elétrico, já que nessa área se localizam as malhas principais do Sistema Interligado Nacional", informa o engenheiro de operação do sistema Wilson Fernandes Lage, da Companhia Energética de Minas Gerais - Cemig.

Mineiro de Varzelândia fabrica Doces Árabes em São Paulo



"Cuidar de doces é como cuidar de plantas: quanto mais atenção eles recebem, mais bonitos ficam", costuma dizer Manuel Ferreira, dono da doceria Recanto do Líbano. O sobrenome desse mineiro de Varzelândia, cidade que fica às margens do Rio São Francisco. Página 5



O desembargador Armando Freire, da 1ª Turma do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, acatou liminar dos advogados do prefeito afastado de Januária, João Ferreira Lima (PSDB), e suspendeu reunião da Câmara Municipal de Januária que decidiria, na manhã desta quinta-feira, 27/09, pela cassação ou não do seu mandato. Na decisão, o desembargador Freire suspendeu o ato que deu motivo ao pedido de cassação do prefeito, em face da sua relevância. A decisão jogou um balde de água fria nas intenções políticas da oposição. Página 2

Movimentos Sociais do Norte de Minas se unem para cobrar justiça pela morte do Índio Xacriabá



Aconteceu em Januária no dia 27 de setembro último passado as 19 horas uma manifestação seguida de uma passeata da praça Tiradentes em frente a universidade do

CEIVA ate a praça Getulio Vargas onde houve uma grade manifestação com a participação de índios Xacriabas e diversas entidades de apoio em repúdio

ao bárbaro assassinato do índio Avelino Nunes Macedo Xacriabas ocorrido no dia 16 de setembro último passado. Veja mais na página 6

Produto químico exala mau cheiro no rio São Francisco



A população ribeirinha das cidades de São Francisco, Pedras de Maria da Cruz, Januária e Itacarambi acordaram com um mau cheiro vindo do rio São Francisco no dia 25 de setembro, deixando a maioria das pessoas incomodadas, querendo saber o que estava acontecendo. Segundo informações de alguns, disseram que foi uma indústria da cidade de São Francisco que depositou produto químico no rio. Mas as informações não foram concretizadas. Página 4

Campeonato Januarense De Futebol De Campo/2007



Atender aos anseios e promover o intercambio, social e esportivo entre os clubes e praticantes do Futebol Masters, em Januária, Comunidades e Cidades Vizinhas. Página 8

www.minasagora.com.br

ANEXO L: Fotografias – Terra Indígena Xacriabá – 2007



Passata de 20 anos de morte de Rosalino e placa da escola de aldeia.
Fonte: Heitor Paladim Jr.



Jovens dançando o Toré, Barraginhas e visita ao viveiro de mudas (trabalho de campo).
Fonte: Heitor Paladim Jr.

ANEXO M: Fotografias das Oficinas na Aldeia Barreiro Preto – TI Xacriabá – 2009



Recursos usados em sala de aula.
Fonte: Heitor Paladim Jr.



Almoço e atividades em grupo.
Fonte: Heitor Paladim Jr.

ANEXO N: Fotografias da Aldeia Vargens – TI Xacriabá – 2009



Escola, educador de cultura junto aos estudantes
Fonte: Heitor Paladim Jr.



Retorno ao lar
Fonte: Heitor Paladim Jr.



Anciã e duas mulheres
Fonte: Heitor Paladim Jr.

ANEXO O: Fotografia: A casa do sertão

Fonte: Heitor Paladim Jr.